

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

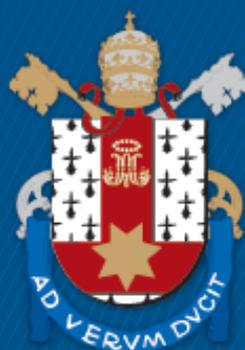
LAURO GOMES

**A SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E O SENTIDO DE ENUNCIADOS E DE PERÍODOS
ARGUMENTATIVOS EM DISCURSOS ARTÍSTICOS ESCRITOS: UM ESTUDO SEMÂNTICO
PROSPECTIVO**

Porto Alegre

2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LAURO GOMES

**A *SIGNIFICAÇÃO* DE PALAVRAS E O *SENTIDO* DE ENUNCIADOS E DE
PERÍODOS ARGUMENTATIVOS EM DISCURSOS ARTÍSTICOS ESCRITOS: UM
ESTUDO SEMÂNTICO PROSPECTIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (área de concentração: Linguística) – Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Leci Borges Barbisan (PUCRS)
Coorientadora: Profa. Dra. Marion Carel (EHES)

PORTO ALEGRE

2020

LAURO GOMES

A SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E O SENTIDO DE ENUNCIADOS E DE PERÍODOS ARGUMENTATIVOS EM DISCURSOS ARTÍSTICOS ESCRITOS: UM ESTUDO SEMÂNTICO PROSPECTIVO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (área de concentração: Linguística) – Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leci Borges Barbisan (PUCRS) - Presidente

Profa. Dra. Marion Carel (EHESS) - Coorientadora

Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS)

Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste (UPF)

Profa. Dra. Cristiane Dall'Cortivo Lebler (UFSC)

Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy (PUCRS)

Porto Alegre, 14 de janeiro de 2020.

Ficha Catalográfica

G633s Gomes, Lauro

A significação de palavras e o sentido de enunciados e de períodos argumentativos em discursos artísticos escritos : um estudo semântico prospectivo / Lauro Gomes . – 2020.

160.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Leci Borges BARBISAN.

Co-orientadora: Profa. Dra. Marion Carel.

1. Semântica Argumentativa. 2. Discurso artístico. 3. Teoria dos Blocos Semânticos. 4. Teoria da Argumentação na Língua. 5. Linguística. I. BARBISAN, Leci Borges. II. Carel, Marion. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

Para estas quatro mulheres extraordinárias:

Cirlei Vecchi, Leci Barbisan, Marion Carel e Telisa Graeff

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Leci Borges Barbisan, minha gratidão infinita. Não cabe em palavras tudo o que tenho a lhe agradecer, minha professora, orientadora e amiga Leci! Tomo emprestada de Saussure a *metáfora da língua* para lhe dizer que todo o conhecimento que a senhora generosamente compartilhou comigo é – como a língua – um verdadeiro *tesouro*. Com muita honra, seriedade e amor pela linguagem verbal humana, posso garantir-lhe que tudo o que a senhora me ensinou estará eternamente presente nas minhas aulas, nas minhas pesquisas e na minha atuação como ser e parte deste universo.

Je tiens aussi à remercier ma co-directrice de thèse, Mme. Marion Carel, tout d'abord pour l'extraordinaire théorie linguistique que vous développez, sans laquelle cette thèse n'existerait pas. Ensuite, pour avoir accepté de co-diriger ma recherche, en l'évaluant à la soutenance à mi-parcours et en me recevant généreusement dans vos séminaires, ateliers et rencontres de direction de thèse à l'EHESS. Tout ce que j'ai appris de vous jusqu'à aujourd'hui – même au cours de nos conversations les plus décontractées autour d'une tasse de café – est un héritage que je garderai pour toute ma vie. Je vous en remercie infiniment, Mme. Carel !

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS – especialmente às professoras Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti, Dra. Cláudia Regina Brescancini e ao professor Dr. Jorge Campos da Costa –, por compartilharem seus domínios de saber, com a exigência adequada ao nível de um Doutorado, sempre de forma agradável.

À professora Dra. Telisa Furlanetto Graeff, que, com muita competência e paixão pela Linguística, conduziu-me aos estudos em Semântica Argumentativa e orientou minhas pesquisas na Graduação e no Mestrado, em nome da qual estendo meus agradecimentos aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

Ao professor Dr. Cláudio Primo Delanoy, por aceitar o convite para compor as bancas de qualificação e defesa da minha tese e pela parceria na realização de estudos e pesquisas. Às professoras Dra. Carmem Luci da Costa Silva, Dra. Claudia Stumpf Oudeste Toldo e Dra. Cristiane Dall'Cortivo Lebler, por aceitarem o convite para comporem a banca de defesa de minha tese e, sobretudo, pela leitura atenta e respeitosa de minhas enunciações.

A todas(os) as(os) amigas(os) – fontes de luz, força, amor e alegria –, minha eterna gratidão. Um agradecimento todo especial às queridas(os) amigas(os) Daiane, Giovani, Tamara, Shir, James, Cristiane, Cláudio, Bárbara, Giovane, Heloísa, Glória, João Cledemir, Jorcemara, Eduardo, Anaximandro, Maria Eduarda, Mohamed, Timothé, David e Leonora. Todas as nossas interlocuções estão guardadas, com muito carinho e amor, na minha lembrança e no meu coração.

Às(aos) caras(os) colegas e amigas(os) parceiras(os) de estudos e pesquisas, Cristiane, Cláudio, Elisa, Bárbara e Giorgio. Todas as interlocuções que tivemos foram essenciais para o amadurecimento de minhas reflexões teóricas. Desejo que nossa parceria continue e frutifique cada vez mais.

Ao querido amigo e colega Giovane, conhecedor da teoria da linguagem de Émile Benveniste, pelas tantas trocas enunciativas que tivemos nos cafés porto-alegrenses, pela importante e

gentil ajuda que me deu na formatação final da tese e pelas valiosas sugestões de "democratização" de algumas de minhas enunciações enclausuradas na terminologia da TBS.

Às professoras coordenadoras do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti e Dra. Cláudia Regina Brescancini, pela gentileza, competência e atenção que sempre me deram quando lhes solicitei alguma informação ou ajuda. Registro minha gratidão, também, à secretária do PPG-Letras, Alessandra, pela solicitude.

À minha família – especialmente à minha mãe, Cirlei, meu maior tesouro nesta vida, à minha irmã, Maria Juliana, ao meu irmão, Roalves, e à minha nona, Líbera, [*in memoriam*] –, pelo apoio incondicional de sempre, em todas as horas e apesar de todas as longas distâncias físicas que nos separaram durante o Doutorado.

Agradeço a todas as pessoas que – de uma forma ou outra – estiveram ao meu lado e me apoiaram ao longo destes meus preciosos quatro anos de Doutorado.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço ao CNPq, portanto, pela bolsa de Doutorado no país e por fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por esse motivo, agradeço à CAPES pela bolsa de Doutorado Sanduíche (PDSE/CAPES - 2018/2019), a qual me permitiu realizar um estágio de seis meses na EHESS de Paris, França. Graças a essa bolsa, pude desenvolver minha pesquisa em efetivo diálogo com Marion Carel – linguista autora da teoria que fundamenta minha pesquisa –, além de me permitir estreitar vínculos profissionais com os participantes dos grupos de pesquisa em Semântica Argumentativa. A manutenção e o incentivo desse tipo de fomento são, indubitavelmente, pilares fundamentais para o desenvolvimento científico brasileiro e para a qualificação de pessoal de nível superior.

Muita gratidão a todos!

RESUMO

Considerando-se que o *sentido* de *enunciados* (entidades concretas) é a representação de sua enunciação – expresso essencialmente pelo entrelaçamento das *significações* das *palavras* e das *frases* (entidades linguísticas abstratas) –, a necessidade de distinguir *sentido próprio* de *sentido figurado* é completamente descartada da Semântica Argumentativa desenvolvida por Oswald Ducrot, Marion Carel e seguidores. A partir dessa perspectiva antirreferencialista de linguagem, esta tese objetiva descrever e explicar a *significação* de *palavras* e o *sentido* de *enunciados* e de *períodos argumentativos* que – independentemente do gênero discursivo do qual fazem parte – revelam algum tipo de elaboração artística. A metodologia utilizada ao longo das análises ampara-se em princípios e conceitos da Teoria da Argumentação na Língua (ANL) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). A escolha dessa fundamentação teórica decorre do fato de a Semântica Argumentativa possibilitar a análise da linguagem, tanto em sua manifestação ordinária quanto artística, de um ponto de vista estritamente intralinguístico e discursivo. Por ser essa uma perspectiva autorreferencial de estudo do sentido, são as noções de *arbitrariedade* do signo, de *relação* e de *valor argumentativo* que vetam – principalmente segundo a ANL da primeira fase – as aproximações entre elementos linguísticos e extralinguísticos na descrição e na explicação semântica. O *corpus* escolhido para as análises é, nesta tese, constituído por discursos artísticos escritos em prosa e em verso, a saber: um *miniconto*, de Marina Colassanti; um *poema*, de Manuel Bandeira; um *artigo de opinião*, de Juremir Machado da Silva e um *poema*, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. Os resultados das análises permitem, por um lado, explicitar e discutir as conclusões sobre o que se convencionou chamar de *artisticidade semântico-argumentativa* do *corpus* e, por outro, *postular* a existência de um *continuum semântico-argumentativo na linguagem* capaz de *reduzir* as fronteiras linguístico-discursivas a partir das quais tradicionalmente se delimitam as maneiras ordinária e artística de manifestação linguística. Como um ponto de chegada da pesquisa, apresenta-se também o lugar da *ideologia* na descrição e na explicação semântico-argumentativa. Portanto, este estudo – comparativo em certa medida – apresenta conclusões importantes, sobretudo para as pesquisas desenvolvidas nos quadros da Semântica Argumentativa e das subáreas de estudos linguísticos com as quais a ANL e a TBS fazem interface, como a Linguística da Enunciação e a Linguística do Texto. Um novo olhar teórico-metodológico sobre a semântica expressa em discursos artísticos escritos é lançado, aqui, como um ponto de partida para pesquisas brasileiras interessadas por esse tipo de *corpus*.

Palavras-chave: Semântica. Argumentação. Discurso artístico. Enunciação.

RÉSUMÉ

En considérant que le *sens* des *énoncés* (entités concrètes) est la représentation de leur énonciation – exprimé essentiellement par l’entrelacement des *significations* des *mots* et des *phrases* (entités linguistiques abstraites) –, le besoin de distinguer le *sens propre* du *sens figuré* est complètement supprimé de la Sémantique Argumentative développée par Oswald Ducrot, Marion Carel et leurs disciples. À partir de cette perspective anti-référentialiste du langage, cette thèse a le but de décrire et d’expliquer la *signification* des *mots* et le *sens d’énoncés* et de *périodes argumentatives* qui – indépendamment du genre discursif dont ils font partie – révèlent quelque type d’élaboration artistique. La méthodologie utilisée, tout au long des analyses, est fondée sur des principes et des concepts de la Théorie de l’Argumentation dans la Langue (ADL) et de la Théorie des Blocs Sémantiques (TBS). Le choix de cette approche théorique découle du fait que la Sémantique Argumentative permet l’analyse du langage, aussi bien dans sa manifestation ordinaire qu’artistique, d’un point de vue strictement intralinguistique et discursif. Etant donné qu’il s’agit d’une approche auto-référentielle d’étude du sens, ce sont les notions d’*arbitrarité* du signe, de *relation* et de *valeur argumentative* qui interdisent – surtout selon l’ADL de la première phase – les rapprochements entre des éléments linguistiques et extralinguistiques dans la description et dans l’explication sémantique. Le *corpus* choisi pour les analyses est, dans cette thèse, constitué par des discours artistiques écrits en prose et en vers, à savoir: un *mini-conte* de Marina Colassanti, un *poème* de Manuel Bandeira, un *article d’opinion* de Juremir Machado da Silva et un *poème* d’Alberto Caeiro, hétéronyme de Fernando Pessoa. Les résultats des analyses permettent, d’une part, de clarifier et de discuter des conclusions concernant ce que l’on appelle *l’artisticité sémantico-argumentative* du *corpus* et, d’autre part, de postuler l’existence d’un *continuum sémantico-argumentatif dans le langage* capable de réduire les frontières linguistiques et discursives à partir desquelles sont traditionnellement délimitées les manières ordinaire et artistique de la manifestation linguistique. Comme un point d’arrivée de la recherche, la place de *l’idéologie* dans la description et dans l’explication sémantico-argumentative est également révélée. En vue de cela, cette étude – comparative d’une certaine façon – présente des conclusions importantes, surtout pour les recherches développées dans les cadres de la Sémantique Argumentative et d’autres domaines d’études linguistiques desquels l’ADL et la TBS se rapprochent, tels comme la Linguistique de l’Énonciation et la Linguistique du Texte. Un nouveau regard théorique et méthodologique sur la sémantique exprimée dans des discours artistiques écrits est présenté ici comme un point de départ pour des recherches brésiliennes qui peuvent s’intéresser à ce type de *corpus*.

Mots-clés : Sémantique. Argumentation. Discours artistique. Énonciation

ABSTRACT

Considering that the *meaning* of utterances (concrete entities) is the representation of their enunciation – expressed essentially by the interweaving of the *signification* of *words* and *sentences* (abstract linguistic entities) – the need for distinguishing *literal meaning* from *figurative meaning* is completely discarded from Argumentative Semantics, developed by Oswald Ducrot, Marion Carel and followers. From this anti-referential perspective of language, this thesis aims to describe and explain the signification of words and the meaning of utterances and argumentative periods that – regardless of the discursive genre which they are part of – reveal some kind of artistic elaboration. The methodology used throughout the analysis is based on principles and concepts of the Theory of Argumentation within Language (AWL) and Semantic Block Theory (SBT). The choice of this theoretical foundation derives from the fact that the Argumentative Semantics enables the analysis of language, both in its ordinary and artistic manifestation, from a strictly intralinguistic and discursive point of view. Because this is a self-referential perspective of the study of meaning, it is the notions of arbitrariness of the sign, of relation and of argumentative value that hinder – mainly according to the first phase of AWL – the approximations between linguistic and extralinguistic elements in the description and semantic explanation. The *corpus* chosen for the analysis is, in this thesis, constituted by artistic discourses written in prose and verse, namely: a *small tale*, by Marina Colassanti; a *poem* by Manuel Bandeira; an *opinion article* by Juremir Machado da Silva and a *poem* by Alberto Caeiro, Fernando Pessoa's heteronymous. The results of the analyses allow, on the one hand, to clarify and discuss the conclusions about what is conventionally called the *semantic-argumentative artisticity* of the *corpus* and, on the other hand, to postulate the existence of a *semantic-argumentative continuum in language* capable of reducing linguistic-discursive boundaries from which common and artistic forms of linguistic manifestation are traditionally delimited. As a point of arrival of the research, the place of *ideology* in the semantic-argumentative description and explanation is also presented. Therefore, this study – comparative to some extent – has important conclusions, especially for research carried out within the framework of Argumentative Semantics and the subareas of linguistic studies with which AWL and SBT interface, such as Linguistics of Enunciation and Textual Linguistics. A new theoretical-methodological look at semantics expressed in written artistic discourses is launched here as a starting point for Brazilian research interested in this type of *corpus*.

Keywords: Semantics. Argumentation. Artistic speech. Enunciation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de constituição da linguagem conforme Saussure.	26
Figura 2: Esquema de constituição do valor argumentativo.	61
Figura 3: BS1 do tempo-que-traz.	85
Figura 4: BS2 do tempo-que-leva.	86
Figura 5: BS1 – relaciona precaução diante de perigo.	87
Figura 6: BS1 – relaciona compreensão de algo por ser fácil.	87
Figura 7: Árvore da conversão.	93
Figura 8: Fórmula da árvore da conversão.	93
Figura 9: Árvore da transposição.	94
Figura 10: Fórmula da árvore da transposição.	94
Figura 11: Árvore da reciprocidade.	95
Figura 12: Quadrado de transposição.	96
Figura 13: Quadrado de inversão.	96
Figura 14: Árvore do primeiro bloco da conversão no discurso 1.	111
Figura 15: Árvore do segundo bloco da conversão no discurso 1.	111
Figura 16: Árvore do bloco da conversão no discurso 2.	117
Figura 17: Árvore do bloco da conversão no discurso 3.	121
Figura 18: O <i>continuum</i> semântico-argumentativo em Direitos de propriedade.	139
Figura 19: O <i>continuum</i> semântico-argumentativo em O bicho.	140
Figura 20: O <i>continuum</i> semântico-argumentativo em Bolsonaro é uma mentalidade.	140
Figura 21: O <i>continuum</i> semântico-argumentativo em Poema II, de O Guardador de Rebanhos.	141
Figura 22: Fórmula do <i>continuum</i> semântico-argumentativo da linguagem.	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de frases explícitas segundo Bally.	52
Quadro 2: Exemplos de frases implícitas segundo Bally.	53
Quadro 3: Síntese dos encadeamentos e dos aspectos do Discurso 3.	136
Quadro 4: Síntese dos encadeamentos e aspectos do Discurso 4.	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EPISTEMOLOGIA DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	19
1.1 A natureza do signo e suas implicações na construção do sentido.....	19
1.2 Língua e fala: dois componentes indissociáveis da linguagem	25
1.3 Alteridade, relação e valor: pilares da Semântica Linguística	29
1.4 Estruturalismo linguístico e discurso artístico: uma aproximação	39
1.5 Da estilística da língua a uma teoria geral da enunciação	48
2 POLIFONIA E ARGUMENTAÇÃO: A CRIAÇÃO DO DISCURSO	55
2.1 Princípios e conceitos da Teoria da Argumentação na Língua	55
2.1.1 Os níveis concreto e abstrato de realização linguística e a função do semanticista	55
2.1.2 Orientação argumentativa e valor argumentativo: o mecanismo significante da língua	59
2.1.3 Argumentação e enunciação: duas faces de um mesmo fenômeno.....	62
2.1.4 Um diálogo produtor de sentido: a polifonia linguística.....	66
2.2 A Teoria dos Blocos Semânticos: noções essenciais da fase standard.....	71
2.2.1 Os encadeamentos e os aspectos argumentativos: do sentido à significação	72
2.2.2 Argumentações interna e externa: a complexa natureza semântica da linguagem.....	75
2.2.3 Argumentações estruturais e linguagem ordinária: uma aproximação possível?.....	79
2.2.4 Argumentações contextuais e linguagem artística: uma aproximação possível?	81
2.2.5 Os blocos semânticos na organização argumentativa do léxico e do discurso.....	83
2.3 Fase atual da Teoria dos Blocos Semânticos: um convite à análise textual-discursiva	88
2.3.1 Notas sobre a constituição da <i>significação</i> e do <i>sentido</i>	89
2.3.2 Aspectos argumentativos, blocos semânticos e quase-blocos.....	92
2.3.3 Termos constitutivos, caracterizantes, singularizantes e decalagem.....	97
2.3.4 Períodos e complexos argumentativos	101
2.3.5 A enunciação linguística: o caso das argumentações enunciativas	103
3 METODOLOGIA, ANÁLISES E RESULTADOS	109
3.1 Percurso metodológico e análise do <i>corpus</i>	109
3.1.1 Discurso 1: <i>Direitos de propriedade</i> , de Marina Colassanti	110
3.1.2 Discurso 2: <i>O bicho</i> , de Manuel Bandeira	115
3.1.3 Discurso 3: <i>Bolsonaro é uma mentalidade</i> , de Juremir Machado da Silva.....	118
3.1.4 Discurso 4: <i>Poema II</i> de <i>O Guardador de Rebanhos</i> , de Alberto Caeiro	127
3.2 Discussão dos resultados.....	132

3.2.1 A artisticidade semântico-argumentativa do <i>corpus</i>	133
3.2.2 O <i>continuum</i> semântico-argumentativo da linguagem.....	139
CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

Se explicar a semântica de um *discurso*, de um *enunciado* ou até mesmo de uma *palavra* não constitui uma atividade simples nem para falantes nativos de uma língua com elevado nível de escolarização e de letramento, descrever e explicar cientificamente o sentido na linguagem, então, são tarefas das quais, por muito tempo – e também por essa razão –, os linguistas buscaram desviar-se¹. Muito embora a justificativa para essa decisão ultrapassasse o grau de dificuldade e se fundamentasse em questões metodológicas, sobretudo, as pesquisas que afirmaram considerar as formas linguísticas puras – principalmente as que envolveram os níveis da palavra e da frase – permaneceram, sem dúvida, comprometidas nas suas bases. Afinal, desde os diálogos de Platão, como *Crátilo*, *O Sofista* e *Teeteto*, já se tem percebido e mostrado que *forma* e *sentido* são indissociáveis fenomenologicamente.

Disciplina fundada por Michel Bréal e tradicionalmente estudada por meio de seu livro intitulado *Essai de sémantique* (1913)², a Semântica é uma subárea dos estudos da linguagem relativamente nova, se comparada à Fonética e à Morfologia, por exemplo. Obviamente, preocupações com o significado de palavras foram reveladas ainda nos trabalhos dos filósofos gregos sobre a linguagem, pois, segundo explica Camara Jr. (2011, p. 233), o significado linguístico levanta basicamente três problemas: (1) "a relação entre coisas e palavras, isto é, a maneira pela qual a forma linguística cobre o campo da realidade extralinguística"; (2) "a dependência do conhecimento humano sobre o significado linguístico" e (3) "a relação íntima entre as formas linguísticas no que diz respeito a seus significados". Contudo, é a partir do início do século XIX que reflexões mais aprofundadas sobre esses problemas aparecem. Antes de Bréal criar a palavra "semântica" em 1883, para efetivamente fundar uma ciência das significações, já existiam trabalhos de estudiosos como Humboldt, Sapir, Whorf, Hermann Paul e Antoine Meillet, envolvendo a significação linguística³.

¹ Pelo fato de o *sentido* nunca ser uma evidência – segundo explica Lopes (2000, p. 233) –, é sempre o resultado de uma *interpretação*. Em decorrência disso, de acordo com o referido linguista, atribuir um sentido a uma mensagem significa construir uma *metalinguagem parafrástica científica* (por meio de "modelos" que objetivam descrever o funcionamento dos conteúdos linguísticos, do mesmo modo que as fórmulas matemáticas ou químicas) ou uma *metalinguagem parafrástica não científica* (por intermédio da "compreensão intuitiva do homem comum para quem as palavras dizem sempre aquilo mesmo que desejam dizer").

² Nesse livro – originalmente publicado em 1897, na França –, Bréal define a Semântica como uma ciência ou uma teoria das significações. Mais especificamente, de acordo com Mounin (1976, p. 128), "seria sempre prudente acrescentar: apenas das significações linguísticas – pelo menos enquanto não se dispuser de uma semântica geral".

³ De acordo com Michel Pêcheux, na Introdução de seu livro *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014, p. 10-11, itálico e aspas do autor), "a *Semântica*, por um lado, cuja definição mais geral é a de que ela se ocupa do sentido, parece derivar, antes de tudo, da Linguística e da Lógica: a palavra semântica apareceu no final do século XIX, mas o que ela designa remete tanto às preocupações mais antigas dos filósofos e

Michel Bréal – que é, atualmente, considerado o pai da Semântica Diacrônica – seguiu apenas em parte os princípios linguísticos empregados pelos neogramáticos, princípios que eram desenvolvidos com base em modelos das ciências duras. Segundo explica Leroy (1977), por prever, em sua teoria, a possibilidade do aparecimento de exceção em suas leis, por se interessar unicamente pelas evoluções semânticas e extrair, de suas pesquisas, a conclusão de que não se poderia encontrar, na evolução linguística, um percurso sem nenhum desvio, Bréal foi considerado, pelos fieis às leis fonéticas, um autor sem rigor e sem método⁴.

Nesse sentido, até o final do século XIX, os estudos da linguagem ainda careciam de uma Semântica que, de fato, fosse creditada cientificamente. É com os trabalhos de Ferdinand de Saussure, mais especificamente apresentados no *Curso de Linguística Geral* (CLG, 1916)⁵, que se delineia uma nova proposta para os estudos semânticos, a partir de uma perspectiva estritamente linguística. Por essa razão, de acordo com Mounin (1976, p. 130), "É Saussure quem funda a semântica moderna com a sua teoria do signo". A partir daí, então, abre-se a porta para se desenclausurar uma ciência dos significados – construída inteiramente em sincronia e, conforme comenta Mounin (1976), – paralela às descrições científicas dos significantes que a Sintaxe Estrutural e a Fonologia começavam a empreender.

No entanto, é importante ressaltar que o pensamento de Saussure efetivamente influenciou os estudos semânticos desenvolvidos em contexto europeu. Isso porque a escola anglo-saxônica, por exemplo, muito pouco se serviu dos princípios saussurianos sobre a Semântica. Apesar de revelarem leitura um tanto superficial da teoria do signo proposta por Saussure, os pesquisadores britânicos Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards (*The Meaning of Meaning*, 1923) propuseram uma Semântica pós-saussuriana, segundo a qual seria necessário modificar a concepção "diádica" do signo linguístico (significante + significado), substituindo-a pela concepção "triádica" (significante + significado + referente). Atualmente, porém, pode-se ler, tanto no CLG quanto nos *Escritos de Linguística Geral* (ELG, 2012), que tudo o que Saussure quis evitar foi a introdução de elementos externos à língua, isto é, não linguísticos – como o dito "referente" – nas tarefas de descrição e de

gramáticos quanto às pesquisas linguísticas recentes; durante todo um período (a primeira metade do século XX mais ou menos), os lingüistas hesitaram, inclusive, em reconhecer a Semântica como uma 'parte da Lingüística'. Desde o aparecimento do Chomskysmo, a Semântica 'interpretativa' ou 'gerativa' encontra-se no centro das controvérsias entre lingüistas, em particular no que tange à sua relação com a Sintaxe (estrutura profunda exclusivamente sintática, ou, ao mesmo tempo, sintática e semântica)".

⁴ De acordo com De Palo (2016, p. 35, tradução nossa), "já que Bréal concebe a linguagem como uma manifestação da cognição humana, ele analisa mais a *faculdade da linguagem* do que a significação linguística, sem dar uma definição sincrônica. No centro de sua teoria, há o indivíduo com sua vontade e sua inteligência".

⁵ Livro organizado por Charles Bally e Albert Séchehaye, obra reconstituída a partir de anotações feitas por alunos durante os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra (1906-1911).

explicação do sistema linguístico. Com berço na filosofia clássica, o referencialismo semântico também aparece nas bases, para citar alguns exemplos, dos estudos e das pesquisas do discípulo de Sapir, Benjamin Lee Whorf, do linguista alemão Leo Weisgerber e do americano Ray Jackendoff.

Como já se verificou até aqui, desde os estudos de Platão e de Aristóteles, a Semântica vem despertando o interesse de filósofos, quando da necessidade, sobretudo, de explicar os aspectos filosóficos envolvidos em torno dos problemas (1) e (2) apontados anteriormente, conforme a leitura de Camara Jr. (2011). Por essa razão, são dignos de registro os trabalhos de lógicos como Frege, Russell, Carnap e Montague, para os quais – salvaguardadas as suas especificidades teórico-metodológicas – a Semântica deveria ser reduzida a uma subárea do formalismo, próxima da lógica. Ainda entre os estudiosos em Linguística na América, é importante destacar que tanto Bloomfield quanto Chomsky e seus discípulos postularam teorias formais de cujas bases o aspecto semântico da linguagem deveria ser eliminado.

Na escola europeia, os princípios saussurianos para a construção de uma Semântica vão influenciar inicialmente – ainda que em parte – os trabalhos do linguista suíço Charles Bally (em especial, o seu livro de 1932, *Linguistique générale et linguistique française*). A partir da década de 1930, várias pesquisas surgem nessa perspectiva. Merecem especial destaque os trabalhos de Louis Hjelmslev – semiótico dinamarquês que substituiu os conceitos saussurianos de *significante* e *significado* do signo por *expressão* e *conteúdo*, a fim de interpretar este último elemento a partir do que chamou de *padrão linguístico de significações* –; de Algirdas Julien Greimas – linguista que deu grandes contribuições à semiótica, à narratologia e às investigações na perspectiva de uma Semântica Estrutural – e do linguista sírio-francês Émile Benveniste, um dos precursores da *linguística da enunciação*, de cuja perspectiva teórica pós-saussuriana depreende-se uma Semântica da Enunciação⁶.

É somente a partir da década de 1970, no entanto, que uma teoria semântica – construída essencialmente a partir dos princípios e dos conceitos propostos pelo pai da Semântica Moderna⁷ – surge com os trabalhos do linguista francês Oswald Ducrot, inicialmente com a colaboração de Jean-Claude Anscombre⁸. Foi lendo o CLG, sobretudo o

⁶ Para conhecer melhor essa perspectiva teórica, recomenda-se a leitura dos livros *Problemas de linguística geral I* (BENVENISTE, 1966), *Problemas de linguística geral II* (BENVENISTE, 2006) e do capítulo 5 do livro "Semântica, semânticas: uma introdução", intitulado "Semântica da Enunciação" (FLORES, 2013a, p. 89-104).

⁷ Vale relembrar, conforme Mounin (1976, p. 130), que Ferdinand de Saussure é considerado o pai da Semântica Moderna com sua teoria do signo; e poder-se-ia acrescentar: com a sua teoria do valor linguístico.

⁸ De acordo com Carlos Vogt, em seu livro *Linguagem, pragmática e ideologia* (2015, p. 7), "Ao contrário da semântica que se praticou por volta dos anos 50, preocupada sobretudo em identificar as propriedades imanentes do léxico de uma dada língua e sua consequente organização – trabalho paradigmático por excelência – e cujas

capítulo do valor linguístico, que Ducrot, filósofo de formação, conta ter percebido relação entre a proposta saussuriana sobre a construção do sentido e a teoria da alteridade apresentada por Platão no diálogo *O Sofista*. Ducrot inspirou-se na filosofia para realizar a Semântica do programa saussuriano, apresentada – segundo ele (2016, p. 54) – de forma um pouco confusa no CLG. Assim, por meio de uma Semântica antirreferencialista, Ducrot deu início à construção de uma teoria que desenvolve, em especial, as noções saussurianas de *valor* e de *relação sintagmática*. Em parceria com Anscombe, em 1983, Ducrot publica o livro considerado marco fundador de sua Teoria da Argumentação na Língua (doravante, ANL), intitulado *L'argumentation dans la langue*⁹.

Ainda em desenvolvimento, a Semântica Argumentativa conta, atualmente, com a colaboração de Marion Carel, que – com sua tese de doutoramento defendida em 1992 – tornou-a uma teoria ainda mais fiel ao princípio saussuriano segundo o qual *a língua deve ser estudada a partir dela mesma*. Desde então, com a postulação da chamada Teoria dos Blocos Semânticos (daqui em diante, TBS), Ducrot abandonou suas pesquisas sobre a Teoria dos Topoi que desenvolvera com Anscombe e continuou seus trabalhos em parceria com Carel. Em todas as fases da ANL, a hipótese que Ducrot guardou de Saussure é a de que *palavras* se referem a *palavras*, descartando – ao longo de sua carreira profissional – o princípio saussuriano segundo o qual a relação que as palavras mantêm entre si é uma relação de diferença. Na atualidade, além da TBS, Carel e Ducrot desenvolvem, no domínio de sua Semântica Linguística, a chamada Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), cujos princípios visam a estreitar as relações entre “polifonia” e “argumentação”¹⁰.

Esta tese, cujos objetivos gerais são: (a) *investigar o processo de construção do sentido em discursos artísticos escritos* e (b) *apresentar um estudo prospectivo para análises semântico-argumentativas nesse tipo de corpus*, nasce no domínio dessa perspectiva de Semântica antirreferencialista. Em decorrência, a pesquisa realizada neste trabalho doutoral tem como objetivos específicos (a) *descrever e explicar a significação de palavras e o sentido*

filiações permanecem até mesmo na concepção do componente semântico da Gramática Gerativa, esta forma de descrição semântica abre-se, preferencialmente, para o sintagmático, sabendo que o risco que corre é o de desembocar nas águas turvas e atraentes do discurso. São os trabalhos do linguista francês Oswald Ducrot que representam, ao nosso ver, a forma mais amadurecida de tal proposta”.

⁹ É importante registrar, entretanto, que muito do que está publicado em *L'argumentation dans la langue* (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983) já havia sido apresentado três anos antes em um livro pouco difundido – principalmente no Brasil –, intitulado *Les échelles argumentatives* (DUCROT, 1980).

¹⁰ Segundo explica Ducrot (DUCROT; BIGLARI, 2013, p. 34, tradução nossa), relativamente ao atual interesse da Semântica Argumentativa: “O grande problema é tornar compatível a teoria da polifonia e a teoria da argumentação. Essas duas teorias existem lado a lado, mas não são verdadeiramente postas em relação. Aquilo de que Marion Carel e eu nos ocupamos atualmente é da colocação em relação dessas duas teorias: trata-se de mostrar como os pontos de vista apresentados numa visão polifônica do sentido podem ser considerados como argumentativos e não representacionais”.

de enunciados e de períodos argumentativos que – independentemente do gênero discursivo do qual fazem parte – revelam significativa inscrição artística do locutor; (b) revelar o potencial da significação tanto para a criação de sentidos "estruturais" quanto de sentidos "contextuais"; e (c) sistematizar e postular a existência de um "continuum semântico-argumentativo da linguagem".

Tais objetivos permitem que se levantem as seguintes hipóteses:

(H1) O "discurso artístico escrito" pode ser definido, do ponto de vista semântico-argumentativo, como todo e qualquer discurso cujos enunciados são, em sua maioria, parafraseáveis por encadeamentos argumentativos considerados "contextuais", isto é, que dependem da própria situação intradiscursiva para que sejam construídos e associados às entidades linguísticas. Em outros termos, esses discursos relacionam signos que transgridem radicalmente as normas semânticas da língua e, apesar disso, continuam fazendo sentido. Por essa e outras razões que escapam aos objetivos desta pesquisa, esses discursos são avaliados como *produções artísticas* pela crítica de arte ou simplesmente têm potencial para isso.

(H2) Os encadeamentos argumentativos "contextuais" – por serem exclusivamente criados no interior de um discurso – são mais comuns na *linguagem artística*, ao passo que os encadeamentos argumentativos "estruturais" – por seguirem o padrão semântico da língua – são característicos da *linguagem ordinária*.

(H3) Uma análise como a vislumbrada nesta pesquisa permite explicitar um "continuum semântico-argumentativo presente na própria natureza da linguagem", por meio do qual se pode explicitar o lugar da *artisticidade semântico-argumentativa*.

(H4) A noção de *decalagem*, postulada pela TBS-atual, parece ter muito a desvelar sobre a passagem da língua-sistema para o discurso, além de demonstrar significativo potencial para reduzir as fronteiras linguístico-discursivas a partir das quais tradicionalmente se delimitam as maneiras *ordinária* e *artística* de manifestação linguística.

Por fundamentar-se no pensamento saussuriano, a ANL assume que a *significação* de entidades linguísticas abstratas (*palavras, frases e textos*) e o *sentido* de entidades concretas (*enunciados e discursos*) se constroem em termos de um valor puramente negativo; ou, nos próprios termos da TBS-standard, por um conjunto de encadeamentos argumentativos normativos (constituídos, implícita ou explicitamente, por meio de conectores do tipo de *portanto*) e transgressivos (constituídos, implícita ou explicitamente, por meio de conectores do tipo de *no entanto*). Como decorrência disso, olhar para a construção semântica do discurso artístico, por exemplo, significa, antes de tudo, distanciar-se da necessidade de

identificar *figuras* ou *tropos*¹¹ na linguagem, pois, segundo essa perspectiva intralinguística de construção semântica, a dicotomia *sentido próprio* x *sentido figurado* desaparece.

Os estudos literários, a filosofia, a estilística e as semânticas referencialistas muito já discutiram a respeito dos sentidos estranhos¹² à língua, isto é, em termos retóricos, os sentidos "figurados". Em Semântica Argumentativa, no entanto, ainda são escassos os trabalhos que discutem a construção dos sentidos imprevisíveis a partir da significação das palavras da língua¹³. Embora Ducrot e colaboradores sempre tenham apresentado exemplos de enunciados extraídos de discursos literários para construir a ANL, ainda poucos estudos foram desenvolvidos em vista das especificidades semânticas dos discursos considerados artísticos. Registram-se, todavia, os recentes trabalhos de Marion Carel e Dinah Ribard¹⁴, a partir dos quais, também, desenvolve-se esta tese.

As ferramentas da TAP já demonstraram potencial para estudar o investimento enunciativo do locutor no discurso literário, especialmente a noção de *unidade de discurso*, constituída pelo tripé que compreende a *atitude discursiva do locutor (posto, acordado e excluído)*, a *Pessoa Enunciativa* (L, TU, ELE, ON, MUNDO) e o *conteúdo argumentativo*. Em artigo intitulado *Em busca do sentido produzido no discurso literário: uma possibilidade de análise pela Teoria Argumentativa da Polifonia*, por exemplo, Gomes e Malcorra (2018) constataram – a partir do estudo do miniconto *Os ninguéns*, de Eduardo Galeano – a possibilidade de uma ampla explicação do sentido de “entidades linguísticas” pela articulação dos fenômenos enunciativo e argumentativo presentes na própria natureza da linguagem.

A metodologia utilizada nas análises desta tese é criada com base em princípios da ANL e, em especial, nas ferramentas postas à disposição pela fase atual da TBS. No entanto, em virtude de esta pesquisa ser qualitativa, opta-se por seguir o método analítico que rege

¹¹ A noção de *figura* abrange – na retórica – uma série de fenômenos sintáticos, pragmáticos, semânticos e estilísticos, em cujo fundamento encontram-se as seguintes teses: 1ª) ou a figura é uma *forma, qualquer que seja, expressando um pensamento* (portanto, todo discurso comporta uma figura); 2ª) ou é uma *mudança racional de sentido ou de linguagem em relação à maneira ordinária e simples de se exprimir* (portanto, uma figura diz respeito a uma mudança em um turno poético ou oratório de uma forma de expressão simples e óbvia. Essa segunda tese não exclui, porém, a possibilidade de um discurso ordinário também apresentar figuras). Já que uma figura pode afetar uma *palavra*, uma *frase*, um *período* ou um *texto inteiro*, as figuras foram classificadas como *figuras de palavras*, *figuras de construção*, *tropos* ou como *figuras de pensamento*. Para mais detalhes, recomenda-se a leitura do verbete-fonte desta nota: *figure* (cf. DUCROT; SCHAEFFER; 1995, p. 577-593).

¹² No texto *A retórica antiga*, Roland Barthes (1975, p. 216-217) explica que as noções de *sentido próprio* e *sentido figurado* decorrem, respectivamente, das noções de *nacional/ normal* e de *estrangeiro/ estranho*. Para mais esclarecimentos sobre essa dicotomia clássica, pode-se conferir o artigo de Stumpf e Gomes (2016).

¹³ Em entrevista publicada no livro *Os riscos do discurso* (2018, p. 19-20), Oswald Ducrot afirma que a linguística argumentativa deve explicar as figuras de estilo de modo completamente diferente da linguística referencial, já que a ANL leva a suprimir figuras de estilo e a criar novas figuras, cujo trabalho – segundo afirma o autor – ainda precisa ser realizado. De acordo com Ducrot (2018, p. 18), se se entende por estilística o estudo do funcionamento da língua no discurso, a estilística, nesse sentido, assume um lugar central na linguística.

¹⁴ Confirmam-se os seguintes trabalhos: Carel e Schulz (2004); Carel e Ribard (2016); Carel (2018).

toda a Semântica Argumentativa, mas por meio de um percurso metodológico de análise regido pela singularidade do discurso. Logo, isso quer dizer que a metodologia adotada não apresenta um padrão. O *corpus* utilizado é constituído por discursos artísticos escritos em prosa e em verso: um *miniconto*, de Marina Colassanti; um *poema*, de Manuel Bandeira; um *artigo de opinião*, de Juremir Machado da Silva e um *poema*, de Alberto Caeiro. Também para dar conta dos objetivos delineados, a escolha desse *corpus* decorreu da necessidade de que se contemplasse mais de um discurso artístico – minimamente um literário e um não literário – para que, por contraste, fosse possível chegar a conclusões de ordem mais geral.

A partir de questões levantadas principalmente no desenvolvimento da dissertação de mestrado de Gomes (2014)¹⁵ – *Avaliação de leitura e produção de textos dissertativo-argumentativos pela Teoria da Argumentação na Língua* – e do artigo desenvolvido por Gomes e Barbisan (2017), intitulado *Por que não distinguir sentido próprio de sentido figurado em Saussure e em Ducrot?*, observou-se a necessidade de se examinar, do ponto de vista semântico-argumentativo, certos fenômenos característicos dos discursos artísticos, denominados pela tradição retórica, por exemplo, de *metáfora*, *eufemismo*, *paradoxo* etc. É justamente a partir disso, portanto, que a *questão norteadora* desta pesquisa é, em síntese, a de buscar saber ***como o locutor – ao colocar a língua em funcionamento de modo artístico em discurso – opera, enunciativa e argumentativamente, em vista da produção de sentidos que fogem ao compartilhamento linguístico regular característico da linguagem ordinária.***

Inscrita na linha de pesquisa *Teoria e uso da linguagem* (área de concentração: Linguística), do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, esta tese está organizada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado "Epistemologia da Semântica Argumentativa", resgatam-se os principais pressupostos filosóficos e linguísticos que deram origem à Semântica Argumentativa: das reflexões de Platão sobre a linguagem, passando pelos estudos de Ferdinand de Saussure (especialmente, do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral*), até a teoria geral da enunciação proposta pelo linguista suíço Charles Bally (1932 [1965]).

O segundo capítulo, "Polifonia e argumentação: a criação do discurso", está organizado em três seções que dão uma visão bastante ampla e atualizada do que hoje se pode entender por Semântica Argumentativa. A seção 2.1 destina-se à evocação de princípios e conceitos da ANL, passando pela sua chamada fase standard (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983), até a Teoria da Polifonia (DUCROT, 1984), efetivamente postulada durante a fase standard

¹⁵ Esse trabalho foi modificado e encontra-se publicado em livro sob o título *Como avaliar a semântica do texto? Uma proposta para a avaliação de redações orientada pela Semântica Argumentativa* (GOMES, 2017).

ampliada da ANL (DUCROT, 1980; 1984; 1985; 1990). A seção 2.2 explicita os principais conceitos da fase standard da TBS (CAREL; DUCROT, 2005): além de trazer os princípios e os conceitos que se mantêm desde a postulação da ANL, essa seção sistematiza as noções de *encadeamento estrutural* e de *encadeamento contextual*, buscando subsídios explicativos para a distinção entre *linguagens ordinária* e *artística* do ponto de vista semântico-argumentativo. Encerra esse capítulo a seção 2.3, que traz à comunidade acadêmica brasileira uma visão geral da fase atual da TBS, tal como vem sendo desenvolvida atualmente na França.

O terceiro e último capítulo, "Metodologia, análises e resultados", apresenta as análises dos quatro discursos artísticos escritos que constituem o *corpus* desta investigação e a discussão dos resultados, que, por um lado, explicita e discute as conclusões sobre o que se convencionou chamar de *artisticidade semântico-argumentativa* do *corpus* e, por outro, postula a existência de um *continuum semântico argumentativo da linguagem*, deixando claro qual é o lugar da *ideologia* nos estudos e nas pesquisas que se fundamentam na ANL e/ou na TBS. Por fim, na seção de Conclusão, discorre-se sobre as contribuições da tese para os estudos em Semântica Argumentativa e para as áreas de Linguística e Literatura, bem como sobre possíveis limitações e questões a serem desenvolvidas em estudos futuros.

1 EPISTEMOLOGIA DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Quem já estudou ou estuda Semântica Argumentativa deve ter facilmente percebido que Oswald Ducrot é sempre muito correto no reconhecimento de suas fontes de inspiração. Entre 2009 e 2011, inclusive, o autor respondeu a uma série de perguntas a Amir Biglari – cuja entrevista foi publicada na França, em forma de livro, sob o título *Les risques du discours: rencontres avec Oswald Ducrot* (2013)¹⁶. No capítulo 4 da referida obra, para citar um exemplo, Ducrot explicita seu olhar sobre praticamente todos os linguistas do século XX que o influenciaram na criação e no desenvolvimento da Teoria da Argumentação na Língua.

Além de seu grande reconhecimento ao pai da Linguística Moderna – *Ferdinand de Saussure* – e ao filósofo grego *Platão*, Oswald Ducrot expressa seu apreço e sua gratidão a *Charles Bally*, *Gustave Guillaume*, *Émile Benveniste*, *André Martinet*, *Antoine Culioli*, *Ludwig Wittgenstein*, *Jean-Paul Sartre*, *Maurice Merleau-Ponty*, *Claude Lévi-Strauss*, *John Langshaw Austin*, *John Searle* e *Gérard Genette* pelos seus trabalhos. Alguns mais diretamente, outros menos, mas, de algum modo, todos esses importantes estudiosos da linguagem influenciaram e/ou inspiraram o trabalho linguístico de Oswald Ducrot. Por razões exclusivamente de coerência com a delimitação e com os objetivos desta pesquisa, são recuperados, ao longo deste capítulo 1, os princípios e os conceitos que Ducrot tomou de Platão, de Saussure e de Bally para a criação e o desenvolvimento de sua Semântica.

1.1 A natureza do signo e suas implicações na construção do sentido

Para alguns estudiosos da linguagem – principalmente para aqueles que conheceram o pensamento de Ferdinand de Saussure por intermédio de manuais de Linguística ou apenas a partir de alguns de seus seguidores –, Noam Chomsky foi um linguista que "superou" Saussure. No entanto, já passados cem anos da publicação do *Curso de Linguística Geral* (doravante, CLG), com a realização de eventos pelo mundo inteiro – não só em homenagem ao livro considerado fundador da Linguística Moderna, mas também em busca de novos olhares sobre o pensamento saussuriano – o chomskysmo vem sendo relativizado a partir da leitura e da descoberta do CLG por muitos gerativistas. Ao mesmo tempo, os linguistas de filiação saussuriana – agora, mais do que nunca, desde a publicação dos *Escritos de Linguística Geral* (daqui em diante, ELG) em 2002 – vêm estudando e (re)descobrando,

¹⁶ Esse livro foi traduzido para o Português e encontra-se atualmente publicado no Brasil, sob o título *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot* (Pedro & João editores, 2018).

dentre tantas novas ideias, um Saussure de discurso, autor de um pensamento linguístico e filosófico absolutamente coerente e, sem dúvida, precursor de uma Semântica Linguística.

Buscando compreender plenamente esse pensamento – no que diz respeito, em especial, ao potencial da significação da língua para a construção de sentido no discurso –, é preciso partir da noção de *signo* e de sua natureza intrassistêmica. Nessa direção, também é preciso partir da noção de *língua* como *forma*, não como *substância* (CLG, 1975, p. 131), visto que, por não ser entendida como uma nomenclatura, isto é, como uma lista de termos que correspondem às coisas materiais do mundo, a *língua (langue)*, conforme Saussure, não pode ser senão um sistema de valores puros¹⁷. Cada *signo* linguístico é constituído por uma forma chamada *significante* – entendida como uma *imagem acústica* – e por um sentido chamado *significado* – entendido como um conceito. Essas formas são, em outros termos, os *sons* e os *significados*, as *ideias*. Articulados conforme sua natureza, esses dois elementos constitutivos do *signo* permitem criar o sistema linguístico e pô-lo em funcionamento.

No que diz respeito aos seus limites, o *signo* linguístico, segundo o pensamento saussuriano, vai das unidades mínimas significativas, isto é, daquilo que Martinet (1978, p. 13) chamou de *monemas* (a exemplo de *com-, -e-, -mos*, na palavra *comemos*, e de *in-, -feliz-, -mente*, na palavra *infelizmente* etc.) até as unidades complexas, chamadas por Saussure de *sintagmas* (a exemplo de "*re-ler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos* etc.") (CLG, 1975, p. 142, grifos do autor). O "etc." que encerra essa enumeração de exemplos é indefinido. No livro *Em busca de Ferdinand de Saussure*, Michel Arrivé (2010) questiona se, nesse caso, Saussure fizera alusão a frases mais complexas do que a última citada, isto é, se as unidades discursivas que ultrapassam os limites da frase também podem ser qualificadas de sintagmas. Na conclusão do autor (2010, p. 88), "Não há clareza bastante para verificação dessa hipótese. Mas também nada de claro que permita rejeitá-la...".

Não é necessário ler muitas páginas do CLG e dos ELG para perceber que *significante (forma)* e *significado (sentido)* são indissociáveis. No entanto, é no capítulo IV do CLG, *O valor linguístico* (p. 130-141), que se pode verificar essa tese magistralmente defendida. No postulado de que *som* e *pensamento* são inseparáveis no interior da língua – pelo fato de que cada ideia se fixa num som e cada som torna-se *signo*¹⁸ de uma ideia –, encontra-se um dos aspectos de maior complexidade e sofisticação do pensamento saussuriano: ao mesmo tempo

¹⁷ É importante adiantar que essa noção de língua como "sistema de valores" será desenvolvida na seção 1.3 deste capítulo.

¹⁸ É importante salientar, aqui, a existência de uma espécie de "flutuação terminológica" no CLG, em que, no caso em questão, por exemplo, apenas o "significante" poderia ser definido como um "signo". Isso se deve ao fato de o CLG constituir – como é de conhecimento de todos – o registro de um pensamento em construção.

que essa inseparabilidade entre as duas faces do signo (significante-significado) faz-se necessária, o elo que as une é radicalmente *arbitrário, negativo e diferencial* por natureza.

Negar essas características relativas à natureza do signo significa, segundo o mestre, conceber a língua como uma nomenclatura, cujos signos funcionam como etiquetas passíveis de serem aplicadas aos objetos do mundo extralinguístico. Nas palavras de Tullio De Mauro,

Em suma, as distinções que significantes e significados introduzem nas realizações fônicas e nas significações são *independentes* das características intrínsecas da substância fônica e psicológica. Isso quer dizer que elas são *arbitrárias*. Não há, em sua origem, dependência mecânica dos caracteres pré-linguísticos da substância fônica, dos caracteres do mundo objetivo ou ainda de nosso modo de percebê-lo, mas há, ao contrário, a capacidade (inata no cérebro de todo homem) de distinguir livremente e de associar livremente em classes os atos e os dados de sua experiência, e de coordenar diferentemente as classes assim formadas. (DE MAURO, 1967, p. VIII, tradução nossa, grifos do autor)¹⁹.

Esse hiato, que a lei do *arbitrário* estabelece entre a *língua* e os *objetos do mundo*, encontra suas origens nas reflexões dos filósofos gregos sobre a linguagem. Uma das questões formuladas por Platão, no *Crátilo*, por exemplo, envolvia a oposição de duas versões sobre as relações entre natureza e cultura. Enquanto Hermógenes – explica François Dosse (2007, p. 81) – defendia a posição de que os nomes atribuídos às coisas são arbitrariamente escolhidos pela cultura, Crátilo considerava os nomes como um decalque da natureza²⁰. O princípio saussuriano do arbitrário linguístico encontra-se, portanto, na esteira de Hermógenes. Todavia, conforme será possível verificar na seção 1.3, a principal descoberta de Saussure não foi o arbitrário, mas, sim, a vinculação desse princípio à teoria do valor linguístico.

Ao ser questionado sobre a aproximação de sua Semântica Linguística com a perspectiva platoniana sobre a linguagem, por exemplo, Oswald Ducrot (2013, p. 10) – filósofo de formação e um dos linguistas mais saussurianos da atualidade – afirma: "Eu me inspirei muito em Platão. A ideia de que não se pode descrever as palavras referindo-as a objetos foi o que eu tirei essencialmente de Platão"²¹. Daí o fato de estar vetada qualquer

¹⁹ "En somme, les distinctions que signifiants et signifiés introduisent dans les réalisations phoniques et les significations sont *indépendantes* des caractéristiques intrinsèques de la substance phonique et psychologique. C'est-à-dire qu'elles sont *arbitraires*. Il n'y a pas à leur origine la dépendance mécanique des caractères pré-linguistiques de la substance phonique, des caractères du monde objectif ou encore de notre façon de le percevoir, mais il y a au contraire la capacité (innée dans le cerveau de tout homme) de discriminer librement et d'associer librement en classes les actes et les données de son expérience, et de coordonner différemment les classes ainsi formées." (DE MAURO, 2000, p. VIII).

²⁰ Segundo explica Jakobson (1977, p. 102), Yale Dwight Whitney, ainda entre os anos 1827-1894, desenvolveu a tese – mais tarde retomada e aprofundada por Saussure – de que a língua é uma instituição social definida como um sistema de signos arbitrários e convencionais (na terminologia de Platão, *epitykhonta* e *synthêmata*).

²¹ "J'ai beaucoup tiré de Platon. L'idée qu'on ne peut pas décrire les mots par la référence à des objets, c'est ce que j'ai tiré essentiellement de Platon." (DUCROT, 2013, p. 10).

espécie de relação entre *sentido* e *exterioridade linguística* pela perspectiva de semântica autônoma²² desenvolvida por Ducrot e seguidores e daí também a possibilidade de afirmar, sem nenhum exagero, que Saussure foi um seguidor de ideias preconizadas por Platão.

No início do século XX – embora nunca mencionadas explicitamente nos textos do CLG –, essas reflexões platonianas voltaram a ser a tônica, quando da necessidade de tornar a Linguística uma ciência autônoma. Saussure – contando, então, com seu vasto conhecimento de línguas e reconhecida genialidade – foi quem, pela primeira vez, estudou com profundidade a natureza do signo linguístico e conseguiu sistematizá-la, metodologicamente, em suas aulas ministradas na Universidade de Genebra (1906-1911). Depois de postular que o signo relaciona um *significante* e um *significado*, explicitou estes dois princípios fundamentais para o seu funcionamento no interior do sistema: a *arbitrariedade* e a *linearidade*. Em relação ao primeiro princípio, ensinou que:

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado acima domina toda a lingüística da língua; suas conseqüências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que as descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio. (CLG, 1975, p. 82).

A palavra *arbitrário* tem, em Saussure, uma acepção próxima ao que se entende por *imotivado*. Isso quer dizer que o significante não mantém nenhuma relação de tipo *natural* com o significado. Por essa razão, o *significado* do signo "boi", para citar um exemplo, não apresenta nenhum tipo de relação intrínseca ou de causalidade com os *significantes* /boj/ "boi" (em português), /bwej/ "buey" (em espanhol), /bœf/ "boeuf" (francês) e /ɔks/ "ox" (inglês). Fala-se também, conforme o CLG (1975, p. 152-155), de um *arbitrário absoluto* e de um *arbitrário relativo*. Enquanto o primeiro diz respeito ao signo tomado isoladamente, pode-se dizer que o segundo refere-se às relações entre os signos. Em vista disso, observa-se que o signo *vinte* não é imotivado no mesmo grau que o signo *dezenove*, por exemplo. Porém, não é difícil observar que "dez" e "nove" são signos tão imotivados quanto "vinte".

Embora reconheça que não existe língua em que nada seja motivado, Saussure (CLG, 1975, p. 154) afirma que línguas – a exemplo do chinês – que atingem o grau máximo de imotivação são mais *lexicológicas*, e línguas cuja imotivação se reduz ao mínimo – a exemplo do sânscrito – são mais *gramaticais*. Seguindo essa mesma divisão metodológica, pode-se

²² Conforme se pode verificar em Biglari e Ducrot (2013, p. 36), "Linguística autônoma" é o nome da escola à qual Ducrot declara filiar-se.

reconhecer que o inglês concede um lugar muito mais considerável ao imotivado do que o alemão. Isso quer dizer que a oposição entre arbitrário absoluto e arbitrário relativo constitui, de acordo com Suenaga (2005, p. 147, tradução nossa), duas séries:

- de um lado, "arbitrário absoluto, sem motivação, signos isolados, tendência não sistêmica, língua lexicológica, o chinês",
- de outro lado, "arbitrário relativo, motivação e limitação do arbitrário, solidariedade entre os signos, necessidade constitutiva do sistema, línguas gramaticais, o sânscrito, o grego"²³.

Desse modo, considerando-se a teoria saussuriana como um método de descrição da língua-sistema – explica Suenaga (2005, p. 147) –, é natural que se coloque o acento não sobre o arbitrário absoluto do signo isolado, mas sobre o arbitrário relativo que diz respeito às relações entre signos. Em outros termos, segundo se lê no próprio CLG (1975, p. 154), "Tudo o que se refira à língua enquanto sistema exige, a nosso ver, que a abordemos desse ponto de vista, de que pouco cuidam os linguistas: a limitação do arbitrário. É a melhor base possível".

Isso significa que a *motivação relativa* verificável em palavras *compostas* e *flexionadas*, por exemplo, constitui-se como um fenômeno sistêmico fundamental. Ao se construírem de modo idêntico, essas palavras representam relações idênticas de significado. Conforme explicam Ducrot e Schaeffer (1995, p. 323, tradução nossa), "Se cada signo, com efeito, fosse uma imitação de seu objeto, seria explicável por si mesmo, independentemente dos outros, e não teria relação necessária com o restante da língua"²⁴. Observe-se, para melhor entender esse fenômeno, o poema *Neologismo*, de Manuel Bandeira:

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.
 Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
 Intransitivo:
 Teadoro, Teodora.

²³ “– d'une part, "arbitraire absolu, sans motivation, signes isolés, tendance non systématique, langue lexicologique, le chinois",

– de l'autre, "arbitraire relatif, motivation et limitation de l'arbitraire, solidarité entre les signes, nécessité constitutive du système, langues grammaticales, le sanskrit, le grec".” (SUENAGA, 2005, p. 147).

²⁴“Si chaque signe, en effet, était une imitation de son objet, il serait explicable par lui-même, indépendamment des autres, et n'aurait pas de relation nécessaire avec le reste de la langue.” (DUCROT; SCHAEFFER, 1995, p. 323).

Por analogia com o substantivo próprio "Teodora", o poeta cria – de modo artístico, no discurso, – o verbo "teodorar", que obedece a um paradigma próprio dos verbos de primeira conjugação em língua portuguesa (-ar). Acrescenta, para realizar explicitamente tal analogia, o pronome oblíquo átono de segunda pessoa, "te", na posição e na função de prefixo: do mesmo modo que se forma *fazer* > *desfazer* [*des* + *fazer*], pode-se formar *adorar* > *teodorar* [*te* + *adorar*]. No último verso, o poeta flexiona o verbo na primeira pessoa do singular, "Teodoro" e, com isso, além de explicitar a produtividade do neologismo criado pelos padrões morfossintáticos da língua no discurso, revela o fenômeno linguístico da *motivação relativa* que Saussure observara em palavras como "dezenove", "pereira", "cerejeira", "macieira" etc.

Princípio que, em suma, deveria estar no centro de todos os trabalhos desenvolvidos em linguística estrutural, o *arbitrário* do signo – ainda que não sofra aparentes contestações – continua sendo relegado a segundo plano pelos linguistas. Ao postular a tese sobre o *arbitrário* e explicitar parte da natureza do signo, Saussure também revela, por meio desse princípio, a própria autonomia da língua²⁵. A esse respeito, afirma De Mauro (1967, p. XIX, tradução nossa) que "Saussure vê, na arbitrariedade do signo, o princípio fundamental de toda a realidade linguística"²⁶, já que, por intermédio desse princípio, segundo De Mauro, decorre uma série de outros princípios linguísticos fundamentais, a saber, por exemplo: (a) o aspecto radicalmente social da língua; (b) o caráter opositivo dos significantes e dos significados; (c) a mutabilidade e a estabilidade do sistema e (d) o próprio princípio da linearidade.

O segundo princípio relativo à natureza do signo, o caráter *linear* do significante, não menos importante que o primeiro, foi considerado simples demais e, do mesmo modo que o *arbitrário*, terminou por ser negligenciado. Sua relevância, no entanto, conforme se pode verificar no próprio CLG (1975, p. 84), é igual à da primeira lei, visto que "todo o mecanismo da língua depende dele". Isso decorre do fato de o *significante* ser de natureza auditiva e desenvolver-se, portanto, unicamente no tempo. Segundo Saussure (CLG, 1975, p. 84, grifos do autor), o significante tem as seguintes características que toma do tempo: "a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa única dimensão: é uma linha*". Em vista disso, essa linearidade, que forma a extensão da cadeia falada a partir do emprego do significante, é, para Lopes (2000, p. 86), "[...] o que permite distinguirmos conceitos tais

²⁵ É importante destacar aqui, segundo explicam Ducrot e Schaeffer (1995), que *a linguística cognitiva* é a representante atual das teorias da motivação, isto é, das teorias que vão contra os princípios do estruturalismo. Essencialmente, essa teoria nega a faculdade da linguagem que dá origem ao seu modo de representação autônomo, uma vez que busca relacionar a linguagem com o pensamento humano na sua totalidade.

²⁶ "Saussure voit dans l'arbitraire du signe le principe fondamental de toute la réalité linguistique." (DE MAURO, 2000, p. XIX).

como o de sílaba (baseada num contraste entre consoantes e vogais), e o de distribuição²⁷".

Como se verá na seção 1.3, esse princípio da *linearidade* do significante encontra desenvolvimento no caráter sintagmático das entidades linguísticas, haja vista que, ao se desenvolverem no eixo das sucessões, as entidades são passíveis de serem decompostas em segmentos menores. Nesse sentido, de acordo com De Mauro (1967), *opositividade* e *sintagmaticidade* são a dupla raiz do que Saussure (1975) chamou de "equilíbrio" e do que Martinet (1978) chamou de "economia da língua". Graças à arbitrariedade – tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista formal –, os signos linguísticos constituem o código em uma sucessão linear de situações, que se apresentam de maneira única ao sujeito falante.

Por fim, pensar a construção do *sentido* no *discurso* significa, antes de tudo, assumir os dois princípios fundamentais que estão na própria natureza do signo – a *arbitrariedade* e a *linearidade* –, sem os quais, em decorrência principalmente da ausência de compartilhamento do sistema de signos entre os falantes, língua nenhuma poderia existir. Assumi-los às últimas consequências – como foi possível verificar ao longo desta seção – significa, dentre outras coisas, olhar para o discurso como uma unidade que produz suas próprias verdades²⁸. Em outros termos, examinar a construção do sentido desse ponto de vista é dar à língua um caráter autônomo, absolutamente independente da estrutura do mundo, cuja organização interna produz uma realidade original e imprevisível. Do discurso artístico, sem dúvida – como se pôde verificar pelo exame do poema *Neologismo* –, nasce uma realidade linguístico-discursiva ainda mais original e "estranha" à língua-sistema que a realidade manifestada no discurso ordinário, isto é, no discurso que relaciona os signos de maneira banal, não artística. Será, este, um dos aspectos a ser retrabalhado ao longo dos próximos capítulos desta tese.

1.2 Língua e fala: dois componentes indissociáveis da linguagem

Ao longo dos três cursos ministrados entre 1906 e 1911, Ferdinand de Saussure, para dar um estatuto de ciência às investigações empíricas sobre a linguagem, distinguiu a *matéria*

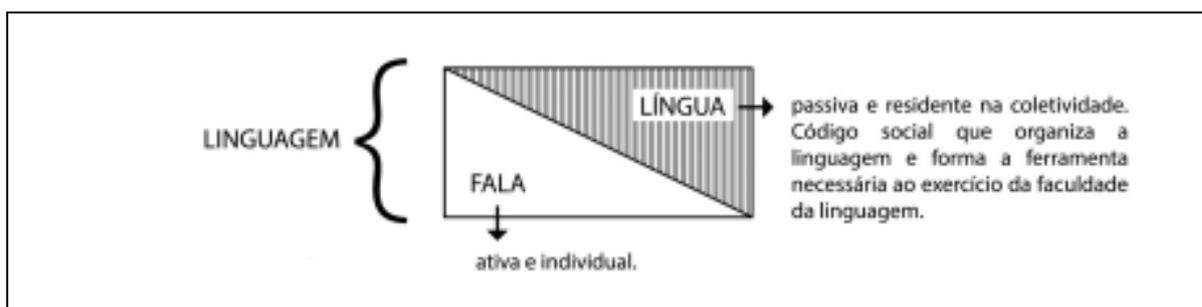
²⁷ Segundo explica Lopes (2000, p. 86), as unidades linguísticas estão submetidas às "pressões do contexto em que aparecem". Em português, por exemplo, o artigo tem a propriedade de se colocar sempre junto ao substantivo com o qual forma um sintagma nominal. Isso mostra que, por não serem dispostas ao acaso dentro de uma frase, as palavras têm uma *distribuição característica*.

²⁸ Como esclarecem Ducrot e Schaeffer (1995, p. 322) – no verbete *Arbitraire*, do *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* –, os sofistas foram os filósofos que defenderam a posição de que cada discurso produz sua própria verdade.

– o *ponto de vista da execução* (*parole* → fala²⁹) – do *objeto*, isto é, o *ponto de vista do saber* (*langue* → língua). Uma diferença significativa entre a ciência postulada por Saussure das outras ciências é que, na chamada ciência Linguística, o ponto de vista é o que cria o objeto. Isso quer dizer, em outros termos, segundo se pode conferir no próprio CLG (1975), que o objeto da Linguística não é dado previamente como nas outras ciências, cujos objetos são dados *a priori* e podem ser considerados de diversos pontos de vista.

Saussure postulou, portanto, que a *língua* deve ser o real objeto da Linguística, já que somente ela – suscetível de uma definição autônoma – serve como norma para todas as outras manifestações da linguagem. Isso significa assumir que a faculdade da *linguagem*, compreendida como um fenômeno que abrange fatores físicos, fisiológicos e psíquicos, foi sistematizada pelo mestre a partir dos pontos de vista da *matéria* e do *objeto*, conforme se pode verificar na figura 1 apresentada a seguir:

Figura 1 - Esquema de constituição da linguagem conforme Saussure.



Fonte: *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* (GODEL, 1969, p. 153, tradução nossa).

A maioria dos linguistas modernos – segundo Ducrot e Schaeffer (1995) – estão de acordo com a necessidade metodológica dessa distinção estabelecida por Saussure, mas nem todos concordam no que diz respeito aos critérios que permitem efetuar-la. A *língua*, para Saussure, é definida como um sistema, uma espécie de código, em que – como foi possível perceber na seção anterior – existe correspondência entre o *significante* e o *significado* do signo. Segundo os ELG (2012, p. 23), "uma língua só existe se, à m + e + r [sic], se vincula uma idéia", o que significa dizer que nenhuma entidade linguística existe fora do sentido que lhe pode ser associado.

Ao examinar a linguagem em sua totalidade, nota-se que a língua é a parte passiva:

²⁹ É importante registrar que, no livro *Princípios de Linguística Geral* (1980), Mattoso Camara Jr. – o primeiro linguista brasileiro que escreveu sobre Saussure – traduziu *parole* por *discurso*. Tendo uma leitura bastante própria do CLG, Câmara Jr. postulou que esse "discurso" pode manifestar-se pela "fala" (ou discurso oral) e pela "escrita" (ou discurso gráfico). Segundo o autor (1980, p. 29), a *linguística lato sensu* deveria compreender a *linguística stricto sensu* (do sistema representativo) e a *estilística* (do sistema afetivo).

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (CLG, 1975, p. 21).

Essa noção de *língua* proposta por Saussure – atualmente muito difundida nos estudos da linguagem – rompe com a crença dos gramáticos e dos comparatistas do século anterior, para os quais a língua era uma espécie de representação de estruturas do pensamento. No entendimento de Tullio de Mauro (1967), a língua saussuriana é um sistema de estruturas possíveis de signos mínimos, uma vez que compreende não apenas o *conjunto de todos os signos possíveis* – palavras e morfemas portadores de significante e significado –, mas também o *conjunto de limites* ou *regras* (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) *que governam o emprego dos signos e as relações necessárias à produção dos significados*.

Em vista disso – segundo explica De Mauro (1967) –, o caráter "sistêmico" da língua impõe à Linguística uma atitude "sistemática", na medida em que, para descrever qualquer que seja a unidade mínima, por exemplo, faz-se necessário estudá-la no conjunto de relações *associativas e sintagmáticas*³⁰. Em outros termos, ainda que o objetivo de um estudo não seja o de examinar todo o sistema, mas apenas uma de suas partes, é necessário considerar essa parte – por mínima que seja – em relação ao sistema linguístico na sua totalidade. Em realidade, ainda em sua dissertação de mestrado, intitulada *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878) – explica Gérard Dessons (2006, p. 31, tradução nossa) –, Saussure já deixou clara, no domínio da filologia daquela época, "a importância primordial da noção de sistema e da solidariedade restaurada entre todos os elementos de uma língua"³¹.

Como se pôde observar no esquema da figura 1, enquanto a *fala* foi entendida por Saussure como um fenômeno ativo e individual, a *língua* foi definitivamente postulada como um fenômeno passivo e social, porque é a parte da linguagem compartilhada por todos os membros de uma coletividade linguística. Em decorrência disso, conforme explicam Ducrot e Schaeffer (1995), a interpretação de uma frase, por exemplo, somente se ajustará à língua se for compartilhada pelos membros de toda a coletividade. Caso contrário, segundo os referidos autores (1995, p. 294), se a interpretação ficar restrita à atividade individual da fala, será

³⁰ Essas noções são aprofundadas na próxima seção.

³¹ "l'importance primordiale de la notion de système et la solidarité restaurée entre tous les éléments d'une langue". (DESSONS, 2006, p. 31).

necessário negar que a atividade linguística apresenta normas sociais, ou, em outros termos, será necessário rejeitar a ideia de que as condições de uso da linguagem e seu efeito sobre a situação dos interlocutores estão regidas por hábitos e convenções.

Muito embora Saussure tenha encerrado seus cursos postulando que a *língua é social* e a *fala é individual*, suas reflexões iniciais³² levam a concluir, de acordo com Suenaga (2005, p. 37), as seguintes considerações fundamentais à plena compreensão do fenômeno linguístico: (a) a fala é, de um lado, social, porque constitui uma atividade social e, de outro, é individual, porque é condição de uso individual do código da língua, segundo o pensamento individual; (b) a língua é social na medida em que é um código socialmente consagrado e é individual porque é um "tesouro" armazenado no cérebro individual. Logo, o significado global de uma frase, por exemplo, decorre – segundo afirmam Ducrot e Schaeffer (1995) – de operações que implicam uma atividade intelectual de organização dos significados particulares dos signos e pertence ao uso concreto da língua, visto que a frase – ensinava Saussure – encontra-se na fala.

A língua, como foi possível verificar no esquema da figura 1, funciona como uma ferramenta necessária ao exercício da faculdade da linguagem. Enquanto virtualidade, constitui-se puramente de *forma* em potencial. Ao ser posta em funcionamento pelos falantes, entretanto, a língua transforma-se em *substância*, isto é, em *fala*. A *parole* pressupõe, então, a união de uma voz concreta e de um sentido concreto pela consciência da individualidade única de cada ato expressivo. Tullio de Mauro (1967) conta que Saussure convidava seus alunos a prestar atenção em um indivíduo que inicia sua fala do seguinte modo: "A guerra, eu lhes digo, a guerra!", em cuja frase a palavra *guerra* – embora repetida duas vezes – não é exatamente a mesma. Segundo o mestre, quando a mesma pessoa, no mesmo discurso, repete duas vezes a mesma palavra, comunica coisas diferentes na primeira e na segunda vez, porque sempre haverá, nos dois empregos, nuances de sentido diferentes.

Dentre as notas de Saussure publicadas nos ELG, encontra-se a *Nota sobre o discurso* (2012, p. 237, grifos do autor), cujo primeiro parágrafo é constituído por uma pergunta antecedida de um enunciado assertivo, a saber: "A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?" Essa tese de que o *discurso* é condição necessária para a criação da *língua* foi explicada por Saussure em suas aulas e encontra-se – ainda que implicitamente postulada – em diversas passagens do CLG. Ainda segundo De Mauro (1967),

³² Os manuscritos do primeiro curso registram que Saussure postulava, inicialmente, o contrário do que defendeu em seus últimos cursos, a saber: que a *língua é individual* e que a *fala é social*.

em uma das aulas do segundo curso, Saussure apresentou essa reflexão por meio de uma comparação não utilizada no CLG, como se pode conferir: "O sistema de signos é feito para a coletividade, como a embarcação é feita para o mar"³³ (p. XIII, tradução nossa).

Em outros termos, esse primeiro parágrafo da *Nota sobre o discurso* de Saussure evidencia não apenas a indissociabilidade entre *langue* e *parole*, mas também o pensamento inquieto do mestre em torno da própria natureza da linguagem. Dessa *nota* dos ELG, pode-se concluir, além disso, que os elementos contidos na *langue* são atualizados pela *parole* – de acordo com o que Coseriu (1967) chamou de *norma*. Opção de toda uma coletividade, a *norma* é entendida pelo referido autor como um conjunto de realizações das possibilidades previstas pela língua. Quando em funcionamento, a *norma* elimina tudo o que é inédito na *parole*, como as variantes individuais. Segundo Lopes (2000, p. 81, grifos do autor), "É assim que *perecer, falecer, morrer, 'esticar as canelas'*, são sinônimos que se situam como 'normas' [de acordo com a proposta de Coseriu] para diferentes subcódigos (linguagem formal, neutra, jargão...) todos coexistentes dentro do código comum que é a língua portuguesa".

Pelo fato de Ducrot ter-se fundamentado no pensamento saussuriano, as noções de *língua* e *fala* – bem como a *indissociabilidade* desses dois pontos de vista metodológicos inerentes à constituição do fenômeno *linguagem* – se mantêm sem modificações em todas as fases do desenvolvimento da ANL. Sua plena compreensão é essencial, portanto, para que se possa entender os propósitos da Semântica Argumentativa, sobretudo a tese ducrotiana segundo a qual Semântica e Pragmática são inseparáveis.

1.3 Alteridade, relação e valor: pilares da Semântica Linguística

Mas apenas constatada essa vitória – provisória, certamente – do sofista, o Estrangeiro diz simplesmente: Mas a imagem existe." De fato, enquanto imagem, uma imagem é real. Tudo resta, portanto, a ser feito. O ser-imagem da imagem é inegável. Mas, de acordo com tudo o que se acaba de mostrar, esse ser... não é ser. Isso é "muito insólito": o ser deve aceitar conviver com o não-ser!
(CORDERO, 1993, p. 24).

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças.
(CLG, 1975, p. 139).

Como foi possível verificar na seção 1.2, Platão foi autor de importantes reflexões sobre a linguagem. Sua filosofia – além de notadamente ter servido de inspiração a Saussure na postulação de sua tese do arbitrário linguístico – revela-se também presente no fundamento

³³ "Le système de signes est fait pour la collectivité, comme le vaisseau est fait pour la mer" (DE MAURO, 2000, p. XIII).

da teoria do valor. No *Prefácio* para o livro *O Intervalo Semântico*, de Carlos Vogt (2009), Oswald Ducrot – linguista, vale lembrar, com sólida formação em filosofia clássica – explicita uma nítida relação entre a teoria da *alteridade*, criada por Platão no diálogo *O Sofista*, e a teoria do *valor linguístico* de Saussure, desenvolvida especialmente no capítulo IV da 2ª parte do CLG (1916/1975) e revelada em diversas notas dos ELG (2002/2012).

Conforme explica Ducrot (2009), ao tratar das categorias fundamentais da realidade – o Movimento, o Repouso, o Mesmo e o Ser –, Platão, no citado diálogo *O Sofista*, acrescenta uma quinta categoria – o Outro –, colocando-a como o fundamento de todas as outras, já que cada uma dessas categorias é o que é, porque não é aquilo que a Outra é. Identidade e diferença são, portanto, dois princípios supremos que constituem a essência das coisas. Nestor Luis Cordero (1993) – no texto da *Introdução ao Sofista de Platão* – explica que, como espécie de potência, o Ser é um elo que põe os seres em relação, sem o qual esses mesmos seres não teriam existência. Desse modo, pode-se dizer que o Movimento, por exemplo, é tudo aquilo que o Repouso não é e vice-versa. Inexistindo a noção de *diferença*, Movimento e Repouso constituiriam uma única categoria, isto é, apresentariam uma única identidade.

Não é preciso ler muitas páginas de *O Sofista* para verificar que Platão apresenta o Não-ser como o Outro. Nas reflexões do filósofo, o Não-ser (o Outro) revela-se como participante do Ser. E, observando-se as relações entre o Movimento e o Repouso, chega-se à conclusão de que o Movimento é completamente distinto do Repouso, isto é, também se diz que o Movimento *não é* o Repouso. Desse modo, Platão (1991) postula que, se o Movimento é também *diferente* do Mesmo, ele *não é* o Mesmo. Em certas partes de seu diálogo, o filósofo também exemplifica que, em relação ao "belo", o Não-ser é o "Não-belo"; em relação ao "grande", o Não-ser é o "Não-grande". Enfim, examinando-se esse fenômeno relacional binário, é possível perceber que, ao se suprimir o Ser, o Não-ser desaparece, visto que a existência deste está subordinada à existência daquele e vice-versa.

Esse olhar para o Não-ser como alteridade – diretamente ligado à negação³⁴ – permitiu a Platão criar uma teoria revolucionária e absolutamente aplicável ao domínio da linguagem. Os três seguintes excertos extraídos do texto de Cordero (1993, grifos do autor, tradução nossa) permitem elucidar claramente a aplicação da filosofia de Platão na Linguística saussuriana: (a) "em cada realidade, há uma mistura de ser e de não-ser, pois toda coisa é o

³⁴ Segundo Cordero (1993), a noção platoniana de *negação* é sinônimo de *diferença* e não de *oposição* ou de *contradição*. O Não-ser é visto como "o que é diferente", não como o "contrário" ou como algo "oposto" ao Ser.

que é, *mas também* é tudo o que ela não é" (p. 60)³⁵; (b) "Eis por que a definição [...] de cada coisa é dupla: cada coisa não é somente o que ela é; ela é também diferente do que ela não é. A região 'exterior', outra, diferente, é constituída, em relação a cada coisa, por *tudo o que* ela não é" (p. 54)³⁶ e (c) "Esse domínio, em relação a cada coisa, é o não-ser"³⁷ (p. 54).

Para quem vivenciar a experiência de ler o CLG e/ou os ELG depois de tomar conhecimento dessa teoria da *alteridade*, a relação do filósofo com o linguista será evidente. De acordo com a percepção de Ducrot (2009, p. 10-11), "a oposição, para Saussure, é constitutiva do signo da mesma forma que a alteridade é, para Platão, constitutiva das idéias". Conhecedor e seguidor do pensamento saussuriano, Ducrot (2009) explica que o *valor* de um signo – sua verdadeira realidade linguística – somente pode ser definido pela relação opositiva que esse signo estabelece com os outros signos. Isso quer dizer que a língua – "oceano de diferenças" no dizer de Depecker (2012) – é um sistema de valores puros, cujos signos definem-se por diferenças fônicas e semânticas. Conforme se pode conferir no próprio CLG (1975, p. 126), "o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas". O que melhor permite definir um *valor* é, portanto, a sua característica de *ser* o que os outros *não são*.

Esse fenômeno linguístico mostra claramente, segundo se pode conferir nos ELG (2012, p. 61), como os objetos da ciência da linguagem não têm realidade em si ou à parte de outros objetos. Isso quer dizer que – por não ter substrato para sua existência *fora* ou *nas diferenças* que a mente vincula a uma diferença fundamental – nenhum signo existe fora de sua oposição com os outros signos da língua. Na nota 20a dos ELG (2012, p. 61), intitulada *Negatividade e diferença 1*, Saussure explica que, sem essa "ficção", a mente seria "incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme". Ainda que nesse contexto linguístico a palavra *ficção* tenha sido empregada por Saussure para caracterizar a natureza da *língua*, é importante salientar, em decorrência, que ela também pode ser utilizada para revelar a própria natureza fenomenológica do *discurso*: todo e qualquer discurso é, de certo modo, uma *ficção*.

Conforme se lê na nota 3f dos ELG (2012, p. 30), a palavra *valor* é, para Saussure, sinônimo de *sentido*, *significação*, *função* e *emprego* de uma forma. Resultado de certa

³⁵ "dans chaque réalité il y a un mélange d'être et de non-être, car toute chose est ce qu'elle est, *mais aussi* elle n'est pas tout ce qu'elle n'est pas" (CORDERO, 1993, p. 60, grifos do autor, tradução nossa).

³⁶ "Voilà pourquoi la définition [...] de chaque chose est double : chaque chose n'est pas seulement ce qu'elle est ; elle est aussi différente de ce qu'elle n'est pas. La région "extérieure", autre, différente, est constituée, par rapport à chaque chose, par *tout ce* qu'elle n'est pas" (CORDERO, 1993, p. 54, grifos do autor, tradução nossa).

³⁷ "Ce domaine, par rapport à chaque chose, *est* le non-être" (CORDERO, 1993, p. 54, grifo do autor, tradução nossa).

relação geral entre os signos e as significações, esses valores que emanam do sistema também desfazem a diferença clássica estabelecida entre *sentido próprio* e *sentido figurado*. No entendimento do mestre (ELG, 2012, p. 67-68), "Não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio) porque seu sentido é eminentemente negativo". Isso significa que, num enunciado como "És o sol da minha vida", não é a ideia extralinguística que se tem de *sol* que faz a imagem, e sim a oposição que o signo *sol* estabelece com outros signos da língua. Portanto, o que resta no signo *sol*, nesse caso, é apenas a oposição a signos como *sombra* e *penumbra*.

A concepção tradicional de estudo do sentido, que distingue *sentido próprio* de *sentido figurado*, entende que a palavra apresenta uma significação absoluta aplicada a um objeto determinado. Logo, nos chamados empregos metafóricos, por exemplo, há uma relação de semelhança entre os *objetos* que constituem o sentido próprio e o sentido figurado do signo. Enquanto num enunciado do tipo de *Hoje, até mesmo Pedro chora*, a palavra *chora* realiza o sentido próprio da ação humana de *chorar*, num enunciado do tipo de *Hoje, até mesmo o sol chora*, a palavra *chora* é empregada em um sentido figurado que realiza um contexto metereológico³⁸. A língua, segundo essa posição semântica, encontra-se reduzida a uma cópia da realidade extralinguística, de modo que – explicam Ducrot e Schaeffer (1995, p. 270) – essa concepção de estudo do sentido concebe a língua como "motivada", justificada pela ordem natural das coisas ou do pensamento, em que os signos perdem toda arbitrariedade.

Essas teses, segundo as quais o signo tem uma única significação e a significação do signo refere a realidade exterior à língua, foram totalmente rejeitadas por Saussure. Como ensinava o mestre (ELG, 2012, p. 70), "Não se impedirá jamais que uma única e mesma coisa seja chamada, conforme o caso, uma *casa*, uma *construção*, um *prédio*, um *edifício*, (um *monumento*), um *imóvel*, uma *habitação*, uma *residência* [...]". Desse modo, pelo fato de o signo não estar limitado no total de ideias positivas concentradas em si, mas por limitar-se negativamente em função dos outros signos, torna-se tarefa inútil, de acordo com o pensamento saussuriano, procurar o total de significações de uma palavra.

O que se entende por "sentido próprio" não passa de uma das múltiplas manifestações do sentido geral, que, segundo Saussure (ELG, 2012), é apenas uma delimitação oriunda da presença de outros termos no mesmo momento. Nessa perspectiva, a *sinonímia* de uma palavra é infinita, já que reside no conjunto de *valores negativos* que se encontram na própria natureza da língua. Quando uma ideia nova surge e deve ser expressa linguisticamente, logo

³⁸ Mais esclarecimentos sobre essa perspectiva clássica de estudo do sentido podem ser conferidos em Schulz (2002, p. 325-339).

encontra lugar em um ou em outro signo. Se ela couber simultaneamente em dois – conforme explica Saussure (ELG, 2012, p. 71) –, "é porque há oposição com um terceiro ou quarto signo coexistente". Por isso, esgotar as ideias contidas numa palavra é tarefa improdutiva e impossível de se realizar, a menos que se busque examiná-las em nomes de objetos materiais ou de objetos raros, como o *alumínio*, o *eucalipto* etc., exemplifica o mestre. Isso, no entanto, não pode ser tomado como regra geral, pois, de acordo com o pensamento saussuriano:

Já, quando se toma o *ferro* e o *carvalho*, não se chegará ao fim do total de significações (ou de empregos, o que é a mesma coisa) que damos a essas palavras, e só a comparação de *ferro* com duas ou três palavras como *aço*, *chumbo*, *ouro* ou *metal*, só a comparação de *carvalho* com duas ou três palavras, como *salgueiro*, *videira*, *madeira* ou *árvore* já representa um trabalho infinito. Para esgotar o que é contido em *espírito* por oposição a *alma* ou a *pensamento*, ou o que é contido em *ir* por oposição a *marchar*, *passar*, *caminhar*, *se transportar*, *vir* ou *ficar*, uma vida humana poderia, sem exagero, se passar. Ora, como desde a idade dos quinze ou dezesseis anos, nós temos um senso aguçado do que está contido, não apenas nessas palavras, mas em milhares de outras, é evidente que o sentido repousa no puro fato *negativo* da oposição de valores, visto que o tempo materialmente necessário para conhecer o valor positivo dos signos nos seria, cem vezes e mil vezes, insuficiente. (ELG, 2012, p. 71, grifos do autor).

Como se pode depreender a partir dessas lições saussurianas, desde os quinze ou dezesseis anos, um falante nativo de uma língua já sabe o que está contido em milhares de palavras e, com isso, já tem as devidas condições de combiná-las adequadamente, em diferentes situações. Isso também provém do fato de o falante estar exposto, desde o seu nascimento, ao uso corrente da língua. A *coletividade linguística* é, em vista disso, necessária para que os valores que constituem o sistema linguístico sejam estabelecidos, já que é somente no uso e no consenso geral que eles são fixados. No limite, o compartilhamento dos signos e das regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) pelos falantes somente é possível – como se pôde verificar na seção 1.1 – porque o signo é arbitrário. Aliás, sem esse fenômeno indispensável do arbitrário-compartilhado, língua nenhuma poderia existir.

As *relações* que estão na base da noção de *valor* são, para Saussure, de dois tipos: *associativas*³⁹ e *sintagmáticas*. No entendimento do mestre (CLG, 1975, p. 142), as *relações sintagmáticas* são as que acontecem no discurso, já que "[...] os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo". Essas combinações, que se apoiam na extensão da cadeia da *fala*, foram chamadas por Saussure de *sintagmas*, a exemplo

³⁹ Essas *relações associativas* também foram chamadas por leitores de Saussure de *relações paradigmáticas*. Um *paradigma*, segundo essa perspectiva, quer dizer um conjunto de *formas* ou de *significados* que se associam por um traço linguístico permanente, isto é, por um denominador comum a todos.

de *re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos etc.* Já as relações *associativas* são as que acontecem fora do discurso, na memória linguística de cada falante, onde as palavras se associam, formando grupos de ordem diversa.

De acordo com Saussure (CLG, 1975, p. 149), "a língua apresenta, em verdade, unidades independentes, sem relação sintagmática, quer com suas próprias partes, quer com outras unidades". É preciso compreender, entretanto, que é também a língua que preside os agrupamentos sintagmáticos característicos da fala. Por isso, o conjunto de diferenças fônicas e semânticas que constitui a língua resulta tanto das relações associativas – que reúnem termos *in absentia* numa série mnemônica virtual – quanto das relações sintagmáticas – que existem *in praesentia* e repousam em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Nas palavras do mestre (CLG, 1975, p. 149), "via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos".

Sendo dado que a *frase* é o tipo por excelência de *sintagma*, Saussure se questiona se todos os sintagmas têm a mesma liberdade das combinações que se realizam na fala. Há uma série de frases prontas (ex. em francês: *à quoi bon? allons donc!* etc.) que pertencem à língua, já que o uso é incapaz de modificá-las. Enfim, quase todas as unidades da língua – devido ao que Saussure denominou *solidariedades sintagmáticas* – dependem do que as rodeia na cadeia da fala ou das partes sucessivas de que elas próprias se compõem. Logo, o valor linguístico de uma unidade menor, como do sufixo "-oso", é dado pela sua ação recíproca numa unidade superior, como em "desejoso". Segundo explica Saussure (CLG, 1975, p. 148-149), "o todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si". Tal fenômeno de produção de sentido foi aprofundado por Émile Benveniste e pode ser conferido em *Os níveis da análise linguística* (PLG I, 1966, p. 119-131) e, sobretudo, em *A forma e o sentido na linguagem* (PLG II, 2006, p. 220-242)⁴⁰.

Os conjuntos formados pelas associações mentais podem ocorrer de diferentes modos. De acordo com o que se verifica no CLG (1975, 145), existem basicamente quatro situações em que há relações associativas na língua: (1) quando há pelo menos um elemento comum (o radical) a todos os termos, conforme se observa num agrupamento do tipo de *enseignement, enseigner, enseignons* etc. (*ensino, ensinar, ensinemos*); (2) quando a série se baseia num elemento como o sufixo, a exemplo de uma sequência de palavras como *enseignement,*

⁴⁰ As noções de *forma* e *sentido* recebem acepções distintas nos dois referidos textos de Benveniste. Por isso, sugere-se como leitura complementar, aos interessados, o texto de Flores (2013, p. 127-146).

armement etc. (*ensinamento, armamento* etc.); (3) quando a associação funda-se na simples analogia de significados, como num conjunto de palavras do tipo de *ensino, instrução, aprendizagem, educação* etc.; e (4) quando a associação acontece na analogia das imagens acústicas, como o que se observa em *enseignement* e *justement* e em *ensinamento* e *lento*.

Já quando se objetiva explicar o funcionamento semântico da linguagem, nota-se que essas relações associativas e sintagmáticas – apesar de pertencerem a domínios distintos – são tão indissociáveis, fenomenologicamente, quanto *língua* e *fala*. Desse modo, seguindo esse mesmo percurso metodológico de Saussure, na década de 1950, Roman Jakobson reinterpreta as relações *in absentia* e *in praesentia* e, segundo Milano e Flores (2016, p. 42), "[...] funda um pensamento sobre a linguagem cuja complexidade ainda está por ser avaliada". Mantendo-se fiel à epistemologia saussuriana, Jakobson afasta-se da ideia retórica de uso figurativo da linguagem e desenvolve uma teoria que abre um campo acerca de *mecanismos de construção do discurso* – portanto uma teoria do funcionamento da linguagem, conforme defendem Milano e Flores (2016) – a partir das noções de *metáfora* e de *metonímia*. Num certo redimensionamento de noções saussurianas, Jakobson (2013, p. 61) postula que há *similaridade* (processo metafórico) e possibilidade de *substituição* nas relações *in absentia* e *contiguidade* (processo metonímico) e *combinação* nas relações *in praesentia*⁴¹.

Nessa perspectiva, relacionando-se o signo *pão*, por exemplo, com um signo que dá nome a uma pessoa do sexo feminino – cuja relação pode ser verificada num enunciado como *Maria é um pão* –, nota-se que o significado do signo *Maria*, nesse caso, conduz a continuação como *Maria é bondosa* ou *Maria é bonita*, mas nunca a uma continuação literal do tipo de *Maria é um pão* (pão = alimento). O que esse enunciado revela semanticamente não é, portanto, uma identidade (*Maria* = *pão*), mas uma semelhança (*Maria* \cong *pão*) que se encontra em traços do significado tanto do signo *Maria* quanto do signo *pão*. Tem-se, assim, o que Jakobson (2013) chamou de processo metafórico, construído por relações semânticas de similaridade no eixo paradigmático (*in absentia*).

Por sua vez, o processo *metonímico* – construído na e pela unidade discursiva mínima chamada *sintagma*⁴² – revela como cada um dos dois elementos do conjunto binário é *parte*

⁴¹ Esse resgate do pensamento jakobsoniano justifica-se, aqui, pelo fato de ele ter sido recuperado por Graeff (2012) para explicar a conexão entre enunciados no discurso/texto, pela Semântica Argumentativa, conforme se poderá verificar na subseção 2.2.2 (p. 79; nota 81).

⁴² Faz-se relevante salientar, segundo Câmara Jr. (1978, p. 223), que o termo *sintagma* foi estabelecido por Saussure para designar a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior. No entendimento do referido linguista – definição implícita em Saussure – pode-se entender por *sintagma* "[...]um conjugado binário (duas formas combinadas), em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro

de um todo e como nenhuma dessas partes é autossuficiente. Isso quer dizer que o elemento linguístico *-a* de *canta*, por exemplo, fora do conjunto sintagmático do qual faz parte, nada significa. Os dois elementos que constroem um sintagma nunca podem se dessolidarizar, portanto, sob pena de incompreensão. Passando do nível da palavra para o da frase, verifica-se que a noção jakobsoniana de *metonímia* constitui uma importante ferramenta de explicação de determinados sentidos característicos do *discurso artístico*. Note-se que

Na frase bíblica "*ganhar o pão com o suor do seu rosto*", há duas metonímias, *pão* e *rosto*, obtidas pelo processo de substituição da *parte pelo todo*: *pão* equivale, ali, a *alimento* e *rosto* equivale a *corpo*; e há, nessa mesma frase, uma terceira metonímia, obtida pelo processo de substituição do *efeito pela causa*: *o suor é efeito da fadiga*. Como se vê, a *contigüidade* característica da sintagmática não se refere, simplesmente, à contigüidade de significantes, mas, também, à *contigüidade de sentido*. (LOPES, 2000, p. 93, grifos do autor).

Embora, em linhas gerais, Jakobson defendesse a ideia de que a *poesia* pode ser caracterizada pelo processo metafórico e de que a *prosa* pode ser caracterizada pelo processo metonímico, é possível pensar na existência de um *continuum semântico-argumentativo* da linguagem, em que *metáfora* e *metonímia* nunca se dissociam. Como decorrência disso – apesar de essas divisões clássicas (de *poesia* x *prosa* e de *metáfora* x *metonímia*) serem significativamente importantes de um ponto de vista metodológico –, quando se olha para o *discurso* e, por isso, para o fenômeno *linguagem*, torna-se um exercício mais produtivo e funcional observá-lo pela dicotomia empregada nesta tese, entre *discurso artístico* x *discurso não artístico*, visto que, como se poderá verificar nas análises do capítulo 3, determinados discursos em prosa (um *artigo de opinião*, por exemplo) podem constituir-se, do ponto de vista semântico, muito mais pelo processo metafórico do que pelo processo metonímico.

A fim de reinterpretar as noções saussurianas de relação *in absentia* e *in praesentia*, Jakobson (2013, p. 61, tradução nossa) acrescenta que "o desenvolvimento de um discurso pode ser feito ao longo de duas linhas semânticas diferentes: um tema (*tópico*) conduz a outro seja por similaridade seja por contigüidade"⁴³. Isso quer dizer, conforme já se afirmou anteriormente, que os processos metafórico e metonímico estão, para o linguista russo, no próprio mecanismo de constituição do discurso. Diversos estudos sobre *afasia* surgiram a partir disso, já que o referido distúrbio de linguagem foi explicitamente tratado pelo linguista a partir das noções de *metáfora* e de *metonímia*. É preciso salientar, no entanto, que ainda

elemento, que é DETERMINADO. Quando a combinação cria uma mera coordenação entre os elementos, tem-se, ao contrário, uma SEQÜÊNCIA".

⁴³ "Le développement d'un discours peut se faire le long de deux lignes sémantiques différentes : un thème (*topic*) en amène un autre soit par similarité soit par contigüité." (JAKOBSON, 2013, p. 61, tradução nossa).

muito se tem a dizer sobre o funcionamento semântico do texto e do discurso, com base nessas duas importantes noções da teoria jakobsoniana sobre a linguagem.

Como Roman Jakobson, Oswald Ducrot é outro linguista moderno que buscou reinterpretar as noções saussurianas de *relação*, especialmente a *relação in praesentia*. Na primeira conferência proferida na Universidade de Buenos Aires, em 2002 – publicada no livro *La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos* –, Ducrot (2005, p. 11-25, tradução nossa) inicia sua reflexão explicando que a Argumentação na Língua “[...] é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua”⁴⁴. Por essa razão, para que se possa compreender a ANL em suas diferentes fases de desenvolvimento, é preciso conhecer plenamente a teoria saussuriana e seus fundamentos. À luz dessa perspectiva, é essencial ter presente a ideia de que a *língua* – conforme foi possível verificar na seção 1.2 – é um sistema de signos constituídos por dois elementos: um *significante* e um *significado*.

Para pensar a construção semântica de um ponto de vista puramente linguístico, também é preciso considerar o fato de que o *significado* (conceito) de cada “peça” (signo) desse sistema se constrói, simultânea e paradoxalmente (CLG, 1975, p. 133-134), a partir de relações de *semelhança* e de *dessemelhança* tanto com a sua contraparte (significante/imagem acústica) quanto com os outros signos da língua considerados na sua totalidade. Desse fenômeno considerado paradoxal, conclui o mestre suíço:

Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao *sol*”. (CLG, 1975, p. 135, grifos do autor).

No capítulo do livro *Nouveaux regards sur Saussure*, intitulado *La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?*, Ducrot (2006, p. 153) declara-se infiel a Saussure em diversos ângulos de sua teoria, mas não no que se refere à noção de *valor*, a qual, segundo ele, além de tê-lo inspirado e conduzido à pesquisa linguística, é a noção norteadora de todo o seu trabalho em Semântica. Logo, por ter escolhido manter o núcleo da teoria saussuriana, os aspectos seguintes devem ser plenamente compreendidos: (1º) o porquê de a Semântica Argumentativa ser considerada uma teoria linguística *estruturalista*, isto é, que

⁴⁴ “[...] es una aplicación del estructuralismo saussuriano a la semántica lingüística en la medida en que, para Saussure, el significado de una expresión reside en las relaciones de esa expresión con otras expresiones de la lengua.” (DUCROT, 2005, p. 11-25, tradução nossa).

busca estudar a língua pelas relações intralinguísticas entre as *palavras*, entre as *frases*, entre os *textos*, sem a tentativa de descrever o sistema em referência a objetos ou a ideias; e (2º) a origem e o ensinamento implícito no conhecido *slogan* de Ducrot segundo o qual as *entidades linguísticas* (*palavras* e *frases*, segundo a terminologia da ANL) não têm *sentido*.

Considerando-se que, ao longo de sua carreira, Ducrot refutou algumas hipóteses de suas teses, é importante deixar claro que a principal hipótese que ele guarda de Saussure até o momento atual de sua Semântica é a de que as *palavras se referem às palavras*. Ao descrever a conjunção "mas" nela mesma, por exemplo, Ducrot rejeitou a hipótese saussuriana segundo a qual a relação que as palavras mantêm entre si é uma relação de diferença. A Teoria dos Topoi – principalmente com a noção de *topos intrínseco* – e as descrições lexicais da TBS também abandonaram a referida hipótese do mestre genebrino.

Inquieto com a noção saussuriana de "relação de um signo com outros", Ducrot (2005, p. 11-13) propôs considerar como relações semanticamente pertinentes as *argumentativas*, também chamadas – nos termos da ANL/TBS – de *encadeamentos argumentativos* ou simplesmente *argumentações*. Embora todas essas noções sejam aprofundadas no próximo capítulo desta tese, algumas explicitações teóricas são adiantadas aqui, a fim de mostrar, em especial, a presença de certos princípios saussurianos na Semântica Linguística. Cabe salientar, em vista disso, que encadeamentos argumentativos são sequências de dois segmentos unidos por um conector do tipo de *portanto* (*donc*) ou do tipo de *no entanto* (*pourtant*). No primeiro caso, as argumentações são ditas *normativas*, a exemplo de *Pedro é rico, portanto é feliz; Pedro é feliz, porque é rico* e *Se Pedro é rico, então é feliz*. Já, no segundo, as argumentações são ditas *transgressivas*, a exemplo de *Pedro é rico, no entanto não é feliz; Embora seja rico, Pedro não é feliz; Ainda que Pedro seja rico, não é feliz*, e também justaposições sem conector explícito, como *Pedro ama Maria, ele foge dela*.

Segundo essa perspectiva, o *sentido* de uma entidade linguística é definido, então, como um conjunto de encadeamentos argumentativos associados pela língua à própria entidade⁴⁵ (DUCROT, 2006). Com isso, o encadeamento argumentativo é a unidade básica de sentido ou, nos próprios termos de Ducrot (2016), o "átomo semântico", visto que, fora da relação estabelecida entre dois segmentos, *palavras* e *frases* contêm apenas uma *significação*, isto é, um conjunto de instruções dadas àqueles que buscam interpretar o *sentido* dos *enunciados* e dos *discursos*. Logo, na medida em que a ANL é uma teoria do encadeamento argumentativo estabelecido entre dois segmentos (ou entre duas *frases*, isto é, dois elementos

⁴⁵ Como se verificará na seção 2.6 do próximo capítulo, essas argumentações que constituem o sentido de uma entidade podem conectar-se pela língua de forma interna ou de forma externa.

da *fala*, em termos saussurianos), Ducrot (2016, p. 55, tradução nossa) afirma que "o Saussure ao qual a TBS se refere é, assim, um Saussure revisitado por Chomsky"⁴⁶. No entendimento de Ducrot (2006; 2016), Saussure não admitiria tomar por *átomo semântico* os encadeamentos de frases; portanto, tê-los-ia considerado como extralinguísticos e relegado à *fala*.

Para finalizar esta seção, vale destacar que – estando plenamente de acordo com Saussure – Ducrot (2006, p. 162, tradução nossa) também não vê possibilidade de distinguir sentido próprio de sentido figurado, pois, segundo o autor, "quando se admite essa distinção, vê-se o sentido próprio como certo objeto, material ou psicológico, existindo fora da língua, o que seria também o caso para o sentido figurado"⁴⁷. Logo, ao assumir a tese de que o significado de um signo, em termos saussurianos, é um valor puramente negativo e, nos termos da TBS-standard, um conjunto de encadeamentos argumentativos, Ducrot (2006) não vê como uma *figura* – ao conceber uma relação entre dois objetos extralinguísticos – poderia reunir o sentido próprio de uma palavra a seu sentido figurado. Em vista disso, sob essa perspectiva, uma palavra como *porta* – tanto num uso banal, "próprio", quanto num emprego dito "figurado" – deve ser parafraseável por um encadeamento como "separação PT acesso"⁴⁸, cuja descrição semântica realiza o programa saussuriano de fechar a Linguística nela mesma.

Na próxima seção, busca-se pensar o discurso artístico à luz dos princípios e dos conceitos do *estruturalismo linguístico*. Como "arte" e "literatura" são domínios notadamente ainda pouco explorados em Semântica Argumentativa, evidencia-se, ao longo da próxima dezena de páginas, um campo de pesquisa a ser amplamente desenvolvido na área.

1.4 Estruturalismo linguístico e discurso artístico: uma aproximação

O mestre suíço Ferdinand de Saussure – sabe-se – nunca se declarou "estruturalista", nem mesmo utilizou a palavra "estruturalismo" em seus cursos de Linguística Geral. No entanto, de acordo com a percepção de Ducrot (1971), toda a Linguística posterior a Saussure foi chamada de "estruturalista" pelos chomskistas. Esses linguistas sequer hesitaram em situar nessa categoria as pesquisas de André Martinet, por exemplo, cujo autor sempre teve o cuidado de distinguir seu "funcionalismo" de um "estruturalismo" ao qual nunca se filiou.

⁴⁶ "Le Saussure auquel la TBS se réfère est ainsi un Saussure revisité par Chomsky." (DUCROT, 2016, p. 55).

⁴⁷ "Quand on admet cette distinction, c'est qu'on voit le sens propre comme un certain objet, matériel ou psychologique, existant en dehors de la langue, ce qui serait aussi le cas pour le sens figuré." (DUCROT, 2006, p. 162).

⁴⁸ A inseparabilidade *sentido próprio/sentido figurado*, pela perspectiva da Semântica Argumentativa, poderá ser mais bem esclarecida no capítulo 4 desta tese.

Atualmente – com a expressiva diversidade de teorias que existe em Linguística, não apenas por uma questão de rigor teórico, mas também de respeito com o que já se publicou –, torna-se necessário fazer um recorte, quando se busca definir a expressão "estruturalismo linguístico". Sem dúvida, a noção de *estruturalismo* que se depreende de estudos e pesquisas de Jakobson, Hjelmslev, Greimas, Benveniste e Ducrot, por exemplo, não tem exatamente a mesma acepção. Daí a necessidade de um recorte teórico e de pleno conhecimento da teoria de cada linguista por parte de quem busca a definição, uma vez que, se a ideia de "estrutura" fosse simplesmente sinônimo de algo como "organização regular", a pesquisa das chamadas "estruturas linguísticas" seria tão antiga quanto o estudo das línguas⁴⁹.

É essencial deixar claro, por causa disso, que a definição de "estruturalismo linguístico" que se vai apresentar nesta seção fundamenta-se, sobretudo, em Saussure (2016, 2012) e em Ducrot (1971, 1987, 2018). Já a aproximação e o deslocamento do pensamento estruturalista – em seu aspecto semântico – para compreender o *discurso artístico*⁵⁰ encontra inspiração na Semântica Argumentativa; em Arrivé (2010), mais especificamente no sexto capítulo de seu livro *Em busca de Ferdinand de Saussure*, intitulado *Saussure às voltas com a literatura*; e na *Introdução* ao livro *Retórica Geral*, de Dubois et al. (1974).

Em manuais de Linguística e em livros de história das ideias, encontra-se o registro de que filólogos e gramáticos estavam de acordo, até o fim do século XIX, com uma definição de *língua* que estivesse próxima, fundamentalmente, à *expressão do pensamento*. As primeiras obras de Wittgenstein, por exemplo, mantinham essa noção de *língua*, aplicada principalmente à linguagem lógica, para provar que o enunciado deveria refletir a proposição que formula. Isso quer dizer que o pensamento de si, para si mesmo ou elaborado para outrem oferecia-se graças à linguagem. Antes disso, ainda nas gramáticas gerais do século XVII, já se acreditava que a construção de uma frase imita a ordem necessária do pensamento. O chamado "estruturalismo linguístico" do século XX, por conseguinte, não teve de introduzir a noção de *estrutura* – há muito tempo já empregada no estudo das línguas –, mas precisou transformá-la, dando-lhe uma nova significação.

⁴⁹ É importante salientar – de acordo com Sériot (2012, p. 285, tradução nossa) – que, "para Jakobson e Troubetzkoy, a estrutura é imanente à ordem das coisas; para Saussure, ela só pertence ao objeto construído: a língua". Recordo o referido autor (2012) que, para Saussure (que tem uma atitude *nominalista*), a língua é um sistema construído pelo linguista (e essa é também a leitura de Oswald Ducrot, por exemplo), enquanto, para o Círculo Linguístico de Praga (que têm uma atitude *realista*), a língua é um objeto ontologicamente estruturado, formando uma totalidade a ser "descoberta" pelo linguista.

⁵⁰ A expressão "discurso artístico" será empregada, ao longo desta subseção 1.4, como sinônimo de "discurso literário".

Conforme se pôde verificar nas seções teóricas anteriores – ao longo das quais se apresentou o pensamento saussuriano e o diálogo que este estabelece com a filosofia clássica, mais especificamente com a teoria da alteridade de Platão –, é importante considerar que:

Embora sustentando que a língua, concebida como um sistema de palavras, é uma espécie de microcosmo, cuja ordem é a réplica fiel da ordem universal, descobre-se, nos elementos dêsse (sic) microcosmo, um outro mundo, êle (sic) também regulamentado e hierarquizado, mas que só dá testemunho de si próprio. Essa descoberta de uma organização arbitrária é sem dúvida um dos primeiros esboços do conceito moderno de estrutura lingüística. (DUCROT, 1971, p. 34).

Também presente nos trabalhos de Humboldt – linguista dos primórdios do século XIX –, a ideia de *modo de organização de uma língua*, por arbitrário que fosse, mantinha-se fiel à tese tradicional de que a língua é um espelho do pensamento. Portanto, pode-se afirmar que Saussure é o primeiro linguista que vai sistematizar certas ideias esparsas e muitas vezes contraditórias – de filósofos, gramáticos e comparatistas – sobre as noções de *estrutura* e de *sistema*, deixando de lado o aspecto cognitivista da linguagem para defender que a língua é um sistema de signos arbitrários com poder de *comunicação*, e não, antes disso, um sistema de *representação*. É preciso registrar, ademais, que foi Saussure quem ensinou o linguista a buscar, no interior da própria língua, a explicação para a existência de elementos linguísticos não dados, à primeira vista, no "texto" a partir do qual busca descrever e explicar o sistema. Enfim, segundo Ducrot (1971, p. 56, grifos do autor), "*Pressupor no elemento o sistema, eis o que constitui, a nosso ver, o contributo próprio de Saussure ao Estruturalismo lingüístico*".

A chamada *autonomia da língua*, que foi lentamente conquistada numa linguística representacional, torna-se a essência de uma linguística da comunicação. Para esta última perspectiva, cada *frase* – considerada um signo autônomo – é suscetível de transmitir significações muito diferentes de acordo com as circunstâncias em que é utilizada. Considerando-se nesse sentido que o "discurso artístico" apresenta usos linguísticos bastante singulares – muitas vezes marcados por signos relativamente arbitrários⁵¹ –, fundamentá-lo com base em princípios do "saussurianismo" significa não apenas explicitar suas características de forma e de conteúdo, mas também, e sobretudo, desvelar a própria natureza

⁵¹ Como foi possível verificar na seção 1.1, o arbitrário relativo evidencia-se como uma característica do discurso poético. Em termos platonianos, segundo Dubois et al. (1974, p. 29), "[...] a linguagem poética tende constantemente a motivar os signos, tomando resolutamente contra Hermógenes o partido de Crátilo". É preciso salientar, todavia, que não apenas pelo fato de o arbitrário estar na própria natureza do signo linguístico, mas por ser condição fundamental para a existência do sistema, portanto do compartilhamento de significante e significado, o signo linguístico nunca será completamente motivado. O referido fenômeno da motivação relativa – notadamente tratado por Saussure – é uma das características da poesia que a levam a ser reconhecida como obra de arte pelas instâncias legitimantes.

semântica da língua. Para tanto, é fundamental considerar – segundo Ducrot (1971) – que a *escolha do significado* pelo locutor varia tanto no interior de uma língua dada quanto de língua para língua. Logo, é preciso estar ciente de que descrever uma língua natural – com base em uma perspectiva teórica cuja noção de *língua* seja a de instrumento de comunicação – significa considerar a Semântica como um componente essencial da análise linguística.

Como se pôde verificar em seções anteriores, a realidade (ou *valor*) de cada signo, para Saussure, é inseparável de sua situação no sistema. Isso quer dizer que todos os erros revelados pelos estudos linguísticos tradicionais originam-se – de acordo com o mestre – no fato de eles terem atribuído aos elementos da língua uma identidade material baseada na sua constituição fônica ou no seu conteúdo semântico. Pelo fato de as línguas naturais serem abertas do ponto de vista semântico, diferentemente dos códigos aos quais os fonólogos as comparam, por exemplo, é possível afirmar – segundo Ducrot (1971) – que uma Semântica Estrutural distingue-se radicalmente de uma transposição semântica da Fonologia.

A noção filosófica de *arbitrariedade fundamental da língua* – recuperada e desenvolvida por Saussure – mostra como cada idioma constrói sua própria organização sem evocar a realidade exterior através de "etiquetas" ou de "coisas a etiquetar". Daí se depreende a definição de *estruturalismo* apresentada e empregada por Oswald Ducrot em sua teoria – principalmente no início de sua carreira –, quando defendia que era necessário compreender o *valor* de um termo como sua diferença em relação aos outros termos. Segundo o autor (1987, p. 67), "ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros, ignorando voluntariamente aquilo que, na sua natureza individual, se defina apenas em relação aos objetos de outro domínio". Isso quer dizer que o estruturalismo se aplica, em Linguística, sempre que se busca estudar a língua pelas relações intralinguísticas entre as palavras, os enunciados e os discursos, sem a tentativa de descrever o sistema em referência a ideias ou a objetos aos quais ele faz alusão. Por causa disso, o estruturalismo – conforme afirma Ducrot (2018, p. 14) – "se opõe absolutamente ao positivismo que quer descrever a língua, fazendo-a corresponder a ideias, e isso se opõe, é claro, ao referencialismo que quer descrever a língua fazendo-a corresponder a coisas".

Desse modo, princípios que não apenas revelam a chamada natureza autônoma da língua – *arbitrariedade, relação e valor* – também supõem e implicam uma *poética*, que, de acordo com Meschonnic (2005, p. 10), não chegou a ser expressa por Saussure. Em realidade, pode-se dizer que as reflexões do mestre em torno do "texto literário" apresentam-se de forma incipiente em suas pesquisas. Uma de suas contribuições mais difundidas sobre esse aspecto

nos estudos linguísticos contemporâneos diz respeito aos *anagramas*, isto é, espécies de formas convencionais de poemas da antiguidade. Nesses textos, explica Ducrot (1971), Saussure buscou investigar, na sua função linguística oficial, como os poetas faziam aparecer em lugares privilegiados – de maneira alternada e possível de perseguir ao longo dos poemas – os fonemas e as sílabas de uma palavra-chave que constituiria o tema secreto da poesia.

Embora uma posição explícita de Saussure sobre a *literatura* seja praticamente ausente do CLG, as alusões que são feitas a essa noção têm o propósito de marcar, de acordo com Arrivé (2010), a parte que ela tem na constituição da *língua literária*. Manifesta essencialmente na e pela escrita, essa *língua literária* é também chamada de *língua culta* por desenvolver-se em instituições como a Escola e a Igreja. Saussure afirma que "a língua literária ultrapassa, em todas as partes, os limites que lhe parece traçar a literatura: recorde-se a influência dos salões, da corte, das academias" (CLG, 2012, p. 54), de onde é possível concluir que a *língua literária* não se confunde com a *língua da literatura*⁵².

Sendo um produto da cultura, a *língua literária* faz parte do *sistema externo*, está indissolúvelmente ligada à "letra" e é regulamentada pela escrita. Como consequência disso, é preciso registrar duas questões fundamentais: (1) a *língua corrente* ou *natural* é essencialmente oral e é a única resultante do *sistema interno* e (2) a noção de *literatura oral* é – de acordo com o entendimento de Arrivé (2010) – impossível para Saussure, pois até mesmo a lenda só é *literária* por ocasião de seu acesso ao escrito. Embora o mestre tenha considerado a existência das duas referidas maneiras de ser da língua, ele mesmo ensinou (CLG, 2012, p. 54) que é função do linguista examinar as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente. Segundo o mesmo estudo de Arrivé (2010, p. 162, grifos do autor), apenas dois exemplos da *língua da literatura* aparecem no CLG: "a inovação

⁵² No verbete definicional denominado "Literatura" do *Dicionário de Lingüística e Gramática*, Camara Jr. (1978, p. 161-162, grifos do autor) afirma: "Literatura – Em sentido lato, as manifestações de língua escrita feitas para um público geral de leitores. Em sentido rigoroso, a aplicação da linguagem com objetivo de arte, equivalente à atividade poética (v.). Neste sentido, transcende do conceito de 'letra' (latim. *littera*) e pode ser oral ou escrita, ou antes, cria-se como atividade estética oral, que se encontra sempre nas sociedades ágrafas (v.) sob o aspecto de hinos religiosos, cantos, guerreiros, fábulas, mitos, cantigas de roda e acalanto, adágios, etc., e continua como parte do folclore (v.) nas sociedades que possuem língua escrita e uma literatura escrita inteiramente desenvolvida da literatura oral primitiva ou, em maior ou menor parte, inspirada na literatura escrita de outro povo [...]. A língua empregada na literatura tem o nome de língua literária, e diverge em seu conceito, segundo o sentido lato ou sentido rigoroso que se dá ao termo literatura. No primeiro sentido, é uma língua escrita (v.) submetida a uma norma (v.) escrita, que é estudada, explicada e interpretada na filologia (v.). No segundo sentido, é a língua poética, isto é, a língua a serviço da criação poética, utilizando sistematicamente recursos estilísticos e convenções próprias de objetivo artístico; esses recursos e convenções variam de época para época e caracterizam os grupos de literatos associados entre si por uma comunidade de ideais estéticos sob o nome de escolas literárias, muitas vezes abrangendo vários povos de línguas diferentes e superpondo-se às diferenças de língua nacional [...]"

analógica de Rousseau, que utiliza *traisait* em vez de *trayait* como imperfeito de *traire* (p. 231) e a formação, por Lactâncio, de *meridionalis* em vez de *meridialis* (p. 233)".

Pelo fato de Saussure estar mais preocupado com o sistema interno, as noções de *escrita* e de *discurso*, por exemplo, não chegaram a ser efetivamente desenvolvidas em seus cursos. Isso não significa, no entanto, que ele as desconsiderou, inclusive porque – como já se verificou até aqui – ambas as noções sempre foram referenciadas e tratadas como essenciais no CLG e nos ELG. Segundo Arrivé (2010, p. 168), basicamente três tipos de discursos aparecem no CLG: o da *língua natural*, o dos *textos anagramáticos* e o dos *textos lendários*. Transpondo essa terminologia saussuriana para o vocabulário desta tese, é possível dizer que estes dois últimos tipos de discurso podem ser considerados *discursos artísticos*.

No campo dos anagramas, por exemplo, Saussure observou que o princípio da *linearidade do significante* (isto é, o da *consecutividade espaço-temporal*) e o da evolução diacrônica não são constantes. Com isso, os dois modos saussurianos de intervenção do tempo na linguagem – ao serem violados nesse tipo de discurso – constituem uma característica por intermédio da qual é possível distinguir o *anagrama* do discurso da *língua natural*. Já o discurso *lendário* encontra-se numa situação intermediária, uma vez que não é fundamentalmente especificado pela prática do anagrama: não questiona o princípio da linearidade, por exemplo. Em vista disso, nas palavras de Arrivé (2010, p. 177), "o texto lendário, diferentemente do texto anagramático, só é literário por acidente".

Ao chegar a esse ponto da reflexão, pode-se levantar a seguinte questão: qual é, finalmente, o lugar da noção de *literatura* no chamado "estruturalismo saussuriano"? Alguns estudiosos de Saussure já buscaram responder essa pergunta. Em artigo intitulado *Saussure, Benveniste et la littérature*, por exemplo, Daniel Delas explica que

Se a língua pode ser considerada uma "antologia inveterada das práticas da fala", segundo uma fórmula de François Rastier, a literatura, tomada no sentido amplo como conjunto dos discursos culturais que leem e constituem uma sociedade como tal, é o lugar do sentido por excelência. E particularmente a literatura tomada num sentido mais restrito como o conjunto dos discursos tidos como artísticos e reconhecidos como tais pelas instâncias legitimadoras. E isso explica por que Saussure, embora às vezes impregnado da ideologia positivista de seu tempo que referia a abordagem da literatura ao gosto do homem íntegro, não deixou de procurar na literatura a manifestação de elementos específicos recorrentes e pertinentes, os quais lhe permitiriam construir uma linguística da fala, isto é, se alguém quiser pensar sobre isso, uma semântica e/ ou uma poética. Uma poética que não trabalha em um corpus de citações antológicas, engessado na língua, mas na produção de um discurso vivo. (DELAS, 2005, p. 58, tradução nossa)⁵³.

⁵³ "Si la langue peut être considérée comme une « anthologie invétérée des pratiques de parole », selon une formule de François Rastier, la littérature, prise au sens large comme ensemble des discours culturels qui lisent et constituent une société en tant que telle, est le lieu du sens par excellence. Et singulièrement la littérature prise

Duas importantes noções de *literatura* são apresentadas por Delas nesse trecho. A partir da primeira noção, pode-se levantar a seguinte problemática: (a) conjunto dos discursos culturais que estão registrados na e pela língua e constituem uma sociedade como tal, a literatura é o *lugar por excelência do sentido*. Por que, então, muitos semanticistas buscaram desviar-se do texto literário? Do mesmo modo, a partir da segunda noção de *literatura*, que se depreende do excerto em foco, surge a seguinte problemática: (b) conjunto de discursos tidos como "artísticos", a literatura também foi levada em consideração por Saussure – por meio de elementos específicos recorrentes e pertinentes – em vista de uma *linguística da fala*. Que *semântica* e que *poética* são essas que estão implícitas na teoria saussuriana? Segundo a resposta do próprio autor, trata-se de uma *poética* do discurso vivo, da língua em uso.

Para responder à questão da problemática (a), porém, é preciso voltar às reflexões apresentadas na Introdução desta tese. Em primeiro lugar, vale recordar o fato de que, por muito tempo, os linguistas buscaram deixar o sentido de fora da descrição linguística e, em segundo lugar, que a "língua da literatura" foi considerada objeto de estudo da Retórica e, mais tarde, da Estilística, mas não propriamente da Linguística. Como transgredia as normas da "língua corrente", muitos semanticistas optaram por desconsiderar a "língua da literatura" de suas pesquisas, tomando-a simplesmente como um afastamento da "língua corrente". Entretanto, para os semanticistas seguidores do pensamento saussuriano – a exemplo de Ducrot e colaboradores –, essa decisão metodológica não se sustenta, visto que, antes de tudo, não é possível separar *sentido próprio* (característico, segundo a concepção clássica do sentido, dos discursos em *língua natural*) de *sentido figurado* (característico, segundo a concepção clássica do sentido, dos discursos constituídos pela chamada *língua da literatura*).

Notadamente, contudo, quando se assume a posição de que a *literatura* é o lugar por excelência do sentido, a decisão metodológica mais coerente torna-se aquela que busca utilizar o *discurso literário* como *corpus* fundamental de análise semântica. Como bem explica Chiss (2005), a própria semelhança das chamadas dicotomias do CLG (poder-se-ia citar, fundamentalmente, os pares *língua/fala*, *paradigma/sintagma*, *sincronia/diacronia* e

dans un sens plus restreint, comme l'ensemble des discours reçus comme artistiques et reconnus comme tels par les instances légitimantes. Et cela explique que Saussure, pourtant par ailleurs si imprégné de l'idéologie positiviste de son temps qui renvoyait l'approche du littérature au goût de l'honnête homme, n'ait cessé de chercher dans la littérature la manifestation d'éléments spécifiques récurrents et pertinents, qui lui permettraient de construire une linguistique de la parole, c'est-à-dire si l'on veut bien y songer, une sémantique et/ ou une poétique. Une poétique qui ne travaille pas sur un corpus anthologique de citations endurées dans la langue mais sur la production d'un discours vivant." (DELAS, 2005, p. 58).

significante/significado) fabrica um "estruturalismo literário", por intermédio do qual é possível pensar na integração do *literário* no *linguístico*. Nas palavras do autor:

Hoje, as linguísticas que pretendem teorizar o discurso – quer se trate da análise dos discursos, quer da pragmática (matrizes chegadas à maturidade, já que elas fazem o objeto de dicionários) – "esquecem" da literatura ou relegam a poética à "função poética" e se sustentam de uma repartição disciplinar em que a retórica e a estilística continuariam a compartilhar o campo do literário. (CHISS, 2005, p. 39, grifos do autor, tradução nossa)⁵⁴.

Talvez o melhor caminho para a inclusão do discurso literário nos estudos semânticos – a fim de abrir a possibilidade de uma "teoria da linguagem" – seja começar repensando a própria retórica em termos estruturais, conforme já sugeria Roland Barthes (1965, apud DUBOIS et al., 1974, p. 16). Sem dúvida, a releitura que Jakobson (2013) fez das noções de *relação associativa* e de *relação sintagmática* de Saussure – por meio de uma reinterpretação das noções clássicas de *metáfora* e *metonímia* – é um marco fundamental dessa releitura que Barthes dizia ser necessário realizar da retórica em termos de uma linguística estrutural.

No entanto, ainda muito se tem a descobrir e a redescobrir nesse campo que põe Linguística e Literatura em efetivo diálogo. Já está mais do que comprovado que a retórica, tal como elaborada à sua própria época, não explica todos os procedimentos de construção de sentido na linguagem literária, por exemplo, visto que – conforme esclarecem Dubois et al. (1974, p. 18) – "o próprio estilo dos 'modernos' escaparia às categorias da Retórica". É certo que encarar o discurso literário – mais especificamente o discurso poético – do ponto de vista linguístico significa, ao mesmo tempo, repensar o lugar do semanticista diante da sua tarefa de descrição e de explicação semântica. Isso decorre do fato de a *língua da literatura*⁵⁵ ser um sistema cuja característica principal é a transgressão radical, marcada por enunciações bastante singulares às quais, em geral, só é possível atribuir sentido no interior do próprio contexto linguístico-discursivo em que estão inseridas. Explica Todorov (1965, apud

⁵⁴ "Aujourd'hui, les linguistiques qui prétendent théoriser le discours – qu'il s'agisse de l'analyse des discours ou de la pragmatique (matrices arrivées à maturité puisqu'elles font l'objet de dictionnaires) – « oublient » la littérature ou renvoient la poétique à la « fonction poétique » et se soutiennent d'une répartition disciplinaire où la rhétorique et la stylistique continueraient à partager le champ du littéraire."(CHISS, 2005, p. 39, grifos do autor).

⁵⁵ Segundo explica Maingueneau (2006, p. 197, grifos do autor), "[...] longe de ser um 'ornamento' contingente, a literatura participa da própria constituição da língua, contribui para lhe conferir qualidade de língua, estatuto de língua. Com efeito, não há uma definição estritamente linguística do caráter de uma língua. [...] A literatura desempenha um papel capital nesse processo de delimitação das línguas. Para surgir uma língua como totalidade, para que se tracem as fronteiras de um espaço mobilizado, vinculado com uma comunidade, é necessária a referência a um *corpus*, um ambiente de uso restrito e prestigioso, particularmente uma literatura. A produção de *enunciados de qualidade* confere *qualidade de língua* ao que, na ausência disso, não passaria de um simples ambiente de comunicação verbal de fronteiras indecidíveis e sujeita a uma infinita variação".

DUBOIS et al., 1974, p. 27) que "a língua poética é, não apenas estranha ao bom uso, como também à sua antítese. Sua essência consiste na violação das normas da linguagem".

Atualmente, é possível estudar a construção semântica do discurso literário a partir de diferentes perspectivas teóricas⁵⁶. Estilisticistas que seguem a *Estética* de Benedetto Croce (1902, apud DUBOIS et al., 1974, p. 24), por exemplo, rejeitam a distinção metodológica *langue/parole* proposta por Saussure, uma vez que defendem um pensamento unificador, através do qual os homens só falam enquanto poetas. Segundo a perspectiva croceana de linguagem – pelo fato de não haver *sistema* e a literariedade ser de natureza não linguística –, *Madame Bovary*, de Flaubert, é vista como uma obra tão poética quanto *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire. Essa é, portanto, uma abordagem completamente oposta à que se defende nesta tese, haja vista que a epistemologia saussuriana – no que tange ao seu aspecto *semântico*, sobretudo, por intermédio da leitura de Ducrot e colaboradores – é seguida na sua totalidade.

Com todas as teorias *semânticas* e *enunciativas* que nasceram a partir de Saussure, continuar relegando o discurso literário à retórica e à estilística significa não apenas abandonar o projeto saussuriano de uma teoria da linguagem⁵⁷, mas também estagnar o desenvolvimento de uma explicação que se vem consolidando em torno da própria natureza semântico-argumentativa da língua. Não mais convencem as discussões que tratam o *estilo* simplesmente como *desvio* linguístico. Também se tornou difícil de aceitar a explicação de que as chamadas figuras de retórica são um simples afastamento da linguagem ordinária, inclusive porque, como já ensinava o gramático Du Marsais no século XVIII⁵⁸, as figuras fazem parte da maneira de falar cotidiana do homem mais comum, quer dizer, não estão restritas a ambientes e a grupos sociais específicos. Além disso, é importante considerar o fato de que não é necessário "distanciar" a linguagem ordinária para ser poeta, nem mesmo recorrer a todos os recursos retóricos para produzir literatura de boa qualidade. Ou seja,

⁵⁶ É importante destacar que, ao ser convidado a dar seu ponto de vista sobre a tese de Paul Valéry segundo a qual "O poeta se dedica e se consome [...] a definir e a construir uma linguagem na linguagem", Ducrot (2018, p. 97) responde nos seguintes termos: "Há duas possibilidades no que diz respeito à relação entre a poesia e a linguagem: há pessoas como Mallarmé para quem a poesia é um aprofundamento da linguagem, é dizer que a poesia consistiria em dar à linguagem um sentido mais puro. E depois, há uma outra concepção que me parece ser a de Valéry para quem a poesia é uma obra que se fabrica através da linguagem, o que é incontestável. É claro, utiliza-se a linguagem para fazer poesia, mas eu terei mais tendência em pensar que a poesia é também reveladora da linguagem. Parece-me que a poesia é uma espécie de linguística e nisso eu estarei mais próximo de Mallarmé".

⁵⁷ É importante destacar que, embora Saussure tenha definido a Linguística como uma *Teoria/ Ciência da língua* (cf. a terminologia de Gadet, 1990, por exemplo), é possível pressupor dos CLG – e principalmente dos ELG –, um *projeto* ou, no mínimo, as ferramentas essenciais para a execução de um *projeto de teoria da linguagem*. Tal "teoria da linguagem" de filiação saussuriana pode ser depreendida – cada uma a seu modo – do pensamento de linguistas como Émile Benveniste, Roman Jakobson (cf. MILANO; FLORES, 2016) e Oswald Ducrot.

⁵⁸ Pode-se conferir seu livro publicado em 1730, intitulado *Des tropes ou des différents sens*.

Sustentar que a comunicação literária se afasta, de certa maneira, da comunicação não-literária, é evidentemente progredir muito pouco. É postular simplesmente que a literatura (ou, para manter a nossa convenção: a poesia) não é a não-literatura (e é comum em Francês chamá-la de prosa). (DUBOIS, et al., 1974, p. 26).

É, portanto, com o propósito de explicitar fenômenos semântico-argumentativos da chamada *língua da literatura* que se busca analisar, nesta tese, a *significação de palavras* e o *sentido de enunciados* e de períodos *argumentativos* em *discursos artísticos escritos*. Pela análise integrada da *argumentação linguística* e da *enunciação linguística*, acredita-se não apenas na possibilidade de se chegar à manifestação de estruturas semânticas gerais, mas também à explicitação de enunciações características do chamado discurso artístico.

1.5 Da estilística da língua a uma teoria geral da enunciação

Sucessor de Ferdinand de Saussure na cadeira de Linguística Geral, na Universidade de Genebra (1913), o linguista suíço Charles Bally foi um dos editores do *Curso de Linguística Geral* e hoje – além de ser conhecido por essa tarefa de organização do CLG, junto com Albert Séchehaye e Albert Riedlinger – é, sem dúvida, referência para o desenvolvimento das teorias *estilísticas* e *enunciativas* contemporâneas. Paralelamente à chamada *estilística literária*⁵⁹, liderada por Leo Spitzer⁶⁰, Bally foi o fundador da *estilística da língua*; e, a partir dessa disciplina ligada à Linguística – de acordo com Tullio de Mauro (1967) –, Bally deu um nível científico às pesquisas de estilística das línguas.

De berço aristotélico, pode-se dizer que a estilística seguiu, até o século XX, uma concepção de linguagem bastante formal e classificatória – a mesma linha de pensamento, aliás, que foi responsável pelo declínio da retórica. No livro *Retórica Geral*, Dubois et al. (1974) afirmam que as nomenclaturas intermináveis de figuras constituíram, se não a causa

⁵⁹ É importante salientar – de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 217) – que, "na França, a prática escolar de explicação de texto suscitou o aparecimento de uma estilística dos meios de expressão (Marouzeau, 1941, Cressot, 1947). O desenvolvimento, nos anos 60, de uma crítica estruturalista deu um golpe severo na estilística literária. Depois dos anos 90, muitos estudiosos retomaram o interesse pelas pesquisas estilísticas (Combe, 1991; Cahné e Molinié, eds., 1994; *Langages* n.º. 118 [1995]; Adam, 1997a; Karabétian, 2000). Adam, em particular, propõe "(re)integrar o estilo em uma teoria da língua e do texto" (1997a: 12), prolongando, em certos aspectos, a investigação de Bally".

⁶⁰ Conforme se lê no livro *Questões de estilística no ensino da língua* (BAKHTIN, 2013), a primeira obra de Leo Spitzer (1887-1960) é um trabalho sobre a invenção verbal em Rabelais. Nas palavras de Bakhtin (2013, p. 95), relativamente a Spitzer: "expoente da estilística literária, desenvolveu uma estilística fundada na busca da característica inerente ao estilo de um escritor. Seu método consiste na identificação da repetição constante de um motivo (o amor impossível, por exemplo) ou de uma expressão original, para, em um segundo momento, deduzir um tema psicológico central que permita explicar detalhes não observados anteriormente".

profunda, pelo menos o sinal do declínio da retórica. E foi buscando opor-se a essa visão que Bally, em seu primeiro livro – *Traité de stylistique française v.1* (1909) – propõe que a estilística deixe de ser normativa para ser descritiva. De acordo com o pensamento de sua época, Bally também reagiu à filosofia positivista do século XIX e dedicou-se ao estudo do francês falado, cujo objetivo primeiro era o de examinar o conteúdo afetivo da linguagem.

Por ser um estudo sincrônico e descritivo dos fatos da linguagem organizada, associados à afetividade e à subjetividade, a *estilística*, segundo Bally (1951), visa a examinar a estrutura de uma língua e as relações entre a fala e o pensamento dos sujeitos falantes e ouvintes. Nessa perspectiva, a *linguagem* é entendida como um sistema de símbolos de expressão e a *língua* é definida como um instrumento de comunicação ou de "enunciação" de pensamento pela fala. É a linguagem que exprime o conteúdo do pensamento, isto é, as ideias e os sentimentos, uma vez que, segundo Bally (1951), tanto os elementos intelectuais quanto os afetivos estão unidos, em doses variáveis, na formação do pensamento. Com isso, apesar de Bally reconhecer a possibilidade de a estilística ser *geral*, *coletiva* ou *individual*, postula que seu estudo não pode fundamentar-se na linguagem de um grupo social organizado, devendo começar, então, pela língua materna e pela língua falada.

A *fala* tem a tarefa de exteriorizar – de acordo com Bally (1951, p. 5) – toda a parte intelectual do pensamento. Os sujeitos criam um sistema expressivo de fatos de expressão, um conjunto de unidades relacionadas à afetividade e à subjetividade, que é sempre atualizado pelo uso da língua. É preciso observar, aqui, que essa afetividade de que trata Bally é uma manifestação espontânea das formas subjetivas do pensamento. Ao exprimir seu pensamento – sempre de forma parcial –, o sujeito falante reage a uma representação por meio de uma *constatação*, de uma *apreciação*, de um *desejo*. Em outros termos, *pensar* significa *julgar* ou *desejar* que uma coisa seja ou não seja, ou *estimar* que ela seja desejável ou indesejável.

O *sujeito* que ganha destaque na obra de Bally não é um ser empírico do mundo, mas uma representação que esse ser tem de si mesmo, da sociedade, das situações e dos demais seres que o cercam. Segundo explica Ducrot (1989, p. 191), Bally é o iniciador principal, na Linguística Moderna, da noção de *sujeito* (*sujeito da linguagem*, é importante acrescentar aqui). Inclusive, foi inspirado nessa noção que Ducrot, na década de 1980, criou uma Teoria Polifônica da Enunciação, pondo em xeque a tese que, até meados do século XX, reinara nos estudos da linguagem, relativamente à unicidade do sujeito falante. Sem dúvida, a partir do conceito de *polifonia*, Bakhtin foi um autor que mostrou a existência de mais de um sujeito do dizer. Especificamente no romance de Dostoiévski, comprovou que várias vozes ressoavam

simultaneamente no *texto*. A polifonia de Ducrot, entretanto, filia-se a Bally e explicita a existência simultânea de várias vozes no interior de um único *enunciado*⁶¹.

Na sua obra de 1932, *Linguistique générale et linguistique française*, mais especificamente na primeira seção da primeira parte, intitulada *Théorie générale de l'énonciation*, Bally (1965, p. 26-212) funda uma área de estudos linguísticos, hoje bastante difundida, a saber: a Linguística da Enunciação. Em realidade, como bem destacam Cremonese e Flores (2010), é nesse momento que a *estilística da língua* passa a se chamar *teoria da enunciação*. Assim, a partir da língua falada, Bally trata da enunciação na linguagem⁶², acentuando a relação entre o sujeito falante e o enunciado. Explica que

Toda enunciação do pensamento pela língua é condicionada logicamente, psicologicamente e linguisticamente. Esses três aspectos se recobrem apenas em parte; seu papel respectivo é muito variável e muito diversamente consciente nas realizações da fala. A análise permite, entretanto, encontrá-los por um jogo de *associações espontâneas*, ou discursivas, ou de memória, mas sempre sincrônicas, próprias a um mesmo estado de língua; essas associações permitem descobrir as *equivalências funcionais* que estão na base de todo sistema linguístico. (BALLY, 1965, p. 35, grifos do autor, tradução nossa)⁶³.

Segundo esse modo de ver a linguagem, é desse movimento enunciativo que nasce a *estilística individual*. Para Bally (1951, p. 18-19), a noção de *estilo* está associada a uma atualização individual do sistema linguístico, que não deve ser confundida nem com a noção de *estilo de um escritor*, nem com a *fala de um orador*. Bally esclarece que a estilística individual vai surgindo à medida que o indivíduo aumenta seu conhecimento do idioma materno. As particularidades que atingem certos "desvios gramaticais", a construção das frases e o próprio sistema expressivo são, em geral, pouco aparentes. Com o passar do tempo, todavia, esses estilos individuais têm o potencial de modificar o próprio sistema linguístico, depois de reconhecidos e de utilizados pela coletividade. Por isso, Bally busca uma estilística

⁶¹ Ducrot (2018, p. 83) afirma ter uma relação distante com Bakhtin. Nas palavras do autor, "eu não posso dizer que eu não me inspirei nele, sendo dado que eu não o conheço suficientemente. Eu conheço alguns lugares comuns que todo mundo repete a respeito de Bakhtin, como a ideia de que, em certos textos, o autor dá liberdade a seus personagens e, em outros, não lhes dá liberdade, mas eu não posso dizer que eu o utilizei".

⁶² A *enunciação* é, para Bally, conforme também se lê no *Dicionário de linguística da enunciação* (FLORES et al., 2009, p. 101), o ato que o sujeito realiza – utilizando os meios de expressão comuns a todos os indivíduos de uma comunidade linguística – para expressar suas ideias e sua subjetividade. Embora a inteligência também ganhe bastante realce nessa perspectiva enunciativa, a manifestação da subjetividade está sempre em primeiro plano na linguagem.

⁶³ "Toute énonciation de la pensée par la langue est conditionnée logiquement, psychologiquement et linguistiquement. Ces trois aspects ne se recouvrent qu'en partie; leur rôle respectif est très variable et très diversement conscient dans les réalisations de la parole. L'analyse permet cependant de les retrouver par un jeu d'*associations spontanées*, soit discursives, soit mémorielles, mais toujours synchroniques, propres à un même état de langue; ces associations permettent de découvrir les *équivalences fonctionnelles* qui sont à la base de tout système linguistique".

da língua afastada da literatura, capaz de explicitar o fato de que não se trata de estudar o estilo artístico pessoal, mas o uso da língua para a expressão subjetiva⁶⁴.

Haveria vantagem, segundo Bally (1965), em estudar, no interior de um único enunciado, separadamente os aspectos *lógico (dictum)*, *psicológico (modus)* e *linguístico* (a materialização do *enunciado*). O autor reconhece, no entanto, que, como os fatores psicológicos do pensamento são muito bem ajustados no que chama de "textura lógica", não se pode abstrai-los – a ponto de não ser possível separar a forma linguística dos outros dois aspectos. Por isso, de acordo com o pensamento ballyano, uma análise enunciativa das formas linguísticas também deve levar em conta os aspectos lógico e psicológico.

As referidas noções de *modus* e *dictum* – resgatadas da filosofia medieval – estão no centro da teoria da enunciação de Bally. Constituem a *frase* (nessa perspectiva, sinônimo de *enunciado*), isto é, "a forma mais simples possível da comunicação de um pensamento"⁶⁵. O *dictum* é, por um lado, a parte da frase que corresponde ao conteúdo proposicional, quer dizer, a parte que mostra objetivamente o pensamento do sujeito no contato com os signos da língua. O *modus*, por outro lado, é a atitude do sujeito em relação ao conteúdo enunciado. É pelo *modus* que a afetividade e a subjetividade são explicitadas e, igualmente, a representação formal da frase é atualizada e ganha sentido pelo falante. De acordo com o que destaca Ducrot (1989, p. 169, grifos do autor, tradução nossa), a propósito da teoria de Bally, "Se a estrutura semântica de uma frase é sempre do tipo '*Modus* (= sujeito modal + verbo modal) + *dictum*', a configuração significativa pode realizar mais ou menos explicitamente essa estrutura"⁶⁶.

Como o *sentido da frase* está atrelado ao conceito de *pensamento comunicado*, Bally (1965) explica que o *pensamento* é diferente daquilo que normalmente se chama de *ideia*. Segundo defende o autor, todo pensamento reage a uma representação: (a) quando a reação é de tipo intelectual, pode-se *aderir a ela* ou *recusá-la*; (b) quando é de tipo afetivo, é possível *alegrar-se* ou *entristecer-se* e, (c) quando é de tipo volitivo, pode-se *desejar* ou *temer* a realização da representação. Em vista disso, de acordo com Ducrot (1989, p. 166-167,

⁶⁴ Observe-se que Ducrot posiciona-se diante da *estilística* segundo a perspectiva teórica de Bally. Ao ser questionado sobre a diferença que há entre a *estilística* e uma *análise linguística*, Ducrot (2018, p. 18) manifestase nos seguintes termos: "[...] Se se entende por estilística o estudo dos diferentes modos de utilizar a linguagem, os diferentes estilos, eu penso que isso não tem relação direta com a linguística. Mas, entendendo-se por estilística o estudo do funcionamento da língua no discurso, então ela tem um lugar central na linguística".

⁶⁵ "La phrase est la forme la plus simple possible de la communication d'une pensée." (BALLY, 1965, p. 35, tradução nossa).

⁶⁶ "Si la structure sémantique d'une phrase est toujours du type « *Modus* (= sujet modal + verbe modal) + *dictum* », la configuration signifiante peut réaliser plus ou moins explicitement cette structure." (DUCROT, 1989, p. 169, grifos do autor).

tradução nossa), "[...] todo pensamento se decompõe em um elemento ativo ou subjetivo, a reação, e em um elemento passivo, ou objetivo, a representação"⁶⁷.

Aqui, é possível traçar um paralelo tanto entre a *reação* (elemento subjetivo ou ativo) da enunciação de Bally e a chamada *força ilocutória* (ordem, interrogação, asserção etc.) da pragmática de Searle quanto entre a *representação* de Bally e a *proposição* de Searle. A principal diferença, segundo explica Ducrot (1989), é que a enunciação de Bally apóia-se em uma análise do "pensamento", enquanto a pragmática de Searle apóia-se em uma análise da "atividade de comunicação". Uma importante consequência dessa diferença epistemológica estabelecida entre essas duas perspectivas teóricas atinge a noção de *sujeito*. Enquanto o sujeito do ato ilocutório é o *sujeito falante* (autor da enunciação), os sujeitos da concepção teórica de Bally são o *sujeito modal* e o *sujeito comunicante* (seres da linguagem).

Como Bally se quer linguista, porém, o que verdadeiramente lhe interessa – segundo explicam Carel e Ducrot (2013, p. 24) – são os enunciados, e não os pensamentos em si. Dessa forma, para descrever o sentido de um enunciado como *Este sermão é monótono*, conforme essa perspectiva, é necessário identificar, primeiramente, na própria significação da palavra *monótono*, um aspecto modal (a depreciação do sermão) e um aspecto dictal (a uniformidade do sermão). O segundo aspecto a ser observado, nessa análise semântica, consiste em levar em conta – de acordo com o que elucidam Carel e Ducrot (2013, p. 240) – que "[...] o modus comporta um sujeito modal e um verbo modal e que o sujeito modal, quer dizer, a origem das reações psicológicas expressas pelo enunciado, não é necessariamente o locutor, mas pode ser uma pessoa diferente, a respeito da qual o enunciado é produzido".

Na chamada *frase explícita*, distinguem-se *modus* e *dictum* e, no interior do segmento modal, é possível distinguir o *sujeito modal* e o *verbo modal*. Confirmam-se alguns exemplos:

Quadro 1: Exemplos de frases explícitas segundo Bally.

	SUJEITO MODAL	VERBO MODAL	DICTUM
1	Eu	creio	que esse acusado é inocente
2	Eu	quero	que você saia
3	Os astrônomos	pensam	que a terra gira
4	Meu marido	decidiu	que eu o engano

Fonte: Exemplos extraídos de Ducrot (1989, p. 169, tradução nossa).

⁶⁷ "[...] toute pensée se décompose en un élément actif, ou sujetif, la réaction, et en un élément passif, la représentation". (DUCROT, 1989, p. 166-167).

A regra que se pode extrair da construção semântica desse tipo de frase é do tipo "X tem tal reação diante de tal representação", em que o elemento "X tem tal reação" (1. "Eu creio" e 2. "Eu quero", por exemplo) corresponde ao *modus*; X corresponde ao *sujeito modal* (1. "Eu" e 2. "Eu"); o tipo de reação corresponde ao *verbo modal* e o objeto da reação (1. "que esse acusado é inocente" e 2. "que você saia") corresponde ao *dictum*. Embora também estejam construídas segundo a mesma regra, as frases 3 e 4 evidenciam um importante fenômeno que conduziu Ducrot a construir uma Teoria Polifônica da Enunciação. Estes dois últimos exemplos deixam claro que o *sujeito modal* não é necessariamente idêntico ao *sujeito falante*. Assim, como se pode verificar em 4, por exemplo, a enunciação realizada pela mulher não manifesta a reação verdadeiramente comunicada pela frase, isto é, a própria reação do marido diante do fato de ser enganado: algo como "Ela me engana". Em vista desse fenômeno inscrito na linguagem, Bally acrescentou um terceiro elemento, denominado *sujeito comunicante*. No exemplo 4, a voz da mulher desempenha o papel de *sujeito comunicante* e o segmento "Meu marido" se mantém, portanto, como o *sujeito modal* da frase.

Quando, no entanto, o sujeito modal não tem representante na cadeia falada, é preciso dar à chamada *frase implícita* um outro tratamento, conforme se pode verificar:

Quadro 2: Exemplos de frases implícitas segundo Bally.

	SUJEITO MODAL	VERBO MODAL	DICTUM
1	Ø	É preciso	que você pare de fumar
2	Ø	Ø	Está chovendo

Fonte: Exemplos extraídos de Ducrot (1989, p. 171, tradução nossa).

Na frase 1, o verbo modal – notadamente expresso pela construção impessoal "É preciso" – assinala que o *dictum* é objeto de uma decisão. Nas palavras de Ducrot (1989, p. 171, tradução nossa), portanto, "[...] não é precisado a qual sujeito modal a decisão deve ser atribuída: pode ser, segundo a situação de discurso, o locutor ou tal autoridade à qual o locutor faz eco"⁶⁸. O exemplo 2 apresenta uma situação em que nem mesmo sujeito e verbo modais estão representados na frase. Mesmo assim, o modo verbal indicativo deixa pistas do sujeito e do verbo modal. Ao reconstruir essa frase implícita, segundo a estrutura de uma frase explícita, ter-se-ia algo como "Eu constato que está chovendo". Logo, pode-se examinar qualquer enunciado com o objetivo de fazer aparecer um *modus* por trás de sua superfície.

⁶⁸ [...] il n'est pas précisé à quel sujet modal la décision doit être imputée : ce peut être, selon la situation de discours, le locuteur ou telle autorité dont le locuteur se fait l'écho. (DUCROT, 1989, p. 171).

A apresentação e a análise desses exemplos não esgotam, evidentemente, a Teoria da Enunciação de Bally, mas acredita-se ter-se feito, nessa resumida exposição teórica, um resgate das noções epistemológicas essenciais à plena compreensão da Teoria Polifônica da Enunciação (DUCROT, 1984), bem como das modificações que essa teoria de Ducrot sofreu em decorrência da postulação da Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL, 1995) e, mais recentemente, da Teoria Argumentativa da Polifonia (CAREL; DUCROT, 2010).

Ao concluir este primeiro capítulo sobre os fundamentos da Semântica Argumentativa de Ducrot e colaboradores, esta seção mostra como o linguista suíço Charles Bally procurou fazer uma linguística interacional da fala (em termos saussurianos, *une linguistique de la parole*), um pouco distante, todavia, do pensamento saussuriano. De acordo com Durrer (1998), Charles Bally é um divulgador de seu mestre Saussure mais pelo fato de ter sido um dos organizadores do CLG do que um discípulo que efetivamente difundiu o pensamento do mestre em sua pesquisa. É possível fazer essa afirmação, considerando-se sobretudo o fato de que três das suas quatro obras mais importantes precedem, no tempo, a publicação do CLG.

No próximo capítulo, apresentam-se os princípios e os conceitos da *polifonia linguística* e da *argumentação linguística* necessários à análise do *corpus* e à postulação da tese. Portanto, muito do que se vai ler nas próximas cinquenta páginas encontra suas raízes em teorias e em pesquisas sobre a linguagem evocadas ao longo deste capítulo 1.

2 POLIFONIA E ARGUMENTAÇÃO: A CRIAÇÃO DO DISCURSO

Depois de ter-se apresentado a epistemologia da Semântica Argumentativa, pode-se discorrer de um modo muito mais claro e situado sobre essa Semântica escolhida para fundamentar este trabalho de tese. Com isso, como indica o próprio título deste capítulo 2, apresentam-se, ao longo das seções 2.1, 2.2 e 2.3, os princípios e os conceitos da Teoria Argumentação na Língua e da Teoria dos Blocos Semânticos necessários à criação da língua-sistema e, em decorrência, à criação e ao estudo do discurso pelo linguista semanticista.

2.1 Princípios e conceitos da Teoria da Argumentação na Língua

Na atualidade, com os avanços da Semântica Argumentativa, não mais se considera a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) uma fase (uma dita terceira fase) da Teoria da Argumentação na Língua (ANL)⁶⁹. Por isso, optou-se por dedicar esta seção 2.1 a princípios e a conceitos das fases standard e standard ampliada (Teoria da Polifonia) da ANL necessários às análises do *corpus*. Trata-se, pois, de um recorte teórico realizado com objetivos claros e justificativa. A Teoria dos Topoi, por exemplo, faz parte do conteúdo teórico que ficou de fora desta pesquisa. Em vista disso, para evitar quaisquer ambiguidades, a TBS é apresentada – em suas fases standard e atual – em seções específicas, separadas da seção sobre a ANL.

2.1.1 Os níveis concreto e abstrato de realização linguística e a função do semanticista

As noções saussurianas de *língua* e *fala* – bem como o princípio de *indissociabilidade* intrínseco a esses dois pontos de vista constitutivos da *linguagem* verbal humana – estão nas bases da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), proposta por Anscombe e Ducrot (1983). Como indica o próprio título desta subseção teórica, a ANL – também chamada atualmente de Semântica Argumentativa ou Semântica Linguística – estuda as entidades linguísticas em um nível *concreto* e em um nível *abstrato* de realização. Contudo, por inscrever-se essencialmente numa "linguística da língua", essa teoria semântica parte do dado observável e desenvolve-se, em todas as suas fases, na pura abstração, isto é, no mesmo terreno de pesquisa dos fonólogos e dos sintaticistas estruturalistas, por exemplo. É a

⁶⁹ Deve-se ressaltar, a título de esclarecimento, que as expressões Semântica Argumentativa ou Semântica Linguística denominam a subárea de estudos linguísticos da qual a ANL e a TBS fazem parte.

significação das *frases* e dos *textos* o que constitui, enfim, o objeto de investigação do linguista que se lança nas pesquisas inscritas no domínio dessa Semântica Linguística.

O trabalho do semanticista encontra-se, assim, como um meio de acesso a isso que a ANL convencionou chamar de *significação*. Antes desse fazer científico, segundo Ducrot (1991), não há nem intuição nem mesmo qualquer tipo de construção daquilo que poderia ser a *significação* da frase. Ou seja, essa noção, que é puramente teórica, deve ser tomada como um ponto de chegada e jamais como um ponto de partida ou como um dado para a pesquisa. Os próprios usuários da língua desempenham um papel de linguista sempre que – embora inconscientemente – buscam intersecções de *sentidos* nos *enunciados* e constroem um mínimo semântico comum considerado como a *significação* da frase subjacente ao enunciado. A diferença entre o trabalho de um e do outro é que a chamada "linguística ordinária" fornece apenas as *significações* desprovidas de qualquer valor explicativo.

Na primeira conferência publicada na obra *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990, p. 53) exemplifica que, dizendo-se três vezes seguidas "faz bom tempo", o que existe são três *enunciados* sucessivos de uma única *frase*. A partir dessa observação, denomina-se *enunciado* uma das inúmeras realizações possíveis de uma *frase*, isto é, um segmento irrepetível de discurso entendido como a ocorrência no *aqui* e no *agora* de uma mesma entidade abstrata. Em outros termos, o enunciado é uma realidade empírica observável – quando se escuta as pessoas falarem –, notadamente realizável por meio de um conjunto material de palavras, exprimindo um *sentido completo*. A *frase*, ao contrário, é uma construção do linguista que serve para prever o sentido da infinidade de enunciados que podem ser observados. Na mesma conferência proferida em 1988, em Cali, Ducrot (1990) insiste no fato de que não se vê e não se ouve a *frase*, objeto teórico pertencente à ciência particular denominada *gramática*. Segundo o autor (1990), o que se vê e se ouve é o *enunciado*, a cujo núcleo semântico acrescenta-se o aporte contextual necessário à constituição de um *sentido completo*.

Todo *discurso* – fenômeno observável constituído por uma sequência linear de *enunciados* – apresenta o problema da segmentação de seus enunciados. Uma norma semântica para auxiliar nessa tarefa foi proposta por Ducrot (1990). De acordo com o linguista, numa situação hipotética em que o discurso X tem dois segmentos sucessivos S₁ e S₂ e, notadamente, o S₁ só tem sentido a partir do S₂, a regra é clara: S₁ + S₂ constituem um único enunciado. Aplicando essa regra no enunciado de tipo argumentativo (1) *Faz calor, vamos passear* (discurso possível na Europa, em que o calor é favorável ao passeio, e menos aceitável na Colômbia, onde o calor não é igualmente convidativo a um passeio, segundo

explica o autor [1990]), pode-se perceber apenas um enunciado constituído por S₁ "Faz calor" e S₂ "vamos passear". O que está em questão, aqui, é o *valor argumentativo* da entidade e não o seu *valor informativo*. Logo, o S₁ somente pode ser compreendido em relação ao S₂.

A fim de perceber mais claramente essa relação de natureza argumentativa, basta acrescentar a negação no S₂ – como no exemplo (2) *Faz calor, não vamos passear* – a partir do que se vai notar significativa diferença entre o sentido de *calor* em (1) e em (2). No primeiro caso, o *calor* é visto como algo que torna o passeio agradável; no segundo, o *calor* é visto como algo opressivo, desagradável. Portanto, desse ponto de vista, tanto o exemplo (1) quanto o exemplo (2) constituem um único enunciado e realizam uma única frase.

Um terceiro exemplo possível de ser apresentado para complexificar a distinção entre *frase* e *enunciado* é um enunciado como (3) *Pedro é amável, mas um pouco tolo*, em que o S₁ e o S₂ estão ligados pela conjunção *mas*. Ambos os segmentos constituem um único enunciado pela mesma razão apresentada nos casos anteriores. A *amabilidade* que se atribui a Pedro, no S₁, está determinada pela sequência *um pouco tolo* do S₂. Trata-se de uma *amabilidade* que evoca a noção de *tolice*. Todavia, caso não existisse o S₂, a *amabilidade* seria completamente diferente. Na conclusão de Ducrot (1990), um único enunciado é constituído por dois segmentos ligados por *mas*, e esse enunciado realiza uma única frase. Logo, a função do *mas*, aqui, é a de transformar *frases simples* em *frases complexas*.

Depois de distinguir as noções de *frase* e *enunciado*, Ducrot (1990, p. 56) definiu a *língua* como um conjunto de *frases*, visto que *as* línguas, de acordo com o autor, contêm um número finito de *frases simples* do tipo F₁, F₂ e F₃. Uma boa descrição linguística, por conseguinte, é aquela que busca descrever sistematicamente as frases da língua. Descrições "não sistemáticas" consistem em atribuir, improdutivamente, um valor semântico para cada uma dessas frases. Realizar "descrições sistemáticas" significa calcular o valor semântico das *frases complexas* a partir do valor semântico das *frases simples*. Em termos de gramática gerativa, o conjunto de *frases simples* não é recursivo e, portanto, a infinidade da linguagem deve-se, segundo Ducrot (1990), à existência de operadores como *quase*, *até*, *então* etc.

Nesse mesmo paralelismo metodológico, a ANL também distingue *significação* e *sentido*. Caracterização semântica da *frase*, a *significação* decorre de hipóteses explicativas e, nos termos de Ducrot (1987, p. 169-170), essa noção puramente teórica, objeto de estudo do semanticista, "pode ser representada como um conjunto de instruções dadas às pessoas que têm de interpretar os enunciados da frase, instruções que especificam que manobras realizar para associar um sentido a estes enunciados". As referidas *instruções* dizem respeito aos

diferentes movimentos argumentativos que – conforme será possível verificar na subseção 2.1.4 – constituem o *sentido*. Por outro lado, caracterização semântica do enunciado, o *sentido* – também definido como uma representação da enunciação – pertence ao domínio do observável. Explicá-lo, isto é, dizer que tal enunciado tem tal(is) sentido(s) e tal(is) interpretação(ões) é, segundo Ducrot (1991), um meio de acessar a *significação da frase*.

Não é a situação do discurso em sua totalidade – inesgotável e ilimitada, segundo Ducrot (1991) – que intervém para construir o sentido, mas apenas alguns de seus elementos. A própria significação determina a escolha desses elementos, na medida em que fornece as diretrizes para a interpretação dos enunciados da frase. Respondendo do ponto de vista semântico (parcialmente, portanto) a questão saussuriana – apresentada na *Nota sobre o discurso* – sobre como se dá a passagem da língua para o discurso, poder-se-ia dizer que ela se dá por meio do que Ducrot (1991) chama de *interpretação*. Nas palavras do autor (2017, p. 120), "a interpretação aparece dessa forma, para nós, como o meio de acessar o que é o nosso objeto próprio, a saber, a significação das frases". A função do linguista semanticista é, então, a de inventar significações para dar conta das interpretações que podem ser constatadas a partir do enunciado. Isso quer dizer que, antes de decidir se *a frase X significa Y*, deve-se estar certo de que *o enunciado da frase X, interpretado por tal testemunha, significa Y*.

Nesse processo envolvendo a própria constituição da linguagem, fica muito evidente que, entre o *sentido do enunciado* e a *significação da frase*, existe diferença de *natureza* e de *quantidade*. Em termos gerais, o primeiro tipo de diferença diz respeito ao fato de que, enquanto, por um lado, a significação está efetivamente inscrita no *sistema*, o sentido, por outro lado, depende do *discurso*, do *uso da língua*. Quanto à diferença de quantidade, pode-se dizer, por exemplo, que, no enunciado (1) *Faz calor, vamos passear*, há indicações ausentes na frase que o origina. Ou seja, somente o enunciado contém, por exemplo, as informações de que ele próprio, nesse caso, foi proferido por Oswald Ducrot no dia 31 de agosto de 1988, na cidade de Cali, na Colômbia. Nessa perspectiva, o enunciado diz mais do que a frase.

É bastante comum, nas semânticas referenciais, encontrar a tese de que o *sentido de um enunciado* contém indicações de tipo retórico, isto é, que há elementos do sentido ligados à ideia de que são obtidos por *metáfora*, *metonímia*, *litote* etc. Segundo Ducrot (2017, p. 129), porém, a ANL busca combater essa tese na medida em que mostra a atribuição desses movimentos retóricos – mais salientes em determinados enunciados do que em outros – ligados à própria significação da frase. Assim, um enunciado como (3) *Vá, eu te odeio* (proferido por Jimena a Rodrigo no ato 3 do clássico poema de literatura espanhola, intitulado

Cantar de Mio Cid) pode apresentar basicamente duas interpretações. Numa concepção referencialista, esse enunciado é geralmente interpretado como uma *declaração de amor com pudor*, sob uma forma litótica. Nesse caso, identifica-se um *valor literal* no enunciado e o próprio *recurso a uma litote*⁷⁰ como componente do sentido. Já para a ANL – teoria antirreferencialista –, uma interpretação possível desse mesmo enunciado envolveria a *observação de falsidade no enunciado assertivo* "Eu te odeio".

Isso quer dizer – segundo explica Ducrot (2017) – que, quando se detecta a existência de uma *figura de retórica* no sentido do enunciado, é preciso confrontá-lo com o seu "sentido literal" e constatar um intervalo entre eles. Nas palavras do referido linguista (2017, p. 132, grifos do autor), "porém, esse 'sentido literal' não é nada mais que outra significação da frase completada por alguns aportes contextuais – ou antes completada pelo mínimo de aporte contextual necessário para obter um valor semântico comunicável". Daí conclui o autor que a interpretação por figuras de retórica pressupõe uma *linguística da frase* e uma *concepção polifônica de sentido*, visto que – conforme se vai verificar na subseção 2.1.4 – é preciso acrescentar a uma significação particular vozes assimiladas a personagens diversos.

Como esta tese ocupa-se desses enunciados envolvendo as chamadas *figuras de retórica* e assume a concepção antirreferencialista de linguagem – proposta por Ducrot e desenvolvida por Carel –, a noção de *sentido literal* é descartada desta pesquisa. Afinal de contas, como se poderá constatar nas subseções a seguir, o "sentido literal", entendido como sendo aquilo que deriva da frase, não pode absolutamente ser interpretado como polifônico.

2.1.2 Orientação argumentativa e valor argumentativo: o mecanismo significante da língua

A Teoria da Argumentação na Língua (ANL) (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983) sustenta a hipótese geral segundo a qual usar a língua significa não apenas autorizar, mas também restringir o discurso do outro: o interlocutor. Desse modo, o *entrelaçamento* de palavras configura-se como o fenômeno linguístico responsável por essas *autorizações* e *restrições*, uma vez que a *significação* das palavras da língua já contém, nela, as *continuações* e as *restrições* que o emprego de uma palavra determina. Segundo essa perspectiva, então, é a própria significação das palavras que impõe a estrutura dos discursos.

⁷⁰ Conforme elucida Fiorin (2014, p. 73, grifos do autor), "A *lítotes* (do grego *litótes*, que significa 'simplicidade', 'frugalidade', 'exiguidade') é um alargamento semântico, uma difusão sêmica. Ao negar o contrário daquilo que se quer afirmar, tem-se uma extensão semântica, abarcando-se o sentido x e a negação do seu contrário. Quando se quer dizer que alguém é muito esperto, diz-se 'Você não é nada bobo'. 'Bobo' é o contrário de 'esperto' e é núcleo do predicado negado [...]".

A semântica desenvolvida por Anscombe e Ducrot (1983) e seguidores opõe-se àquelas perspectivas de semântica para as quais o enunciado contém um valor de verdade (verdadeiro ou falso). Essas semânticas – ditas veritativas – buscam prever em que situação o enunciado é verdadeiro. De acordo com essas abordagens de estudo do sentido, o enunciado apresenta, em si, um conteúdo informativo cujos objetivos são, respectivamente, *informar* e *convencer*. Por isso, elas se situam como perspectivas *linguísticas* e atribuem à *pragmática* o estudo das intenções dos sujeitos falantes e das ações que eles realizam por meio das palavras.

Para a ANL, a *significação* e o *sentido* são os dois componentes argumentativos da linguagem. A *argumentação* é um fenômeno que, por estar presente na própria natureza da *língua*, descarta a possibilidade de produzir enunciados e discursos com sentido não argumentativo. Por esse motivo, a ANL opõe-se a perspectivas tradicionais de estudo do sentido, dentre as quais a do linguista alemão Karl Bühler, para quem é necessário distinguir três tipos de indicações no interior do sentido: *objetivas*, *subjetivas* e *intersubjetivas*. As indicações *objetivas* consistem em uma representação da realidade; as *subjetivas* indicam a posição que o locutor assume frente à realidade; e as *intersubjetivas* dizem respeito às relações do locutor com seu interlocutor. A parte objetiva é também chamada *denotação* e as outras duas partes denominam-se *conotação*, segundo perspectivas teóricas como a de Bühler.

Tome-se, para exemplificar, o enunciado (1) *Pedro é inteligente*. Segundo a teoria do sentido concebida por Bühler, esse enunciado contém, então, as três indicações seguintes: uma *descrição de Pedro como inteligente* (indicação objetiva); a expressão da *admiração do locutor* pela inteligência de Pedro (indicação subjetiva) e uma espécie de *pedido ao interlocutor* para que tenha confiança em Pedro ou, ao contrário, desconfiança, já que ele pode usar sua inteligência para praticar ações não recomendáveis (indicação intersubjetiva).

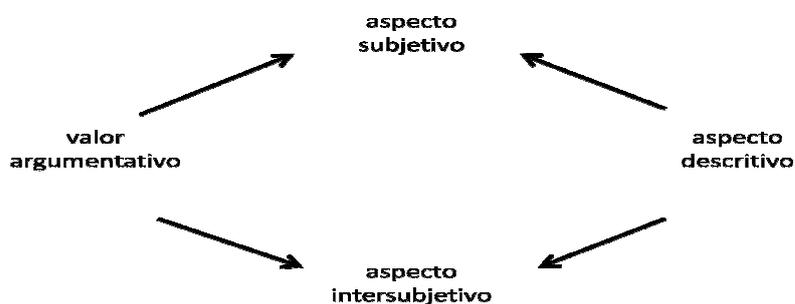
A ANL rejeita essa maneira de descrever e explicar o sentido na linguagem, pois, segundo esclarece Ducrot (1990, p. 50), se a linguagem ordinária descreve a realidade, sempre o faz por meio dos aspectos *subjetivo* e *intersubjetivo*. Assim, pode-se dizer que o modo como a linguagem descreve essa realidade consiste em mostrá-la do ponto de vista do locutor (com subjetividade) e de fazer dela um tema de um verdadeiro debate entre locutor e alocutário (com intersubjetividade) – ficando descartada a existência de tal parte *objetiva* postulada pelas concepções tradicionais de sentido. A descrição de Pedro, em (1), passa a ser vista, portanto, como expressão de uma atitude do locutor e de um chamado ao interlocutor.

Em decorrência dessa decisão metodológica da ANL, os aspectos *subjetivo* e *intersubjetivo* reduzem-se a um só conceito: o de *valor argumentativo* do discurso, também

definido como nível fundamental da descrição semântica. Esse *valor argumentativo* é a *orientação* que a palavra dá ao discurso a partir da sua significação. Assim, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso, sendo tal *valor argumentativo* de uma palavra especificamente o conjunto das possibilidades ou impossibilidades de continuação, isto é, de encadeamento que o seu emprego determina.

Veja-se, no esquema a seguir, como se constrói o valor argumentativo e como o aspecto descritivo é feito pelos outros dois aspectos:

Figura 2: Esquema de constituição do valor argumentativo.



Fonte: Ducrot (1990, p. 52).

O emprego da palavra *inteligente*, no enunciado (1), por exemplo, permite um encadeamento argumentativo como (1') *Pedro é inteligente, portanto poderá resolver esse problema* e impede uma continuação como a do encadeamento (1'') **Pedro é inteligente, portanto não poderá resolver esse problema*. Isso significa que a própria significação da palavra *inteligente* permite certo encadeamento, mas impede outro. Por essa razão, "falar" significa, de acordo com Ducrot (1990), *tratar de construir e de impor aos outros uma certa apreensão argumentativa da realidade*. Além disso, pode-se dizer que a realidade dos enunciados e dos discursos não está só neles, mas também fora deles, na sua relação com outros enunciados e discursos, cujo uso eles autorizam ou proíbem.

Tudo isso mostra que o *valor argumentativo* do discurso depende diretamente das *orientações* dadas pela *significação das palavras da língua*. Por esse motivo, poder-se-ia falar até mesmo de uma espécie de "mecanismo significante da língua" para fazer referência às noções de *orientação argumentativa* e de *valor argumentativo*. Não há dúvida de que, sem essas "peças" fundamentais, a "engrenagem" do sistema linguístico não entraria em funcionamento. Essa é uma tese implícita na teoria do *valor linguístico* postulada por Saussure e que, modificada por Ducrot, parece tornar-se ainda mais coerente com a proposta da "indissociabilidade língua-fala", conforme sustentava o próprio mestre genebrino.

2.1.3 Argumentação e enunciação: duas faces de um mesmo fenômeno

Como se pôde verificar no capítulo 1 desta tese e nas subseções precedentes, a língua não é uma nomenclatura, não há correspondência entre um signo (palavra) e uma coisa. Viu-se que a língua, numa perspectiva autorreferencial ou estruturalista, não é um sistema que descreve o mundo: ela o recria. É o locutor, então, o responsável por recriar o mundo, pela linguagem, na sua relação com o alocutário. Ao interagir com o outro – exprimindo seu ponto de vista e sua visão de mundo –, entende-se que o locutor argumenta. Repousam nesses princípios de pura *alteridade* as hipóteses da Semântica Argumentativa.

No capítulo 1 de *Les mots du discours*, intitulado *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation*, Ducrot (DUCROT, et al., 1980) explicita seu olhar semântico sobre a linguagem, bem como as hipóteses subjacentes à sua teoria. A fase empírica de observação e de análise dos textos – primeira etapa da descrição dos fatos linguísticos – é o momento em que o linguista escolhe suas "hipóteses externas". Trata-se da fase dos primeiros questionamentos em torno do *corpus* doador da *significação*, isto é, do objeto do semanticista. Já a fase que a sucede é aquela de construção da "máquina", isto é, a etapa de elaboração das "hipóteses internas" capazes de descrever e de explicar as *frases*. As hipóteses internas visam, assim, a reproduzir (por meio de conceitos, que são ferramentas teóricas) as regras aplicáveis pelos dados coletados na fase de elaboração das hipóteses externas.

A atribuição de um sentido a um enunciado é, por isso, um procedimento explicativo que encontra suas raízes na hipótese interna do *valor argumentativo*. A noção de *orientação argumentativa* é, segundo afirma Ducrot (1998, p. 23), um dos conceitos gerais que deve intervir na descrição semântica de todas as línguas. Dessa forma, pertence ao sentido de um enunciado A (argumento), segundo a ANL, a orientação para extrair um outro enunciado C apresentado como uma conclusão possível de A, de modo que – dizendo A – o locutor preveja um encadeamento discursivo do tipo de A *portanto* C. Diz-se, por esse motivo, que A é orientado em direção a C ou que C exprime uma das orientações argumentativas de A.

Esse olhar sobre *como* o sentido argumentativo se constrói na linguagem constitui uma perspectiva semântica que se opõe às concepções tradicionais de sentido (conforme se pôde verificar na subseção 2.1.2) e de argumentação. Numa concepção tradicional de argumentação (cf. DUCROT, 1990), um argumento A serve para justificar uma conclusão C em sequências do tipo de A *logo* C. O enunciado-argumento A indica um fato F (verdadeiro ou falso),

entendido como uma representação da realidade extralinguística. Cabe ao locutor admitir – nos casos em que F é tido como verdadeiro – a veracidade do enunciado-conclusão C. Por exemplo, no enunciado-argumento (A) *Todas as maçãs verdes são ácidas*, deve-se buscar, junto à comunidade linguística, a veracidade de F (nesse caso, que *a maçã X é verde, de fato*), para explicitar, por fim, o enunciado-conclusão (C) *logo a maçã X é ácida*.

Na segunda conferência do livro *Polifonía y argumentación*, Ducrot (1990, p. 65-80) sustenta a posição de que – de acordo com essa concepção tradicional de argumentação – a língua não tem papel essencial, visto que o movimento argumentativo propriamente dito, que conduz à conclusão C, é explicado por princípios lógicos, psicológicos, sociológicos, tais como processos de inferência, razões sociais, culturais etc. Por conseguinte, tal movimento argumentativo é explicado de modo extralinguístico, isto é, independente da língua.

A principal razão para a ANL rejeitar essa perspectiva de argumentação está na existência – em muitas línguas ocidentais – de pares de frases que, embora indiquem o mesmo fato, autorizam argumentações completamente diferentes. É o caso, por exemplo, de:

(1) *Pedro estudou pouco.*

(2) *Pedro estudou um pouco.*

Essas duas frases apresentam o mesmo fato (a pouca dedicação de Pedro ao estudo), mas suas orientações argumentativas são diferentes, uma vez que não servem para justificar a mesma conclusão. A partir de (1) *Pedro estudou pouco*, pode-se concluir (1') *então vai ser reprovado*; já a partir de (2) *Pedro estudou um pouco*, pode-se concluir (2') *provavelmente, portanto, vai ser aprovado*.

Outra prova de que a argumentação está na língua – não nos fatos – é apresentada por Ducrot (1990, p. 78), por meio do seguinte exemplo:

(3) *Pedro quase terminou seu trabalho.*

(4) *Pedro não terminou totalmente seu trabalho.*

O fato indicado pelas duas frases é o mesmo: o de que o trabalho não está pronto. As conclusões possíveis a partir dessas duas frases, no entanto, são opostas. De (3), pode-se concluir, por exemplo, (3') *pode descansar um pouco* ou (3'') *tem mérito*. Não se pode, entretanto, tirar essas mesmas conclusões de (4), visto que essa frase autoriza concluir, por exemplo, (4') *não avançou muito em seu trabalho*. Daí a tese fundamental da ANL

(DUCROT, 1990, p. 79), segundo a qual "[...] o poder argumentativo de um enunciado não é determinado só pelo fato que expressa, mas também por sua forma linguística"⁷¹.

Com esses exemplos, fica demonstrada a hipótese de base da ANL: a de que a argumentação está na língua, não nos fatos. As frases do próprio sistema linguístico são, por natureza, argumentativas. Desse modo, é importante que se esclareça que a escolha da *relação argumentativa* como foco de estudos dessa teoria justifica-se basicamente por dois motivos, de acordo com Ducrot (2009b): o primeiro diz respeito ao fato de que essa relação, por ser intrinsecamente ligada à língua e ao discurso, não é deduzida de informações trazidas pelo discurso; segundo, por sua vez, refere-se à possibilidade de, a partir da argumentação, obter-se descrições sistemáticas pelo entrelaçamento de palavras. Por isso, depreendem-se dessa proposta descrições linguísticas autônomas, por meio das quais fica cientificamente provado que o sentido é construído no enunciado, pelo linguístico, não pelo contexto fora da realidade linguística. Quando a busca do sentido no contexto externo torna-se necessária, ela é direcionada pelas instruções contidas no interior da própria frase.

Em vista disso, é indubitável a afirmação de que, segundo essa perspectiva teórica, a função mais importante da linguagem é a de argumentar. No entanto, não se pode esquecer da *enunciação*, que Ducrot também busca inscrever no interior do sentido do enunciado. Para alguns autores, a *enunciação* designa a atividade psicofisiológica da produção do enunciado ou o produto da atividade do sujeito falante. Para a ANL, contudo, a enunciação é o *acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado* (DUCROT, 1984, p. 179) – o que implica assumir a tese de que alguma coisa não existia antes da fala e não existirá mais depois. A enunciação, em síntese, é esse aparecimento momentâneo, por isso histórico (que fica marcado no *tempo* e no *espaço*), entendido como o surgimento de um enunciado.

A cada enunciação, uma *frase* da língua transforma-se em *enunciado* no nível do discurso. Entretanto, todo o psicologismo que se viu estar nas bases da teoria enunciativa de Bally, por exemplo, é subtraído por Ducrot. Nada de psicológico se mantém no conceito ducrotiano de *enunciação* (e, nesse ponto, Ducrot está mais próximo de Benveniste⁷²), nem mesmo a hipótese de que o enunciado foi produzido por um sujeito falante, já que, no interior da ANL, esse conceito tem uma função puramente semântica. Logo, a enunciação

⁷¹ "[...] el poder argumentativo de un enunciado no se determina solamente por el hecho que expresa ese enunciado sino también por su forma lingüística" (DUCROT, 1990, p. 79, tradução nossa).

⁷² A propósito de Émile Benveniste, afirma Ducrot (DUCROT; BIGLARI, 2018, p. 74): "Eu o vi várias vezes, como todo mundo, mas eu nunca frequentei seus seminários. Eu lhe devo muito. Foi ele que me deu a ideia, não somente a mim, mas a toda minha geração, de classificar a enunciação no sentido e eu creio, de fato, que não se pode descrever as palavras sem fazer aparecer as enunciações que são feitas graças a essas palavras".

desempenha um papel primordial na própria definição de *sentido*. Conforme explica Ducrot (DUCROT, et al., 1980), uma Linguística da Enunciação, em decorrência, tem por objeto desvendar as operações ocultas implicadas na atividade de fala⁷³.

O sentido de um enunciado, nos termos de Ducrot (DUCROT, et al., 1980, p. 34), é *uma descrição, uma representação que ele traz da sua enunciação, isto é, uma imagem do evento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado*. Assumir essa definição de sentido significa, ao mesmo tempo, conceber que o enunciado se apresenta como produzido por um locutor. A ideia fundamental dessa concepção enunciativa de sentido é a de que todo enunciado – até mesmo o que tem uma aparência mais objetiva, como (5) *A terra é redonda* – faz alusão à sua enunciação. Dessa forma, segundo explica Ducrot,

[...] se se representa a significação como um conjunto de diretrizes sobre o modo a partir do qual a situação deve ser levada em conta, então é todo o sentido do enunciado que se encontra influenciado pela estrutura semântica da frase – em todo caso, há um grande número de aspectos semânticos ligados à situação e cuja integração no sentido é imposta pela significação atribuída à frase (o que, aliás, não implica, já o disse, que a significação determina, para um enunciado, em uma certa situação dada, um único sentido: pois a linguística não pode determinar quais elementos, entre a multiplicidade dos componentes situacionais, o interpretante guardará como pertinentes, e quais ele negligenciará: existem mil maneiras possíveis de obedecer às instruções veiculadas pela frase). (DUCROT, et al, 1980, p. 33)⁷⁴.

A partir da leitura desse excerto, fica claro que tanto a *enunciação* quanto a *situação* estão inscritas na própria significação da frase. Ambas também fazem parte do sentido do enunciado. Não cabe extrair daí, entretanto, a conclusão de que a significação determina um único sentido a um enunciado. Aliás, o interpretante é livre para obedecer às instruções fornecidas pela frase. Ele tanto pode buscar respeitar, por exemplo, o caráter assertivo transmitido pela enunciação do enunciado (5) *A terra é redonda* quanto pode ignorá-lo, não completando, por conseguinte, o seu sentido. Quando os exemplos de enunciados são extraídos de discursos artísticos – conforme se poderá verificar ao longo das análises do *corpus* desta tese –, nota-se que a multiplicidade de elementos situacionais necessários à atribuição do(s) sentido(s) aos enunciados é muito mais expressiva.

⁷³ É o caso, por exemplo, dos *pressupostos* e dos *subentendidos*.

⁷⁴ "[...] si l'on se représente la signification comme un ensemble de directives sur la façon dont la situation doit être prise en compte, alors c'est tout le sens de l'énoncé qui se trouve influencé par la structure sémantique de la phrase (ce qui n'implique d'ailleurs pas, je l'ai dit, que la signification détermine pour un énoncé, dans une situation donnée, un seul sens : car la linguistique ne peut pas déterminer quels éléments, parmi la multitude des composants situationnels, l'interprétant retiendra comme pertinents, et lesquels il négligera : il y a mille façons possibles d'obéir aux instructions véhiculées par la phrase)". (DUCROT, et al., 1980, p. 33, tradução nossa).

Apesar disso, deve-se entender por *sentido do enunciado* apenas o que aparece nele de modo aberto, público, isto é, o que é nele apresentado pelo locutor. A partir dessa delimitação de Ducrot et al. (1980), estão dadas as respostas às questões levantadas, hipoteticamente, pelo próprio autor, a saber: (a) Onde parar na descrição do sentido de um enunciado? (b) Quais elementos fazer intervir no sentido, dentre todas as associações de ideias que um enunciado provoca, e quais elementos daí excluir? (c) O linguista deve levar em conta, por exemplo, as interpretações que um psicanalista dá dos enunciados de seu paciente? (d) O linguista deve introduzir, no sentido, todas as intenções que se pode imaginar segundo o locutor?

Antes de encerrar esta subseção, convém salientar que, por fazer parte do próprio sentido do enunciado, a *enunciação* é responsável por destruir a separação de *Semântica* e *Pragmática*. Nas palavras de Ducrot (2005, p. 15), "[...] o estudo do contexto (primeira forma de pragmática) é integrado ao sentido do enunciado, tão integrado como a representação de sua enunciação (segunda forma de pragmática)". Distingue-se, aí, a função do *analista do discurso* da função do *linguista*. Enquanto aquele descreve as enunciações reais, este último, por sua vez, procurando descrever as palavras, descobre nelas as indicações relativas à sua possível enunciação em língua natural. Em outros termos, de acordo com Ducrot (1987, p. 64), "nossa tese é que a língua (como objeto teórico) deve conter uma referência àquilo que para Saussure constitui a fala". Trata-se, pois, da indissociabilidade língua-fala.

2.1.4 Um diálogo produtor de sentido: a polifonia linguística

A palavra *polifonia* – sobretudo por ter origem na música e por constituir uma noção teórica dos estudos bakhtinianos – ainda gera muitos mal-entendidos no domínio dos estudos linguísticos. Apesar do cuidado que Ducrot sempre apresentou, em seus textos, para evitar que sua concepção de polifonia fosse confundida com a de Bakhtin, muitos leitores da *Semântica Argumentativa* insistiram em atribuir à Teoria Polifônica da Enunciação – originalmente postulada no capítulo 8 do livro *O dizer e o dito* (1984) – uma filiação ao pensamento bakhtiniano. No entanto, o que essas leituras demonstram, em realidade, é mais uma posição infiel ao pensamento ducrotiano do que um deslocamento teórico produtivo⁷⁵.

Foi na Teoria Geral da Enunciação de Bally que Ducrot encontrou inspiração para criar sua Teoria da Polifonia (TP), conforme se pôde verificar na seção 1.5 desta tese. Por

⁷⁵ Para melhor compreender as origens da noção de *polifonia* em Ducrot e sua diferença em relação à noção de *polifonia* em Bakhtin, recomenda-se a leitura de "A noção de polifonia nos estudos literários e linguísticos do século XX: contribuições de Mikhail Bakhtin e de Oswald Ducrot" (DELANOY; GOMES, 2017).

consequente, para não apenas apresentar os conceitos da TP que elucidam sua filiação teórica, mas também para trazer à comunidade acadêmica brasileira uma releitura dos textos clássicos (DUCROT, 1980; 1984; 1985; 1990), esta subseção busca, em especial, subsídios nas exposições de Carel e Ribard (2017-2018), teóricas que atualmente desenvolvem a Semântica do programa ducrotiano na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris.

Desde o livro *Les mots du discours* (1980) – em cujo primeiro capítulo a palavra *polifonia* aparece pela primeira vez na Semântica Argumentativa –, Ducrot afirma que o *sentido* de um enunciado é uma descrição, uma representação que ele próprio dá de sua *enunciação*. Portanto, já que uma parte desse "acontecimento histórico" que faz aparecer o enunciado está marcada na *significação* das entidades linguísticas, a TP funciona como uma ferramenta para explicitar esse fenômeno que pode ser entendido como um "diálogo cristalizado" no interior do enunciado. Criada com o objetivo de contestar duas teses essenciais da semântica tradicional: a da *unicidade do sujeito falante* e a da *linearidade do sentido*, a TP é, enfim, uma teoria semântica de base puramente linguística.

Desse modo, a TP propõe-se a mostrar que o "autor de um enunciado" não se expressa diretamente – segundo a crença dos linguistas da época, quando falavam de sujeito falante, de locutor, de orador etc. –, mas põe em cena, no interior do enunciado, um certo número de "personagens" que se confrontam para produzir *sentido*. Nas mais variadas recepções da teoria e até onde se tem notícia, essa tese parece não encontrar maiores problemas, sobretudo porque ela é reforçada diversas vezes por Ducrot (1990, p. 16), quando afirma que "o sentido do enunciado não é mais que o resultado das diferentes vozes que ali aparecem".

Esses "personagens" encenados no enunciado são o *locutor* (o responsável pela atividade languageira assumida no enunciado e designada por *eu*) e o *enunciador* (entendido como um fiador, isto é, uma garantia dos conteúdos comunicados no enunciado e também visto como o próprio autor da *questão*, do *pedido* etc.). Na categoria extralinguística, está o *sujeito empírico* ou *sujeito falante* (autor muscular do enunciado e autor intelectual da escolha das palavras e de sua organização gramatical), o qual não é objeto de estudo do semanticista. Por isso, somente as duas primeiras noções são de interesse da TP. O *sujeito empírico*, segundo Ducrot (1990), é de maior preocupação dos sociolinguistas e dos psicolinguistas, que se perguntam, por exemplo, *o porquê* de o sujeito X ter dito o que disse. Assim, o que verdadeiramente importa para o pesquisador que assume a TP é *o que* disse o sujeito X.

Segundo exemplificam Carel e Ribard (2017-2018), uma frase pode ser materializada duas vezes pelo mesmo *sujeito falante*. Por exemplo, (1) *Eu estou cansado* e (2) *Eu estou*

cansado (pronunciadas por João em 1992 e em 2003) têm João por sujeito falante. Também ocorre de uma mesma frase ser materializada duas vezes por dois sujeitos falantes diferentes, como (3) *Faz um tempo nojento* e (4) *Faz um tempo nojento* (pronunciadas sucessivamente por Pedro e Maria no dia 12 de fevereiro de 2018, em Paris), tendo, respectivamente, Pedro e Maria por sujeito falante. Quanto à função *locutor*, uma frase pode dar lugar a um enunciado de um mesmo locutor: (1) e (2) têm João por locutor. Mas uma frase também pode dar lugar a enunciados de locutores diferentes: (3) e (4) têm Pedro e Maria por locutor. Pedro abre a conversação e Maria responde. Por fim, quanto à função *enunciador*, uma frase pode dar lugar a enunciados de mesmo enunciador: (1) e (2) têm por enunciador João; e uma frase pode dar lugar a enunciados de enunciadores diferentes: (3) e (4) têm por enunciador Pedro e Maria.

Assim, em decorrência da natureza compartilhada da língua, pode-se dizer que toda a *frase* é destinada a ser materializada por sujeitos falantes diferentes e a ter locutores igualmente diferentes, conforme os exemplos (3) e (4). Por ocasião de um mesmo enunciado, os papéis de sujeito falante e de locutor podem ser tidos por indivíduos diferentes. É o que acontece no enunciado (5) – gravado ao pé de uma estátua de Eva –, em que o sujeito falante é Gislebert e o locutor (com a marca de primeira pessoa *eu*) é a estátua de Eva: (5) *Eu fui gravada por Gislebert*. A dissociação do sujeito falante e do locutor é necessária tanto para descrever enunciados como (5) quanto, conforme Ducrot (1984), para compreender o que Benveniste observa em determinados enunciados de narrativas no *passé simple* (tempo verbal do francês), os quais apresentam um sujeito falante, mas não um locutor.

Em certos discursos escritos, o papel de *sujeito falante* também pode dividir-se, por exemplo, entre a secretária que escreve determinado discurso e aquele que combina as palavras e as dita para que sejam escritas. A assinatura, muitas vezes, serve justamente para desambiguar quem é o *locutor* e quem é o *sujeito falante* num caso como esse. Ou seja, ela realiza uma norma social que exige autenticidade, ficando vetada a possibilidade de o filho de Maria assinar por sua mãe, por exemplo. Entende-se, com isso, que o autor empírico da assinatura deve ser idêntico ao ser indicado no sentido do enunciado como seu locutor.

Um acréscimo necessário a essas funções – de acordo com Carel e Ribard (2017-2018) – é a função *ator falante*. Segundo as referidas pesquisadoras, também é importante distinguir os sujeitos falantes, que reúnem as palavras e produzem materialmente o enunciado, do "ator falante", isto é, aquele que utiliza o enunciado no mundo. Para exemplificar esse papel, pode-se considerar um enunciado como (6) *Beba-me muito fresco* (escrito sobre a etiqueta de um suco de fruta), em que o *locutor* é o próprio suco de fruta, os *sujeitos falantes*

são o publicitário e o impressor, e o *ator falante* – aquele que aconselha a colocar a garrafa na geladeira ou que simplesmente se protege contra possíveis queixas – é a indústria.

Análises de discursos literários também são muito produtivas à luz da TP. As obras de autores que atribuem a autoria a outro sujeito podem originar pesquisas promissoras tanto para a Linguística quanto para a Literatura. Trabalhos dessa natureza vêm sendo desenvolvidos há alguns anos na França. Para citar um exemplo, Carel e Ribard (2017-2018) analisam o poema intitulado *Ao Senhor Lherminier*, sob o olhar da TP, em que constata a impossibilidade de saber quem é o *sujeito falante* produtor intelectual desse poema. Sabe-se apenas que o *sujeito falante* produtor material do enunciado é o impressor (ser coletivo que compreende o tipógrafo, o corretor etc.). O locutor (L) do poema, o poeta, é aquele que designa os empregos da primeira pessoa, além do qual se encontram dois locutores secundários. No caso em questão, chega-se à conclusão de que o L₁ e o L₂ são o sujeito falante produtor intelectual (chamado Savinien) e o sujeito falante produtor material (chamado supervisor). A partir disso, outras questões são apresentadas e desenvolvidas.

Nesse processo momentâneo de fazer aparecer o enunciado, o *locutor* (L) não apenas comunica um conteúdo, mas também toma uma posição em relação a esse conteúdo: *concede-o, põe, pressupõe* ou o *exclui*⁷⁶. Como pontua Carel (2018a), a partir desse fenômeno enunciativo, Ducrot desenvolve a Teoria da Argumentação na Língua (ANL) para fornecer as ferramentas essenciais à descrição do conteúdo e apresenta a TP para fornecer as ferramentas fundamentais à descrição da posição do locutor. Essa tomada de posição somente acontece em virtude de o locutor encenar *enunciadores individuais* (*Pedro*, o próprio *locutor*, seu *interlocutor*) ou *míticos* (representados pela coletividade da pessoa *ON* em francês e, em português, geralmente marcados nos enunciados em primeira pessoa do plural em "a gente/nós", ou naqueles em terceira pessoa com o índice "-se" de indeterminação do sujeito).

Classicamente, os enunciados no indicativo são vistos, conforme Carel e Ribard (2017-2018), como representando o mundo e mostrando o modo pelo qual o sujeito falante avalia veritativamente essa representação. Entretanto, a TP rejeita essa posição, na medida em que defende que o *locutor age* em todo e qualquer enunciado e que essa sua atividade de ação é descrita (está marcada linguisticamente) no próprio enunciado. Em vista disso, note-se que o locutor de (7) *Eu não olharei nem o ouro da noite caindo nem as velas ao longe descendo em*

⁷⁶ Em artigo intitulado *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação* (2008 [2006]), Ducrot e Carel fizeram algumas modificações na Teoria da Polifonia (1984) em decorrência da Teoria dos Blocos Semânticos (1992). Embora tais modificações não sejam explicitadas aqui, salienta-se apenas que a *assimilação*, segundo os autores, também é uma maneira possível de relação do locutor com os enunciadores.

direção a Harfleur pressupõe [*as velas descerão em direção a Harfleur*], exclui [*eu olharei as velas*] e põe [*eu serei desatento às velas*]. Já em (8) *O tempo de síntese chegou, mas essa síntese jamais poderá realizar-se nos quadros atuais da história literária*, o locutor concede [o tempo da síntese chegou], pressupõe [a síntese tem um tempo], [a história literária tem quadros] e põe [a síntese jamais poderá realizar-se nos quadros...].

A distinção entre *locutor* e *enunciador*, por exemplo, é um recurso que também permite – segundo Ducrot (1990, p. 22) – distinguir *humor* de *ironia*. Embora esses dois fenômenos pertençam mais à ordem do discurso do que ao domínio da língua, eles são universais e, portanto, devem ser previstos pelos conceitos gerais da TP. Por definição, são *humorísticos* os enunciados que cumprem as três condições seguintes: (1) entre os pontos de vista representados no enunciado, existe pelo menos um que é absurdo, isto é, que é insustentável em si mesmo ou no contexto; (2) o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor e (3) não se expressa nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo. Nessa categoria de enunciados humorísticos, podem ser considerados *irônicos* aqueles em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado que se busca ridicularizar⁷⁷.

Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, aqui, para examinar a posição do locutor diante dos conteúdos comunicados no enunciado. Elucida Carel (2018a) que essencialmente três situações se impõem na determinação da *posição do locutor*, a saber: (1) há casos em que o conhecimento do enunciador é suficiente para conhecer a posição tomada por L; (2) há casos em que a posição de L depende não apenas dos enunciadores postos em cena, mas também da relação com os conteúdos comunicados e (3) há situações em que o conhecimento do enunciador e do conteúdo não é suficiente para determinar a posição de L. Isso é o que se pode observar, respectivamente, nos exemplos (9), (10), (11), (12) e (13).

Em (9) *Eu acho que Pedro é um idiota*, a presença do E_L [Pedro é um idiota] é suficiente para determinar a posição de afirmação do L, segundo a qual [Pedro é um idiota]. Fenômeno semelhante acontece em (10) *A capa verde está em cima da cama*, cujos E_{10N} [há uma capa verde] e E_{2L} [ela está em cima da cama] bastam para assegurar que L pressupõe [há uma capa verde] e afirma [ela está em cima da cama]. A segunda situação apresentada por Carel (2018a) pode ser observada em (11) *Faz bom tempo, mas estou cansado*, em que E_{1negL} [o tempo está bom] e E_{2L} [estou cansado] evidenciam que o L concede [faz bom tempo]. Nota-se, pois, que [faz bom tempo] é argumentativamente oposto ao conteúdo afirmado.

⁷⁷ Exemplos de enunciados/ discursos humorísticos e irônicos podem ser verificados em Ducrot (1990, p. 20-21).

Enfim, para exemplificar a terceira situação – de acordo com Carel (2018a) –, pode-se considerar o exemplo (12) *Pedro diz que vai fazer bom tempo, vamos fazer um piquenique*, em que [vai fazer bom tempo] é garantido por um outro indivíduo que não L e L argumenta a partir desse conteúdo: trata-se do que Ducrot (1984) chamou de "autoridade polifônica". Nesse caso, há um E₁Pedro [vai fazer bom tempo] e um E₂L [vamos fazer um piquenique]. Por outro lado, em (13) *O tempo está magnífico!* – enunciado concretizado debaixo de uma chuva torrencial –, [o clima é magnífico] é novamente garantido por alguém que não L. Desta vez, L não argumenta a partir desse conteúdo E_{neg}L [o tempo está magnífico].

Fica muito evidente, diante do exposto, que a TP de Ducrot é uma teoria essencialmente enunciativa, como também o são os estudos e pesquisas de Bally, Bakhtin, Benveniste, dentre outros autores. Ao explicitar ferramentas para descrever a significação linguística, a TP não se fecha em si mesma: é uma teoria com potencial para descrever e explicar fenômenos tanto de natureza fundamentalmente linguística – como a *pressuposição*⁷⁸ e a *negação* – quanto certos fenômenos essencialmente discursivos, a exemplo do *humor* e da *ironia*. Por se tratar de uma teoria em construção, nos estudos e nas pesquisas em Semântica Argumentativa, muitas questões ainda surgem em torno de suas hipóteses. É justamente com o objetivo de atualizar essa versão da TP que surgiu a TAP (cf. DUCROT, CAREL, 2010).

Esta subseção teórica tem como função principal, no interior desta tese, situar o leitor não habituado com a Semântica Argumentativa. Afinal de contas, em diversas partes do texto, a noção de *locutor*, por exemplo, é acionada e deve ser muito bem compreendida, a fim de que nenhum mal-entendido possa instalar-se gratuitamente na leitura. Em contrapartida, a seção 2.2 e, em especial, a seção 2.3 desempenham função primordial nas análises.

2.2 A Teoria dos Blocos Semânticos: noções essenciais da fase standard

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) foi efetivamente fundada por Marion Carel – em sua tese de doutorado, intitulada *Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue* (1992) – e contou com o apoio de Oswald Ducrot. A postulação dessa teoria teve como objetivo principal reintroduzir a coerência epistemológica da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), rejeitando as hipóteses de base da Teoria dos Topoi⁷⁹

⁷⁸ Para mais detalhes a respeito desse fenômeno e de seus desdobramentos no âmbito da Semântica Argumentativa, convém consultar Dall'Cortivo (2013).

⁷⁹ Para mais detalhes sobre essa teoria (entendida como uma das fases da ANL, a saber: a Standard Ampliada), recomenda-se a seguinte leitura: DUCROT, Oswald. «Topoi et formes topiques», *Bulletin d'études de linguistique française*, nº22, 1988.

desenvolvida por Anscombe e Ducrot naquela época. Marion Carel deu-se conta de que a necessidade de evocação de um *topos* (definido como *um lugar comum argumentativo*) – para fazer a passagem de um *argumento* para uma *conclusão* – era uma forma de traição à hipótese geral da ANL, segundo a qual o sentido de uma expressão E se constrói pelos discursos argumentativos possíveis de serem encadeados a partir dessa expressão E.

Tanto a ANL quanto a TBS defendem que os discursos apresentam uma organização argumentativa. Essas duas teorias semânticas sustentam, desse modo, que a organização argumentativa dos discursos está prefigurada na própria significação das palavras. No entanto, a TBS modifica a definição do termo "argumentativa" dada pela ANL, visto que, segundo Anscombe e Ducrot (1983), argumentar consiste em introduzir uma conclusão. Por esse motivo, todos os enunciados são parafraseáveis por encadeamentos de duas proposições conectadas por *portanto*. Em contrapartida, conforme defende Carel (1995), argumentar, para a TBS, consiste em evocar encadeamentos, tanto em *portanto* quanto em *no entanto*. Assim, não se trata mais de uma questão de "conclusão", mas de uma alternativa entre sequência "justificada", "normal", "esperada" e sequência "não justificada", "anormal", "inesperada".

Por estar em constante desenvolvimento (já com quase três décadas) e estar consolidando-se como uma teoria praticamente independente da ANL, é importante salientar que a TBS também já passou por modificações, supressões e acréscimos conceituais. Nesta tese, em virtude da delimitação dos objetivos da própria pesquisa, serão explicitados, ao longo desta seção 2.2, os principais conceitos da chamada fase standard da TBS (que compreende o período dos anos 1992 a 2005⁸⁰) e os conceitos desenvolvidos atualmente por Carel e seguidores ao longo da seção 2.3 (a chamada fase atual da TBS).

2.2.1 Os encadeamentos e os aspectos argumentativos: do sentido à significação

Viu-se, ao longo da seção 2.1, que a argumentação não é algo que se agrega ao sentido e, sim, aquilo que o constitui. A TBS herdou essa tese da ANL. Para precisar ainda mais essa herança, leiam-se as seguintes palavras de Marion Carel (CAREL; GOMES, 2019, p. 215): "O que a TBS retomou da ANL é a hipótese geral segundo a qual falar consiste em construir um texto, em restringir a fala do interlocutor, em entrelaçar palavras".

⁸⁰ É importante salientar que essas datas correspondem ao período durante o qual a fase standard da TBS foi desenvolvida por Marion Carel em seus seminários, na EHESS. Não coincidem, portanto, com as datas de publicação de seus trabalhos, que – segundo declaração pessoal da autora – são aleatórias, devido aos trâmites editoriais.

Esse entrelaçamento de que fala Carel diz respeito às relações argumentativas estabelecidas entre as entidades linguísticas, ou seja, é relativo ao que se convencionou chamar de "encadeamento argumentativo". O sentido de um enunciado E, segundo a TBS, não está relacionado a coisas, fatos, crenças psicológicas nem a ideias. De acordo com o que pontua Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13-14; DUCROT, 2016), o sentido de um enunciado E é descrito, isto é, representado, parafraseado por certos átomos semânticos – denominados *encadeamentos argumentativos* – que o próprio enunciado E evoca.

Os encadeamentos argumentativos podem ser *normativos*, quando ligam duas proposições gramaticais por meio de um conector do tipo de *portanto* (fr. *donc* → abr.: = DC =) ou *transgressivos*, quando põem em relação duas proposições gramaticais por meio de um conector do tipo de *no entanto* (fr. *pourtant* → abr.: = PT =). Aqui, usa-se a expressão "do tipo de" para assinalar que existem, no sistema linguístico, outras palavras indicativas dessa mesma relação. Isso quer dizer que, a partir de um enunciado como *Diante do perigo, Pedro foi prudente*, são evocados, por exemplo, os *encadeamentos normativos* (1), (2) e (3):

- (1) *O fogo se espalhava na parede, **portanto** Pedro chamou os bombeiros.*
- (2) *A estrada estava molhada. **Por isso**, Pedro reduziu a velocidade.*
- (3) *Pedro tomou precaução, **porque** havia perigo.*

Por outro lado, são exemplos de encadeamentos *transgressivos* as sequências (4), (5) e (6), as quais parafraseiam o sentido de um mesmo enunciado, a saber, *Pedro é inteligente*:

- (4) *A noção era muito abstrata, **no entanto** Pedro a compreendeu rapidamente.*
- (5) *A pergunta era difícil. **Apesar disso**, Pedro a respondeu rapidamente.*
- (6) ***Embora** o texto fosse difícil, Pedro o compreendeu rapidamente.*

Em seguida, estando clara a noção de *encadeamento* como uma ferramenta por meio da qual o *sentido* do enunciado é representado, um segundo conceito fundamental da TBS – e diretamente relacionado à noção anterior – pode ser apresentado, a saber: o de *aspecto argumentativo*, graças ao qual a *significação* das *palavras* (das *palavras* e não mais o *sentido* dos *enunciados*) será descrita. Para tanto, parte-se de sua fórmula geral X CONECTOR Y e X CONECTOR' Y, em que X e Y representam o que se observa, regularmente, em diversos encadeamentos. CONECTOR representa um conector de tipo normativo e CONECTOR' representa um conector de tipo transgressivo. De acordo com essa estrutura, o aspecto é definido como um esqueleto, isto é, uma abstração concretizada pelas próprias palavras.

O esqueleto comum aos encadeamentos (1), (2) e (3) é representado pelo aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO e o esqueleto comum aos encadeamentos (4), (5) e (6) é representado

pelo aspecto DIFÍCIL PT COMPREENDE. Embora a compreensão plena do conceito em foco possa ter-se dado, aqui, ainda mais exemplos devem ser apresentados, a fim de que também sejam observados os efeitos de sentido produzidos com a mudança de conector entre X e Y e com o acréscimo ou com a supressão da negação de um dos segmentos. Esse fenômeno – convém salientar – é central em todas as fases da TBS, que distingue o *sentido* dos enunciados e a *significação* das palavras.

Segundo os princípios explicitados anteriormente, pode-se verificar, em relação ao enunciado *Pedro sempre reduziu a velocidade e garantiu a segurança de todos*, que são normativos tanto os encadeamentos (7), (8) e (9) quanto o aspecto (10) que eles concretizam, assim como são notadamente transgressivos os encadeamentos argumentativos (11), (12) e (13) e o aspecto (14) que eles concretizam, referentes ao enunciado *Chovia muito e, apesar de dirigir com cuidado, Pedro se acidentou*:

(7) *Pedro é prudente, **portanto** não houve nenhum acidente.*

(8) *Se Pedro é prudente, **então** não haverá nenhum acidente.*

(9) *Não houve nenhum acidente, **porque** Pedro é prudente.*

(10) PRUDENTE DC NEG-ACIDENTE

(11) *Pedro foi prudente, **no entanto** houve acidente.*

(12) ***Ainda que** Pedro seja prudente, poderá haver acidente.*

(13) ***Mesmo** Pedro sendo prudente, houve acidente.*

(14) PRUDENTE PT ACIDENTE

Todos esses exemplos permitem notar, aliás, que, tanto num encadeamento do tipo de A *portanto* B quanto num encadeamento do tipo de A *no entanto* B, os segmentos A são compreendidos em relação aos segmentos "*portanto* B" e "*no entanto* B". Esse fenômeno – denominado *interdependência semântica* – está presente em todas as relações argumentativas e descarta a hipótese de que os encadeamentos normativos se realizam por meio de um raciocínio lógico que liga duas informações independentes. Dessa forma, de acordo com a TBS, em nenhum dos dois tipos de encadeamento existe relação de inferência, de dedução, de passagem ou de algum tipo de raciocínio de A até B.

A possibilidade de construir essas relações argumentativas – a partir de dois segmentos semanticamente interdependentes – constitui uma característica das línguas naturais capaz de diferenciá-las das línguas construídas para descrever veritativamente o

mundo. Segundo Ducrot (2005), esse conhecimento linguístico fundamental tem como consequência a possibilidade de distinguir as *ciências sociais* das *ciências duras*. Enquanto estas criam termos próprios e se servem de raciocínios para testar hipóteses e relacionar segmentos de discurso de modo independente – como no encadeamento linguisticamente vetado **Trata-se de um quadrado perfeito, portanto três de seus quatro lados são iguais* –, aquelas, dentre as quais está a Linguística, são ciências que se servem da língua natural para testar suas hipóteses. Enfim, as *ciências sociais* usam palavras do tipo de *portanto* e de *no entanto* para relacionar segmentos de discurso de modo interdependente.

Encadeamentos e *aspectos* são, portanto, as duas principais ferramentas da TBS destinadas a descrever e a explicar o *sentido de enunciados* e a *significação de palavras*, respectivamente. Nesta exposição sobre esses conceitos, dois princípios teóricos evidenciam-se: (1) o de que a TBS busca explicar a língua a partir das relações argumentativas estabelecidas no discurso e (2) o princípio segundo o qual essa teoria semântica constrói uma Linguística centrada unicamente nas palavras e em seus entrelaçamentos.

2.2.2 Argumentações interna e externa: a complexa natureza semântica da linguagem

Os conceitos de *argumentação interna* (AI) e de *argumentação externa* (AE) – postulados por Carel (1992) e desenvolvidos por Carel e Ducrot (2005) ao longo de toda a fase standard da TBS – têm como questão de base a complexidade em torno do que Saussure chamou de "mecanismo da língua" (CLG, 1975). Consequentemente, na medida em que tal complexidade é acionada, o que entra em jogo, na operacionalização das noções de AI e AE, é a própria natureza semântica da linguagem, por intermédio das relações linguístico-discursivas (associativas e sintagmáticas, nos termos saussurianos), ditas argumentativas, nos termos ducrotianos. Isso é o que se evidencia – para citar alguns exemplos – em trabalhos aplicados, como nos de Barbisan (2012; 2013; 2016), de Graeff (2012) e de Gomes (2017).

Os *encadeamentos argumentativos* – também chamados apenas de *argumentações* – parafraseiam o sentido de enunciados e são realizados *externa* e *internamente* pela língua. Desse modo, diz-se, conforme Carel (2011), que um *aspecto argumentativo* A pertence à *argumentação externa* de uma expressão E quando se cumprem as seguintes regras: **(1)** quando a expressão E exprime o aspecto A e **(2)** quando a expressão E intervém, material e semanticamente, em determinados encadeamentos aludidos pelo *aspecto* A, quer nos

primeiros, quer nos segundos segmentos. Dessa maneira, um aspecto argumentativo como PRUDENTE DC SEGURANÇA pertence à AE de *prudente*, porque:

- (1) *prudente* exprime PRUDENTE DC SEGURANÇA (ser-de-uma-prudência-que-assegura-a-segurança é um dos sentidos de *prudente*) e
- (2) *prudente* intervém materialmente no primeiro segmento de um encadeamento como *Pedro é prudente, portanto não sofrerá acidente*. Essa intervenção de *prudente* é de natureza semântica, visto que o referido termo não só intervém materialmente no enunciado *Pedro foi prudente naquela estrada perigosa*, mas também participa da determinação do aspecto argumentativo expresso pelo enunciado.

No interior da *argumentação externa* de uma entidade linguística, distinguem-se sua argumentação externa à **direita** e sua argumentação externa à **esquerda**. Por exemplo, PRUDENTE DC SEGURANÇA e PRUDENTE PT NEG-SEGURANÇA pertencem à argumentação externa à *direita* de *prudente*, pois os encadeamentos argumentativos *Pedro será prudente, portanto não sofrerá acidente* e *Embora seja prudente, Pedro sofrerá acidente* desenvolvem-se à *direita* de *prudente*.

Por outro lado, RESPONSÁVEL DC PRUDENTE e NEG-RESPONSÁVEL PT PRUDENTE pertencem à argumentação externa à *esquerda* de *prudente*, pois encadeamentos como *Pedro terá o senso de responsabilidade, portanto será prudente* e *Apesar de sua falta de senso de responsabilidade, Pedro foi prudente* desenvolvem-se à *esquerda* de *prudente*. A noção de AE vale, pois, para todas as expressões que – independentemente de sua categoria gramatical – são *providas de um sentido pleno* ("providas de um sentido pleno" exclui entidades como *preposições*, que servem para construir sintagmas providos de sentido).

Como se pôde verificar na subseção anterior, o *aspecto argumentativo* é a ferramenta por intermédio da qual a significação da palavra pode ser acessada. Dessa maneira, diz-se que um aspecto argumentativo X pertence à AI de um termo T (ou até mesmo de uma expressão) quando as duas regras seguintes forem atendidas:

- (1) quando T exprime o aspecto argumentativo X;
- (2) quando T não intervém em nenhum dos segmentos de nenhum dos encadeamentos evocados derivados de X, os encadeamentos argumentativos evocados serão ditos derivados da AI de T.

Retomando-se o encadeamento argumentativo *Pedro é prudente, portanto não houve nenhum acidente*, que parafraseia o sentido de um enunciado como *Pedro foi prudente*

naquela estrada perigosa, nota-se que a AI de *prudente* é especificada pelo aspecto argumentativo PERIGO DC PRECAUÇÃO. Trata-se de uma paráfrase, visto que os termos que constituem esse aspecto não participam da sua construção. Em geral, a AI de uma palavra comporta um aspecto normativo. Entretanto, caso se substitua o conector normativo por um conector transgressivo, acrescido da negação, tem-se um novo aspecto, a saber, por exemplo: PERIGO PT NEG PRECAUÇÃO. Esse é, pois, o aspecto que expressa a AI da palavra *imprudente* presente no enunciado *Pedro foi imprudente, portanto correu o risco de sofrer um acidente*.

Feita a distinção entre AE e AI, pode-se dizer que as duas principais características linguísticas que permitem diferenciar essas argumentações são: (1) o fato de que os *encadeamentos* e os *aspectos* que formam parte da AI da entidade não contêm a própria entidade. Viu-se que o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO expressa a AI de *prudente*. Da mesma forma, pode-se notar que o aspecto NEG-PERIGO PT PRECAUÇÃO expressa a AI de *temeroso* e que NEG-FÁCIL PT COMPREENDE expressa a AI de *inteligente*; (2) a outra característica distintiva dessas argumentações é o fato de que, na AI de uma entidade, não se encontram dois aspectos conversos, visto que a relação de conversão⁸¹ diz respeito à AE.

A relação discursiva possível de aparecer na AI de certas palavras – como ocorre com as palavras concretas *exame* e *peneira*, por exemplo – é a relação de *reciprocidade*. De acordo com as análises de Carel e Ducrot (2005), na AI de *exame*, encontram-se os aspectos normativos BOM DC APROVA e, reciprocamente, NEG-BOM DC NEG-APROVA. Do mesmo modo, na AI da palavra concreta *peneira*, encontram-se os aspectos normativos recíprocos FINO DC PASSA e NEG-FINO DC NEG-PASSA. Notadamente, essa relação discursiva, suscetível de aparecer na AI, não aparece na AE de entidades linguísticas. Essa é, então, outra significativa diferença que há entre as duas referidas argumentações.

Aplicando-se tais princípios ao estudo de um enunciado como (a) *Até mesmo Pedro, que é muito solitário, veio à inauguração* (CAREL, 2012, p. 39), pode-se verificar que o encadeamento transgressivo (a') *Pedro é muito solitário, no entanto veio à inauguração* revela a AI do enunciado (a) e que (a'') *Até mesmo Pedro, que é muito solitário, veio à inauguração, portanto o diretor está contente* revela a argumentação que (a) pode integrar. Verifica-se, assim, que (a'') revela uma AE de (a). Não apenas a AI de *palavras* – concretas e abstratas – pode ser explicitada pelas ferramentas da TBS, uma vez que também a AI de *sintagmas, orações, enunciados* e até mesmo de *parágrafos* inteiros pode ser expressa linguisticamente (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2012).

⁸¹ As relações discursivas do bloco semântico (*conversão, reciprocidade e transposição*) serão desenvolvidas na subseção 2.4.5.

Em vista de todas essas possibilidades de análise parafrástica da argumentação, note-se que a AI do sintagma "O autor" – no enunciado (b) *O autor de O Lago é genial* – pode ser expressa a partir do encadeamento (b') *X escreveu O Lago, portanto é genial*. De acordo com os princípios da AI, observa-se que, embora os elementos dos enunciados tenham sido mantidos no encadeamento, o sintagma "O autor" não constitui nem o segmento que precede o conector nem o que o segue. Da mesma forma, a AI de uma oração condicional como (c) *Se chove, os caracóis estão contentes* pode ser representada pelo encadeamento argumentativo normativo (c') *chove, portanto os caracóis estão contentes*, haja vista que, como no caso anterior, esse encadeamento também explicita uma paráfrase da entidade descrita: "se chove".

Conforme esclarece Carel (2002, p. 36), "[...] a argumentação interna a um enunciado não é necessariamente um elo entre dois termos do enunciado". É por causa da própria significação da palavra *coragem*, por exemplo, que o enunciado (d) *Pedro é corajoso* permite evocar o encadeamento argumentativo transgressivo (d') *É desagradável, no entanto Pedro o faz*. Esse encadeamento não é, segundo a referida autora, responsável por ligar dois termos do enunciado, uma vez que ele é totalmente interior ao predicado desse enunciado. Além disso, no exemplo apresentado por Carel (2002, p. 30, grifos da autora),

*Essa sopa foi por ela servida num prato:
A Cegonha, de bico longo, não pôde pegar nada*

– cuja punição pode ser representada por

*Foi-lhe necessário voltar em jejum para seu ninho
Envergonhada como uma Raposa que uma Galinha tivesse pegado –*

verifica-se que a qualificação de *cegonha* por *longo bico* não tem utilidade referencial, já que essa qualificação não facilita a determinação do objeto. Os enunciados em questão condensam o encadeamento (e') *Ela tinha um longo bico, portanto não comeu nada do que estava servido em um prato*, por meio do qual a função argumentativa evidenciada nos enunciados introduz encadeamentos não mais normativos, mas transgressivos.

Dessa forma, pode-se verificar que a argumentação que liga *Galinha* e *pegar uma raposa*, no enunciado (f) *Envergonhada como uma Raposa que uma Galinha tivesse pegado*, é transgressiva. Logo, o encadeamento daí evocado é (f') *É uma Galinha, no entanto pegou a Raposa*. Nas palavras de Carel (2002, p. 31), "É precisamente a presença dessa argumentação transgressiva que permite avaliar a vergonha da Raposa, vergonha que está relacionada ao fato de que ela desmereceu, que ela foi inferior a si mesma".

Outra noção útil à análise de segmentos maiores de discurso, como parágrafos inteiros, é a noção de *motivo argumentativo*. Nas palavras de Carel (2012, p. 54, grifos da autora, tradução nossa), "[...] a TBS introduz uma noção de 'motivo argumentativo': uma parte de texto constitui um 'motivo argumentativo' se, ao mesmo tempo, ela exprime um aspecto e evoca um encadeamento, isto é, se ela comunica um julgamento completo"⁸². É o que se pode verificar, por exemplo, no início do livro *Claude Gueux*, de Victor Hugo:

*Num inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem pão no sótão. O homem, a moça e a criança passaram frio e fome. O homem roubou. Eu não sei o que ele roubou, eu não sei onde ele roubou. O que eu sei, é que desse roubo resultaram três dias de pão e de fogo para a mulher e a criança, e cinco anos de prisão para o homem*⁸³. (2017, p. 11, grifos do autor).

Esse trecho notadamente constitui um motivo argumentativo, pois permite evocar um encadeamento como (g') *Roubou pequena quantidade, no entanto sofreu grande punição*, ao qual se pode associar o aspecto argumentativo (g'') PEQUENO DELITO PT GRANDE PUNIÇÃO, que exprime a AI de *injustiça*. Trabalhos, como o de Graeff (2012) e o de Gomes (2017), exemplificam a funcionalidade dessa noção em análises semântico-argumentativas.

Por fim, ao encerrar esta subseção, é importante destacar que as noções de AI e de AE propostas pela TBS-standard impactaram inúmeros estudos e pesquisas na área, quando foram postulados⁸⁴. Até mesmo na atualidade, com a atualização e a substituição dessas noções pela noção de *quase-bloco*, há pesquisadores que ainda optam por acioná-las em seus trabalhos. Isso não constitui – é claro – nenhum problema, desde que se justifique tal decisão.

2.2.3 Argumentações estruturais e linguagem ordinária: uma aproximação possível?

Antes de explicitar a problemática em torno da aproximação conceitual posta em evidência no título desta subseção, é importante fazer um breve resgate da noção de

⁸² "[...] la TBS introduit une notion de 'motif argumentatif' : un morceau de texte constitue un 'motif argumentatif' si, à la fois, il exprime un aspect et évoque un enchaînement, c'est-à-dire s'il communique un jugement complet". (CAREL, 2012, grifos da autora, p. 54).

⁸³ "Un hiver, l'ouvrage manqua. Pas de feu ni de pain dans le galetas. L'homme, la fille et l'enfant eurent froid et faim. L'homme vola. Je ne sais ce qu'il vola, je ne sais où il vola. Ce que je sais, c'est que de ce vol il résulte trois jours de pain et feu pour la femme et pour l'enfant, et cinq ans de prison pour l'homme". (HUGO, 2017, p. 11).

⁸⁴ Uma pesquisa brasileira que merece especial destaque – quanto à aplicação e ao desenvolvimento das noções de AI e de AE – é o artigo intitulado *A conexão entre enunciados no texto com base na semântica argumentativa* (GRAEFF, 2012), no qual a autora defende que, no interior de um texto/discurso, enunciados comportando uma mesma AI se conectam por *similaridade* (cf. a terminologia de Jakobson); e que, por sua vez, enunciados comportando argumentações distintas (no caso de um enunciado comportar uma AI e de outro constituir uma AE) conectam-se por *contiguidade* (cf. a terminologia de Jakobson). Segundo Graeff (2012), é por *contiguidade*, por exemplo, que se dá o que a Linguística do Texto chama de *progressão temática*.

argumentação estrutural, no interior da qual ecoa o que Anscombe e Ducrot chamavam de "argumentação intrínseca". Diz-se que esta apenas "faz eco" naquela, pois a "argumentação intrínseca" implica um *topos*, cuja noção foi descartada pela Teoria dos Blocos Semânticos, uma vez que traía a própria tese fundadora da Semântica Argumentativa.

A Argumentação na Língua – mais especificamente durante a fase da Teoria dos Topoi – postulava que um encadeamento argumentativo como (1) *Pedro é rico, portanto pode fazer o que quer* acionava o topos "quanto mais se é rico, mais se tem possibilidades". Segundo defendia Ducrot (1988), *o fato de a riqueza tornar as coisas possíveis é algo que faz parte da significação linguística da palavra "rico"*. Como consequência, o referido topos é associado pela própria língua à palavra "rico" (trata-se, nesse caso, de um "topos intrínseco").

Marion Carel (2011, p. 114) abandona a terminologia de Anscombe e Ducrot e postula que um aspecto *A* é *estruturalmente expresso* por uma entidade linguística *E*, se *E* exprime *A* por sua própria significação linguística. Assim, os aspectos PERIGO DC PRECAUÇÃO, PRUDENTE DC SEGURANÇA, PRUDENTE PT NEG-SEGURANÇA, RESPONSÁVEL DC PRUDENTE e NEG-RESPONSÁVEL PT PRUDENTE – para citar alguns exemplos – são estruturalmente expressos por *prudente*. Segundo a TBS, então, o locutor do enunciado *Pedro é prudente* não mobiliza nenhuma crença: ele apenas explora a significação de *prudente* para descrever argumentativamente Pedro. Por essa razão, o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO não representa a crença de que o perigo conduz a tomar precaução, mas, sim, o grupo verbal intralinguisticamente construído: *tomar-precauções-por-causa-do-perigo*.

No interior do que se chama "estrutural" ou "linguístico", a TBS ainda sustenta que há encadeamentos e aspectos "doxais" – caso, por exemplo, dos aspectos estruturalmente expressos pela palavra *prudente* – e encadeamentos e aspectos "paradoxais". Estes últimos podem ser exemplificados por meio de encadeamentos e aspectos do tipo de (2) *A tarefa fez Pedro sofrer muito, portanto ele sentiu certo prazer* (SOFRIMENTO DC PRAZER) e (3) *Se Pedro for culpado, ele não será condenado* (FALTA DC NEG-PUNIÇÃO). Logo, conforme defende Carel (2017, p. 15), "doxa e paradoxo são fenômenos interiores à língua". O paradoxo não é contrário ao sistema, visto que o próprio léxico registra certos aspectos paradoxais, a exemplo do referido aspecto SOFRIMENTO DC PRAZER, inscrito na significação de *masoquista*. Em vista disso, uma análise lexical, segundo essa perspectiva (CAREL, 2011, p. 115), nada mais é do que uma análise da significação estrutural.

É preciso salientar, aqui, que o *paradoxo* ao qual a TBS faz referência é o *paradoxo* dito *linguístico*. Ele nada tem a ver, portanto, com a ideia de opinião contrária a uma opinião comum, a partir de crenças exteriores à língua. Trata-se de um fenômeno oriundo – do mesmo

modo que a doxa – da interdependência semântica entre dois metapredicados. Contudo, por constituir um sentido inesperado e estranho, o paradoxo pede uma explicação na sequência do discurso. Dessa maneira, note-se que tanto (2) quanto (3) são encadeamentos argumentativos que normalmente deveriam ser continuados por uma conjunção do tipo de "porque".

Lançando-se essa definição de "argumentação estrutural" proposta pela TBS – quer na forma doxal, quer na forma paradoxal – sobre as maneiras de manifestação ou expressão linguística, pode-se entender a chamada "linguagem ordinária" como aquela mais próxima da previsibilidade do sistema da língua. Isso não implica dizer que a "linguagem artística" ou "não ordinária" não contenha argumentações estruturais (doxais e paradoxais). Contudo, a respeito dessa complexidade, é fundamental considerar, de acordo com Carel (2017, p. 20), que "a estrutura argumentativa da língua é, antes de tudo, uma norma. Árbitro de todos os nossos discursos, é ela que nos leva a julgar como coerentes os discursos doxais e, inversamente, a julgar absurdos ou paradoxais os outros discursos". O que caracteriza a "arte da palavra", portanto, é essencialmente a violação dessa estrutura argumentativa da língua, por meio de empregos linguísticos bastante singulares, conforme se pôde ler em 1.4.

2.2.4 Argumentações contextuais e a linguagem artística: uma aproximação possível?

Na subseção anterior, viu-se, por um lado, que a noção de *topos intrínseco*, de Anscombe e Ducrot, ecoa na noção de "argumentação estrutural". Aqui, por outro lado, é a noção de *topos extrínseco*, da Teoria dos Topoi, que se pode evocar da base da noção de *argumentação contextual* proposta pela Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2011). Faz-se relevante recordar, então, de acordo com Anscombe e Ducrot, que o encadeamento (1) da subseção precedente acionava o "topos intrínseco" a "rico", *quanto mais se é rico, mais se tem possibilidades*. Paralelamente, entendia-se que um encadeamento como (1') *Pedro é rico, portanto tem muitos amigos* acionava o "topos extrínseco" a "rico", *quanto mais se é rico, mais se tem amigos*. O fato de *a riqueza dar amigos* seria contextual, segundo Anscombe e Ducrot, porque a associação do referido topos à palavra *rico* estaria diretamente subordinada a crenças atualizadas e compartilhadas socialmente.

Ao abandonar o vocabulário da Teoria dos Topoi, Marion Carel emprega os termos "estrutural" e "contextual". Conforme a autora (2011, p. 114-117), então, um aspecto A é *contextualmente expresso* por uma expressão E, se a associação de E e de A não é de ordem linguística. Em todo caso, Carel interessa-se exclusivamente pelos empregos de expressões

cuja associação feita é declarada pelo próprio discurso e, dessa forma, mantém-se fiel à epistemologia *autorreferencial* ou *estruturalista* da Semântica Argumentativa.

A oposição entre argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE) é de uma outra ordem. Um aspecto interno, que constitui a AI de uma expressão E, pode ser estrutural ou contextualmente expresso por E, do mesmo modo que um aspecto que constitui uma argumentação externa dessa expressão E. Um encadeamento como (4) *Faz bom tempo, mas, apesar disso, estou cansado* fornece um exemplo de AE contextual. Conforme Carel (2011, p. 115), o "apesar disso" restringe, no segundo segmento do encadeamento, uma leitura clássica de A *mas* B, e o aspecto argumentativo fundador BOM TEMPO DC NEG-CANSADO – expresso por *fazer bom tempo* – é, por esse motivo, contextual em (4).

Da mesma forma que há argumentações externas (AEs) contextuais, também existem argumentações internas (AIs) classificadas como contextuais. É o caso, por exemplo, do enunciado de um anarquista que diz: "Chamo 'livre' quem faz o que a sociedade proíbe". Notadamente, esse enunciado não emprega a significação que a palavra "livre" tem na língua, visto que a AI de "livre", representada nesse caso pelo aspecto PROIBIDO DC FAZ, depende da situação intradiscursiva para que seja compreendida. Trata-se, portanto, de uma AI contextual, segundo a terminologia empregada pela fase standard da TBS.

Diante disso, nota-se que as "argumentações contextuais" pertencem a uma categoria diferente daquela das "argumentações estruturais" (doxais e paradoxais). Ainda outros exemplos podem ser apresentados para que melhor se compreenda a sua natureza. Encadeamentos e aspectos como (5) *Meu gato miou, portanto o disco parou* (MIAR DC FAZER PARAR AS MÁQUINAS) e (6) *Pedro comeu um churrasco, portanto ficou contente* (COMER CHURRASCO DC FICAR CONTENTE) constituem, igualmente, exemplos de "argumentações contextuais". Essas argumentações estão por ser estudadas em detalhes, pois, segundo afirma Carel (2017), enquanto os *encadeamentos doxais* encontram-se definidos e ordenados, os *encadeamentos paradoxais* e *contextuais* ainda se encontram desorganizados.

Não é apenas o "discurso do anarquista" que se serve de "argumentações contextuais". Entrelaçamentos argumentativos que transgridem radicalmente a língua se evidenciam com certa frequência também nos "discursos artísticos". Isso quer dizer que, do ponto de vista semântico-argumentativo, o "discurso artístico" pode ser caracterizado como o lugar em que a complexidade combinatória atinge o seu limite e beira, muitas vezes, o *nonsense*. Não é, portanto, apenas uma questão de enunciação que o distingue do "discurso ordinário". No fundo, como bem explica Carel (2017, p. 20), é sempre em referência às regras previstas pela

significação argumentativa do léxico que repousam a *liberdade de construção linguística*, as *imagens de si*, a *solidez* e também as *qualidades estilísticas do discurso*.

A fase atual da Teoria dos Blocos Semânticos complexifica o exame dos *encadeamentos* e dos *aspectos contextuais*, uma vez que introduz a noção de *decalagem* – noção que permite revelar a "ideologia" do meio social em que o discurso foi produzido e o "modo de pensar do locutor". Conforme será possível verificar na subseção 2.3.3, um enunciado como *Pedro é republicano, mas honesto* tinha como aspecto fundador – durante a fase standard da TBS – REPUBLICANO DC NEG-HONESTO, o qual era classificado como um aspecto contextualmente associado a *republicano*. No entanto, justamente com o objetivo de evitar que essa associação fosse um indicador das crenças do locutor e da ideologia de seu grupo social, Carel modificou a análise dos encadeamentos e dos aspectos contextuais.

Antecipando, aqui, parte da reflexão sobre a *decalagem*, convém salientar que atualmente Marion Carel (CAREL; GOMES, 2019, p. 268) entende que, para compreender o encadeamento *Pedro é republicano, portanto não é honesto*, é preciso encontrar o que pode levar um republicano a não ser honesto. É preciso encontrar uma razão *doxal* à sua desonestidade (por exemplo: "que ele defende seu próprio interesse"). Segundo a autora, esse encadeamento não se origina do aspecto REPUBLICADO DC NEG-HONESTO, visto que concretiza o aspecto doxal DEFENDE SEU INTERESSE DC NEG-HONESTO. Há, então, uma *decalagem* reveladora de uma "ideologia"/ de um "modo de pensar do locutor" entre o encadeamento e seu aspecto. A ideologia não se encontra, enfim, nos aspectos doxais mobilizados, mas na associação dos encadeamentos e dos aspectos no cenário das palavras.

Antes de encerrar esta subseção, leiam-se as seguintes palavras de Carel – referindo-se à pesquisa realizada nesta tese, ao ser interrogada sobre o "lugar da ideologia nos estudos linguísticos" – em entrevista intitulada *A Semântica Argumentativa de nossos dias: questões ligadas às noções de língua, discurso, sentido e enunciação*:

Nessa perspectiva, a análise das figuras que você, Lauro Gomes, empreende me parece muito interessante. Estudar as figuras do discurso artístico é, de fato, estudar essas mudanças do aspecto argumentativo, essas decalagens: o discurso artístico, geralmente visto como a simples expressão de si, seria o lugar, por excelência, da expressão da ideologia. (CAREL; GOMES, 2019, p. 269).

2.2.5 Os blocos semânticos na organização argumentativa do léxico e do discurso

No interior da Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL; DUCROT, 2005), um *bloco semântico* é definido como uma entidade unitária e indecomponível expressa nos

encadeamentos e nos aspectos argumentativos e oriunda da *interdependência semântica* estabelecida entre dois *metapredicados* ou *segmentos* A e B. Isso quer dizer que, nos encadeamentos (1) *Faz calor em Porto Alegre, portanto vamos passear* e (1') *Faz calor em Porto Alegre, no entanto não vamos passear*, a interdependência semântica que se estabelece entre os metapredicados A: CALOR e B: PASSEAR é a mesma. Logo, o mesmo bloco semântico impresso por esses dois encadeamentos relaciona os segmentos CALOR e PASSEAR, de cujo entrelaçamento argumentativo decorrem oito aspectos organizados da seguinte forma:

BS1: calor ↔ passear
A DC B: CALOR DC PASSEAR
A PT NEG-B: CALOR PT NEG-PASSEAR
NEG-A PT B: NEG-CALOR PT PASSEAR
NEG-A DC NEG-B: NEG-CALOR DC NEG-PASSEAR

Resultado da mesma interdependência semântica entre os segmentos A e B do BS1, o BS2 – igualmente formado de quatro aspectos – relaciona os seguintes aspectos:

BS2: calor ↔ não passear
A DC NEG-B: CALOR DC NEG-PASSEAR
A PT B: CALOR PT PASSEAR
NEG-A DC B: NEG-CALOR DC PASSEAR
NEG-A PT NEG-B: NEG-CALOR PT NEG-PASSEAR

O tipo de relação estabelecida em todos os encadeamentos e aspectos argumentativos é totalmente diferente da ligação de duas informações. Daí o fato de a TBS se manter fiel à proposta saussuriana de descrever a língua a partir dela mesma, sem fazer intervir fatores extralinguísticos. Dentre outros objetivos, a TBS visa a dar as regras da linguagem ordinária a partir do emprego dos conectores DC e PT. Como já dito, então, para essa perspectiva, o discurso não está baseado em coisas, fatos, crenças psicológicas, nem em ideias.

É possível verificar claramente que o fenômeno da *interdependência semântica* postulado pela TBS recupera os princípios linguísticos (estruturalistas) e filosóficos da ANL, visto que atribui a essência da *significação* e do *sentido* às noções de *relação* e de *alteridade*. Dessa forma, a realidade linguística – que involuntariamente fora atribuída a elementos externos à língua na Teoria dos Topoi – passa a ser reexaminada, no interior da TBS, unicamente por intermédio de elementos intralinguísticos. Ainda para exemplificar como isso acontece, Oswald Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005, p, 31-32) descreve e explica a noção de *tempo (cronos)*, diferenciando um *tempo-que-leva* de um *tempo-que-traz*. Segundo o referido

linguista, o *tempo* apresenta certa ambiguidade na sua essência, haja vista que tanto cria as coisas e mostra presença quanto as destrói, fazendo-as desaparecer.

Tal ambiguidade pode ser percebida a partir de encadeamentos como (2) *É tarde, portanto Pedro deve estar em seu escritório* e (2') *É tarde, no entanto Pedro não deve estar em seu escritório*. Pode-se dizer que os segmentos A: TARDE e B: ESTAR NO ESCRITÓRIO "têm o mesmo sentido", na medida em que (2) e (2') são encadeamentos materializados por aspectos de um mesmo bloco semântico. Desse modo, o segmento B: ESTAR NO ESCRITÓRIO, em (2), significa *deve ter chegado*. A presença de Pedro, aqui, deve ser vista como algo que produz, não como algo que corre o risco de desaparecer. Já (2') poderia significar (2'') *É tarde, no entanto Pedro não deve ter chegado a seu escritório*. A conclusão disso é que *tarde* é um tempo que evoca, nesses dois referidos casos, o dito *tempo-que-traz*.

A partir dos segmentos A: TARDE e B: ESTAR NO ESCRITÓRIO – relacionados argumentativamente pelos conectores *portanto* (*donc* → DC) e *no entanto* (*pourtant* → PT) e pela presença ou pela ausência da negação (NEG) –, podem-se constituir oito aspectos argumentativos. É assim que esse fenômeno, inerente à própria natureza da língua, dá origem ao BS1: do *tempo-que-traz-as-coisas* e do BS2: do *tempo-que-leva-as-coisas*. Nessa fase standard da TBS, o BS2 (paradoxal) é definido, então, como um bloco semântico contrário ao BS1 (doxal). É importante salientar, no entanto, que esse postulado sobre a doxalidade e a paradoxalidade mudou na fase atual da TBS, conforme se poderá observar em 2.3.2.

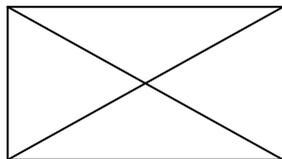
A TBS lança mão de dois *quadrados* – denominados *argumentativos* – para representar o BS1 e o BS2, em cujos ângulos são apresentados os aspectos transgressivos (1 e 2, no BS1; e 1' e 2', no BS2) e os aspectos normativos (3 e 4, no BS1; e 3' e 4', BS2):

Figura 3: BS1 do tempo-que-traz.

(1) TARDE PT NEG-ESTAR NO ESC.

(2) NEG-TARDE PT ESTAR NO ESC.

(3) NEG-TARDE DC NEG-ESTAR NO ESC.

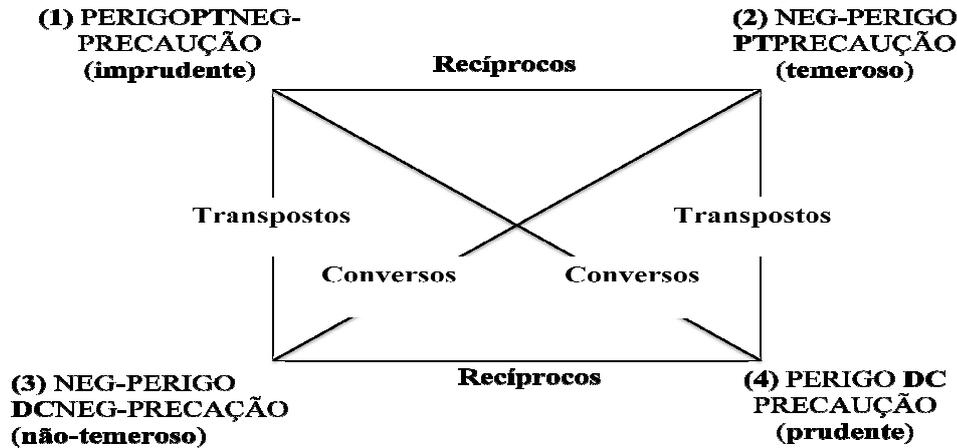


(4) TARDE DC ESTAR NO ESC.

Fonte: Figura fundamentada em Carel e Ducrot (2005, p. 34).

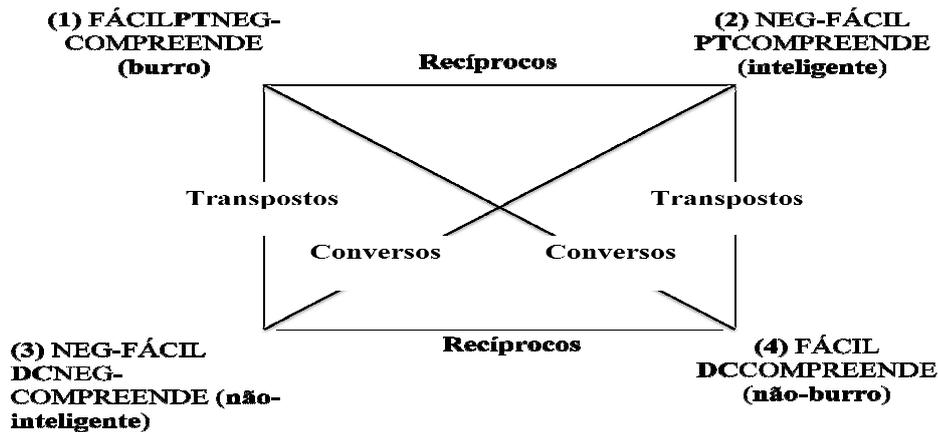
Nesse BS1, o segmento A é visto como favorável a B. A partir disso, conclui-se que o chamado *tempo-que-traz* é favorável à presença das coisas. O contrário acontece no BS2:

Figura 5: BS1 – relaciona *precaução diante de perigo*.



Fonte: Figura fundamentada em Carel e Ducrot (2005).

Figura 6: BS1 – relaciona *compreensão de algo por ser fácil*.



Fonte: Figura fundamentada em Carel e Ducrot (2005).

É preciso acrescentar que a relação de *conversão* tem uma estreita relação com a negação. Por isso, se X enuncia (1), pode-se notadamente contestá-lo enunciando (4), a fim de assegurar que o conteúdo de (1) seja falso. Então, se X enuncia, por exemplo, *Pedro é burro*, pode-se contestá-lo com o enunciado *Isso não é verdade* (pressupondo-se *Pedro não é burro*). É possível igualmente contestar alguém que enuncia *Pedro é inteligente*, por meio dessa estratégia, já que ela permite rechaçar o conteúdo afirmado. Segunda explica Carel (2002), é essa relação de *conversão* que opõe as palavras antitéticas *prudente* e *imprudente*, fato que dá a esse tipo de relação um *status* fundamental na descrição linguística. Esse mesmo *status*, de acordo com a semanticista, também deve ser dado à oposição *normativo* x *transgressivo*, uma vez que a relação de *conversão* repousa justamente sobre essa oposição.

Já a relação de *reciprocidade* entre (1) e (2) poderia ser parafraseada pela expressão *ao contrário*, a partir da qual se pode concluir que não somente é falso aquilo que se afirma em (1), por exemplo, mas que é justamente o contrário. Por esse motivo, enunciando-se *Pedro é burro*, pode-se continuar com o enunciado *Ao contrário, é inteligente*. Já a reciprocidade entre (3) e (4) pode ser descrita por *não vamos longe demais* ou por *também não exageremos*. Assim, enunciando-se *Pedro é inteligente*, pode-se contestar esse enunciado com *Também não exageremos: Pedro é efetivamente burro*.

Por fim, na relação de *transposição*, encontram-se, em sentido descendente, entre (1) *Pedro é burro* e (3) *Pedro não é inteligente* – do mesmo modo que entre (2) e (4) –, expressões como *em todo caso* e *ao menos*. Existe, então, entre (1) e (3), o discurso: *Pedro é burro: em todo caso, não é inteligente*. No entanto, em sentido *ascendente*, de (3) a (1) e de (4) a (2), a transposição pode ser descrita por palavras como *até* ou *inclusive*. Assim, entre (3) e (1), há *Pedro não é inteligente e inclusive te diria mais: Pedro é burro*. Da mesma forma, entre (4) e (2), há *Pedro não é burro e inclusive te diria mais: Pedro é inteligente*. Nas palavras de Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005, p. 50, tradução nossa): "Nossa tese é que essas relações se encontram em todos os quadrados argumentativos que podem ser construídos"⁸⁵.

Vai-se observar, na próxima seção, que não apenas a *doxalidade* e a *paradoxalidade* sofreram atualizações na TBS-atual mas também as relações entre os aspectos (*reciprocidade*, *conversão* e *transposição*). O que se mantém sem nenhuma modificação é o caráter *normativo* e *transgressivo* dos encadeamentos e dos aspectos, o qual se tem revelado como um princípio inexorável da teoria, graças ao qual as condições de verdade são excluídas do estudo semântico das entidades linguísticas em língua natural. Dessa forma, revisitados os princípios e os conceitos principais da TBS-standard, passa-se à fase atual da teoria.

2.3 Fase atual da Teoria dos Blocos Semânticos: um convite à análise textual-discursiva

Como já se verificou ao longo da seção anterior, a TBS efetivamente *aprofunda* e *radicaliza* a ANL. No entanto, por se tratar de uma teoria em desenvolvimento, nunca se pode esquecer que algumas de suas hipóteses ainda estão sendo testadas e que determinados conceitos – empregados há mais de duas décadas por Carel, Ducrot e seguidores – podem, a qualquer momento, ser abandonados e substituídos por outros considerados mais funcionais. Maior *funcionalidade* – saliente-se aqui – não quer dizer nem "simplificação", nem mesmo

⁸⁵ "Nuestra tesis es que estas relaciones se encuentran en todos los cuadrados argumentativos que se pueden construir". (CAREL; DUCROT, 2005, p. 50).

"utilitarismo". O que se busca, ao contrário, é um aprofundamento conceitual ainda mais abstrato e, muitas vezes, distante da possibilidade de aplicações ou transposições apressadas.

Na passagem da fase standard para a fase atual da teoria⁸⁶, a maior modificação repousa na substituição das noções de *argumentação interna* e de *argumentação externa* pela noção de *quase-bloco*. Desse modo, o que se pode perceber, de uma maneira geral, são acréscimos de noções, conceitos e aplicações em discursos, cujo potencial institui a TBS – mais do nunca – no domínio de uma Linguística Textual ou também no campo de uma Análise do Discurso, resguardado evidentemente o seu estatuto epistemológico. Desde que a teoria começou a circular nos meios acadêmicos brasileiros, por exemplo, enquanto alguns pesquisadores a leram como uma Semântica com potencial para a realização de análises textuais-discursivas, outros a classificaram como uma Semântica Lexical, concebendo-a, no máximo, como uma Semântica do Enunciado. Essa nova fase da TBS esclarece, enfim, as possibilidades de leitura da teoria que olham para as macroestruturas e superestruturas textuais, não apenas para a microestrutura, como alguns linguistas quiseram normatizar.

2.3.1 Notas sobre a constituição da *significação* e do *sentido*

Ao mesmo tempo que a TBS desfaz a distinção metodológica do nível complexo – tomando *texto* e *discurso* como sinônimos –, ela mantém a distinção ducrotiana proposta para o nível elementar entre *frase* e *enunciado*, bem como – e sobretudo – a diferença estabelecida para os seus respectivos *valores semânticos*. Isso quer dizer, em termos gerais, que o *sentido* continua sendo definido como o "valor semântico em uso" e a *significação*, como o "valor semântico fora de uso". Diz-se, então, que um termo "significa" tal valor e que o emprego do termo "exprime" tal valor. No entanto, a *significação* – nesta fase atual da teoria – recebe novas acepções, a partir das quais se desenvolvem as demais noções e conceitos propostos. Afinal, como já defendia a ANL, a *significação* é o real objeto de estudo do semanticista.

Assim, ao considerar a complexidade intrínseca a essa noção fundamental da TBS, todas as subseções desta seção 2.3 fazem menção a princípios e conceitos que buscam elucidar a *significação* linguística. Todo o resgate teórico aqui realizado ampara-se, essencialmente, nos artigos intitulados *Significação e argumentação* (CAREL, 2017) e *As argumentações enunciativas* (CAREL, 2018), bem como no curso ministrado por Marion

⁸⁶ É importante destacar que existe – segundo depoimento pessoal de Marion Carel – um "período de latência na TBS" entre 2005-2009, período durante o qual o livro *L'Entrelacement argumentatif* encontrava-se em elaboração. Embora esse livro empregue os termos técnicos da fase standard da TBS (cf. CAREL, 1992), ele é uma espécie de preparação para as novidades efetivamente lançadas em 2010 (ano de início da fase atual).

Carel na *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (PUCRS, 2018), intitulado *Análise argumentativa e análise enunciativa da língua: da palavra ao texto*, e nos seminários de Marion Carel e Dinah Ribard (2017-2018 e 2018-2019) ministrados na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). O que se busca trazer, aqui, são apenas aquelas noções mais estabilizadas no quadro da teoria, sobretudo as que revelam potencial para auxiliar no teste das hipóteses desta pesquisa, na execução de seus objetivos e na postulação final da tese.

Três princípios semânticos encontram-se, de acordo com Carel (2018), nesta nova acepção de *significação*. O primeiro é o de que a *significação contribui para determinar o sentido dos enunciados*, o segundo é o de que a *significação é argumentativa* e o terceiro é o de que *a maneira pela qual a significação de uma palavra contribui para a determinação do sentido de um enunciado varia de acordo com o uso da palavra*. Justamente em virtude desse princípio da variação do sentido, segundo o emprego da palavra, a TBS usa o verbo "prefigurar" para sustentar que o *sentido* está "prefigurado" na *significação* da palavra.

Por ser essa uma abordagem combinatória, isto é, que considera o entrelaçamento das palavras no discurso, a TBS entende que o primeiro dos três referidos princípios diz respeito ao fato de que *expressões* fora de uso são meras construções, também entendidas como "valores associados pela língua". Por esse motivo, a significação é ainda vista como uma ferramenta para prever – depois de conhecido o contexto verbal – o sentido dos empregos. Isso quer dizer, por exemplo, que a significação de uma palavra como *sabre* prefigura o papel de seus usos em (1) *O pirata empunhou um sabre com o qual se lançou sobre o tenente do rei* e em (2) *Seu sabre estava enferrujado há muito tempo, ele o deu para seu filho de sete anos*. No entanto, esse mesmo fenômeno não acontece em (3) *Pedro entrou na sala de esgrima. Ele se sentou em um banco e colocou sua mochila ao lado de um armário, onde ficavam alguns sabres. Como de costume, João estava atrasado*, em que, segundo Carel (2017, p. 4), a palavra *sabre* desempenha outra função do que a de exprimir a sua significação.

De acordo com o terceiro princípio, a palavra *sabre* poderia ser substituída, em (3), por *espada*, *toalhas*, *papéis*, ou seja, por coisas, visto que a natureza dos objetos não tem nenhuma importância para a interpretação de (3). Do fato de a *significação* de *sabre* não intervir no *sentido* de (3) da mesma maneira que intervém o verbo *ficar*, por exemplo, Carel (2017, p. 5) conclui que "as palavras não são peças de madeira que nossos discursos reuniriam em quebra-cabeças representando o mundo". E isso que se observa em (3) obviamente não é um caso particular. Similarmente, a significação de *parede*, por exemplo – representada por

RAZÃO DE COMUNICAR PT SEPARAÇÃO – intervém no sentido de (4) *Uma parede corta o*

sótão em duas partes, seu quarto e o de sua filha e permite prever sua paráfrase por (5) *Embora o quarto dela e o de sua filha estejam ambos no sótão, eles estão separados*, mas não intervém em (6) *Não te apóies. Eu acabei de pintar a parede*, em que o locutor poderia ter omitido *a parede*. Tal fenômeno comprova, segundo Carel (2017), que as palavras lexicais têm papéis variados e que a sua significação descreve apenas alguns de seus empregos.

A significação é argumentativa, pois é ela que possibilita prever o sentido argumentativo dos enunciados. De acordo com Carel (2018), os enunciados (7) *Pedro foi prudente* e (8) *Maria é prudente* são parafraseáveis pelos encadeamentos argumentativos (7') *Pedro encontrou um perigo, e portanto ele mudou seu comportamento* e (8') *Se Maria encontrar um perigo, ela mudará sua atividade*. O sentido dos enunciados *Pedro foi prudente* e *Maria é prudente* é argumentativo. Para prevê-lo, a significação de *prudente* contém o que os encadeamentos (7') e (8') compartilham, ou seja, um mesmo esqueleto. Esse esqueleto é indicado como PERIGO DC MODIFICAR e é chamado de "aspecto argumentativo".

Em vista disso, a TBS é uma Semântica Linguística, visto que, conforme já se verificou ao longo das seções sobre a ANL, o potencial argumentativo de um enunciado encontra-se inscrito na própria língua. Viu-se que a significação da frase que realiza os enunciados (9) *Quase fui selecionado para o concerto de final de ano* e (10) *Eu não fui selecionado para o concerto de final de ano* conduz, no caso de (9), para uma continuação do tipo de (9') *portanto estou um pouco triste* e, no caso de (10), para uma continuação do tipo de (10') *portanto estou contente*. Segundo Carel (2018), a TBS radicaliza a abordagem de Anscombe e Ducrot, supondo que a significação é apenas argumentativa, mesmo quando a palavra tem aparência referencial. Como a significação de *sabre* contém o aspecto FORTE PT FERÍVEL, ela aparece, em (1), como tal e (1) evoca (1') *até mesmo se o tenente do rei fosse forte, o pirata poderia feri-lo*; já em (2), ela é modificada por *enferrujado* em FORTE DC NEG FERÍVEL e (2) evoca (2') *se ele encontrasse alguém forte, o pai não poderia feri-lo*.

Pelo fato de esta pesquisa ter dentre seus objetivos a descrição e a explicação do *sentido* de enunciados e de períodos argumentativos e a *significação* de palavras em discursos artísticos escritos, é importante que as ferramentas de estudo desses dois valores semânticos estejam muito claras e referendadas, segundo a TBS-atual. Foi, então, com esse propósito que se apresentou essa primeira subseção e é em vista de um aprofundamento em torno da *significação*, em especial, que versa a próxima subseção teórica, uma vez que pensar em nível de "aspectos", "blocos" e "quase-blocos" é pensar no nível abstrato da *significação linguística*, não propriamente no nível concreto do *sentido das entidades em uso*.

2.3.2 Aspectos argumentativos, blocos semânticos e quase-blocos

As duas primeiras noções referidas no título desta subseção já foram apresentadas em 2.2, segundo a fase standard da TBS. Pode-se dizer, com isso, que é a terceira noção da sequência, a de *quase-bloco*, que constitui um efetivo acréscimo da fase atual da Teoria. No entanto, antes de explicitar as três noções em foco, bem como a atualização da noção de *bloco semântico*, é importante recordar que os *aspectos argumentativos* – tanto os *normativos* quanto os *transgressivos* – constituem a *significação* das *palavras* do léxico e que os *blocos semânticos* são as entidades unitárias e indecomponíveis subjacentes aos encadeamentos e aos aspectos argumentativos, sejam eles normativos ou transgressivos.

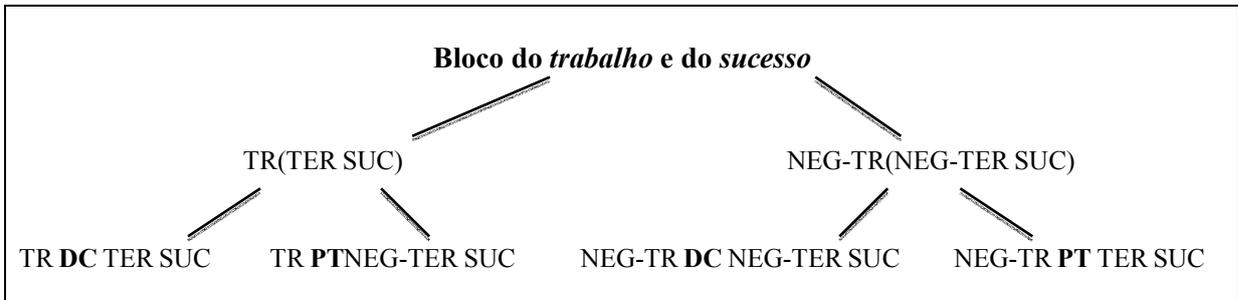
Devido à impossibilidade de haver – segundo a TBS-standard – aspectos paradoxais num bloco semântico doxal e, reciprocamente, de haver aspectos doxais num bloco paradoxal, a noção de *bloco semântico* sofreu modificações. A TBS-atual introduz, portanto, a noção de *quase-bloco* – núcleo semântico comum entre dois aspectos –, a fim de resolver, de uma vez por todas, os problemas postos pela noção de *argumentação externa* (AE da TBS-standard), sobretudo, e, conseqüentemente, para dar conta da instabilidade do sentido dos enunciados.

Note-se que o bloco semântico do *trabalho* e do *sucesso*, por exemplo, reagrupa quatro aspectos, a saber: TRABALHAR DC TER SUCESSO, TRABALHAR PT NEG-TER SUCESSO, NEG-TRABALHAR DC NEG-TER SUCESSO e NEG-TRABALHAR PT TER SUCESSO. Conforme Carel, em seus seminários (2018) na EHESS, esses quatro aspectos são construídos a partir de um mesmo bloco semântico que lhes serve, de algum modo, de "argila comum". No entendimento da semanticista, os dois primeiros aspectos – TRABALHAR DC TER SUCESSO e TRABALHAR PT NEG-TER SUCESSO – têm um parentesco mais forte e, portanto, estão prefigurados na significação do verbo *trabalhar*. Em realidade, eles representam as duas faces de uma mesma ideia de *trabalho*, que normalmente leva a ter sucesso, conforme o primeiro caso, ou que não impede o insucesso, no segundo.

Tal parentesco mais forte entre os dois referidos aspectos chama-se de *quase-bloco* e é representado pela notação TRABALHAR (TER SUCESSO), em que o segundo termo aparece entre parênteses pelo fato de estar sob a forma positiva em TRABALHAR DC TER SUCESSO e sob a forma negativa em TRABALHAR PT NEG-TER SUCESSO. Do mesmo modo, os dois outros aspectos do bloco semântico em questão, NEG-TRABALHAR DC NEG-TER SUCESSO e NEG-TRABALHAR PT TER SUCESSO, têm um forte parentesco e são tirados, por conseguinte, de um outro quase-bloco: NEG-TRABALHAR (NEG-TER SUCESSO). Esses aspectos estão, de acordo com Carel (2018, seminários na EHESS), prefigurados na significação de *não trabalhar*.

Atualmente, em decorrência dessa noção de *quase-bloco*, tem-se empregado uma representação arbórea para explicitar a análise – em que, no caso em foco, TR é abreviatura de TRABALHAR e TER SUC é abreviatura de TER SUCESSO –, conforme se pode conferir:

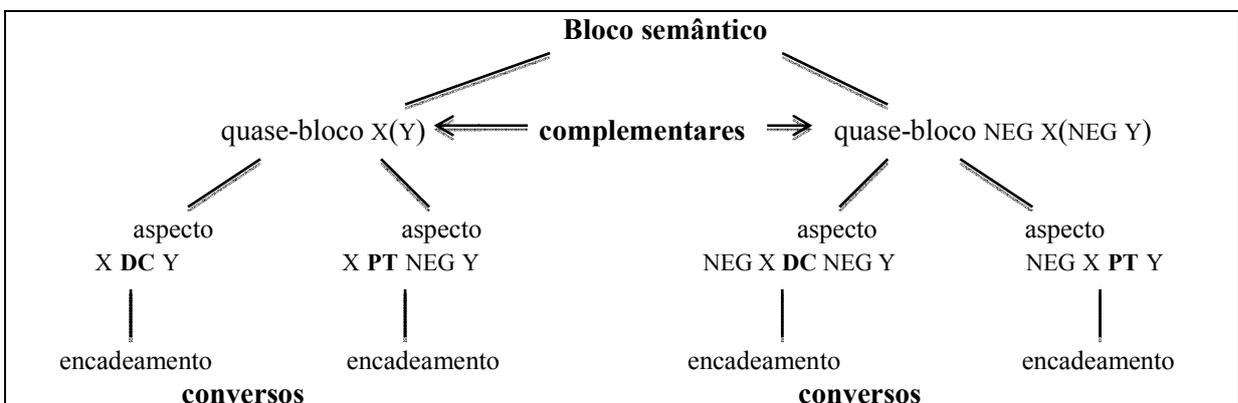
Figura 7: Árvore da conversão.



Fonte: Figura extraída de Carel (2019, no prelo).

No nível inferior dessa árvore, encontram-se os quatro aspectos do *trabalho e do sucesso*. No nível superior, encontra-se o próprio bloco; e, entre os dois níveis, encontram-se os quase-blocos, que são noções de um grau de abstração intermediário. O prefixo "quase" – conforme Carel (2018, em seminários na EHESS) – marca justamente essa posição intermediária: um quase-bloco ainda não é completamente um bloco. Note-se, nesse caso, que os aspectos derivados de um mesmo quase-bloco estão numa relação de **conversão**, em que cada um dos dois aspectos *especifica* o quase-bloco. Logo, esse bloco dá lugar a dois quase-blocos de *conversos* que são ditos *complementares*, conforme se pode verificar na figura 8:

Figura 8: Fórmula da árvore da conversão.

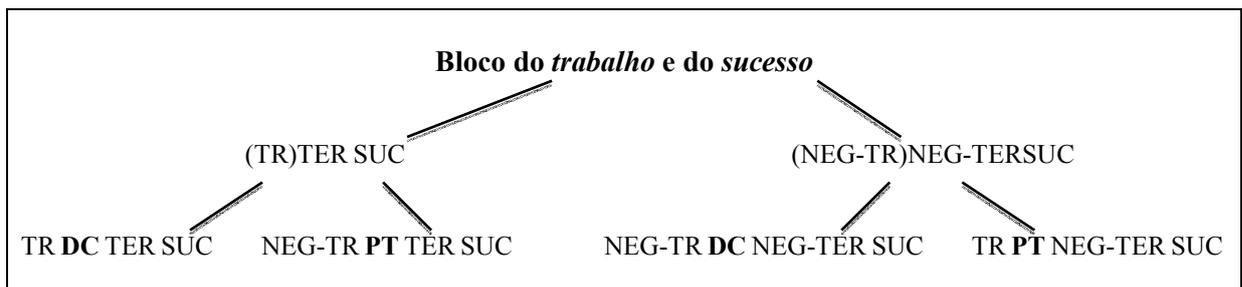


Fonte: Figura extraída, com modificações, de Carel (2019, no prelo).

Assim como o bloco anterior é visto sob o ângulo do *trabalho*, pode-se igualmente construir outra árvore desse mesmo bloco, mas sob o ângulo do *sucesso*. Como elucidada Carel

(2018, seminários na EHESS), existem duas maneiras de ter sucesso: ter-sucesso-por-causa-do-trabalho (TRABALHAR DC TER SUCESSO) e ter-sucesso-apesar-da-ausência-do-trabalho (NEG-TRABALHAR PT TER SUCESSO), cujas faces do *sucesso* compartilham o quase-bloco (TRABALHAR) TER SUCESSO. Aqui, o primeiro termo – *trabalhar* – aparece entre parênteses, uma vez que foi empregado positivamente em TRABALHAR DC TER SUCESSO e negativamente em NEG-TRABALHAR PT TER SUCESSO. Confira-se:

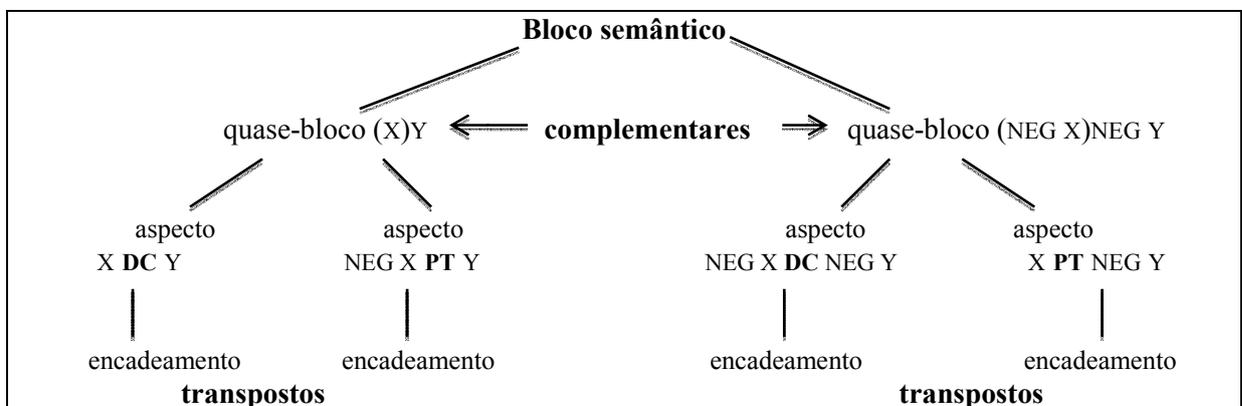
Figura 9: Árvore da transposição.



Fonte: Figura extraída de Carel (2019, no prelo).

Como o quase-bloco TRABALHAR (TER SUCESSO), o quase-bloco (TRABALHAR) TER SUCESSO igualmente dá lugar ao aspecto normativo TRABALHAR DC TER SUCESSO. O que distingue os dois quase-blocos é o aspecto transgressivo. Desse modo, enquanto o quase-bloco TRABALHAR (TER SUCESSO) prefigura dois aspectos conversos, o quase-bloco (TRABALHAR) TER SUCESSO prefigura dois aspectos **transpostos**, em que cada um dos aspectos *especifica* o quase-bloco. Assim, esse bloco dá lugar a dois quase-blocos de *transpostos* que são ditos *complementares*, conforme se pode verificar na figura 10:

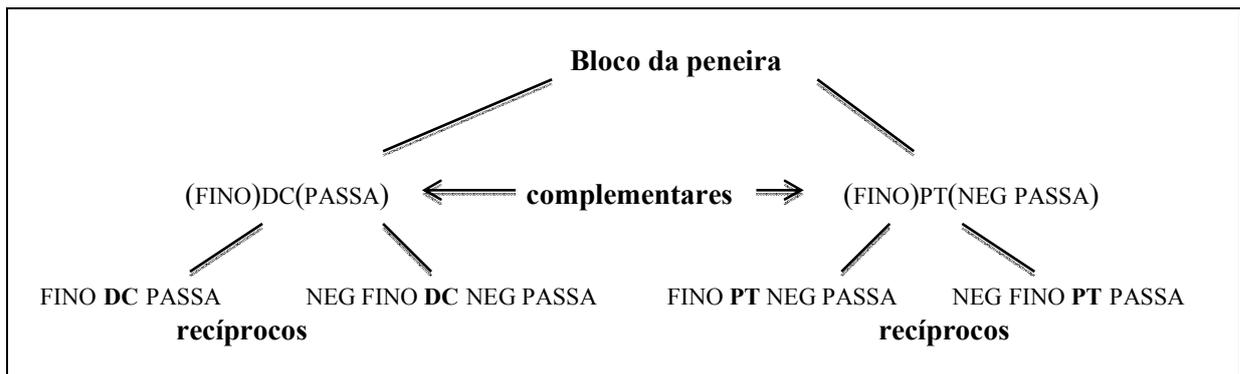
Figura 10: Fórmula da árvore da transposição.



Fonte: Figura extraída, com modificações, de Carel (2019, no prelo).

Por fim, mas nem por isso menos importante, de acordo com Carel (2019, no prelo), também é possível construir quase-blocos de **recíprocos**. É o caso do bloco da "peneira", por exemplo, em que, por um lado, o quase-bloco (FINO)DC(PASSA) especifica os aspectos FINO DC PASSA e NEG-FINO DC NEG-PASSA; e, por outro lado, o quase-bloco (FINO)PT(NEG-PASSA) especifica os aspectos transgressivos FINO PT NEG-PASSA e NEG-FINO PT PASSA:

Figura 11: Árvore da reciprocidade.

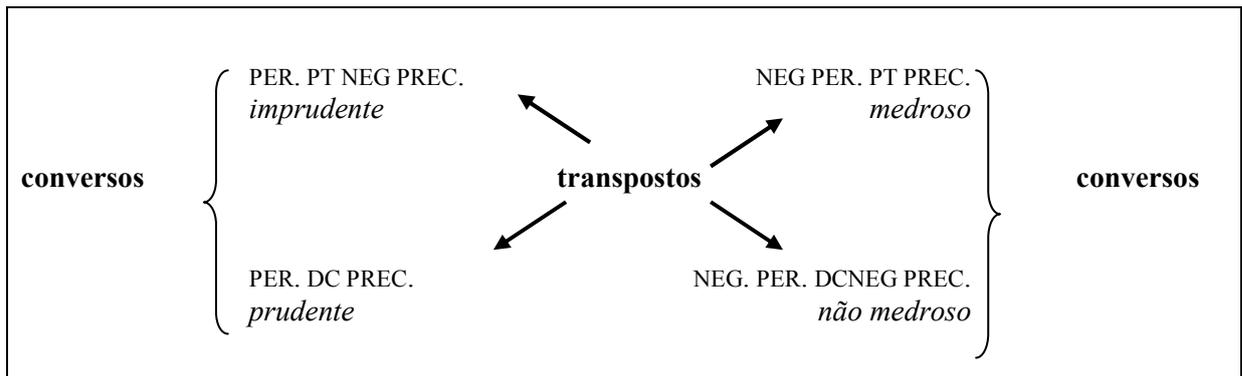


Fonte: Figura fundamentada em Carel (2019, no prelo).

Por meio desses esquemas, nota-se que os *blocos* especificam-se em *quase-blocos*, que se especificam em *aspectos*, os quais, por sua vez, concretizam-se em *encadeamentos*. A TBS-atual (CAREL, 2017, p. 10) postula, ademais, que os quase-blocos e os aspectos não apenas estão presentes na significação, mas também estabelecem algumas relações entre as palavras, a saber: (1) *relações de modo*, (2) *relações de contradição* e (3) *relações graduais*.

As *relações de modo* existem na medida em que um aspecto como PERIGO DC PRECAUÇÃO especifica o quase-bloco PERIGO (PRECAUÇÃO) e, dessa forma, *ser prudente* – cujo termo contém, em sua significação, o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO – é um "modo" de reagir ao *perigo*. Já as *relações de contradição* acontecem na oposição de aspectos conversos: *prudente* e *imprudente* são termos opostos no interior da língua. Por fim, as *relações graduais* acontecem nas *relações de transposição*, que permitem o emprego de expressões do tipo de "até mesmo", conforme se pôde verificar em 2.4.5, sobre a TBS-standard. Todas essas relações podem ser identificadas no diagrama a seguir, não mais denominado *quadrado argumentativo* (cf. a TBS-standard), e, sim, *quadrado de transposição* (cf. a TBS-atual):

Figura 12: Quadrado de transposição.

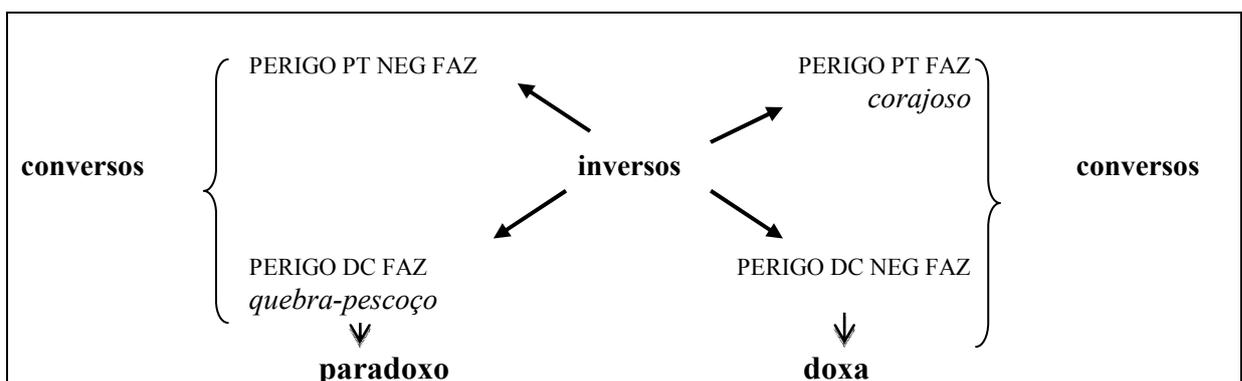


Fonte: Figura extraída, com algumas modificações, de Carel (2017, p. 10).

Segundo Carel (2017, p. 10), encontram-se, à esquerda desse quadrado de transposição, os aspectos conversos do quase-bloco PERIGO (PRECAUÇÃO) e, à direita, os aspectos conversos do quase-bloco complementar NEG-PERIGO (NEG-PRECAUÇÃO). Tanto os aspectos conversos (nas duas colunas verticais) quanto os aspectos transpostos (em diagonal) especificam o mesmo bloco semântico. É importante salientar, ademais, que as palavras *imprudente*, *prudente*, *medroso* e *não medroso* fazem parte de um mesmo "campo semântico". Com isso, note-se que a *gradualidade* – uma hipótese fundadora da ANL de Anscombe e Ducrot (1983) – permanece intacta nessa fase atual da TBS. Nas palavras de Carel (2017, p. 11), "a gradualidade organiza o sistema da língua da mesma forma que as relações de contradição banalmente utilizadas pelos lógicos, da mesma forma que as relações de modo funcionam nas classificações aristotélicas em gênero e espécie".

Antes de encerrar esta subseção, vale destacar que as ferramentas teóricas desta fase atual da TBS também preveem a existência de blocos semânticos que reúnem aspectos doxais e paradoxais. Nesses casos, é necessário que se construa, de acordo com Carel (2017; 2018; 2019), um "quadrado de inversão", conforme ilustra o esquema a seguir:

Figura 13: Quadrado de inversão.



Fonte: Figura construída por Carel (em encontro de grupo de pesquisa ocorrido em 18/03/2019, na EHESS).

Esse *quadrado de inversão*⁸⁷ contém, na coluna à esquerda, os dois aspectos paradoxais e, na coluna à direita, os dois aspectos doxais do mesmo bloco semântico. Os dois aspectos normativos encontram-se em relação de *oposição* e os dois aspectos transgressivos estão dispostos em relação *gradual*. O que muda, nessa fase atual, em relação ao paradoxo, é a possibilidade de inscrevê-lo num mesmo quadrado com aspectos doxais. Desse modo, permanece intacta a tese segundo a qual a paradoxalidade não tem relação direta com a transgressão: (1) *Faz bom tempo, portanto Pedro está contente* e (1') *Faz bom tempo, no entanto Pedro não está contente* expressam um mesmo sentido e, igualmente, uma mesma "ideologia", ou seja, esses encadeamentos expressam um mesmo "modo de pensar do locutor". Ambos são doxais. Por sua vez, em (2) *Pedro sofre, no entanto está contente*, Pedro suporta o sofrimento e o encadeamento é doxal; já em (2') *Pedro sofre, portanto está contente*, Pedro ama o sacrifício e, por conseguinte, o encadeamento é paradoxal.

Em vista disso, doxalidade e paradoxalidade encontram-se, agora, no nível dos quase-blocos (o quase-bloco paradoxal está na coluna da esquerda do quadrado de inversão e o quase-bloco doxal, na coluna da direita, do mesmo quadrado). Em encontro de grupo de pesquisa ocorrido em 18 de março, na EHESS, Carel (2019) enfatiza que a língua é definida pelos quase-blocos doxais, não pelos aspectos lexicalizados. Isso quer dizer que um quase-bloco será definido como doxal unicamente se for lexicalizado. Além disso, cabe ainda examinar, em trabalhos futuros, em que medida o paradoxo pode ser entendido como um caso de *figura*, por exemplo, visto que a questão da *interpretação do paradoxo*, um tema fundamental para a TBS, já foi tratada por Carel (2019)⁸⁸.

É certo que essa subseção traz muitas novidades à comunidade acadêmica. As modificações mais significativas que a TBS sofreu nos últimos anos repousam nas noções aqui abordadas. Apesar disso, considerando-se a delimitação do tema desta pesquisa, não foi possível dedicar um espaço maior com explicações em torno dessas atualizações. Buscou-se apresentar, aqui, então, o que há de mais fundamental e estabilizado no interior da teoria.

2.3.3 Termos constitutivos, caracterizantes, singularizantes e decalagem

A TBS-atual classifica os termos de um enunciado como "fundadores" – termos que fundam o encadeamento argumentativo – e como "não fundadores" – os termos que não têm

⁸⁷ Para mais detalhes sobre esse tema, ver também Carel (2017, p. 14-19).

⁸⁸ Para mais detalhes sobre esse tema, ver *Interpretação e decodificação argumentativas* (CAREL, 2019).

nenhuma importância na fundação da paráfrase argumentativa do sentido. Para tanto, a teoria busca classificá-los, quanto ao seu emprego no enunciado, como "constitutivos", "caracterizantes" e "singularizantes". Embora seja essencialmente a significação que regule essa análise e não a gramática da língua, tal classificação é feita, finalmente, segundo o percurso de leitura escolhido pelo próprio semanticista. É importante destacar, portanto, que a denominação dos termos, no exame do enunciado, poderá variar de um analista a outro.

Ao buscar descrever e explicar o sentido de um enunciado como (1) *O culpado, um octogenário, estava dirigindo na contramão*, pode-se parafrazeá-lo, inicialmente, por meio do encadeamento (1') *o culpado era octogenário, portanto dirigia na contramão*, o qual concretiza o aspecto IDOSO DC DIMINUÍDO. Em análise desse exemplo, Carel (2018-2019) chega às seguintes observações: (a) o termo *octogenário* – pelo fato de fornecer o aspecto IDOSO DC DIMINUÍDO prefigurado em sua significação – encontra-se, ao mesmo tempo, num emprego "constitutivo" e "caracterizante"; (b) o termo *dirigia na contramão* aparece no encadeamento em relação ao aspecto: *dirigir na contramão* é um modo de justificar que o *culpado* está diminuído, ou seja, enfraquecido pela idade e, portanto, seu emprego é classificado como "caracterizante". Por fim, (c) o termo *o culpado* é "singularizante" e, da mesma forma que os "caracterizantes", concretiza o aspecto, mas não está diretamente relacionado a ele. Não é, por conseguinte, nenhum fator de "decalagem"⁸⁹.

Como o enunciado nem sempre determina seus termos e empregos, um caso como (2) *tu me seguiste em meu asilo* pode ser compreendido como evocando os encadeamentos (2') *este lugar é um asilo, portanto tu me seguiste* (que concretiza PROTEGIDO DC ESCOLHIDO), (2'') *este lugar é um asilo, no entanto tu me seguiste* (que concretiza SEM ANIMAÇÃO PT ESCOLHIDO) ou (2''') *tu és meu empregado, portanto tu me seguiste em meu asilo* (que concretiza DEPENDENTE DC SEGUIR). *Eu* e *tu* são termos "singularizantes"; em (2') e (2''), o termo *asilo* é "constitutivo" e os empregos de *seguir* e de *asilo* são "caracterizantes"; em (2'''), *seguir* é "constitutivo" e o único "caracterizante". Carel (2018-2019) enfatiza que o enunciado não fornece sempre um termo para cada emprego. Assim, por exemplo, no enunciado (3) *Pedro foi prudente*, o emprego de *Pedro* é "singularizante" e o emprego de *prudente* é "constitutivo". Não há termos "caracterizantes" e não se produz nenhuma "decalagem".

⁸⁹ No livro *L'Entrelacement argumentatif* (2011, p. 221, tradução nossa), Carel afirma que "a possibilidade de uma decalagem entre o aspecto expresso pelo enunciado e o aspecto do encadeamento evocado é a razão pela qual é preciso descrever, simultaneamente, os enunciados pelos aspectos que exprimem e pelos encadeamentos que evocam". Conforme o deslocamento feito nesta pesquisa, o fenômeno da *decalagem* está diretamente relacionado à interpretação que o linguista faz do *enunciado* e do *encadeamento* para a criação da língua-sistema. É, portanto, por *interpretação* que o semanticista classifica o *encadeamento* – bem como o *sentido* do *enunciado* – como *decalado* ou *não decalado*.

Ao contrário de (3), o enunciado (4) *estava-se vencido por sua conquista* contém os termos "caracterizantes" e evoca o encadeamento (4') *tinha-se conquistado, portanto se estava vencido*, mas falta, no interior de (4), um termo "constitutivo" para que se possa compreender (4'). Segundo Carel (2018-2019), quando, por um lado, o enunciado comporta um termo em emprego "constitutivo", o conteúdo é constituído por "decodificação argumentativa"; quando, por outro lado, o enunciado não comporta um termo "constitutivo", mas contém termos "caracterizantes", o conteúdo é construído por "interpretação"⁹⁰.

A partir dessas observações, pode-se definir os três referidos tipos de empregos de um termo no enunciado. Como conceitua a versão atual da TBS, o emprego é **constitutivo** quando o termo empregado exprime sua significação e a impõe, em geral, como estrutura da paráfrase argumentativa. Note-se que, num enunciado como (5) *O espetáculo que nós fomos ver era ruim*, a palavra *espetáculo* é *constitutiva*, visto que esse enunciado é parafraseável por um encadeamento como (5') *Nós vimos as ações se desenvolverem, no entanto não nos emocionamos*. Palavra cuja significação prefigura o esquema OLHAR AÇÕES DC ESTAR EMOCIONADO, *espetáculo* exprime, no emprego em questão, OLHAR AÇÕES PT NEG-ESTAR EMOCIONADO. Por fim, é o emprego de *ruim* o responsável pela transgressão do aspecto⁹¹.

Um emprego é **caracterizante** quando – conforme Carel (em encontro de grupo de pesquisa ocorrido em 25/03/2019, na EHESS) – os termos participam da determinação dos "termos fundadores" do encadeamento e produzem um efeito de **decalagem** entre o aspecto que estrutura o encadeamento e os termos fundadores da paráfrase. Observando-se os enunciados (6) *Pedro demonstrou sensibilidade durante a cerimônia* e (7) *Por sensibilidade, Pedro chorou durante a cerimônia*, verifica-se que a palavra *sensibilidade* impõe sua significação e comunica o aspecto X É COMOVENTE DC Y FICOU COMOVIDO POR CAUSA DE X. Logo, o emprego de *sensibilidade*, nesses dois casos, é *constitutivo* e exprime a natureza geral do acontecimento.

A paráfrase argumentativa de (6) – representada pelo encadeamento (6') *a cerimônia estava comovente, portanto Pedro se comoveu* – retoma os termos do aspecto. Já no emprego de *chorar*, em (7), a paráfrase (7') *a cerimônia estava comovente, portanto Pedro chorou* especifica a maneira como Pedro se comoveu. Trata-se de um emprego *caracterizante*, cujo confronto do aspecto concretizado com os termos caracterizantes pode ser a ocasião de um efeito de sentido. Tal efeito pode ser percebido claramente a partir do enunciado (8) *Por*

⁹⁰ Para maiores esclarecimentos sobre esse tema, ver o artigo *Interpretação e decodificação argumentativas* (CAREL, 2019).

⁹¹ Como afirma Carel (2019, p. 19), "pesquisas precisam ser feitas no quadro da Teoria dos Blocos Semânticos para descobrir as regras de determinação do termo constitutivo".

sensibilidade, Pedro comeu muito durante a cerimônia, em confronto com a sua paráfrase argumentativa (8') *a cerimônia era comovente, portanto Pedro comeu muito* e com o esquema que a concretiza: X É COMOVENTE DC Y FICOU COMOVIDO POR CAUSA DE X.

Quando o encadeamento evocado não é linguisticamente prefigurado pelo aspecto que concretiza, diz-se que o sentido do enunciado é *decalado*. Esse efeito se produz quando o enunciado entrelaça diferentes termos *constitutivos* e *caracterizantes*. Nessa perspectiva (CAREL, 2017, p. 13), então, o sentido do enunciado (7) apresenta uma *decalagem banal* e o sentido de (8) apresenta uma *decalagem inesperada*. Contudo, aplicando-se a noção de *decalagem* também aos empregos tradicionalmente ditos *figurados* (quando, em geral, cria-se uma "estranheza" entre sujeito e verbo – caso, por exemplo, de (9) *As nuvens corriam sobre a lua inflamada*, cujo emprego de *correr* justifica-se, sobretudo, pelo caracterizante e constitutivo emprego de *inflamada*, que prefigura PERIGO DC FUGIR) outros tipos de *decalagem* aparecem⁹². É o caso da *decalagem absurda*, verificável na descrição de Carel (2017, p. 13-14), a partir da *ironia* extraída de *Andromaque*, de Racine.

Por fim, vale ainda destacar que os empregos **singularizantes** são aqueles que participam da determinação dos termos "não fundadores" do encadeamento. Considerando-se tal definição, note-se que, num enunciado como (10) *A garota foi prudente* – que evoca o encadeamento (10') *havia um perigo, portanto a garota modificou seu comportamento* –, a significação de *prudente* prefigura o sentido de (10'), mas não prefigura da mesma forma o emprego de *a garota* como sujeito gramatical de (10'). Por essa razão, diz-se que o emprego de *a garota*, em (10), é *singularizante* e que o emprego de *prudente* é *constitutivo*.

A decisão metodológica de classificar os termos do enunciado e de examinar seus empregos já se deu em *L'Entrelacement argumentatif* (CAREL, 2011), mas a denominação dos termos e dos empregos foi modificada nos trabalhos atuais da semanticista. O principal objetivo desta subseção foi apresentar as definições novas, seguidas de alguns exemplos, sem evidentemente considerar os detalhes relativos a cada um dos tipos de emprego, basicamente por dois motivos: (1) a delimitação do tema desta pesquisa e (2) a ausência de definições estáveis e precisas sobre esses termos e tipos de emprego no interior da teoria.

⁹² É o que se poderá verificar em determinados casos das análises em 3.1.

2.3.4 Períodos e complexos argumentativos

A tradição gramatical normalmente chama de *frase* a unidade superior à *palavra* e define sua composição a partir de todos os elementos apresentados entre dois pontos⁹³. A TBS-atual entende, entretanto, que "o valor argumentativo de uma palavra pode ir além da frase gramatical que a acolhe e estruturar vários enunciados" (CAREL; GOMES, 2019, p. 265). Assim, com o objetivo de manter a hipótese de que o conteúdo expresso na entidade denominada *frase* está completo, a TBS abandonou os critérios gramaticais e substituiu a noção de *frase gramatical* pela noção que convencionou chamar de **período argumentativo**.

Retomando-se determinados segmentos do início do livro *Claude Gueux*, de Victor Hugo (cf. 2.2.2), por exemplo, pode-se perceber que tanto (1) *Num inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem pão no sótão* quanto (2) *Num inverno, a falta de trabalho acarretou uma falta de fogo e uma falta de pão no sótão* evocam (3) *Num inverno o trabalho faltou, portanto não houve nem fogo nem pão no sótão*. Com isso, os termos do encadeamento (3) que determinam o aspecto NEG-TRABALHO DC NEG-RESULTADO não pertencem à mesma *frase gramatical*, e (1) e (2) constituem, por sua vez, um único *período argumentativo*.

Fenômeno semelhante pode ser observado no excerto textual⁹⁴ (4) *Tu deverias te cuidar de teus julgamentos. Tu tens uma tendência ao sentimentalismo. Até mesmo esse romance estereotipado te faz chorar*, extraído de uma correspondência entre dois jovens franceses, em que a significação da palavra *sentimentalismo* organiza o encadeamento das frases e faz dele um *período argumentativo* completo e organizado. Contido na significação de *sentimentalismo*, o aspecto NEG-EMOCIONANTE PT EMOCIONADO, por um lado, é responsável por fazer com que a terceira frase exemplifique a segunda. Por outro lado, o quase-bloco SUJEITO AO SENTIMENTALISMO (JULGA MAL) – igualmente contido na significação de *sentimentalismo* – faz com que a segunda frase explique a primeira.

Os *períodos argumentativos* são, desse modo, "fragmentos de texto" que tanto podem coincidir com as frases gramaticais quanto ultrapassá-las. Ou seja, no interior de um texto/discurso, a função dos *períodos argumentativos* é reagrupar as frases gramaticais que desenvolvem a significação de um mesmo termo. Ademais, segundo elucida Christopulos

⁹³ A definição de *frase* é bastante variável de acordo com as gramáticas. Entretanto, uma *frase* – nominal ou verbal – é geralmente entendida como a real unidade da fala; portanto, é o veículo da expressão dos sentimentos e dos pensamentos (cf. BALLY, 1965). Em português, por exemplo, a *frase* não é um termo que integra a nomenclatura da análise sintática, uma vez que, nesse tipo de análise formal, empregam-se, na maioria das vezes, os termos *oração* (constituída pelos termos essenciais *sujeito* e *predicado*) e *período* (subclassificado em *simples* ou *composto* e normalmente definido como a *frase* organizada em *orações*).

⁹⁴ Nessa fase da TBS – é importante salientar –, *texto* e *discurso* são termos sinônimos.

(2018), em determinados discursos, esses períodos argumentativos podem reagrupar frases espalhadas ao longo de centenas de páginas. Nesses três casos, constituem, igualmente, um único *complexo discursivo* capaz de garantir a coesão semântico-argumentativa do texto.

Esses *complexos discursivos* decorrem do que Carel (2018) chamou de *complexos lexicais*. Estes últimos dizem respeito ao conjunto de aspectos e quase-blocos contidos na significação das palavras. Note-se, para exemplificar, que *corajoso* significa PENOSO PT FAZ e BOM DC FAZ, na medida em que o enunciado (5) *Pedro foi corajoso de tomar a palavra* evoca, ao mesmo tempo, (6) *tomar a palavra era doloroso, no entanto Pedro fez isso* (PENOSO PT FAZ) e (7) *tomar a palavra era algo que deveria ser feito, portanto Pedro fez isso* (BOM DC FAZ). O enunciado (5) comunica, em decorrência, um **complexo argumentativo**.

Conforme pontua Carel (2018), um *complexo discursivo* também pode ser construído, sem referência global a um único *complexo lexical*. Por essa razão, um período como (8) *Quando Maria atendeu o telefone, a campainha tocou* comunica um complexo discursivo que põe em *plano de fundo* o conteúdo da oração subordinada e em *plano da frente* o conteúdo da oração principal⁹⁵. Percebe-se, aqui, que a *significação* de uma palavra forma um todo chamado de "complexo lexical" e que o *sentido* de um entrelaçamento de palavras forma um todo chamado de "complexo discursivo". Esse último tipo de "complexo" tanto pode originar-se a partir de um complexo lexical quanto da própria cadeia coesiva do texto.

Já os *períodos argumentativos* são segmentos de tamanho intermediário que, de acordo com Carel (2018), encontram-se entre as *cláusulas* de Berrendonner (*o povo do sul / às vezes é difícil de compreender* forma duas cláusulas) e as *cenais* de Charolles (cf. 8). No excerto textual apresentado a seguir, vai-se perceber que tais "períodos argumentativos" distinguem-se das *cenais*, na medida em que estas últimas se iniciam por certas expressões, denominadas "introdutores de cena", como advérbios e locuções adverbiais:

(8) (C1) (P1) *Quando saímos da floresta, encontramos grandes aglomerados de dedaleira; ela fez um buquê enorme, dizendo para mim: "É para a tia; ela está tão feliz de ter essas belas flores em seu quarto!"* (P2) *Tínhamos apenas um curto pedaço de planície a atravessar para vencer Othys. O campanário do vilarejo apontava para as encostas azuladas que iam de Montméliant a Dammartin. O rio Thève agitava novamente entre arenitos e pedras, diminuindo na proximidade de sua nascente, onde repousa nos prados, formando um pequeno lago no meio das palmas e dos lírios. (C2) Logo ganhamos as primeiras casas.* (NERVAL, Sylvie; tradução nossa)⁹⁶.

⁹⁵ Para mais detalhes a respeito desse tipo de análise, consultar Frenay e Carel (2019).

⁹⁶ "(S1) (P1) *Au sortir du bois, nous rencontrâmes de grandes touffes de digitales pourprée ; elle en fit un énorme bouquet en me disant : 'C'est pour ma tante ; elle sera si heureuse d'avoir ces belles fleurs dans sa chambre'.* (P2) *Nous n'avions plus qu'un bout de plaine à traverser pour gagner Othys. Le clocher du village pointait sur les coteaux bleuâtres qui vont de Montméliant à Dammartin. La Thève bruissait de nouveau parmi*

Nesse caso, a primeira cena (C1) é constituída por dois períodos argumentativos: (P1) e (P2). Além disso, verifica-se que os *introdutores de cena* ("Quando saímos da floresta" e "Logo") marcam uma mudança de *cena* e, conseqüentemente, uma mudança de período argumentativo. Em última análise, como afirma Carel (2018), a própria divisão de um texto em períodos argumentativos – e poder-se-ia acrescentar: também a sua divisão em *cen*as – é um fato de interpretação. Isso quer dizer que a função do linguista é realizar interpretações do discurso, que é concreto, a fim de criar a língua-sistema, que é abstrata.

2.3.5 A enunciação linguística: o caso das argumentações enunciativas

Como se pôde verificar até aqui, a *enunciação* é um fenômeno bastante presente na Semântica Argumentativa. Inspirado principalmente nas teorias enunciativas de Bally e Benveniste, Ducrot criou sua própria definição de enunciação. Desenvolveu uma Teoria da Polifonia (1984), em que, conforme foi possível conferir ao longo das subseções 2.1.3 e 2.1.4, a *enunciação* aparece como um fenômeno central na atividade de produção de *sentido* na linguagem. Ela se revela, enfim, como a resposta mais precisa à intrigante pergunta do mestre genebrino, na *Nota sobre o discurso* (ELG, 2012, p. 237), em cujo manuscrito interroga-se sobre o que faz com que *a língua entre em ação como discurso*.

Tanto a ANL quanto a TBS, todavia, rejeitam o psicologismo envolvido nesse processo de passagem da língua para o discurso (cf. Bally), bem como a hipótese de que o locutor poderia avaliar uma suposta *representação do mundo* comunicada pelos enunciados, em termos de *verdadeiro* e *falso* (cf. Frege), ou ainda se servir dessa representação do mundo para *ordenar*, *prometer*, *pressupor* etc. (cf. Austin). Ducrot rejeitou a possibilidade de isolar esse componente representacional totalmente desvincilhado de apreciações do locutor no sentido do enunciado. Por isso, juntamente com Carel, defendeu a tese de que os conteúdos dos enunciados devem ser parafraseados por ferramentas coerentes com o programa estruturalista (DUCROT; CAREL, 2008), denominadas *encadeamentos argumentativos*.

Entendida como um fenômeno relativo ao enunciado e não às palavras isoladas, a *enunciação* pressupõe um estudo que considere, fundamentalmente, o locutor, aquele que *enuncia* o conteúdo. Dessa forma, uma das primeiras dificuldades, no estudo da enunciação,

*les grès et les cailloux, s'amincissant au voisinage de sa source, où elle se repose dans les prés, formant un petit lac au milieu des glaïeuls et des iris. (S2) **Bientôt** nous gagnâmes les premières maisons". (NERVAL, Sylvie. In: CAREL, M. Langue de bois et poésie. 2018-2019. L'organisation textuelle. 1/3).*

decorre da necessidade de distinguir o responsável real do enunciado, aquele que o fabricou, e o responsável que o próprio enunciado se dá: às vezes o mesmo ser, às vezes não. Recorde-se que a Teoria da Polifonia (DUCROT, 1984) ocupou-se desse problema e distinguiu o responsável pela escolha das palavras – chamado de *sujeito falante* – do responsável pela sua materialização – chamado de *locutor*, aquele que o enunciado se dá como responsável.

Em decorrência disso, Marion Carel e Dinah Ribard (cf. seminários na EHESS, em 2019) distinguem a enunciação do *sujeito falante* (chamada de *enunciação atual*) da enunciação do *locutor* (chamada de *enunciação linguística*). Enquanto a primeira ocupa-se da "ação com palavras", a segunda – que é de natureza puramente linguística – estuda as *funções textuais* (os conteúdos *postos em plano da frente*, *em plano de fundo* e também os conteúdos *excluídos* pelo locutor)⁹⁷, os *modos enunciativos* (*concebido*, *encontrado* e *recebido*) e as *argumentações enunciativas*, entendidas como os próprios índices da enunciação linguística.

A *enunciação atual* – definida pelas autoras (2019) como "a ação de produzir um enunciado" – é tratada como *complexa*, na medida em que compreende tanto a escolha das palavras quanto sua emissão ou sua inscrição material: envolve o *gênero discursivo*, o *tom*, o *gesto*, a *cor da letra*, o *fato de o discurso ter sido ditado oralmente para que um terceiro o escreva*, dentre outros fatores⁹⁸. Já a *enunciação linguística* é definida como um fenômeno que faz parte do próprio sentido. Assim, por integrar o material linguístico do enunciado, pode ser descrita por expressões do tipo de *eu acho que*, pelos *tempos verbais* etc.

Note-se, a título de exemplo, que os enunciados (1) *as plantas trazem calma* e (2) *eu acho que as plantas trazem calma* comunicam o mesmo conteúdo: *as plantas, porque são plantas, acalmam*; mas a partir de *tons* diferentes. Conforme Carel e Ribard (em seminários na EHESS, em 2019), visto que o tom de (1) é *factual* e o de (2) implica alguém, é possível afirmar que suas *enunciações linguísticas* são diferentes. Além disso, é preciso observar que esse tipo de enunciação, de natureza linguística, também age sobre o discurso do alocutário. Tome-se o seguinte diálogo entre A e B, a saber – A (professor): (3) *Me dê sua cópia*; B (aluno): (4) *Eu não terminei*. A enunciação do professor é equivalente a um *eu lhe ordeno a e*

⁹⁷ Um bom exemplo para elucidar duas dessas funções textuais seria um enunciado como *Pedro parou de fumar*, em que o conteúdo *posto* [Pedro não fuma atualmente] *está no plano da frente* e o conteúdo pressuposto [Pedro fumava] encontra-se *em plano de fundo*. Para mais detalhes, consultar Frenay e Carel (2019).

⁹⁸ Segundo Marion Carel (CAREL; GOMES, 2019, p. 227), referindo-se ao lugar da *enunciação atual* na Semântica Argumentativa: "Eu trabalho com Dinah Ribard sobre a parte do sentido que não é argumentativa e que não é, portanto, determinada pela significação linguística das palavras. Dito de outro modo, no meu trabalho pessoal, eu me interesso pela enunciação linguística; por outro lado, quando trabalho com Dinah Ribard, eu me ocupo da enunciação linguística apenas para distingui-la de um outro fenômeno: o da ação com as palavras".

dá à enunciação do aluno o sentido do encadeamento (5) *eu não terminei de processar o tema da prova, portanto não lhe dou minha cópia* e não do encadeamento argumentativo (6) *eu não terminei de processar o tema da prova, portanto estou ansioso*, por exemplo.

Como afirmado anteriormente, o responsável pela *enunciação linguística* é sempre o *locutor*, aquele que é designado pelo emprego da primeira pessoa (*eu, meu* etc.), cuja propriedade também é dada a seres que não sabem falar (um *cachorro*, um *gato* etc.) ou a entidades abstratas. Isso quer dizer que as indicações sobre o *locutor* – fornecidas pelo sentido de um enunciado – não constituem uma descrição de um ser do mundo extralinguístico. Inúmeras análises têm sido realizadas por Carel e Ribard, principalmente de discursos poéticos, a fim de atribuir a responsabilidade da *enunciação linguística* ao *locutor* e a da *enunciação atual* ao *sujeito falante*. Por fim, uma terceira e nova entidade, denominada *ator falante*, também tem sido empregada pelas autoras para fazer referência ao ser do mundo extralinguístico, responsável, em geral, pelos *atos ilocutórios*, visto que o *sujeito falante* tem sido atribuído como responsável pelos *atos locutórios* (cf. a terminologia de Austin)⁹⁹.

Para Carel (2019, no prelo, grifos da autora), "Dentre os diversos encadeamentos argumentativos evocados por um enunciado, alguns dizem respeito à própria enunciação linguística. Fala-se de 'argumentações enunciativas'. Todo enunciado evoca ao menos uma argumentação enunciativa"¹⁰⁰. Por isso, tal definição pode ser verificada a partir do exame de enunciados extraídos tanto de discursos construídos em linguagem ordinária quanto de discursos produzidos em linguagem artística (caso, por exemplo, do discurso poético).

Um enunciado como (7) *Eu me chamo Fred* – empregado por uma nobre senhora que, ao chegar ao restaurante com seu cachorrinho no colo, olha para o dono do restaurante e o enuncia – evoca um encadeamento do tipo de (8) *nós nos encontramos, portanto eu lhe digo que me chamo Fred*. O mesmo fenômeno pode ser observado em (9) *O mar sem fim começa onde a terra acaba*, em (10) *Parece que o último Tarentino fracassou* e em (11) *Sem querer fazer o papel de vidente, Donald Trump será reeleito*, cujos enunciados evocam, respectivamente, (12) *eu olho além do ponto mais alto, portanto eu sei que o mar acaba*, (13) *o fracasso do último Tarentino está dito, portanto eu digo que o último Tarentino falhou* e (14) *eu não quero fazer o papel de vidente, no entanto eu digo que Donald Trump será reeleito*. Disso se conclui que (8), (12), (13) e (14) constituem *argumentações enunciativas*.

⁹⁹ Para mais detalhes a esse respeito, consultar Carel e Ribard (2016).

¹⁰⁰ "Parmi les divers enchaînements argumentatifs évoqués par un énoncé, certains concernent l'énonciation linguistique elle-même. On parle d' « argumentations énonciatives ». Tout énoncé évoque au moins une argumentation énonciative". (CAREL, 2019, no prelo, grifos da autora, tradução nossa).

Essas *argumentações* de natureza essencialmente enunciativa, de acordo com Carel (2019, no prelo), fornecem índices sobre os *modos enunciativos*¹⁰¹ sob os quais aparecem os conteúdos a que são associadas. Dessa forma, uma argumentação enunciativa que comporta um *eu (lhe) digo* (cf. (8)), por exemplo, revela que o conteúdo do enunciado encontra-se no *modo do concebido*; já uma argumentação que comporta uma forma do tipo de *ele diz* ou *está dito/ é dito*, relacionando-a a um *eu (lhe) digo* (cf. (13)) revela um conteúdo no *modo do recebido*. Por fim, uma argumentação enunciativa que não faz alusão a nenhum dizer (cf. (12)) revela que o conteúdo do enunciado aparece sobre o *modo do encontrado*.

Os aspectos argumentativos que cada uma dessas argumentações concretiza revelam – segundo Carel (2019, no prelo) – o *tom* sobre o qual o locutor *se implica* ou *se desengaja* no conteúdo. Por exemplo, uma argumentação enunciativa como (8) – cujo aspecto que a concretiza é ENCONTRAR DC DIZER SEU NOME – realiza o *modo do concebido* em *tom de encontro*. Já uma argumentação enunciativa como (12), que concretiza OLHAR DC SABER, descreve o tom sobre o qual o locutor *se desengaja*: trata-se do *tom da observação*.

Novos exemplos de *tom* podem ser claramente extraídos do poema *Noite de substituição*, de Marc de Larréguy (CAREL, 2018, p. 108), conforme se pode verificar:

NOITE DE SUBSTITUIÇÃO

A estrada principal se alonga entre negros pinheiros
Lá, na direção do horizonte de pérfidas trevas.
Sozinhos, alguns foguetes, como uma serpente de ouro, riscam
Com um sinal luminoso as sinistras distâncias.
A estrada foge – como um rolo sem fim...
Sente-se um longo arrepio arrastar-se nas vértebras
Diante do morno aspecto desses pinheiros fúnebres
Que os raios da manhã não alegam ainda...
Oh! essa estrada, de perspectivas obsedantes!
Quantas vezes, por minhas idas e minhas voltas,
Já contei a sucessão dos dias!...
Quantos medíocres repousos e marcas apressadas,
Na noite escura... com a esperança, furtiva,
De uma aurora de Paz que recua sempre!

Fevereiro de 1916 (*Na linha de frente*)

De acordo com Carel (2018), o modo do concebido, subjacente a esse poema, toma diferentes formas representáveis por encadeamentos argumentativos que comportam um *eu digo*. O dizer do enunciado da linha 5, *a estrada foge*, por exemplo, é dito provocado pela

¹⁰¹ Para mais detalhes sobre os "modos enunciativos", sugere-se a leitura do capítulo 8 do livro *L'Entrelacement argumentatif* (CAREL, 2011, p. 297- 347).

fuga da estrada e permite evocar, então, a argumentação enunciativa (15) *a estrada foge, portanto eu digo "a estrada foge"*. Igualmente, em decorrência da forma exclamativa do verso 9, evoca-se (16) *essa estrada tem perspectivas obsedantes, portanto eu digo "oh! essa estrada, de perspectivas obsedantes!"*. Tanto (15) quanto (16) concretizam o mesmo aspecto X DC DIZER X, e o dizer é linguisticamente descrito como *imposto*.

Em *tom complexo de reportagem*, os versos 1 e 2 evocam *explicitamente*, por um lado, (17) *eu olho para o fim da estrada, portanto eu sei que há pérfidas trevas*, cuja argumentação é entendida como concretizando OLHAR DC SABER. Por outro lado, também é possível interpretar os versos 1 e 2 como apontando para (18) *eu vejo as pérfidas trevas no fim da estrada, portanto eu digo*, cujo encadeamento *implicitamente* evocado concretiza VER DC DIZER. Nesse caso, é como se o locutor dissesse "eu faço uma reportagem". Juntos, (17) e (18) constituem um tom complexo, em que (18) inscreve-se no *modo do concebido*¹⁰².

Por fim, desenvolvidos no que Carel (2018) chama de *tom complexo de testemunho*, os versos 13 e 14 evocam (19) *eu digo essas palavras, porque minha espera é decepcionada o tempo todo* (X DC DIZER X) e (20) *eu digo que estou esperando pela Paz, portanto restabelecerei a verdade* (DIZER DC RESTABELECER A VERDADE). Em outros termos, o locutor desses versos que encerram o poema está dizendo "eu testemunho que"¹⁰³.

Caso se tivesse optado por efetuar, aqui, um percurso também histórico dessas argumentações enunciativas, no interior da Semântica Argumentativa, dever-se-ia ter evocado, de início, a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP). Segundo Carel (2019, no prelo), antes de se chegar à noção de *modo enunciativo*, por exemplo, a TAP já utilizou os termos "Pessoa" e "Voz", os quais, em realidade, são outros nomes do mesmo fenômeno¹⁰⁴. Nas palavras da autora (2019), "a Pessoa do Locutor e a Voz do Locutor são outros nomes do

¹⁰² Conforme Carel (em seminários na EHESS, em 2019), nem sempre a significação das frases é suficiente para determinar a argumentação enunciativa. Às vezes, ela dá indicações *explicitas* (caso em que os encadeamentos são *explicitamente evocados* – cf. 11 e 14, por exemplo – e, às vezes, são as situações conversacionais, por exemplo, que permitem uma evocação *implicita* dos encadeamentos – cf. 7 e 8, por exemplo). Para mais detalhes a esse respeito, consultar Carel (2018, p. 111-113).

¹⁰³ Para um maior aprofundamento sobre o *tom do testemunho* no discurso poético, consultar os artigos de Marion Carel e Dinah Ribard, *Testemunhar em poesia: o caso de Marc de Larréguy* (2019, no prelo), e *L'acte de témoigner* (2019).

¹⁰⁴ Para mais informações sobre a TAP e sobre aplicações possíveis de seu aparato conceitual em discursos, sugere-se a leitura de "Le sujet dans la langue. Théorie des blocs sémantiques et théorie argumentative de la polyphonie" (LESACANO, 2016) e de "Em busca do sentido produzido no discurso literário: uma possibilidade de análise pela Teoria Argumentativa da Polifonia" (GOMES; MALCORRA, 2018).

modo do concebido. A Pessoa do Mundo, a Voz do Mundo são outros nomes do modo do encontrado. A Pessoa ou a Voz do Ausente são outros nomes do modo do recebido"¹⁰⁵.

Finalmente, cabe salientar que todas as reflexões teóricas apresentadas nas seções e subseções deste capítulo são a ferramenta-chave do estudo a ser realizado no capítulo 3. As análises dos quatro discursos selecionados e explicitados a seguir não escapam, em nenhum momento, dos princípios e dos conceitos propostos no interior da Semântica Argumentativa.

¹⁰⁵ "La Personne du Locuteur et la Voix de Locuteur sont d'autres noms du mode du conçu. La Personne du Monde, la Voix du Monde sont d'autres noms du mode du trouvé. La Personne ou la Voix de l'Absent sont d'autres noms du mode du reçu". (CAREL, 2019, no prelo, tradução nossa).

3 METODOLOGIA, ANÁLISES E RESULTADOS

3.1 Percurso metodológico e análise do *corpus*

A investigação no domínio da linguagem verbal humana – principalmente a respeito do componente semântico das línguas – sempre se impôs aos pesquisadores como uma tarefa que os obrigou a permanecer num terreno de incertezas e, conseqüentemente, de constantes questionamentos. Depois da fundação da Linguística como uma ciência autônoma, da criação e do desenvolvimento de teorias semânticas – a exemplo da ANL e da TBS –, numerosos trabalhos vêm surgindo com o objetivo de responder a perguntas essenciais do ponto de vista que envolve a *significação* e o *sentido* das entidades linguístico-discursivas.

Vale recordar, conforme foi possível verificar na Introdução, que é nesse mesmo campo de investigação que nasce a pesquisa desta tese, cujo problema central é o de buscar possíveis explicações sobre *como o locutor – ao colocar a língua em funcionamento de modo artístico em discurso – opera, enunciativa e argumentativamente, em vista da produção de sentidos que fogem ao compartilhamento linguístico regular característico da linguagem ordinária*. Para tanto, quatro discursos foram selecionados a partir de perguntas – das mais simples às mais complexas – que o seu próprio sentido suscita nos mais variados públicos de leitores, até mesmo nos grupos de leigos em qualquer tipo de estudo linguístico e/ou literário. A título de exemplo, são absolutamente aceitáveis e previstas questões como:

- 1) O que isso quer dizer?
- 2) Qual é o sentido dessa palavra?
- 3) Essa construção frasal é possível segundo as regras gramaticais da língua?
- 4) Esse enunciado é metafórico?
- 5) Existe *figura de retórica* capaz de explicar o sentido do enunciado "X"?
- 6) Por que se usou a palavra "X" e não a palavra "Y"?
- 7) Qual é o tema desse discurso?
- 8) Esse discurso é literário ou não? Por quê?
- 9) O que distingue discurso literário de não literário?
- 10) Há características comuns aos quatro discursos em foco?

As análises realizadas a seguir buscam, como decorrência disso, atender a delimitação do tema e os objetivos da pesquisa desta tese. De algum modo, entretanto, espera-se que elas também permitam explicitar respostas a perguntas como essas apresentadas anteriormente. Para tanto, segue-se o método analítico que rege toda a Semântica Argumentativa, com base,

em especial, nos princípios e nos conceitos da fase atual da TBS. Por fim, é importante ressaltar que, pelo fato de esta pesquisa ser de cunho qualitativo, optou-se por não aplicar uma metodologia padrão à análise dos quatro discursos estudados aqui. Isso quer dizer que de cada discurso nasceu um percurso metodológico singular de análise.

3.1.1 Discurso 1: *Direitos de propriedade*, de Marina Colassanti

Direitos de propriedade

A verdade não estava disponível naquela sala, naquela casa, naquela tarde. No entanto, dois homens discutiam, com irônica elegância a princípio e logo com ferocidade, ambos seguros de possuí-la. Teriam chegado ao duelo, não fosse a intervenção de um terceiro, que oferecia a paz através de uma outra opinião.

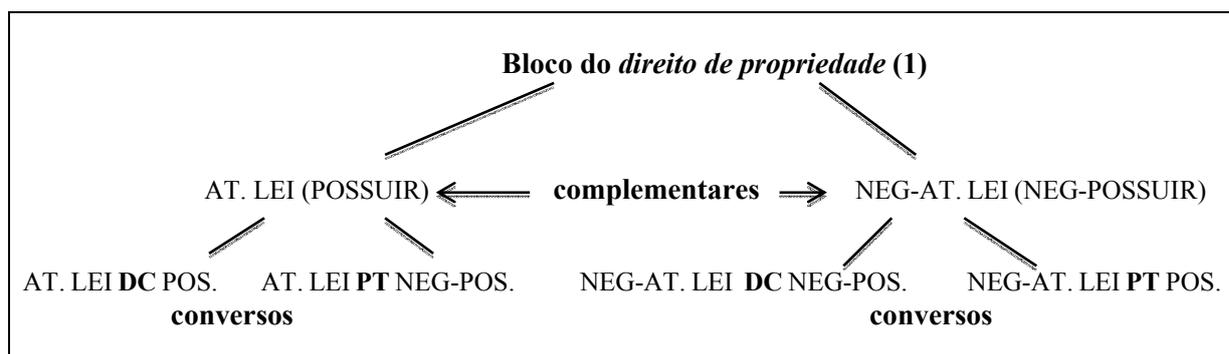
Recolhidos ao seguro território da civilidade, cada qual mantendo em silêncio seu lote, agora eram três a possuir a verdade inexistente.

In: *Hora de alimentar serpentes*. COLASSANTI, Marina (2013, p. 35).

Imediatamente após uma primeira leitura desse discurso, já se pode observar – no exercício de linguista semanticista – que a *significação* do grupo nominal que compõe o título do discurso, "direitos de propriedade", orienta-o argumentativamente, na continuação, para uma ideia de "posse". Para descrevê-la, pode-se observá-la fora de emprego, na virtualidade argumentativa da língua, conforme as descrições de Anscombe e Ducrot (1983), ou examiná-la considerando a sintaxe e a estrutura do discurso inteiro, segundo Carel (2017). Desse modo, fora de emprego, a significação de "direitos de propriedade" contém um aspecto argumentativo como ATRIBUÍDO PELA LEI DC POSSUÍDO. Resgatar a significação do referido grupo de palavras, levando em conta a sintaxe e a estrutura do discurso, significa, ao mesmo tempo, complexificar a análise, uma vez que se torna necessário relacionar à noção de *propriedade* uma noção notadamente pressuposta na própria palavra "propriedade". Nesse caso, trata-se da noção de *existência*, geralmente atribuída a "coisas ou a seres materiais". Logo, dois blocos semânticos evidenciam-se na constituição do título.

O bloco semântico do *direito de propriedade* considera, por um lado, a entidade isolada, isto é, fora do contexto intralinguístico e discursivo em que está inserida, relacionando os dois metapredicados *atribuir pela lei* e *possuir*, conforme se pode verificar no esquema a seguir:

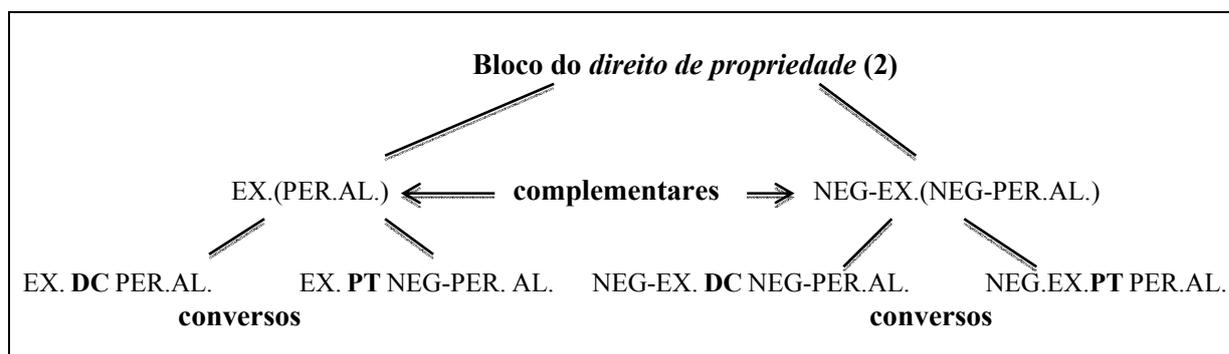
Figura 14: Árvore do primeiro bloco da conversão no discurso 1.



Fonte: Figura elaborada pelo autor (2019).

Por outro lado, o bloco semântico do *direito de propriedade* também considera a entidade em uso, isto é, inserida no seu real contexto intralinguístico e discursivo, relacionando os dois metapredicados *existir* (EX.) e *pertencer a alguém* (PER. AL.), como é possível constatar na sequência:

Figura 15: Árvore do segundo bloco da conversão no discurso 1.



Fonte:Figura elaborada pelo autor (2019).

Enquanto entidade do sistema, nota-se que a significação do título do discurso em foco não prevê banalmente os quase-blocos EXISTIR (PERTENCER A ALGUÉM) e NEG-EXISTIR (NEG-PERTENCER A ALGUÉM), embora não os vete. São, portanto, essas relações "novas", também únicas e indecomponíveis, que criam os sentidos vistos como surpreendentes no interior do discurso. A hipótese mais forte que sustenta essa conclusão é a mesma que já se instalou na base da noção de *encadeamento contextual*: a de que é dessa "novidade relacional" estabelecida no discurso, sobretudo, que se origina o seu caráter semanticamente artístico.

É importante recordar, aqui, que a significação de uma palavra não contém apenas um aspecto argumentativo, o que implica dar-se conta de que vários discursos podem ser evocados do interior de uma entidade linguística – a exemplo de uma palavra – em uso. Nessa

perspectiva, a noção de *pressuposição* expande-se pela língua toda e, em decorrência, relações de *intertextualidade*¹⁰⁶ podem ser facilmente estabelecidas, uma vez que – segundo postula explicitamente a versão atual da TBS – possibilidades de associação de um discurso a outro se revelam como um fenômeno próprio da natureza da linguagem.

Outras definições de *propriedade* poderiam ser evocadas intertextualmente, no discurso em análise, como a que foi apresentada por Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), por exemplo, para quem "a propriedade é o roubo"; e também a definição do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau (do livro *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, 1755) que já tratava a *propriedade privada como fonte de todas as desigualdades*. O ponto de vista do primeiro locutor poderia, enfim, ser parafraseado por um encadeamento argumentativo do tipo de *Ter propriedade, portanto ter roubado* (PROPRIEDADE DC ROUBO); o do segundo poderia ser parafraseado por *Ter propriedade privada, portanto pregar a desigualdade* (PROPRIEDADE PRIVADA DC DESIGUALDADE).

Outro fenômeno interessante que merece ser especificamente destacado, a partir do discurso em análise, diz respeito ao Bloco Semântico 2 do título. O aspecto argumentativo contido na significação da palavra abstrata "verdade", NEG-EXISTIR PT PERTENCER A ALGUÉM, concretiza-se de uma maneira pouco comum na linguagem, visto que, em geral, os quatro aspectos do Bloco Semântico 2 do "direito de propriedade" costumam aparecer no interior da significação de palavras "concretas". Daí a razão da estranheza que o fato de *estar disputando-se a propriedade de algo que não existe materialmente no mundo* pode causar no leitor. A percepção desse fenômeno linguístico é, sem dúvida, um forte motivo para que se conclua que o discurso em questão é artístico ou, em todo caso, ficcional.

Depreendida a significação do título, busca-se dividir o discurso em *períodos argumentativos*, a partir dos quais é possível explicar os *conteúdos argumentativos*, reagrupá-los em famílias e verificar quais são os *conteúdos postos no plano da frente* e quais são os *conteúdos postos em plano de fundo*. Segundo a tese de Carel (2018), esse percurso de leitura permite fazer com que um discurso seja compreendido; e é, antes de tudo, com esse objetivo que se busca – nesta pesquisa doutoral – aplicar as ferramentas da TBS à análise discursiva.

¹⁰⁶ Embora não se tenha evocado o termo "intertextualidade" ao longo da fundamentação teórica, é importante salientar que ele faz parte da terminologia da TBS-atual. De acordo com Carel (2018-2019, *La présupposition 1/2*), a *intertextualidade* (nem sempre perceptível), o *subentendido* e a *pressuposição* (*posto e pressuposto*) são status que os conteúdos podem comportar no sentido de um enunciado.

Uma única *cena* e três *períodos argumentativos* de mais de uma frase gramatical¹⁰⁷ evidenciam-se na constituição semântica do discurso em foco. O primeiro período, formado por três frases gramaticais, apresenta-se do seguinte modo:

(P1) (F1) *A verdade não estava disponível naquela sala, naquela casa, naquela tarde.* (F2) *No entanto, dois homens discutiam, com irônica elegância a princípio e logo com ferocidade,* (F3) *ambos seguros de possuí-la.*

As três frases desse período constroem um único conteúdo argumentativo, descrito pelo encadeamento (1'), que revela uma espécie de *luta pela verdade*:

(1') *verdade indisponível, no entanto discutir de modo a ter certeza de possuí-la*

É possível perceber que o aspecto que especifica esse encadeamento, NEG-EXISTIR PT TER CERTEZA DE POSSUIR, faz parte da significação de *propriedade inexistente*, isto é, está contido no mesmo campo semântico que apreende o bloco semântico da *propriedade existente*. Além disso, é importante salientar que tanto o conteúdo da oração coordenada assindética da Frase 1 (*verdade indisponível*) quanto o conteúdo da oração coordenada assindética da Frase 3 (*estar seguro de possuir a verdade*) estão *postos no plano da frente*, enquanto o conteúdo da oração coordenada sindética da Frase 2 (*discutir de modo elegante a princípio e depois com ferocidade*) está *posto no plano de fundo*. Essas duas funções textuais organizam o complexo discursivo a ponto de revelarem a hierarquia sintático-semântica do período, a qual deve ser levada em conta, sobretudo num processo analítico de leitura.

O segundo período argumentativo, também constituído por três frases gramaticais, apresenta-se do seguinte modo no discurso:

(P2) (F1) *Teriam chegado ao duelo,* (F2) *não fosse a intervenção de um terceiro,* (F3) *que oferecia a paz através de uma outra opinião.*

Através de três frases sintaticamente conectadas pelo processo de subordinação, esse segundo período fornece um único conteúdo semântico-argumentativo relativo à *intervenção de paz em ambiente de tensão*. Desse modo, o período permite evocar um encadeamento como (2'):

¹⁰⁷ Vale recordar que a TBS-atual denomina “frase gramatical” as unidades de nível superior à palavra e inferior ao “período argumentativo”.

(2') *ter a intervenção de um terceiro, que oferecia a paz através de outra opinião, portanto não chegar ao duelo*

O aspecto que melhor demonstra especificar esse encadeamento pode ser esquematizado como INTERVIR COM PAZ DC EVITAR O COMBATE. Eis que se tem, aqui, a introdução de um conteúdo novo – contido na significação de palavras como *apaziguar* e *normalidade* –, cujo emprego corrente põe em relação dois metapredicados, como *situação conflituosa* e *oferecimento de paz*. De um ponto de vista sintático, as três frases desse período argumentativo estão respectivamente subordinadas: a F2 está subordinada à F1, enquanto a F3 está subordinada à F2. Também em decorrência disso, do ponto de vista semântico, verifica-se que o conteúdo da F1 e da F2 estão *postos no plano da frente* e o conteúdo da F3 está *posto no plano de trás*. Poder-se-ia dizer, portanto, que o conteúdo argumentativo da F3 é subordinado aos conteúdos da F1 e da F2.

Constituído por duas frases gramaticais, este terceiro e último período argumentativo do texto apresenta-se do seguinte modo:

(P3) (F1) *Recolhidos ao seguro território da civilidade, cada qual mantendo em silêncio seu lote,*
(F2) *agora eram três a possuir a verdade inexistente.*

O conteúdo argumentativo desse período, além de explicitar materialmente a *propriedade inexistente* da qual está tratando o texto, também acrescenta o termo "caracterizante" *seguro*. Isso quer dizer, conforme o texto, que, à noção de *posse da verdade inexistente*, é preciso acrescentar a ideia de *segurança da civilidade*. Dessa forma, o encadeamento que parafraseia todo esse período argumentativo é:

(3') *possuir a verdade inexistente, portanto estar no seguro território da civilidade*

O aspecto argumentativo que melhor demonstra especificar esse encadeamento é POSSUIR VERDADE INEXISTENTE DC ESTAR SEGURO. Considerando o fato de que já havia, no discurso, a existência de luta pela *posse da verdade inexistente*, não há, aqui, maior imprevisibilidade nesse acréscimo semântico. O que esse período cria, em realidade, é uma imagem avaliativa dos três participantes da cena como três *iludidos*. Além disso, é interessante observar que a noção de *segurança* acrescentada pelo período está *posta no plano de trás*, na F1, já que o conteúdo *posto no plano da frente* é, notadamente, o da F2, a oração principal desse período argumentativo.

Por fim, observando-se os três encadeamentos argumentativos principais do discurso e os aspectos que os concretizam, conclui-se que os três representam um sentido coerente. Entretanto, revelam natureza semântico-argumentativa distinta, visto que (1') e (3') são classificados como contextuais e (2') é classificado como estrutural:

(1') <i>verdade indisponível, no entanto discutir de modo a ter certeza de possuí-la</i> NEG-EXISTIR PT TER CERTEZA DE POSSUIR
(2') <i>ter a intervenção de um terceiro, que oferecia a paz através de outra opinião, portanto não chegar ao duelo</i> INTERVIR COM PAZ DC EVITAR O COMBATE
(3') <i>possuir a verdade inexistente, portanto estar no seguro território da civilidade</i> POSSUIR VERDADE INEXISTENTE DC ESTAR SEGURO

É a própria significação do primeiro segmento, em (3'), por exemplo, *possuir a verdade inexistente*, que revela seu caráter contextual. As propriedades argumentativas desse encadeamento – centralizadas no verbo "possuir" – são tais que o tornam capaz tanto de completar a relação estabelecida entre as palavras "território", "lote" e "propriedade" quanto de revelar a natureza artística do discurso. Logo, sua essência ficcional intensifica-se.

Em outras palavras, a bizarrice combinatória, em (3'), não faz mais do que criar um sentido novo, isto é, uma realidade intralinguística única e inexistente fora desse discurso. Nesse caso, portanto, não é apenas uma questão de "estilo", de "maneira de dizer" ou, em todo caso, de "enunciação" que produz arte. O afastamento do uso banal encontra-se marcado na própria língua, no nível do conteúdo argumentativo comunicado pelo locutor.

3.1.2 Discurso 2: *O bicho*, de Manuel Bandeira

<p>O bicho</p> <p>Vi ontem um bicho Na imundície do pátio Catando comida entre os detritos.</p> <p>Quando achava alguma coisa, Não examinava nem cheirava: Engolia com voracidade.</p> <p>O bicho não era um cão, Não era um gato, Não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem.</p> <p>BANDEIRA, Manuel. <i>Estrela da Vida Inteira</i>. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.</p>	<p>Período argumentativo 1</p> <p>O bicho</p> <p>Vi ontem um bicho Na imundície do pátio Catando comida entre os detritos.</p> <p>Quando achava alguma coisa, Não examinava nem cheirava: Engolia com voracidade.</p> <p>Período argumentativo 2</p> <p>O bicho não era um cão, Não era um gato, Não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem.</p> <p>BANDEIRA, Manuel. <i>Estrela da Vida Inteira</i>. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.</p>
--	--

Escrito na década de 1940 – época em que o capitalismo ascendia no Brasil e a desigualdade deixava muitas pessoas às margens de uma sociedade elitista –, o poema "O bicho", de Manuel Bandeira, é sempre um convite à reflexão sobre injustiça e desigualdade social, sobretudo. Do ponto de vista semântico-argumentativo, esse poema é constituído por dois *períodos argumentativos* e uma única *cena*. Geralmente, duas leituras possíveis são feitas sobre *bicho* e *homem*. Por um lado, há quem compreenda que o "homem", do último verso, é verdadeiramente um "bicho". Nesse caso, por encontrar-se em estado extremo de precariedade existencial, o humano transforma-se, através de uma metáfora, num animal. Por outro lado, há quem entenda que a surpresa marcada pelo vocativo "meu Deus", no último verso, desfaz a possibilidade de compreensão da palavra "bicho" como metáfora de "homem". Essa segunda leitura revela, finalmente, um engano do locutor, em razão do qual – pelo fato de catar comida entre detritos – o "homem" vinha sendo enxergado como um "bicho" no pátio.

O primeiro período argumentativo, formado pelas duas primeiras estrofes do poema, constitui um único turno enunciativo no modo do concebido, em tom complexo de reportagem. O locutor está engajado em sua enunciação e diz o que se apresenta como concebido no momento da enunciação, embora o tempo verbal do poema seja o pretérito. Conforme se pôde verificar na seção sobre as "argumentações enunciativas", a construção semântico-enunciativa desse poema remete à construção do poema "Noite de Substituição", de Marc de Larréguay, o qual, segundo Carel (2018), também realiza o modo do concebido.

Um fenômeno percebido no poema de Bandeira – sobretudo se lido numa língua como o francês, por exemplo – diz respeito à capacidade desse discurso transportar o alocutário para o passado, deixando-o com a sensação de que o locutor conta os fatos no presente, dentro do tempo pretérito em que a cena ocorreu. No uso de "vi", no pretérito perfeito, encontra-se explicitamente evocada a argumentação enunciativa [*eu vejo o bicho catando comida entre os detritos, portanto eu sei*], que concretiza o aspecto VER DC SABER. Já nos empregos de "era", no pretérito imperfeito, no segundo período, encontra-se implicitamente evocada a argumentação enunciativa [*eu vejo que o bicho não é um cão, não é um gato, não é um rato, portanto eu digo que o bicho é um homem*], que concretiza o aspecto VER DC DIZER.

Notadamente, essa segunda argumentação enunciativa descreve o sentido depreendido por meio da "leitura metafórica" da palavra "bicho", visto que o encadeamento evocado apaga o vocativo "meu Deus", responsável pela mudança de orientação argumentativa. Verifica-se, com isso, que o tom da reportagem do poema parece conduzir, primeiramente, a uma "interpretação metafórica" do último verso. Em vista disso, para interpretar a palavra "bicho"

Na análise desse discurso, a enunciação é claramente descrita por meio de encadeamentos argumentativos – conforme propõe Carel (2018) –, e não por intermédio de termos técnicos exteriores à língua nem por fórmulas de verdadeiro e falso. Embora o locutor não comunique [*eu tenho a propriedade de estar surpreso*], admite-se, finalmente, que ele está surpreso ou, mais especificamente, que seu dizer é de surpresa. A explicitação do modo do concebido e do tom complexo de reportagem ajudam a mostrar, nessa análise, que das palavras até o enunciado há efetivamente a presença da enunciação.

3.1.3 Discurso 3: *Bolsonaro é uma mentalidade*, de Juremir Machado da Silva¹⁰⁸

<u>Bolsonaro é uma mentalidade</u>	
P1	É preciso insistir. A verdade cala aos poucos. Não, Jair Bolsonaro não é um candidato como outro qualquer. É pior. <u>Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo obscurantista. Uma maneira de ver as coisas em preto e branco que salta do mundo das ideias para uma triste realidade manipulada.</u> O seu método de leitura do que acontece na vida é a simplificação brutal. Torna o complexo falsamente simples por meio de uma redução a zero dos fatores que adensam qualquer situação. Se há violência contra os cidadãos, que cada um receba armas para se defender. Se há impunidade, que a justiça seja sumária e sem muitos recursos. Se há bandidos nas ruas, que a polícia possa matá-los sem que as condições de cada morte sejam examinadas. Se há corrupção, que não se perca tempos (sic) com processos. Se a democracia admite a dissonância, que se adote a ordem impositiva.
P2	<u>Bolsonaro encarna o pensamento do homem “mediocre”, o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas.</u> Se há miséria, a culpa é da preguiça dos miseráveis. Se há crime, a culpa é sempre da má índole. Se há manifestações de rua, é por falta de ordem e de regras rígidas que impeçam de atrapalhar o trânsito.
P3	<u>A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassete.</u> <u>Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais.</u> É o cara que, com pretensa convicção amparada em evidências jamais demonstradas, diz: <ul style="list-style-type: none"> – Não se pode mais ser homem neste país. Vão nos obrigar ser gays. – Os comunistas estão batendo na porta. Precisamos resistir. – A ordem natural está em perigo.
P4	Ele representa a ideia de que ficamos menos livres quando não podemos fazer tranquilamente piadas sobre negros, gays e mulheres. <u>Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado.</u> Bolsonaro é o sujeito desinformado que sustenta que na ditadura não havia corrupção, ignorando que os casos se acumulavam encobertos pela censura. É o empresário ambicioso e inescrupuloso que se for para ganhar mais e mais dinheiro abre mão da

¹⁰⁸ Note-se que o discurso em foco foi dividido em períodos argumentativos, os quais, em geral, não correspondem a um parágrafo. Dessa forma, a paragrafação original deste discurso 3 pode ser observada no início dos períodos que contêm uma entrada de um espaço.

	democracia, elogia a ditadura de Pinochet e ignora direitos. É o produtor que vê exagero em certas denúncias de trabalho escravo. É o homem que acha normal, em momentos de estresse, chamar mulher de vagabunda. O eleitor padrão de Bolsonaro sonha com uma sociedade de homens armados nas ruas, sem legislação trabalhista, sem greves, sem sindicatos, sem liberdade de imprensa.
P5	<u>O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto. Aparelhamento da democracia para fins autoritários.</u>
P6	<u>Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores.</u>
P7	<u>O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes.</u>
P8	Um imaginário é uma representação que se torna realidade. Uma realidade que se torna representação. <u>Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões, na divisão social entre os destinados aos grandes voos e os limitados à condição de meros coadjuvantes.</u>
P9	<u>Bolsonaro usa a democracia para asfixiá-la.</u> É um efeito perverso do jogo democrático. Condensa uma interpretação do mundo que não suporta a diversidade, o respeito à diferença, a pluralidade, o dissenso, o conflito, o embate, a solidariedade como valor maior. Inulto, ignora a história. Não há dívida com os escravizados e seus descendentes. A culpa pela infâmia da escravidão não é de quem escravizou. O presente exime-se do passado. <u>Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha e exhibe-se em praça pública.</u> Em momentos graves, a ninguém é permitida a omissão. Direita republicana e esquerda uniram-se na França contra a extrema-direita de Marine Le Pen.
P10	Mulheres lançaram a hashtag #EleNão contra Bolsonaro. Por quê? Aos fatos: quem chama mulher de vagabunda, é machista. Quem diz que prefere a morte de um filho a saber que ele é gay, é homofóbico. Quem fala de peso de negros em arroubas, é racista. Quem diz que nada entende de economia não pode postular a presidência de um país. É ignorante. Quem defende que índio tem de evoluir e adotar costumes dos outros, os nossos, dos brancos civilizados, comete etnocentrismo. Quem defende que uma ditadura como a chilena deveria ter matado mais, achando três mil assassinatos pouco, é um monstro. Quem já pregou o fuzilamento de adversários políticos, como o de Fernando Henrique Cardoso, e o fechamento do Congresso Nacional, não é um democrata.
P11	Quem defende tortura e execução sumária de criminosos, não acredita em Estado de Direito. Prefere a lei do mais forte. Coloca a vingança acima do Direito. Legitima a barbárie. É um perigo para a democracia. Quem afirma que o erro da ditadura brasileira foi não ter matado mais, é psicopata. Quem sente saudade de ditador e dos momentos mais repressivos de um regime hediondo de exceção, é perverso. Quem tem torturador notório como herói, não é Brilhante em coisa alguma. Quem aceita que mulher pode ganhar menos pelo mesmo trabalho feito por homem, é misógino. Quem diz que não estupraria uma mulher por ela ser feia, derrapa duas vezes: admite e compreende hipoteticamente estupro de mulher bonita; revela-se grosso, vulgar, rasteiro e estúpido.
P12	<u>O bolsonarismo é um pesadelo que tenta se apresentar como sonho de retorno ao paraíso perdido da ordem, do progresso, da segurança e da paz.</u> Não se trata de uma utopia, mas de uma flagrante distopia. Contra o abismo só há um procedimento eficaz: o voto. Se necessário, o voto útil. <i>Postado em 20 de setembro de 2018 por Juremir Machado da Silva, publicado em Uncategorized</i>

Esse terceiro discurso escolhido para constituir o *corpus* desta tese está organizado – conforme se verifica aqui – em doze períodos argumentativos. Sua introdução na pesquisa deu-se pela necessidade de contrastar os *enunciados artisticamente construídos* no poema de Manuel Bandeira, no poema de Alberto Caeiro e no miniconto de Marina Colassanti com os enunciados de um discurso tido como "não literário". A hipótese que motivou a seleção deste discurso de Juremir Machado da Silva – dentre outros discursos jornalísticos, por exemplo – foi a de que o locutor serviu-se, nesse caso, de algumas enunciações próprias do discurso artístico com o objetivo de construir uma argumentação mais eficaz e passível de ser aceita pela coletividade. É por essa mesma razão que os estudos retóricos abordam as *figuras* ou *tropos* como *operações argumentativas* de constituição do discurso¹⁰⁹.

Desenvolvido nos padrões composicionais de um artigo de opinião, esse discurso foi publicado no jornal *Correio do Povo* RS de 08 de setembro de 2018. Trata-se de um discurso criado durante o período de campanha eleitoral em 2018, no Brasil, para defender a tese de que Jair Bolsonaro – candidato à Presidência da República na época – representa uma realidade manipulada. Dentre as estratégias utilizadas discursivamente pelo locutor para buscar provar que Bolsonaro não apresenta as condições mínimas para ocupar o referido cargo, encontram-se desde exemplos e alusões históricas até recursos de natureza essencialmente linguística. Assim, como se busca investigar, nesta tese, o sentido argumentativo dos "enunciados vistos como artísticos", apenas os fenômenos linguísticos aí utilizados de maneira expressiva na construção de um sentido global interessam a esta análise.

A seguir, apresentam-se os enunciados que põem problema à pesquisa. Os demais somente são apresentados ou mencionados, aqui, quando auxiliam na elucidação daqueles enunciados que definitivamente constituem o *corpus* da presente análise. Veja-se:

Período argumentativo 1

Bolsonaro é uma mentalidade

Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo obscurantista. Uma maneira de ver as coisas em preto e branco que salta do mundo das ideias para uma triste realidade manipulada.

¹⁰⁹ Conforme afirma José Luiz Fiorin, no Prefácio de seu próprio livro intitulado *Figuras de retórica* (2014, p. 10), "[...] as figuras têm sempre uma dimensão argumentativa, pois elas estão a serviço da persuasão, que constitui a base de toda a relação entre enunciador e enunciatário".

O título, *Bolsonaro é uma mentalidade*, é objeto desta análise, uma vez que revela uma maneira essencialmente artística de o locutor se investir no conteúdo. Para explicitar o sentido do enunciado que o constitui (por meio de um encadeamento argumentativo) e a significação da frase que permite a sua realização (por meio de aspecto[s] argumentativo[s]), faz-se necessário considerar a sequência de todo o discurso.

Os enunciados marcados por uma expressiva elaboração artística do locutor – postos em evidência no primeiro período argumentativo (P1) – estão notadamente a serviço da explicitação do sentido do título. Nesse caso, o termo singularizante "Bolsonaro" relaciona-se, argumentativamente, por meio do verbo "ser", aos termos caracterizantes "imaginário", "mentalidade", "obscurantista", "preto e branco" e "realidade manipulada". Esses termos enumerados em sequência são *fundadores* dos encadeamentos (1), (2), (3) e (4):

(1) *ser um imaginário, portanto manipular a realidade*

(2) *ser uma mentalidade, portanto manipular a realidade*

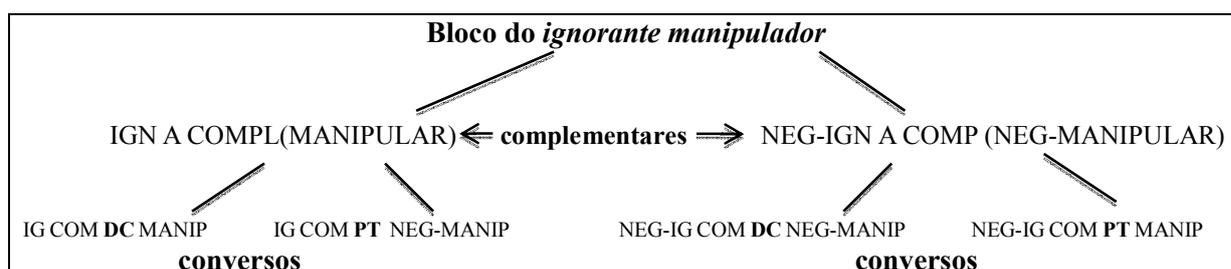
(3) *ser uma visão obscurantista, portanto manipular a realidade*

(4) *ser uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade,*

compreendidos – os quatro encadeamentos acima – como concretizando um mesmo *aspecto decalado* do tipo de IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR.

O bloco semântico do *ignorante manipulador*, em que se encontra esse aspecto, constitui-se a partir dos quase-blocos IGNORAR A COMPLEXIDADE (MANIPULAR) e NEG-IGNORAR A COMPLEXIDADE (NEG-MANIPULAR), conforme o esquema arbóreo a seguir:

Figura 17: Árvore do bloco da conversão no discurso 3.



Fonte: Figura elaborada pelo autor (2019).

A elaboração artística pelo locutor originou-se, aqui, da seleção do verbo "ser" em lugar de "ter". Num uso ordinário, seria comum que se construíssem estruturas do tipo de "X tem uma mentalidade Y", "X tem uma visão obscurantista", "X tem uma maneira de ver as coisas em preto e branco". Por mais que fosse possível caracterizar enunciados construídos nessas estruturas como artísticos em algum nível, nenhum se assemelharia à "artisticidade

semântica" desses enunciados com o verbo "ser", visto que os referidos *termos caracterizantes* tornam-se estranhos na cadeia sintagmática em que se encontram.

Um ponto importante dessa análise a ser destacado, aqui, é o de que os *encadeamentos* mantêm a *artisticidade semântica* dos *enunciados* e o *aspecto* a desfaz – por meio de uma *decalagem* –, para representar a própria significação linguística. Caso estivesse em análise a maneira ordinária de enunciação, como é possível averiguar nos enunciados (5), (6), (7) e (8):

(5) *Bolsonaro tem um imaginário X.*

(6) *Bolsonaro tem uma mentalidade Y.*

(7) *Bolsonaro tem uma visão de mundo obscurantista.*

(8) *Bolsonaro tem uma maneira de ver em preto e branco,*

outros sentidos seriam postos em questão. Logo, outras paráfrases deveriam ser feitas na forma de encadeamentos, para que esses sentidos fossem representados. Por exemplo:

(5') *ter um imaginário X, portanto manipular a realidade*

(6') *ter uma mentalidade Y, portanto manipular a realidade*

(7') *ter uma visão de mundo obscurantista, portanto manipular a realidade*

(8') *ter uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade,*

compreendidos – esses quatro encadeamentos – como concretizando o mesmo *aspecto argumentativo*, a saber: IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR. Nesse caso, porém, o aspecto concretizaria os encadeamentos argumentativos *sem decalagem*.

Pode-se constatar, pela leitura do primeiro período argumentativo, que todos os enunciados anteriores e posteriores àqueles enunciados aqui analisados funcionam como exemplos ou, em termos teóricos, são construídos de maneira a desenvolver a significação das frases que permitem a sua concretização. Mais detalhes, relativamente às significações representadas por esse bloco semântico, são apresentados na sequência da análise.

Ao buscar a presença de *artisticidade* no segundo período argumentativo, encontra-se apenas um enunciado complexo – cujos valores semânticos são examinados aqui, sobretudo em virtude do emprego relativamente particular do verbo "encarnar":

Período argumentativo 2

Bolsonaro encarna o pensamento do homem "mediocre", o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas.

O sentido desse enunciado pode ser representado pelo encadeamento (9) *encarnar o pensamento do homem "mediocre", portanto não assimilar explicações baseadas em causas*

múltiplas, que concretiza o aspecto *decalado* REPRESENTAR PENSAMENTO MEDIANO DC IGNORAR A COMPLEXIDADE. Embora a decalagem aí existente não seja tão expressiva quanto a que ocorre no primeiro período – podendo-se notar o desaparecimento do verbo "encarnar" no interior do aspecto –, nota-se a existência de um primeiro nível de artisticidade no "continuum" semântico-argumentativo constitutivo da linguagem. Trata-se, nesse caso, de um acréscimo da ideia de "pensamento mediano" que, ao conectar-se por meio do verbo "encarnar", produz, no Período 2, um efeito artístico associado ao léxico do discurso inteiro.

Período argumentativo 3

(F1) A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. (F2) A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassetete. (F3) Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais.

As primeiras duas frases gramaticais desse terceiro período argumentativo – (F1) e (F2) – assemelham-se, por um lado, às do Período argumentativo 1 em termos semânticos e estruturais. O sentido dos enunciados que as constituem pode ser representado por um único encadeamento, a saber: (10) *servir-se de filosofia moralista, portanto ter a repressão física como solução ideal*, que concretiza o aspecto *decalado* NEG-FILOSOFIA DE LIBERDADE DC SOLUÇÕES BRUTAIS. Por outro lado, o sentido do enunciado que concretiza a terceira frase gramatical – (F3) – assemelha-se ao do Período argumentativo 2, especialmente em razão do emprego do verbo "corporificar". Tal sentido pode ser representado pelas seguintes paráfrases argumentativas: (11) *corporificar um imaginário autoritário, portanto odiar o que é politicamente correto* e (12) *corporificar um imaginário autoritário, portanto combater a libertação dos homossexuais*, os quais concretizam o mesmo aspecto *decalado* ASSUMIR IDEOLOGIA DITATORIAL DC IMPEDIR EVOLUÇÕES SOCIAIS.

Período argumentativo 4

Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado.

Diferentemente do Período argumentativo 1, o termo singularizante "Bolsonaro" conecta-se – nesse Período 4 – ao termo caracterizante "ter", não mais a "ser", caracterizante produtor da artisticidade semântica em 1. Apesar dessa substituição lexical, a inscrição artística do locutor permanece, na produção semântica de 4, em virtude dos termos que

sucedem o caracterizante "ter". Desse modo, o sentido desse Período 4 pode ser representado pelos encadeamentos implicitamente evocados (13) *ter a cara de elite reacionária, portanto considerar índios indolentes* e (14) *ter a cara de elite reacionária, portanto considerar preguiçosos os beneficiários do bolsa família*, os quais concretizam o aspecto *decalado* PERTENCER À EXTREMA DIREITA DC DESCONSIDERAR AS MINORIAS.

Período argumentativo 5

O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto.

O sentido desse enunciado – responsável por um primeiro nível de elaboração artística pelo locutor no Período argumentativo 5 – pode ser representado pelo encadeamento argumentativo implicitamente evocado (15) *projeto ditatorial, no entanto forçá-lo democraticamente ao poder*, o qual concretiza o aspecto *decalado* PROJETO ANTI-DEMOCRÁTICO PT FORÇÁ-LO AO PODER DEMOCRATICAMENTE. O nível de decalagem aí existente não é considerado elevado, visto que atinge somente o primeiro segmento, em que "projeto ditatorial" realiza a significação de "projeto antidemocrático".

Período argumentativo 6

Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores.

Dois encadeamentos argumentativos devem ser implicitamente evocados a partir desse Período 6, a fim de que o sentido do enunciado que o constitui seja representado com clareza, a saber: (16) *parede do imaginário, no entanto valorização de ditadores*, que concretiza o aspecto *decalado* LUGAR DE LIBERDADE MÁXIMA PT PRESENÇA DE CENSURA, e (17) *propaganda da extrema direita, portanto valorização de ditadores*, que concretiza o aspecto *decalado* REGIME DE EXTREMA DIREITA DC VALORIZAÇÃO DITATORIAL.

Note-se que a artísticidade do sentido argumentativo representado por (16) demonstra originar-se justamente na relação argumentativa transgressiva. Indo-se mais longe, se se retomassem os princípios jakobsonianos sobre esse tipo de *relação*, poder-se-ia dizer que o sentido desse Período 6 se constrói por *similaridade*, isto é, pelo *processo metafórico*, visto que os termos "parede do imaginário" e "ditadores" concretizam, respectivamente, a significação de "lugar de liberdade máxima" e de "presença de censura".

Cumpra salientar que, para esta pesquisa, não interessa discutir se, por exemplo, esses sentidos construídos em 6 são metafóricos ou se também podem ser classificados como outro uso figurativo – segundo os critérios estabelecidos pelos estudos retóricos –, inclusive porque o que se busca mostrar, aqui, é simplesmente a função semântico-argumentativa desse tipo de fenômeno, em vista de uma produção artística no discurso. O que essa análise demonstra é que, para fazer a passagem do nível abstrato da língua (*palavra* → *frase* → *aspecto* → *significação*) ao nível concreto do discurso (*enunciado* → *encadeamento* → *sentido*), o locutor se serve de diferentes recursos disponíveis na própria natureza da linguagem.

Período argumentativo 7

O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes.

A artisticidade semântica presente, nesse Período 7, manifesta-se em nível bastante preliminar, a ponto de poder ser compreendida como produto do uso ordinário da linguagem. No entanto, o sentido do enunciado que a revela pode ser representado pelo encadeamento implicitamente evocado (18) *matar ou prender os dissidentes, portanto estabelecer a paz*, o qual concretiza o aspecto *decalado* EXTERMÍNIO DE DIFERENÇAS DC ESTABELECIMENTO DE PAZ. Observe-se que o termo "paraíso" termina por ser interpretado, nos níveis teóricos do encadeamento e do aspecto, por "estabelecimento de paz".

Período argumentativo 8

Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões, na divisão social entre os destinados aos grandes voos e os limitados à condição de meros coadjuvantes.

Os enunciados desse Período 8 retomam a mesma maneira de produzir artisticidade de que o locutor se serve nos enunciados do Período 1. O uso de "ser" – termo que tanto em 1 quanto em 8 guarda a sua significação nas paráfrases argumentativas – demonstra ser o principal responsável pela produção artística do sentido. É curioso que, no Período argumentativo em foco, quatro encadeamentos são evocados *explicitamente*, a saber:

- (19) *basear-se na truculência, portanto ser um "modo de ser" no mundo*
- (20) *basear-se na restrição da liberdade, portanto ser um "modo de ser" no mundo*
- (21) *basear-se na eliminação da complexidade, portanto ser um "modo de ser" no mundo*
- (22) *encurtar os processos de tomada de decisão, portanto ser um "modo de ser" no mundo*
- (23) *dividir a sociedade em ricos e pobres, portanto ser um "modo de ser" no mundo*

Esses quatro encadeamentos concretizam o mesmo aspecto *decalado* DEFENDER PRINCÍPIOS DE EXTREMA DIREITA DC SER DITADOR. Logo, a artisticidade revelada nesse Período argumentativo 8 deixa suas marcas no encadeamento e desaparece no aspecto.

Período argumentativo 9

Bolsonaro usa a democracia para asfíxiá-la. [...] Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha e exhibe-se em praça pública.

O sentido desses enunciados do Período 9 podem ser representados pelos encadeamentos implicitamente evocados (24) *servir-se da democracia, no entanto evitar a participação do povo* – que concretiza o aspecto *decalado* SERVIR-SE DA DEMOCRACIA PT NEG-SER DEMOCRATA – e (25) *ser a ignorância em pessoa, no entanto exhibir-se, sem vergonha, em praça pública*, que concretiza o aspecto *decalado* SER IGNORANTE PT EXIBIR-SE ORGULHOSAMENTE. Por um lado, a artisticidade do primeiro enunciado – eliminada ainda em nível de encadeamento – decorre da relação dos termos "democracia" e "asfíxiar", cujo fenômeno configura-se como o que se verificou no emprego de "paraíso", no Período 7. Por outro lado, a artisticidade oriunda do emprego de "ser", no segundo enunciado, é mantida no nível teórico do encadeamento, do mesmo modo que em P1 e P8, por exemplo.

Período argumentativo 12

O bolsonarismo é um pesadelo que tenta se apresentar como sonho de retorno ao paraíso perdido da ordem, do progresso, da segurança e da paz.

O Período argumentativo 12, que encerra o discurso em análise, também apresenta enunciados artisticamente constituídos pelo locutor. O sentido desse enunciado em foco pode ser parafraseado pelo encadeamento *implicitamente* evocado (26) *ser um pesadelo em política, no entanto apresentar-se como solução para todos os males*, o qual concretiza o aspecto *decalado* SER PÉSSIMA POLÍTICA PT CONSIDERAR-SE POLÍTICA EXCELENTE. O verbo "ser" é aí mantido nos níveis teóricos; e, como a sua significação é guardada também no aspecto, esse verbo é classificado como um termo constitutivo.

É possível perceber que "pesadelo", aqui, foi um termo escolhido em lugar de "sonho". No interior do mesmo paradigma, esses signos relacionam-se por *similaridade*, segundo a terminologia de Jakobson. A TBS não examina a constituição semântica por esse ponto de vista, a começar pelo fato de essa teoria ser uma semântica sintagmática. Suas ferramentas de

análise permitem explicitar, porém, a significação de "pesadelo", por meio do *aspecto decalado*, no interior do qual "pesadelo" aparece como algo que quer dizer "péssimo"¹¹⁰.

O percurso metodológico adotado na análise desse discurso 3 permitiu mostrar o lugar da *artisticidade semântica* dos enunciados e o apagamento desse fenômeno linguístico-discursivo no nível abstrato da língua. Viu-se que os empregos de termos entendidos normalmente como estranhos ou, em todo caso, responsáveis pela produção artística foram destruídos pela necessária decalagem dos encadeamentos em relação aos aspectos argumentativos. A intervenção do linguista nesse processo ficou também muito evidente e corroborou a tese ducrotiana (DUCROT, 1991) segundo a qual a *interpretação* é um instrumento necessário de acesso ao verdadeiro objeto do semanticista, a saber: a *significação* das palavras e das frases.

3.1.4 Discurso 4: *Poema II* de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro¹¹¹

Constituído por um conjunto de 49 poemas escritos em 1914 pelo heterônimo Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa, *O Guardador de Rebanhos* somente foi publicado em 1925, com exceção do poema VIII, publicado em 1931. A biografia de Alberto Caeiro – registrada pelo próprio Pessoa – define-o como um homem simples, sem instrução e profissão, tendo vivido quase toda sua vida no campo. Daí o fato de os elementos campestres presentes na obra construírem um discurso impregnado de panteísmo, em que o *eu lírico* observa os elementos da natureza não apenas para falar sobre a vida, mas também para associá-los à divindade que se apresenta em toda singularidade do universo. Segundo palavras do heterônimo Álvaro de Campos, *O Guardador de Rebanhos* "era como a voz da terra, que é tudo e ninguém".

Assim, ao redefinir poeticamente o que vê, Caeiro rompe paradigmas cristãos do mundo ocidental, cria paradoxos linguísticos, testa os limites da compreensão e abre seu discurso às mais diversas interpretações. Para tanto, o poeta deixa fluir sua própria subjetividade fortemente ligada à pureza, à simplicidade e à ingenuidade. De maneira distinta de um pseudônimo que apenas oculta o nome do autor – vale salientar aqui –, o heterônimo tem biografia e apresenta-se efetivamente como uma pessoa de carne e osso no mundo. Os

¹¹⁰ Uma hipótese que se instala, aqui – a qual poderá ser testada em estudos futuros –, é a de que, caso se buscasse examinar esse discurso 3 (desenvolvido em prosa), pela perspectiva jakobsoniana de linguagem, ver-se-ia o processo metafórico predominando sobre o processo metonímico.

¹¹¹ Esta análise encontra-se publicada em artigo bilíngue, divulgado na revista *Signo*, v. 44, n. 80, sob os seguintes títulos: *Ler Pessoa. Dois estudos semânticos em torno de sua obra poética* e *Lire Pessoa. Deux études sémantiques autour de son œuvre poétique* (GOMES; CHRISTOPULOS, 2019).

conhecidos heterônimos portugueses – tais como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares – têm, portanto, subjetividade própria; todos são, contudo, criação de um único sujeito real, que é Fernando Pessoa.

A concatenação de um texto ao outro, em *O Guardador de Rebanhos*, não contém pré-requisitos. Ainda que os 49 poemas sejam fruto de uma única noite de insônia de Caeiro, a independência que há entre os textos denuncia um processo criativo inspirado ao acaso. Esse heterônimo é tido como o principal desencadeador do processo poético de Pessoa, cuja "ciência espontânea" criada determina que as sensações geralmente devem antepor-se ao intelecto. A linguagem é aí carregada de tensão: como é possível "pensar-não-pensando" ou, em todo caso, "não-pensar-pensando"? O entrelaçamento de palavras, em Caeiro, ultrapassa as classificações das figuras retóricas e, portanto, apresenta-se aos olhos de um linguista semanticista como um convite à pesquisa.

O segundo poema de *O Guardador de Rebanhos* foi o escolhido para constituir o *corpus* desta tese, já que – pelo fato de explicitar muito bem as características de Caeiro – revela-se bastante significativo nesta investigação, cujo objetivo geral é o de investigar o processo de construção do sentido em discursos artísticos escritos. As noções de *encadeamento* e de *aspecto argumentativos* são as duas ferramentas escolhidas para nortear a análise apresentada a seguir:

O Guardador de Rebanhos – poema II

- (1) O meu olhar é nítido como um girassol.
- (2) Tenho o costume de andar pelas estradas
- (3) Olhando para a direita e para a esquerda,
- (4) E de vez em quando olhando para trás...
- (5) E o que vejo a cada momento
- (6) É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
- (7) E eu sei dar por isso muito bem...
- (8) Sei ter o pasmo essencial
- (9) Que tem uma criança se, ao nascer,
- (10) Reparasse que nascera deveras...
- (11) Sinto-me nascido a cada momento
- (12) Para a eterna novidade do Mundo...

- (13) Creio no Mundo como num malmequer,
- (14) Porque o vejo. Mas não penso nele
- (15) Porque pensar é não compreender...
- (16) O Mundo não se fez para pensarmos nele
- (17) (Pensar é estar doente dos olhos)
- (18) Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

- (19) Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
- (20) Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
- (21) Mas porque a amo, e amo-a por isso,

(22) Porque quem ama nunca sabe o que ama
 (23) Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

(24) Amar é a eterna inocência,
 (25) E a única inocência é não pensar...

(*O Guardador de Rebanhos*. In: **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1946. 10ed. 1993.

De um ponto de vista linguístico, pode-se dizer que o sentido global desse poema revela suas raízes numa efetiva relação entre *enunciação* e *argumentação*. O emprego recorrente de *ver* e *olhar* ao longo do discurso – marcadores da presença do *locutor* – são fortes indícios linguísticos da supremacia do *sentir* em relação ao *pensar*. Assim, o primeiro verso permite evocar, de início, o encadeamento implícito (1):

(1) *eu vejo nitidamente tudo, portanto eu digo que meu olhar é como um girassol*, entendido como concretizando o aspecto não decalado VER DC DIZER

A comparação presente nesse encadeamento evocado implicitamente do primeiro verso põe em relação duas competências: (1) a capacidade de ver com nitidez do próprio locutor e (2) a particularidade da flor (denominada *girassol*) de seguir continuamente a luz do sol. Trata-se, aqui, de uma enunciação focalizada no próprio locutor, visto que ele emprega um "eu vejo" para depois se sentir autorizado a "dizer", isto é, a "enunciar" o que vê. Eis que se depreende daí o aspecto não decalado VER DC DIZER contido na significação de "ver".

O grupo dos cinco versos seguintes (de 2 a 6) modifica, em certa medida, a maneira de exprimir a enunciação do locutor e incide sobre o verbo "olhar", conforme se verifica no encadeamento implicitamente evocado (2):

(2) *eu ando olhando para a direita, para a esquerda e às vezes para trás, portanto eu vejo o que nunca tinha visto*, compreendido como concretizando o aspecto decalado OLHAR DC SENTIR

Embora o tempo gramatical desse trecho do poema seja o *presente* – assegurando o modo enunciativo do *concebido* –, o *tom* aí é essencialmente *factual*. De acordo com as conclusões de Carel (2018), a partir do estudo do poema *Noite de substituição*, de Marc de Larréguy, os enunciados no *modo do concebido* e no *tom de reportagem*, por exemplo, evocam uma concretização no *presente* e no *eu*. Assim, a principal diferença entre Fernando Pessoa e Marc de Larréguy é que o *tom factual* de Pessoa é simples e concretiza o aspecto

OLHAR DC SENTIR, inscrito na significação do verbo "olhar". Trata-se, pois, de uma diferença discursiva sendo revelada na e pela própria natureza argumentativa da língua.

O processo interpretativo dos versos seguintes (de 7 a 12) – manifestos notadamente no mesmo *modo do concebido* e no mesmo *tom factual* do trecho anterior – tende a evocar um encadeamento implícito do tipo de (3), como se pode conferir:

(3) *eu sei manter em mim o encantamento de um recém-nascido, portanto eu me sinto renascido, a cada instante, na serena novidade do mundo*, compreendido como concretizando o aspecto decalado GUARDAR O ENCANTAMENTO INFANTIL DC RENOVAR-SE

Essa análise permite verificar que o trecho em foco exige maior esforço interpretativo, sobretudo se for comparado ao trecho anterior. Por isso, torna-se necessário realizar uma *decalagem* mais expressiva do encadeamento até o aspecto para que a significação linguística aí presente seja efetivamente acessada pelo alocutário. Desse fenômeno linguístico-discursivo aqui revelado, conclui-se que, quanto mais carregada de singularidade do locutor for a maneira de expressão do conteúdo no discurso, mais reflexiva deverá ser a leitura realizada pelo alocutário. Só assim – por meio da *decalagem* – a significação das palavras é acessada e a interpretação textual/ discursiva pode ser efetivada com sucesso.

Diferentemente dos dois excertos anteriores (2-6 e 7-12) – cujo sentido global é observado num único encadeamento –, a representação do sentido construído no terceiro excerto do poema (dos versos 13 a 19) deve levar em conta as significações de "ver", "pensar", "existir" e "sentir", que são termos caracterizantes fundadores dos encadeamentos (4) a (10):

(4) *eu vejo o mundo, portanto eu acredito nele* (evocado implicitamente)
 (5) *eu vejo uma margarida, portanto eu acredito nela* (evocado implicitamente)
 VER DC ACREDITAR (não decalado)

(6) *pensar, portanto não compreender o mundo* (evocado explicitamente)
 PENSAR DC NEG-COMPREENDER (não decalado)

(8) *pensar, portanto estar doente dos olhos* (evocado explicitamente)
 PENSAR DC NEG-VER (decalado)

(7) *existir no mundo, portanto não pensar* (evocado implicitamente)

(9) *existir no mundo, no entanto olhá-lo apenas com concordância* (evocado implicitamente) EXISTIR NO MUNDO DC APENAS ESTAR DE ACORDO (não decalado)

(10) *eu não tenho filosofia, portanto eu tenho sentidos* (evocado implicitamente) NEG-PENSAR DC SENTIR (não decalado)

Os encadeamentos evocados desse trecho do poema (dos versos 13-19) apresentam comportamentos enunciativos distintos. Por um lado, nota-se que (4), (5) e (10) contêm o *eu* no *presente*, a partir do que defendemos a tese segundo a qual esses encadeamentos constituem argumentações enunciativas em *tom factual*, no *modo do concebido*. Por outro lado, os encadeamentos de (6) a (9) desenvolvem-se em *tom factual*, no *modo do encontrado*; portanto, não constituem argumentações enunciativas. É também o que se passa no trecho que encerra o poema (dos versos 20-24), conforme se pode observar:

(11) *eu falo da Natureza, no entanto eu não sei o que ela é* (evocado explicitamente) FALAR DE X PT DESCONHECER X (não decalado)

(12) *eu desconheço a Natureza, portanto eu a amo* (evocado explicitamente) DESCONHECER DC AMAR (não decalado)

(13) *amar, portanto nada saber* (evocado explicitamente)

(14) *amar, portanto ser inocente* (evocado explicitamente) AMAR DC SER INOCENTE (não decalado)

(15) *ser inocente, portanto não pensar* (evocado explicitamente) SER INOCENTE DC NEG-PENSAR (não decalado)

Enquanto os encadeamentos (11) e (12) contêm a presença explícita do *eu* – constituindo argumentações enunciativas no mesmo *modo do concebido* e no *tom factual* do restante do poema –, os encadeamentos (13), (14) e (15) estão no *modo do encontrado* em *tom factual*. Portanto, não constituem argumentações enunciativas.

Assim, encerra-se esta seção de análise, em que se pôde verificar diferentes princípios e conceitos da Semântica Argumentativa, sobretudo da TBS-atual, sendo acionados em prol não apenas da descrição, mas também da explicação da *significação de palavras* e do *sentido de enunciados e de períodos argumentativos* em discursos artísticos escritos. Na próxima seção, são discutidos os resultados explicitados nesta seção 3.1.

3.2 Discussão dos resultados

Ao longo desta tese, algumas das questões apresentadas na Introdução já foram respondidas, enquanto outras devem ainda ser sistematizadas e até mesmo respondidas mais explicitamente. Portanto, no início desta seção, alguns pontos precisam ser retomados:

(1) a partir da constatação de que alguns fenômenos característicos dos discursos artísticos (caso daquilo que a tradição retórica chamou de *figuras* ou *tropos*) necessitavam de uma explicação semântico-argumentativa, a *questão norteadora* desta pesquisa foi buscar saber como o locutor – ***ao colocar a língua em funcionamento de modo artístico em discurso – opera, enunciativa e argumentativamente, em vista da produção de sentidos que fogem ao compartilhamento linguístico regular característico da linguagem ordinária;***

(2) a pesquisa teve, essencialmente, dois *objetivos gerais*: (a) o de investigar o processo de construção do sentido em discursos artísticos escritos e (b) o de apresentar um estudo prospectivo para análises semântico-argumentativas nesse tipo de *corpus*;

(3) os *objetivos específicos* da pesquisa desdobraram-se em torno de (a) descrever e explicar a *significação* de *palavras* e o *sentido* de *enunciados* e de *períodos argumentativos* que – independentemente do gênero discursivo do qual fazem parte – revelam significativa inscrição artística do locutor; (b) revelar o potencial da significação, não só para a criação de sentidos ditos "estruturais" – previstos pelo sistema linguístico –, mas também para a constituição dos sentidos "contextuais", subordinados à situação intradiscursiva; e (c) sistematizar e postular a existência de um "continuum semântico-argumentativo na linguagem".

A partir desses objetivos delineados, levantaram-se as seguintes hipóteses:

(H1) O "discurso artístico escrito" pode ser definido, do ponto de vista semântico-argumentativo, como todo e qualquer discurso cujos enunciados são, em sua maioria, parafraseáveis por encadeamentos argumentativos considerados "contextuais".

(H2) Os encadeamentos argumentativos "contextuais" – por serem exclusivamente criados no interior de um discurso – são mais comuns na *linguagem artística*, ao passo que os encadeamentos argumentativos "estruturais" – por seguirem o padrão semântico da língua – são característicos da *linguagem ordinária*.

(H3) Uma análise como a vislumbrada nesta pesquisa permite explicitar um "continuum semântico-argumentativo presente na própria natureza da linguagem".

(H4) A noção de *decalagem* parece ter muito a desvelar sobre a passagem da língua-sistema para o discurso, além de demonstrar significativo potencial para reduzir as fronteiras linguístico-discursivas a partir das quais tradicionalmente se delimitam as maneiras *ordinária* e *artística* de manifestação linguística.

Diante disso, buscando atender aos propósitos aqui estabelecidos, esta seção está dividida em duas partes. Na primeira subseção, os resultados obtidos são discutidos em vista da *artisticidade semântico-argumentativa do corpus*. É aí, então, que também se discute sobre a confirmação ou não das hipóteses da pesquisa. Na segunda subseção, os aspectos argumentativos de cada um dos discursos são formalmente postos sobre um *continuum semântico-argumentativo*, a fim de apresentar, posteriormente, as implicações de tal *continuum* para os estudos envolvendo a *artisticidade semântica*. Discute-se, por fim, sobre o *lugar da ideologia nos estudos em Semântica Argumentativa*, tópico este que surgiu ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Trata-se, pois, de um dos pontos de chegada desta tese.

3.2.1 A artisticidade semântico-argumentativa do *corpus*

A primeira aula do seminário intitulado *Langue de bois et poésie* (2018-2019, na EHESS) contou com a afirmação de Marion Carel de que o estudo da *langue de bois*¹¹² (*língua de madeira*, em tradução livre) – perceptível principalmente no "discurso dos dominantes" – é um verdadeiro desafio para a Linguística, porque a Semântica, por exemplo, interessa-se pela *significação* e pelo *sentido* no próprio *dito*, não na *maneira* como o sentido é dito. À Semântica – segundo a autora –, sempre coube descrever e explicar o conteúdo comunicado pelas entidades linguísticas, e não a *maneira* como o conteúdo é comunicado.

No entanto, é também com o objetivo de questionar esse postulado das semânticas clássicas que Carel dedicou o referido seminário, pertencente à área denominada *Linguística lexical e linguística do discurso*, na EHESS. Tal questionamento deu-se na medida em que a semanticista buscou mostrar a influência da "maneira de dizer" na construção dos conteúdos comunicados nos discursos em *langue de bois*. Uma das conclusões principais desse seminário semestral, entretanto, foi a de que a *enganação* – própria da *langue de bois* – situa-se não na maneira de construir os conteúdos, mas no fato de que tal forma dá a impressão de que o sujeito falante faz tal ação enquanto, definitivamente, está fazendo uma outra ação.

¹¹² No referido seminário, a título de esclarecimento, Marion Carel buscou definir tecnicamente a expressão francesa *langue de bois* do ponto de vista semântico-argumentativo. De acordo com a autora (2018-2019), tal expressão – no uso corrente da língua francesa – é pejorativa e está relacionada à ideia de "enganação", bastante presente nos discursos cujo locutor busca se promover, quer dizer, dar uma imagem muito positiva de si mesmo.

Muito embora o interesse da pesquisa realizada nesta tese não seja o estudo da *langue de bois*, o problema e os objetivos aqui propostos inscrevem-se na mesma linha dessas investigações atuais em Semântica Argumentativa. Ao longo das análises realizadas a partir do *corpus* desta tese, pôde-se verificar que aquilo que se convencionou chamar, aqui, de *artisticidade semântico-argumentativa*¹¹³ aparece marcada – do menos (-) artístico para o mais (+) artístico – respectivamente, nos *aspectos*, nos *encadeamentos* e nos *enunciados*. Por mais que os aspectos argumentativos contextuais guardem, em si, certo *estranhamento produtor de uma semântica artística*, as nuances específicas daquilo que é geralmente tratado como "estilo revelador da maneira artística de manifestação linguística" são apagadas no *aspecto argumentativo*. Isso quer dizer que a *artisticidade semântico-argumentativa* diminui à medida que o nível de *abstração metalinguística* aumenta.

Observando-se os aspectos contextuais dos discursos analisados, é possível perceber – em todos eles – certo grau de *artisticidade semântico-argumentativa*. Trata-se, em realidade, do *grau de estranhamento* necessário para que esses aspectos sejam classificados como "contextuais". São exemplos disso os seguintes aspectos contextuais: POSSUIR VERDADE INEXISTENTE DC ESTAR SEGURO e NEG-EXISTIR PT PERTENCER A ALGUÉM (discurso 1); PERTENCER À EXTREMA DIREITA DC DESCONSIDERAR MINORIAS e IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR (discurso 3); DESCONHECER DC AMAR e EXISTIR NO MUNDO DC ESTAR APENAS DE ACORDO (discurso 4). Fica evidente, aqui, uma das funções da arte com palavras: a de criar situações completamente novas e estranhas à própria língua-sistema.

Apesar de haver – em três dos discursos artísticos escritos analisados – aspectos fundadores contextuais, a H1 não foi completamente confirmada. Uma definição precisa para "discurso artístico", do ponto de vista semântico-argumentativo, não está ligada a uma "maior quantidade" de encadeamentos e de aspectos contextuais, embora, em geral, não escape deles. De forma mais prudente – e os resultados obtidos nas análises permitem essa afirmação –, poder-se-ia dizer que um *discurso artístico escrito é, em geral, aquele que, dentre outras particularidades semântico-argumentativas, apresenta encadeamentos e aspectos contextuais*. A completude dessa definição dar-se-á, contudo, em estudos futuros, visto que também deverá levar em conta o fundamento do "continuum semântico-argumentativo da linguagem", até mesmo para prever os discursos artísticos – como "O bicho", de Bandeira – que contêm apenas encadeamentos e aspectos argumentativos estruturais.

¹¹³ Por *artisticidade semântico-argumentativa* deve-se entender o investimento enunciativo do locutor no conteúdo comunicado, cuja inscrição subjetiva distancia a *significação* e/ou o *sentido* da estrutura argumentativa da língua.

Nessa direção, a H2 desta tese – apesar de ter sido completamente confirmada – também permite levantar um novo questionamento: o de saber se os discursos que revelam a manifestação linguística mais banal possível, como o discurso da *previsão do tempo*, o discurso jornalístico da *página policial*, o discurso dos *manuals de instruções*, dentre outros, não apresentam encadeamentos e aspectos argumentativos contextuais. Obviamente, a *regularidade* por excelência está na língua. Já o discurso – principalmente o artístico – é o lugar por excelência da *singularidade*, da invenção, da surpresa. Apesar disso, entretanto, para que um discurso seja reconhecido como x ou y, ele também não pode extrapolar os limites semânticos da língua, sob pena de não ser compreendido.

O fenômeno da "artisticidade semântico-argumentativa" – é importante ressaltar – não incide apenas sobre o discurso literário. Buscou-se deixar claro, ao longo desta tese, que ele também pode estar presente no discurso jornalístico, por exemplo, cujos objetivos gerais são, grosso modo, informar e discutir sobre a realidade atual. É evidente, todavia, que a Literatura – até mesmo pelas suas peculiaridades relativas à produção ficcional – termina por guardar as maneiras mais artísticas de expressão linguística possíveis do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* (cf. subseção seguinte). Bastaria olhar para discursos poéticos, como o *Soneto VIII*, da poetisa francesa do século XVI, *Louise Labé*:

<p>VIII</p> <p>Eu vivo, eu morro; no fogo eu me afogo. No calor sinto o frio que me perfura; A vida é muito mole e muito dura. Sinto fastios e alegrias logo.</p> <p>Jorrando as lágrimas, o riso eu jogo, E com prazer sofro muita amargura; Meu bem se vai, mas eterno perdura; Vicejo assim que me resseca o fogo.</p> <p>Assim Amor volúvel faz comigo; E quando penso estar mais dolorida, Sem mais pensar me vejo sem castigo.</p> <p>Se penso estar feliz e sem perigo, E estar bem no auge da sorte querida, Ele me faz novamente sofrida.</p> <p style="text-align: right;">Louise Labé (1522-1566) <i>Louise Labé</i>: amor e loucura. (Tradução, prefácio e notas de Felipe Fortuna) São Paulo: Siciliano, 1995.</p>	<p>VIII</p> <p>Je vis, je meurs: je me brule et me noye. J'ay chaut estreme en endurant froidure: La vie m'est et trop molle et trop dure. J'ay grans ennuis entremeslez de joye:</p> <p>Tout à un coup je ris et je larmoye, Et en plaisir maint grief tourment j'endure: Mon bien s'en va, et à jamais il dure: Tout en un coup je seiche et je verdoye.</p> <p>Ainsi Amour inconstamment me meine: Et quand je pense avoir plus de douleur, Sans y penser je me treuve hors de peine.</p> <p>Puis quand je croy ma joye estre certaine, Et estre au haut de mon desiré heur, Il me remet en mon premier malheur.</p> <p style="text-align: right;">Louise Labé (1522-1566) <i>Louise Labé</i>: amor e loucura. (Tradução, prefácio e notas de Felipe Fortuna) São Paulo: Siciliano, 1995.</p>
--	---

A recorrência de palavras antitéticas postas em relação, ao longo desse poema, por exemplo, cria uma artisticidade semântico-argumentativa bastante particular. Seria necessário

realizar, em vista disso, uma descrição semântico-argumentativa do discurso para descobrir se existem, aí, paradoxos linguísticos ou se os esquemas fundadores dos enunciados são doxais, apesar de sua aparência paradoxal. Fica evidente, porém, que um discurso artístico como esse testa os próprios limites do compartilhamento regular de produção semântica, a ponto de já ter sido avaliado como *loucura*, isto é, nesse caso, como um poema *sem sentido*.

Como será visto na próxima subseção, a H3 também foi confirmada. Prova disso será a explicitação de um *continuum semântico-argumentativo* a partir de cada discurso analisado e a postulação de um *continuum semântico-argumentativo da linguagem*. Por fim, a H4 foi parcialmente confirmada. A noção de *decalagem* – em todas as situações em que foi aplicada nas análises (nos discursos 3 e 4) – permitiu enxergar o lugar da necessária *interpretação* envolvida na passagem da língua-sistema ao discurso. Para que se possa explicitá-lo, retomam-se os encadeamentos e os aspectos argumentativos dos discursos 3 e 4:

Quadro 3: Síntese dos encadeamentos e dos aspectos do discurso 3.

(1) <i>ser um imaginário, portanto manipular a realidade</i> (2) <i>ser uma mentalidade, portanto manipular a realidade</i> (3) <i>ser uma visão obscurantista, portanto manipular a realidade</i> (4) <i>ser uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade</i> IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR (aspecto <i>decalado</i>)
(5) <i>Bolsonaro tem um imaginário X.</i> (6) <i>Bolsonaro tem uma mentalidade Y.</i> (7) <i>Bolsonaro tem uma visão de mundo obscurantista.</i> (8) <i>Bolsonaro tem uma maneira de ver em preto e branco,</i> (5') <i>ter um imaginário X, portanto manipular a realidade</i> (6') <i>ter uma mentalidade Y, portanto manipular a realidade</i> (7') <i>ter uma visão de mundo obscurantista, portanto manipular a realidade</i> (8') <i>ter uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade</i> IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR (aspecto <i>não decalado</i>)
(9) <i>encarnar o pensamento do homem "mediocre", portanto não assimilar explicações baseadas em causas múltiplas</i> REPRESENTAR PENSAMENTO MEDIANO DC IGNORAR A COMPLEXIDADE (aspecto <i>decalado</i>)
(10) <i>servir-se de filosofia moralista, portanto ter a repressão física como solução ideal</i> NEG-FILOSOFIA DE LIBERDADE DC SOLUÇÕES BRUTAIS (aspecto <i>decalado</i>)
(11) <i>corporificar um imaginário autoritário, portanto odiar o que é politicamente correto,</i> (12) <i>corporificar um imaginário autoritário, portanto combater a libertação dos homossexuais</i> ASSUMIR IDEOLOGIA DITATORIAL DC IMPEDIR EVOLUÇÕES SOCIAIS (aspecto <i>decalado</i>)
(13) <i>ter a cara de elite reacionária, portanto considerar índios indolentes</i> (14) <i>ter a cara de elite reacionária, portanto considerar preguiçosos os beneficiários do bolsa família</i> PERTENCER À EXTREMA DIREITA DC DESCONSIDERAR AS MINORIAS (aspecto <i>decalado</i>)
(15) <i>projeto ditatorial, no entanto forçá-lo democraticamente ao poder</i> PROJETO ANTI-DEMOCRÁTICO PT FORÇÁ-LO AO PODER DEMOCRATICAMENTE (aspecto <i>decalado</i>)
(16) <i>parede do imaginário, no entanto valorização de ditadores</i> LUGAR DE LIBERDADE MÁXIMA PT PRESENÇA DE CENSURA (aspecto <i>decalado</i>)
(17) <i>propaganda da extrema direita, portanto valorização de ditadores</i> REGIME DE EXTREMA DIREITA DC VALORIZAÇÃO DITATORIAL (aspecto <i>decalado</i>)
(18) <i>matar ou prender os dissidentes, portanto estabelecer a paz</i> EXTERMÍNIO DE DIFERENÇAS DC ESTABELECIMENTO DE PAZ (aspecto <i>decalado</i>)

(19) basear-se na truculência, portanto ser um "modo de ser" no mundo (20) basear-se na restrição da liberdade, portanto ser um "modo de ser" no mundo (21) basear-se na eliminação da complexidade, portanto ser um "modo de ser" no mundo (22) encurtar os processos de tomada de decisão, portanto ser um "modo de ser" no mundo (23) dividir a sociedade em ricos e pobres, portanto ser um "modo de ser" no mundo DEFENDER PRINCÍPIOS DE EXTREMA DIREITA DC SER DITADOR (aspecto <i>decalado</i>)
(24) servir-se da democracia, no entanto evitar a participação do povo SERVIR-SE DA DEMOCRACIA PT NEG-SER DEMOCRATA (aspecto <i>decalado</i>)
(25) ser a ignorância em pessoa, no entanto exibir-se, sem vergonha, em praça pública SER IGNORANTE PT EXIBIR-SE ORGULHOSAMENTE (aspecto <i>decalado</i>)
(26) ser um pesadelo em política, no entanto apresentar-se como solução para todos os males SER PÉSSIMA POLÍTICA PT CONSIDERAR-SE POLÍTICA EXCELENTE (aspecto <i>decalado</i>)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2019).

Esse quadro-síntese 3 permite perceber claramente que todos os esquemas fundadores dos enunciados artisticamente elaborados pelo locutor do discurso 3 sofreram a incidência da *decalagem*. O único aspecto *não decalado* presente nessa análise, IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR, não faz parte do discurso. Como se pôde perceber, ele foi explicitado apenas para mostrar, didaticamente, a diferença semântica entre o emprego do verbo “ser” (emprego artístico no cotexto) e do verbo “ter” (emprego não artístico, caso tivesse sido efetuado nesse mesmo cotexto). Disso se pode concluir que a *decalagem* foi, nesse discurso 3, um fenômeno que integrou a interpretação dos enunciados e, por conseguinte, dos encadeamentos argumentativos “artisticamente elaborados”. É, pois, pela *interpretação* dos enunciados e dos encadeamentos – de acordo com Gomes e Christopulos (2019) – que o linguista semanticista encontra e inventa a língua-sistema.

Quadro 4: Síntese dos encadeamentos e aspectos do discurso 4.

(1) eu vejo nitidamente tudo, portanto eu digo que meu olhar é como um girassol VER DC DIZER (aspecto não decalado)
(2) eu ando olhando para a direita, para a esquerda e às vezes para trás, portanto eu vejo o que nunca tinha visto OLHAR DC SENTIR (aspecto decalado)
(3) eu sei manter em mim o encantamento de um recém-nascido, portanto eu me sinto renascido, a cada instante, na serena novidade do mundo GUARDAR O ENCANTAMENTO INFANTIL DC RENOVAR-SE (aspecto <i>decalado</i>)
(4) eu vejo o mundo, portanto eu acredito nele (5) eu vejo uma margarida, portanto eu acredito nela VER DC ACREDITAR (aspecto não decalado)
(6) pensar, portanto não compreender o mundo PENSAR DC NEG-COMPREENDER (aspecto não decalado)
(8) pensar, portanto estar doente dos olhos PENSAR DC NEG-VER (aspecto decalado)
(7) existir no mundo, portanto não pensar (9) existir no mundo, no entanto olhá-lo apenas com concordância EXISTIR NO MUNDO DC APENAS ESTAR DE ACORDO (aspecto não decalado)
(10) eu não tenho filosofia, portanto eu tenho sentidos NEG-PENSAR DC SENTIR (aspecto não decalado)
(11) eu falo da Natureza, no entanto eu não sei o que ela é FALAR DE X PT DESCONHECER X (aspecto não decalado)
(12) eu desconheço a Natureza, portanto eu a amo DESCONHECER DC AMAR (não decalado)

(13) <i>amar, portanto nada saber</i> (14) <i>amar, portanto ser inocente</i> AMAR DC SER INOCENTE (não decalado)
(15) <i>ser inocente, portanto não pensar</i> SER INOCENTE DC NEG-PENSAR (não decalado)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2019).

Os dados desse discurso 4 apontam para algumas curiosidades ausentes do discurso 3. Nesse caso, apenas quatro dos doze aspectos argumentativos do discurso são *decalados*. Os outros oito aspectos – dentre os quais três são classificados como contextuais (cf. subseção seguinte) – são prefigurados sem *decalagem*. Dessas constatações, podem-se extrair as seguintes conclusões:

- (1) a *decalagem* nem sempre doxaliza os encadeamentos;
- (2) a *decalagem* revela a *interpretação* que o linguista realizou do encadeamento para chegar à criação do aspecto;
- (3) quanto à artisticidade semântico-argumentativa, o aspecto é *decalado* quando o sentido do enunciado (por conseguinte, sua paráfrase pelo encadeamento) apresenta-se de modo indireto, "eufemístico" (em termos retóricos);
- (4) o modo como o locutor do discurso 4 foi posto em cena por Caeiro – para produzir sentido – é diferente do modo como o locutor do discurso 3 foi posto em cena por Silva, para produzir sentido;
- (5) por apresentar-se como uma ferramenta reveladora da língua-sistema, a *decalagem* tende a reduzir as fronteiras linguístico-discursivas a partir das quais se delimitam as maneiras *ordinária* e *artística* de manifestação linguística.

Por fim, o que as análises dos discursos 3 e 4 revelam – quanto à *decalagem* – é que, de acordo com o tipo de entrelaçamento de palavras no enunciado e no encadeamento, esse fenômeno atua com maior ou menor intensidade. Estudos futuros sobre esse tema ainda estão por ser feitos, a fim de distinguir e subclassificar todos os tipos possíveis de *decalagem*. Paralelamente, por conseguinte, os diferentes estatutos da maneira "indireta" ou "eufemística"¹¹⁴ de manifestação linguístico-discursiva devem ser descritos e explicados, uma vez que esse modo de expressão artística, em especial, apresenta um estatuto semântico-argumentativo distinto dos empregos ditos "metafóricos"¹¹⁵, por exemplo.

¹¹⁴ Isso deve levar em conta o fato de que, conforme defende Stumpf (2017, p. 19), em tese intitulada *No limite do diálogo: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste*, "o eufemismo serve para abordar a relação entre língua e cultura por meio do viés da interdição".

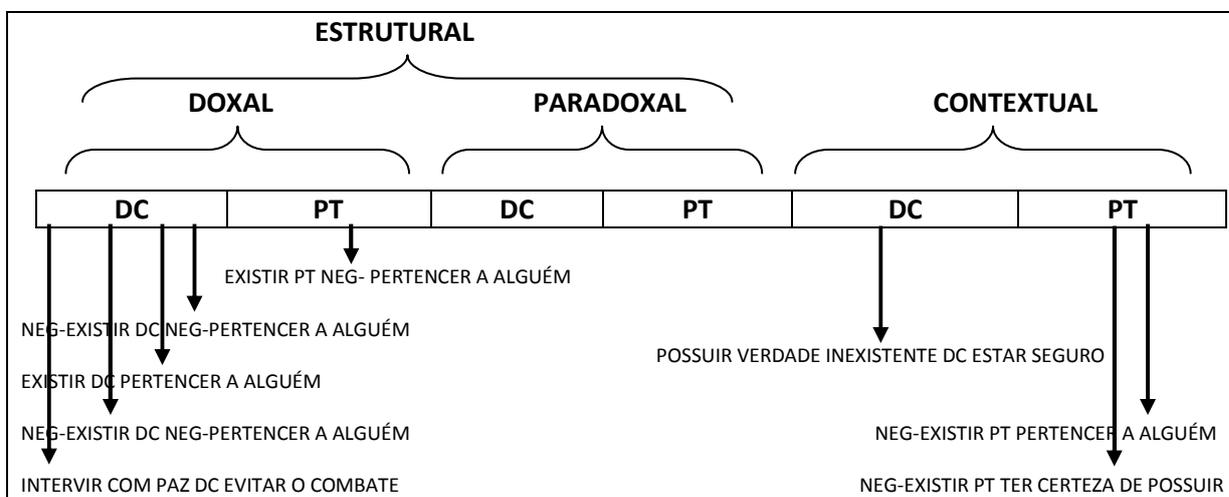
¹¹⁵ É importante salientar que também se faz necessário um estudo descritivo-explicativo que aplique as ferramentas da TBS-atual, como a noção de *decalagem*, na análise de enunciados "metafóricos" do tipo de *Hoje*,

3.2.2 O *continuum* semântico-argumentativo da linguagem

O fundamento do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* que ora se apresenta não prevê nenhuma separação, cisão ou linha divisória entre o *estrutural* e o *contextual*. Devido a tudo o que se discutiu anteriormente, pode-se dizer que – embora a *artisticidade semântico-argumentativa* esteja mais presente nos aspectos contextuais – não se pode desconsiderar a possibilidade de produção artística também entre os encadeamentos e aspectos estruturais. Ainda que isto possa parecer uma banalidade, deve-se considerar que, em essência, a *identidade da linguagem ordinária* somente é possível de ser percebida pelo falante/ouvinte, quando em *relação de diferença* com a *linguagem artística* e vice-versa.

A seguir – a partir de critérios semântico-argumentativos de ordem *estrutural*, a *doxalidade* e a *paradoxalidade*, e do critério *contextual* – explicitam-se quatro esquemas que representam o *continuum semântico-argumentativo dos discursos* analisados nesta tese. Em seguida, formula-se um esquema representativo do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* – sobre o eixo sintagmático – subjacente a cada discurso particular:

Figura 18: O *continuum semântico-argumentativo* em Direitos de propriedade.



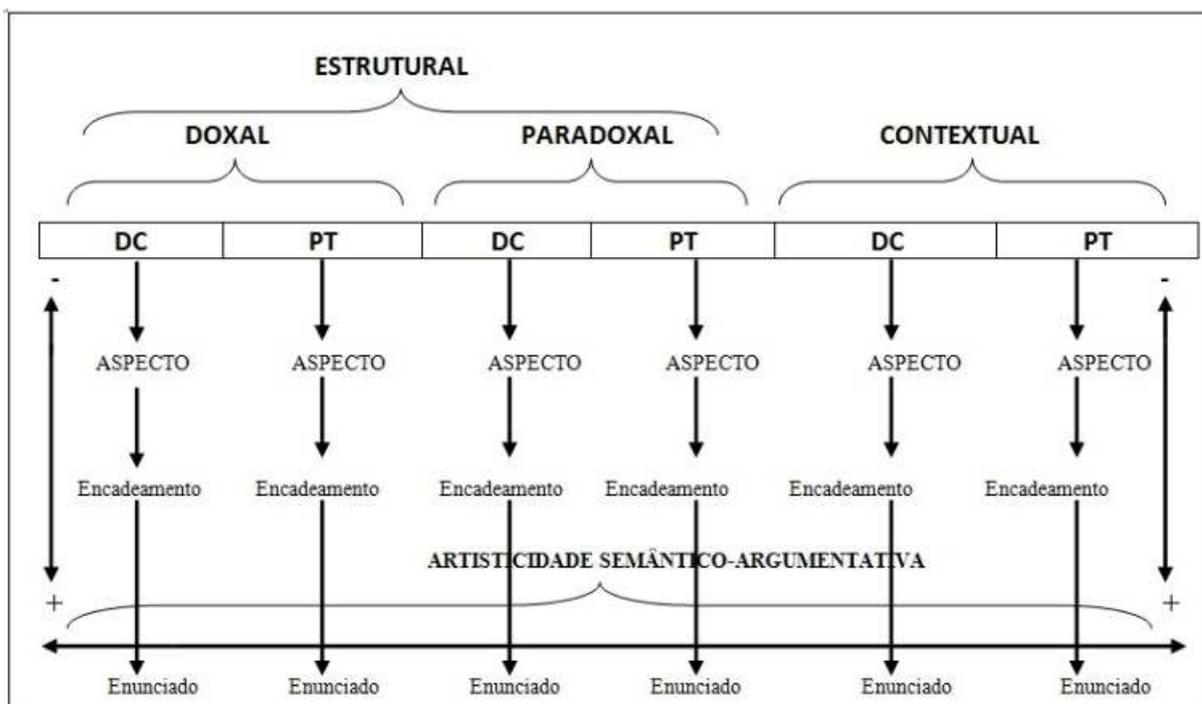
Fonte: Figura elaborada pelo autor (2019).

Dentre os oito aspectos argumentativos apresentados na análise do discurso 1, cinco são *estruturais* – dos quais, quatro são doxais normativos e um é doxal transgressivo – e três são *contextuais* – dos quais, um é normativo e dois são transgressivos.

na Jordânia, até mesmo o sol chora, conforme o estudo de Patricia Schulz, no texto *Plaidoyer contre une interprétation des énoncés en termes de « métaphore »* (2002).

maneira como o conteúdo foi construído e como o locutor revelou seu "modo de pensar", no discurso, são pontos que se evidenciam pela observação dos aspectos no *continuum*.

Figura 22: Fórmula do *continuum* semântico-argumentativo da linguagem.



Fonte: Figura elaborada pelo autor (2019).

Como atesta o esquema acima, a fórmula do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* explicita não apenas os critérios *estrutural* (*doxal* e *paradoxal*) e *contextual* – aplicáveis sobre os aspectos e os encadeamentos normativos (em DC → *portanto*) e transgressivos (em PT → *no entanto*) –, mas também sustenta que o *enunciado* é o lugar em que a *artisticidade semântico-argumentativa* atinge seu ponto mais alto. Desse modo, as setas verticais indicam que a *artisticidade semântico-argumentativa* aumenta do *aspecto* em direção ao *enunciado* e diminui do *enunciado* em direção ao *aspecto*. É, pois, importante salientar que a seta da *artisticidade semântico-argumentativa* sobre o eixo sintagmático – no nível do enunciado – é aberta para frente e para trás (↔) devido à recursividade e aos operadores responsáveis pela infinidade das *frases complexas* (cf. DUCROT, 1990, p. 56).

A postulação desse *continuum* abre portas para estudos futuros. A partir das hipóteses – confirmadas e rejeitadas nesta tese –, novas perguntas estão por ser feitas. Muito do que os estudos estilísticos, em especial, fizeram em termos de pesquisa descritivo-explicativa sobre

os "modos de produzir sentido na língua/linguagem"¹¹⁶ estão ainda por serem pensados sob o olhar da Semântica Argumentativa. O percurso de elaboração desse *continuum* também permitiu chegar a um problema caro à subárea de estudos da linguagem denominada *análise do discurso* (AD)¹¹⁷, qual seja: o da expressão discursiva da *ideologia* do locutor.

Foi possível verificar com clareza o lugar da *ideologia*¹¹⁸ na descrição semântico-argumentativa. Tal componente da linguagem ficou marcado, de modo mais acentuado, naqueles encadeamentos sobre os quais incidu a *decalagem*. Isso significa que a *ideologia* não está diretamente relacionada ao caráter contextual dos encadeamentos e dos aspectos. Em outros termos, poder-se-ia dizer que ela se faz muito mais presente naqueles enunciados e encadeamentos construídos de "modo indireto ou eufemístico" (cf. os termos retóricos). Considerando-se, comparativamente, que o discurso artístico 3 é um *artigo de opinião* publicado em um jornal – com o objetivo primeiro de polemizar sobre questões políticas – e que o discurso 4 é um clássico *poema* modernista da Literatura Portuguesa do século XX, por exemplo, fica relativamente justificado o "modo de produzir sentido e de inscrever a ideologia no discurso" do locutor do discurso 3 e do locutor do discurso 4.

É importante recordar que os *aspectos* não refletem crenças, porque uma crença, segundo Carel (2018-2019, EHES), liga duas ideias. No entanto, conforme se pôde observar ao longo das seções sobre a TBS, é impossível isolar duas ideias no interior de um aspecto, visto que os segmentos A e B não fazem mais do que definir uma única ideia ou, em termos teóricos, um único bloco semântico. Por isso, não há razão para se perguntar se os *aspectos* estão, ou não, em conformidade com as crenças sociais: eles estão, ou não, de acordo com a língua, com a significação das palavras e são, ou não, linguisticamente doxais.

A hipótese que se mantém é a de que os aspectos fundadores de entidades linguísticas em "discursos não artísticos" revelam-se, em geral, como estruturais (doxais). Até mesmo um enunciado como o exemplo de Lakoff – *João é republicado, mas honesto* – tem como aspecto

¹¹⁶ Seria necessário retornar a Bally (1951; 1962; 1965) nesse quesito: não para buscar distinguir *modus* e *dictum*, mas para descrever e explicar, do ponto de vista semântico-argumentativo – ponto de vista este que não separa *modus* e *dictum* –, tudo aquilo que Bally relegou ao *modus*. Segundo a estilística da língua ballyana, é unicamente pelo *modus* – definido como a atitude do sujeito em relação ao conteúdo enunciado – que a afetividade e a subjetividade são explicitadas, bem como a representação formal da frase é atualizada e ganha sentido pelo falante.

¹¹⁷ Aqui, faz-se referência à *análise do discurso* nascida em 1969, na França, a partir da publicação do número 13 da revista *langages*, bem como, por sua vez, da publicação do livro *Análise automática do discurso*, por M. Pêcheux, e de *Arqueologia do saber*, por M. Foucault.

¹¹⁸ O emprego do termo "ideologia", nesta tese, está de acordo com a definição de Vogt (2015, p. 130, grifos do autor): "O termo ideologia será aqui entendido como designando tanto os sistema de ideias-representações sociais (ideologias no sentido restrito) como os sistemas de atitudes e comportamentos sociais (os costumes) e não necessariamente como sinônimo de 'má consciência' ou 'mentira piedosa' [...]"

doxal fundador DEFENDE SEU INTERESSE DC NEG-HONESTO (CAREL; GOMES, 2019, p. 223). Por isso, segundo os postulados desta tese, um enunciado como esse de Lakoff não contém nenhum grau de artísticidade semântico-argumentativa. Trata-se de um enunciado banal do "discurso ordinário", em que apenas o modo de pensar do locutor, sua "ideologia", encontra-se marcado, notadamente pela decalagem que há do encadeamento até o aspecto.

Pode-se dizer que a presença por excelência da expressão da ideologia na linguagem está, visivelmente – de acordo com Carel (CAREL; GOMES, 2019) –, no discurso artístico. Em capítulo de livro intitulado *O sentido argumentativo estrutural versus contextual: análise de ocorrências de velho e idoso em discursos*, Graeff (2014, p. 98) também pontua que "fenômenos ditos eufemismos", que atingem entidades linguísticas, não significam que a língua imponha uma ideologia, mas que dá ao locutor certa liberdade ideológica.

Finalmente, vale destacar que a percepção de Graeff (2014) está de acordo com o postulado de Ducrot sobre a relação entre *língua e ideologia*, apresentado na conclusão da Sexta Conferência feita pelo linguista francês na Universidad Del Valle, em 1988, cujo texto integra a já citada série de conferências publicadas no livro *Polifonía y argumentación* (1990):

Não quero dizer, e esta será minha conclusão final, que a língua impõe uma ideologia, me parece, ao contrário, que ela nos deixa certa liberdade ideológica. Penso que a língua é feita para uma sociedade que contém uma ideologia e que se adapta a essa ideologia, funciona graças a ela. A língua necessita da ideologia. (DUCROT, 1990, p. 151, tradução nossa)¹¹⁹.

Logo, quanto mais artísticos forem os entrelaçamentos argumentativos de palavras no discurso, mais carregados da ideologia do locutor tendem a ser as "entidades". Dessa forma, a maneira artística de manifestação linguística revela-se responsável pela própria *expansão semântica da língua*. Tal fundamento da arte com palavras, em decorrência, permite até mesmo elucidar a hipótese de Delas (2005, p. 58) – explicitada no capítulo 1 desta tese – segundo a qual "a literatura, tomada no sentido amplo como conjunto dos discursos culturais que leem e constituem uma sociedade como tal, é o lugar do sentido por excelência".

¹¹⁹ "No quiero decir, y esta será mi conclusión final, que la lengua impone una ideología, me parece por el contrario que nos deja una cierta libertad ideológica. Pienso que la lengua está hecha para una sociedad que contiene una ideología y que se adapta a esta ideología, funciona gracias a ella. La lengua necesita la ideología". (DUCROT, 1990, p. 151).

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada nesta tese – é importante registrar aqui – é fruto de uma trajetória acadêmica que se iniciou, há aproximadamente dez anos, sobretudo nos Seminários e nos Grupos de Pesquisa coordenados pela professora Dra. Telisa Furlanetto Graeff (UPF), e foi efetivamente desenvolvida nos Seminários e nos Grupos de Estudo e de Pesquisa liderados pela professora Dra. Leci Borges Barbisan (PUCRS), no Brasil, e pela professora Dra. Marion Carel (EHESS), na França. Isso quer dizer que as enunciações e as argumentações que constituem a identidade científica do pesquisador-autor desta tese são evidentemente marcadas pelo modo de fazer Linguística dessas três importantes professoras-pesquisadoras, responsáveis por difundir e desenvolver a Semântica Argumentativa criada pelo linguista francês Oswald Ducrot.

Como anuncia o próprio título desta investigação – *A significação de palavras e o sentido de enunciados e de períodos argumentativos em discursos artísticos escritos: um estudo semântico prospectivo* –, o compromisso firmado ainda no projeto desta pesquisa foi o de abrir um novo caminho para os estudos em Semântica Argumentativa desenvolvidos no Brasil. Devido a uma tradição relativamente consolidada de estudos brasileiros voltados à aplicação da ANL e da TBS para o ensino de língua – principalmente no que concerne ao desenvolvimento de competências e habilidades de *leitura* e de *escrita* em língua materna –, inúmeras dissertações de mestrado e também algumas teses de doutorado surgiram no âmbito dessa temática. Entretanto, o estudo dos fenômenos linguístico-discursivos envolvendo o discurso literário, por exemplo, foi muito pouco discutido e desenvolvido em pesquisas.

Desse modo, num cenário em que a ênfase dos estudos em Semântica Argumentativa recaiu, durante um longo período de tempo, sobre fenômenos da linguagem ordinária, os estudos e as pesquisas que se têm desafiado a "mergulhar nos mistérios da linguagem artística" são aqueles que se revelam trazer novas contribuições não apenas de um ponto de vista externo – para os interessados pela temática –, mas também de um ponto de vista interno, para o próprio avanço da ANL e/ou da TBS. Esta é atualmente entendida como uma teoria independente daquela e não mais uma de suas fases, conforme muito já se disse¹²⁰. Por

¹²⁰ Deve-se ressaltar que as fases da ANL são: (1) a fase standard e (2) a fase standard ampliada, que compreende a Teoria da Polifonia e a Teoria dos Topoi. A TBS não é, pois, uma terceira fase da ANL. Trata-se de uma teoria que – apesar de ter-se construído a partir da ANL e de, inclusive, radicalizar sua tese fundadora – atualmente se desenvolve como uma teoria independente. Conforme se pôde verificar ao longo desta tese, hoje já se fala em fases da própria TBS: de uma TBS-standard, de uma TBS-intermediária e de uma TBS-atual.

isso, quando se usa as expressões *Semântica Argumentativa* ou *Semântica Linguística*, faz-se referência à subárea de estudos linguísticos da qual a ANL e a TBS fazem parte.

A questão norteadora desta investigação foi, então, buscar saber *como o locutor – ao colocar a língua em funcionamento de modo artístico em discurso – opera, enunciativa e argumentativamente, em vista da produção de sentidos que fogem ao compartilhamento linguístico regular característico da linguagem ordinária*. Partiu-se da constatação de que fenômenos característicos dos discursos artísticos – caso daquilo que a tradição retórica chamou de *figuras* ou *tropos* – necessitavam de uma explicação semântico-argumentativa. A partir daí, buscou-se criar um percurso teórico-metodológico capaz de descrever e explicar a *significação* de *palavras* e o *sentido* de *enunciados* e de *períodos argumentativos* que contêm significativa inscrição artística do locutor. Por fim, revelar o potencial da *significação* para a criação de *sentidos* "estruturais" e "contextuais", além de sistematizar e postular um "continuum semântico-argumentativo da linguagem", também foi objetivo desta tese.

Um trabalho dessa natureza, no entanto – por mais que traga contribuições e novidades que lhe são *conditio sine qua non* –, também se apresenta apenas como um ponto de partida, dentro de um universo infinito de perguntas a serem feitas. Por inquietante e evidente que essa consequência intrínseca à linguagem possa revelar-se, não se pode deixar de salientar que é da própria natureza da Ciência essa busca constante pelo novo, pelo desconhecido, pelo ainda não dito. Além disso, como muito bem elucida Barbisan (2012),

Há séculos, os homens vêm procurando compreender o fenômeno da linguagem. De difícil explicação, a linguagem tem desafiado, com sua atraente beleza, pesquisadores com distintos olhares, que buscam desvendar segredos que ela resiste em revelar. Complexa como o ser humano, e talvez porque inerente a ele, a familiaridade que aproxima homem e linguagem estaria exigindo um estrangeiro – como propõe Platão – para, tomando distância dela, poder percebê-la com lucidez, para cercá-la em suas múltiplas facetas e, de algum modo, apreendê-la. Mas diante da impossibilidade de se colocar no lugar desse outro, estranho, afastado do objeto linguagem, que o constitui, só resta ao homem resignar-se a continuar na busca desses mistérios, criando, como tem feito até agora, propostas para preencher sua necessidade de cercar a linguagem para conhecê-la melhor e, talvez, em decorrência, conhecer-se melhor a si mesmo. (BARBISAN, 2012, p. 133).

Haja vista que a "obsolescência do conhecimento é uma das características que distinguem as Ciências Humanas das Ciências da Natureza"¹²¹, por exemplo, deve-se destacar que a busca pelo "ainda não dito", nesta tese, deu-se a partir de "ditos de filósofos gregos de ontem, como Platão", e de "ditos de linguistas de hoje, como Ducrot e Carel". Não se pode

¹²¹ Essas são palavras do linguista José Luiz Fiorin, em entrevista à Univesp TV, no dia 8 de dezembro de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GstVIK-zn9g>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

dizer, portanto, que o capítulo 1, sobre a Epistemologia da Semântica Argumentativa, tem uma função unicamente de evocação da História da Linguística. Ao contrário, tudo o que se procurou resgatar do pensamento de filósofos e linguistas do passado é ainda absolutamente atual. Com isso, foi também a partir do pensamento de Platão, de Saussure e de Bally, por exemplo, que se buscou fornecer explicações sobre a identidade semântica de entidades linguístico-discursivas – como *palavras, enunciados e períodos argumentativos* –, a partir de seu emprego no interior do que se convencionou chamar, aqui, de "discurso artístico escrito".

Em decorrência de ter-se construído um trabalho científico sobre um tema bastante complexo, envolvendo determinados mecanismos linguístico-discursivos característicos dos discursos destinados a falar do que não existe e/ou do que poderia existir – bem como mecanismos linguístico-discursivos possíveis de levar as possibilidades semânticas da língua até o limite –, muita pesquisa ainda deverá ser realizada. Temas com os quais esta tese comunga certas perguntas – como o da *langue de bois* (*língua de madeira*, em tradução livre) e o da *ficção*, sob o olhar da ANL e da TBS – ainda estão por ser explorados no Brasil. Ademais, é importante ressaltar que a capacidade do discurso artístico escrito de ficcionalizar os sentimentos e os problemas humanos, por meio de um *outro* no interior de uma situação intradiscursiva, é um tema que merece ser examinado à luz desse ponto de vista.

É certo que tudo o que se apresentou nesta tese não revela, em absoluto, nenhuma negação de trabalhos anteriores desenvolvidos pelo seu próprio autor. O que se criou anteriormente, em realidade, foram trabalhos por intermédio dos quais se pôde chegar à elaboração desta pesquisa doutoral. Conforme se comentou na Introdução, foi especialmente ao longo da dissertação de mestrado do autor que surgiu o embrião de tudo o que se apresentou aqui. Embora, àquela época, os interesses fossem outros – mais à moda, efetivamente, do que vinha sendo desenvolvido em torno do ensino de língua materna e da avaliação semântica de discursos dissertativo-argumentativos de alunos concluintes do ensino médio –, diversas perguntas respondidas, aqui, já haviam se apresentado embrionariamente.

Acredita-se que, a partir do teste das hipóteses desta pesquisa – de sua confirmação plena, parcial ou até mesmo de sua rejeição –, novos horizontes de estudos em Semântica Argumentativa se abrem, principalmente no Brasil. Para citar alguns exemplos, novos estudos poderão ser desenvolvidos com os seguintes propósitos: (1) melhor aplicar e precisar a definição de "discurso artístico escrito", com base no *continuum semântico-argumentativo da linguagem*; (2) examinar a natureza semântico-argumentativa dos discursos que revelam a manifestação linguística mais banal possível, como a do discurso da *previsão do tempo*, a do

discurso da *página policial* e a do discurso dos *manuals de instruções*; (3) reclassificar os empregos "metafóricos" e "eufemísticos" (cf. a terminologia da retórica clássica), com base na TBS-atual; (4) descrever e explicar o estatuto semântico-argumentativo dos discursos artísticos por excelência, a exemplo do *Soneto VIII*, de *Louise Labé*.

Ao mesmo tempo, basicamente quatro respostas-contribuições gerais à Semântica Argumentativa foram dadas por este trabalho de tese. Pôde-se precisar, por exemplo:

(1) o lugar da necessária *interpretação* que o linguista faz dos enunciados e dos encadeamentos para a criação da língua-sistema, por meio da *decalagem*;

(2) pôde-se verificar, na linguagem, a existência de um mecanismo por intermédio do qual o *ordinário* e o *artístico* se encontram e se distinguem o tempo todo, do ponto de vista semântico-argumentativo: o que se convencionou chamar de *continuum semântico-argumentativo da linguagem*;

(3) não apenas se identificou que o *enunciado* é o "autêntico meio" da *artisticidade semântico-argumentativa*, isto é, o lugar em que esse fenômeno realiza-se em seu nível mais alto, mas também que o *aspecto argumentativo* é o lugar da incidência mínima desse fenômeno, devido ao seu grau de extrema abstração metalinguística;

(4) também foi possível explicitar o(s) lugar(es) por excelência da expressão da *ideologia*, ou seja, do *modo de pensar do locutor* no discurso verbal escrito.

Tanto estas respostas quanto aquelas perguntas somente foram possíveis – é certo –, porque se escolheu traçar um sólido percurso teórico-metodológico. Vale recordá-lo aqui: ainda na Introdução, buscou-se explicitar uma breve história da Semântica nos estudos da linguagem, a fim de se situar o ponto de vista a partir do qual se escolheu investigar a problemática da pesquisa; no capítulo 1 – devido à relevância da teoria saussuriana tanto para uma melhor compreensão da Semântica Argumentativa quanto para a execução dos objetivos da pesquisa –, realizou-se um resgate crítico de princípios e conceitos desse fundamental pensamento linguístico do século XX, por meio de leituras atualizadas na área. Nesse mesmo capítulo, evocou-se a teoria da alteridade de Platão, pressuposta na teoria saussuriana, segundo Ducrot (2009a), para se associá-la, posteriormente, à corrente de pensamento estruturalista do século XX. Além disso, buscou-se esclarecer o que significa ser "estruturalista" – de acordo com o entendimento do semanticista Oswald Ducrot – e mostrar a possibilidade de um estudo do "discurso artístico" por essa perspectiva. Por fim, apresentaram-se as principais contribuições do pensamento do linguista suíço Charles Bally para a postulação de uma Teoria da Polifonia em Linguística, nos anos 1980, por Ducrot.

O capítulo 2, mais longamente desenvolvido do que o primeiro, apresentou as duas teorias semânticas que sustentam, de fato, toda a proposta deste estudo. Subdividido em três seções, buscou-se efetuar, na primeira, um resgate crítico e conciso dos princípios e dos conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, necessários à delimitação imposta pelos próprios objetivos desta pesquisa; na segunda, explicitaram-se os princípios e os conceitos da fase standard da Teoria dos Blocos Semânticos, capazes de auxiliar na operacionalização das análises do *corpus*; por último, na terceira seção, procurou-se elucidar – da forma mais precisa possível – um panorama geral da fase atual da Teoria dos Blocos Semânticos, devido à relevância dos conceitos para a análise do *corpus* e também pelo fato de este estudo ser inaugural, sobretudo no Brasil, no que concerne à aplicabilidade dessa recente fase da TBS.

Como decorrência desse percurso teórico, a metodologia empregada na análise dos quatro discursos artísticos escritos selecionados – o miniconto *Direitos de propriedade*, de Marina Colassanti; o poema *O bicho*, de Manuel Bandeira; o artigo de opinião *Bolsonaro é uma mentalidade*, de Juremir Machado da Silva, e o poema II, de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro – serviu-se tanto de noções e conceitos da ANL quanto da TBS-standard e da TBS-atual. Como a pesquisa qualitativa dá ao analista esta possibilidade, optou-se por não criar uma metodologia padrão aplicável, igualmente, aos quatro discursos. Em vista disso, pode-se dizer que, a partir de cada discurso, nasceu um percurso metodológico singular, fundamentado, evidentemente, no método analítico que rege toda a Semântica Argumentativa.

Nesse sentido, esta investigação não adere ao fechamento de seus resultados como verdades absolutas. Tem-se clareza de que suas conclusões são explicações provisórias e estão abertas ao diálogo com novos olhares, com novos exemplos, com novos desafios desvelados pela misteriosa maneira artística de manifestação da linguagem verbal humana. A ausência de aspectos paradoxais no *corpus* e a falta de uma aplicação da Teoria da Polifonia (cf. DUCROT, 1984), por exemplo, podem ser limitações desta pesquisa. Portanto, por um lado, resta examinar um número maior de discursos artísticos, a fim de se descobrir o lugar efetivo do paradoxo linguístico no *continuum semântico-argumentativo da linguagem* e se este não seria, talvez – segundo o princípio minimalista de que *menos é mais* –, uma ocorrência a ser fundida com o contextual. Por outro lado, análises polifônicas também poderão ser desenvolvidas em paralelo às análises essencialmente argumentativas realizadas nesta tese. Sem dúvida, poder-se-á solidificar, desse modo, a explicação enunciativa em torno da problemática aqui estabelecida.

Por fim, acredita-se ter ousado, ao escolher-se explorar uma temática ainda muito pouco estudada, pela ANL e pela TBS, e ao traçar-se um percurso teórico-metodológico bastante novo no Brasil e até mesmo na França, referindo-se, aqui, ao *Centre de Recherches sur les Arts et le Langage* (CRAL), onde a Semântica Argumentativa é desenvolvida atualmente, na EHESS, em Paris. Daí a abertura essencial que essa linha de investigação interessada até mesmo pelos limites da produção de sentido na linguagem dá a futuros estudos semânticos.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- AUSTIN, J. L. "Huitième conférence", *Quand dire c'est faire*. Paris : Seuil, 1962/1970.
- BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. v.1. 3. ed. Genève: Librairie Georg & Cie.; Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.
- BALLY, Charles. *El lenguaje y la vida*. 5. ed. Traducción de Amado Alonso. Buenos Aires, Argentina: Editorial Losada, 1962.
- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 2. ed. Berne, Suisse: Éditions Francke Berne, 1965.
- BARBISAN, Leci Borges. O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação na Língua. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges. *Enunciação e discurso: tramas de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 134-151.
- BARBISAN, Leci Borges. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 163-170.
- BARBISAN, Leci Borges. A construção de uma semântica linguística. In: FARACO, Carlos Alberto (Org). *O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 155-165.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Tradução: Leda Pinto Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 147-224.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale* I. Paris: Éditions Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral* II. Tradução: Eduardo Guimarães, et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BERRENDONNER, Alain. *Éléments de pragmatique linguistique*. Paris: Editions de Minuit, 1981.
- BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique* (science des significations). 6. éd. Paris: Librairie Hachette, 1913.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. Tradução: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 8 ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

CAREL, Marion. Pourtant: argumentation by exception. *Journal of Pragmatics*, v. 24, p. 167-188, 1995.

CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.37, n.3, p.27-43, set. 2002.

CAREL, Marion. Polifonia e argumentação. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 22-36, jan./jun. 2010.

CAREL, Marion. *L'Entrelacement argumentatif*. Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.

CAREL, Marion. Introduction. In: CAREL, Marion. (Org.). *Argumentation et polyphonie: de Saint Augustin à Robbe-Grillet*. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 7-58.

CAREL, Marion. *Tu serás um homem, meu filho*. Um prolongamento da doxa: o paradoxo. *Desenredo*, Passo Fundo, Ed. da Universidade de Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 254-270, jul./dez. 2013.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Edición: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Atualização da polifonia. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2010.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Por uma análise argumentativa global do sentido. Tradução: Telisa F. Graeff e Bianca M. Q. Damascena. Revisão da tradução: Leci Borges Barbisan. *Desenredo*. Passo Fundo. v. 9, nº 2, p. 238-253, jul./dez., 2013.

CAREL, Marion; RIBARD, Dinah. Témoigner en poésie. Le cas de Marc de Larréguy. *Poétique*: 2016/1 (nº 179), p. 39-55.

CAREL, Marion; SCHULZ, Patrícia. Generalidade, metáfora e descrição lexical: um estudo do provérbio *não há rosa sem espinho*. Tradução: Leci Borges Barbisan. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, nº 1, p. 89-119, março, 2004.

CAREL, Marion. Significação e argumentação. Tradução: Cristiane Dall'Cortivo Lebler. Revisão da tradução: Leci Borges Barbisan. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017.

CAREL, Marion. As argumentações enunciativas. Tradução: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 106-124, abr./jun.2018.

CAREL, Marion. *Análise argumentativa e análise enunciativa da língua: da palavra ao texto* (curso na PUCRS), 2018.

CAREL, Marion. Interpretação e decodificação argumentativas. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n.80, ago. 2019.

CAREL, Marion. L'énonciation linguistique : fonctions textuelles, modes énonciatifs, et argumentations énonciatives. In: CAREL, Marion; MACHADO, Julio Cesar. *Cours de sémantique argumentative: des concepts-clés*, 2019 (no prelo).

CAREL, Marion; GOMES, Lauro. A Semântica Argumentativa de nossos dias: questões ligadas às noções de língua, discurso, sentido e enunciação. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n.80, ago. 2019.

CAREL, Marion; RIBARD, Dinah. L'acte de témoigner. *Antares*, Caxias do Sul, v.11, n. 23, maio/ago.2019a.

CAREL, Marion; RIBARD, Dinah. *Linguistique et histoire* (séminaires à l'EHESS), 2019b.

CAREL, Marion. *Langue de bois et poésie* (séminaires à l'EHESS), 2018-2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CORDERO, Nestor. L. Introduction. In: Platon. *Le Sophiste*. Paris : Flammarion, 1993.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967.

CREMONESE, Lia Emília; FLORES, Valdir do Nascimento. Aspectos da teoria enunciativa de Charles Bally. In: BARBISAN, Leci Borges; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa (orgs.). *Cadernos de pesquisas em linguística*. Porto Alegre, v. 5., n.1., nov. 2010.

CRISS, Jean-Louis. Les linguistiques de la langue et du discours face à la littérature : Saussure et l'alternative de la théorie du langage. *Langages*. Revue trimestrielle 159, septembre, p. 39-55, 2005.

CHRISTOPULOS, Giorgio. « Au delà de l'isotopie », SHS Web of Conferences, vol 46, article n°06004, 2018, 6^{ème} Congrès Mondial de Linguistique Française.

DALL'CORTIVO, Cristiane. *O estudo da suposição no quadro da Teoria dos Blocos Semânticos*. 2013. 181 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

DELANOY, Cláudio Primo; GOMES, Lauro. A noção de polifonia nos estudos literários e linguísticos do século XX: contribuições de Mikhail Bakhtin e de Oswald Ducrot. In MARTINS, A. A.; RIBEIRO, K. R. ; NASCIMENTO, S. S. (Orgs.). *Estudos bakhtinianos em diálogo: diferentes perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p.61-79.

- DELAS, Daniel. Saussure, Benveniste et la littérature. *Langages*. Revue trimestrielle 159, septembre, p. 56-73, 2005.
- DE MAURO, Tullio. Introduction. In : SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris : Grande Bibliothèque Payot, 1967.
- DE PALO, Marina. *L'invention de la sémantique*. Bréal et Saussure. Traduit de l'italien par Anna Maria Perrone. Préface de Francis Gandon. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris : Éditions In Press, 2006.
- DEPECKER, Loïc. *Comprender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. I. Tradução: Álvaro Cabral; revisão técnica da tradução: Márcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Lingüística*. Tradução: José Paulo Paes. 2ª edição. São Paulo: Cultrix, 1971.
- DUCROT, Oswald. *Les échelles argumentatives*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald, et al. *Les mots du discours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- DUCROT, Oswald. La polifonía. In: DUCROT, Oswald. *Problemas de Lingüística y Enunciación*. Buenos Aires: Imprenta de la Facultad de Filosofía y Letras, 1985.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. « Topoi et formes topiques », *Bulletin d'études de linguistique française*, n°22, 1988, p. 1-14.
- DUCROT, Oswald. Énonciation et polyphonie chez Charles Bally. In: DUCROT, Oswald. *Logique, structure, énonciation: lectures sur le langage*. Les Éditions de Minuit, 1989.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y Argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire: Principes de sémantique linguistique*. 3ed. Hermann éditeurs des sciences et des arts. Paris, 1991.
- DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris : Seuil, 1995.
- DUCROT, Oswald. Sémantique linguistique et analyse de textes. *Cad. Est. Ling.* Campinas, (35): 19-36, jul./dez. 1998.

- DUCROT, Oswald. Os Topoi na “Teoria da Argumentação na Língua”. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999.
- DUCROT, Oswald. A pragmática e o estudo semântico da língua. Tradução: Telisa F. Graeff. Revisão: Leci B. Barbisan. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, nº 1, p. 9-21, mar. 2005.
- DUCROT, Oswald. La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In SAUSSURE, Louis de (org.). *Nouveaux regards sur Saussure*. Genève: Librairie Droz S. A., 2006.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ateliê Editorial/ Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.
- DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. Tradução: Leci B. Barbisan. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, mar. 2009b.
- DUCROT, Oswald. Présentation de la Théorie des Blocs Sémantiques. *Verbum*, Publié par les Presses Universitaires de Nancy, XXXVIII, nº 1-2, 53-65, 2016.
- DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. *Les risques du discours: rencontres avec Oswald Ducrot*. Lambert-Lucas : Limoges, 2013.
- DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*. Tradução: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.
- DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar. 2008.
- DUMARSAIS, César Chesneau. *Des tropes ou des différents sens*. Paris: Flammarion 1988.
- DURRER, Sylvie. *La linguistique de Charles Bally*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1998.
- FIORIN, José Luiz. A estilística na tradição de língua portuguesa e os enfoques discursivos atuais. *Caplletra 29*. Tardor, 2000. p. 37-52
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Semântica da Enunciação. In: *Semântica, semânticas: uma introdução*. Organizadores: Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso. São Paulo: Contexto, 2013a, p. 89-104.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013b.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FRENAY, Adrien; CAREL, Marion. Périodes argumentatives et complexes discursifs. *Studii de lingvistică*, 9, nr. 1, 2019, 133-150.

GADET, Françoise. *Saussure : une science de la langue*. Paris : Presse Universitaires de France, 1990.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*. Genève : Librairie Droz, 1969.

GOMES, Lauro. *Avaliação de leitura e produção de textos dissertativo-argumentativos pela teoria da Argumentação na Língua*. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, 2014.

GOMES, Lauro. *Como avaliar a semântica do texto? Uma proposta para a avaliação de redações orientada pela Semântica Argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GOMES, Lauro; MALCORRA, Bárbara Luzia Covatti. Em busca do sentido produzido no discurso literário: uma possibilidade de análise pela Teoria Argumentativa da Polifonia. *Letrônica*, v.11, n°2, p.144-154, abr./jun. 2018.

GOMES, Lauro; BARBISAN, Leci Borges. Por que não distinguir sentido próprio de sentido figurado em Saussure e em Ducrot?. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017.

GOMES, Lauro; CHRISTOPULOS, Giorgio. Ler Pessoa. Dois estudos semânticos em torno de sua obra poética. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, ago. 2019.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. A conexão entre os enunciados no texto com base na semântica argumentativa. *Desenredo*, v. 8, n.2, p. 197-208, jul./dez, 2012.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. O sentido argumentativo estrutural versus contextual: análise de ocorrências de *velho* e *idoso* em discursos. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (Orgs.). *Semântica e Estilística: Dimensões Atuais do Significado e do Estilo*. Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

HUGO, Victor. *Claude Gueux*. Paris: Éditions Belin/ Gallimard, 2017.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 9ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. 1. Les fondations du langage. Traduit de l'anglais et préfacé par Nicolas Ruwet. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013.

LESCANO, Alfredo. « Introduction ». dans A. Lescano (éd.) *Le sujet dans la langue. Théorie des blocs sémantiques et théorie argumentative de la polyphonie*, *Verbum*, 2016, p. 3-29.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 19ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística moderna*. Tradução: Izidoro Blikstein, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINET, André. *Elementos de Linguística Geral*. Tradução adaptada para leitores de língua portuguesa por Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Pontes, 1978.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: USP, 1989.

MESCHONNIC, Henri. Saussure ou la poétique interrompue. *Langages*. Revue trimestrielle 159, septembre, p. 10-18, 2005.

MILANO, Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. O que ainda se pode dizer sobre uma herança? Saussure e Jakobson. In: CRUZ, Marcio Alexandre; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yves. Saussure, o texto e o discurso – *cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 39-59.

MOUNIN, Georges. *Introdução à Linguística*. Tradução: José Meireles. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1976.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PLATÃO. O Sofista. In: PLATÃO. *Diálogos*. Tradução e notas: Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p.127-195.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Séchehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHULZ, Patrícia. Plaidoyer contre une interprétation des énoncés en termes de « métaphore ». In: CAREL, Marion. *Les facettes du dire: hommage à Oswald Ducrot*. Paris, 2002, p. 325-339.

SERIOT, Patrick. *Structure et totalité : les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale*. Limoges: Lambert-Lucas, 2ème impression revue et corrigée, 2012.

STUMPF, Elisa Marchioro; GOMES, Lauro. Sentido próprio e sentido figurado segundo as perspectivas aristotélica e saussuriana de linguagem. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 494-507.

STUMPF, Elisa Marchioro. *No limite do diálogo: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste*. 2017. 118 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

SUENAGA, Akatane. *Saussure, un système de paradoxes*. Langue, parole, arbitraire et inconscient. Limoges : Editions Lambert-Lucas, 2005.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática & ideologia*. 3ª ed. São Paulo: Hicitec; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2015.